UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

(VERSÃO CORRIGIDA)

TOMO I

SÃO PAULO
2013

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

TOMO I

**Tese apresentada ao Departamento de Linguística
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo como
exigência para obtenção do título de Doutor em
Linguística.**

**Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral**

**Orientadora: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos
Santos**

(VERSÃO CORRIGIDA)

SÃO PAULO

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

TAKANO, Yuko
ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO
DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
YUKO TAKANO; Orientadora IRENILDE PEREIRA DOS SANTOS – São
Paulo, 2013. f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Sociolinguística. 2. Bilinguismo. 3. Contato de Línguas. 4. Dialetologia
5. Geolinguística 6. Atlas linguístico 7. Distrito Federal. 8. O falar dos nipo-
brasileiros do Distrito Federal. I. SANTOS, Irenilde Pereira dos, orient. II.
Título.

Yuko Takano

Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical

Tese apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos

Presidente da Banca

Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À minha família que me apoiou em todos os momentos da jornada acadêmica. Ao meu marido, carinhosamente chamado de Samurai, pela FORÇA e pelo exemplo de perseverança; aos meus filhos, pelo AMOR e dedicação; à minha mãe (in memoriam), pela LUZ Divina, pelo exemplo de vida e pelo Amor incondicional; ao meu pai (in memoriam), pela torcida; aos meus irmãos pelo CARINHO e aos sobrinhos pelos incentivos constantes. Esta conquista está repleta desses ingredientes fundamentais que trouxeram um SABOR especial em busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar mais uma etapa do percurso acadêmico, vejo o quanto fui abençoada pelas várias “asas” que me sustentaram nesta caminhada. Foram elas as responsáveis por eu alçar voos acadêmicos. O voo solo só se realizou devido às pessoas ímpares que não mediram esforços e batalharam comigo para que fosse possível concluir esta tese, e sem as quais este trabalho ficaria apenas na esperança. A estes “anjos” que cruzaram o meu caminho no momento “certo” os meus eternos agradecimentos.

Ao Pai Divino, pela oportunidade de vida e por encaminhar-me esses “anjos” para suavizar os meus voos. Aos meus ancestrais, pela razão da minha existência.

A Yoshio, meu companheiro constante que me ampara nos meus momentos de dificuldade e divide comigo as tristezas, as alegrias e as vitórias, confortando-me com seu “silêncio” e conformando-se com as minhas “ausências” nos momentos da minha dedicação à pesquisa.

Aos meus filhos Rômulo, Anderson e Deborah, pela compreensão e paciência incomensurável, que me permitiram seguir os meus projetos acadêmicos, mesmo que isso tivesse significado minha “ausência” em vários momentos de suas vidas.

Ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB – sob a direção da Profa. Dra. Luiza Ortiz, pelas valiosas conversas e pelo encorajamento “rumo ao doutorado”. Ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, sob a direção da Profa. Dra. Edna Gisela Pizarro, e a toda a equipe administrativa, principalmente à secretária Euzuíla Alcântara Lima de Ribeira que muito me ajudou nas burocracias institucionais.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP –, ao Departamento de Linguística – DL/USP – e ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística, pelo apoio e oportunidade, sem os quais eu não teria cursado o doutorado. Aos professores da FFLCH/USP com os quais cursei as disciplinas que embasaram esta pesquisa; aos funcionários do DL/USP pela atenção e orientação durante esse percurso acadêmico. À funcionária do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, Érica, pelo carinho e pelo apoio com que me orientou durante toda minha caminhada. Um agradecimento especial aos colegas da Área de Japonês da USP, pelas palavras de incentivos e apoio.

Às Profas. Cecília Jo Shioda e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, integrantes da Banca do Exame de Qualificação, por fornecerem contribuições significativas para a elaboração final desta tese. Agradeço, ainda, pelas sugestões e orientações apontadas por ocasião do Exame de Qualificação, as quais foram fundamentais para o andamento da pesquisa, demonstrando que a generosidade acadêmica conduz ao crescimento acadêmico dos alunos.

Aos colaboradores de pesquisa Kimiko Uchigasaki Pinheiro, mestrande e professora; Kaoru Tanaka de Lira, mestre e professora substituta da área de Japonês da UnB; Irene Masae Okada, graduada em Japonês; Susana Sumire Negrão Niho, graduada em Japonês; Naomi Sato Breyer, graduada em Japonês; e André Willian Marques de Oliveira, mestrando, agradeço pela prestimosa colaboração, bem como pelo incansável apoio e carinho. Esses

entrevistadores foram o alicerce deste trabalho. Sem eles o trabalho ficaria apenas na esperança de um projeto intelectual inacabado. Um agradecimento especial à Kimiko que conduziu a equipe de colaboradores.

Um especial agradecimento à Profa. Dra. Ana Maria Camargo Marangoni, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que forneceu os elementos essenciais para a construção dos cartogramas.

Ao Márcio Fernandez de Oliveira que gentilmente construiu os cartogramas preliminares para a apresentação do Exame de Qualificação realizado, em junho de 2010.

À amiga, professora Alice Tamie Joko, pela paciência e generosidade em revisar os meus textos. Seu conhecimento e sabedoria são uma referência para minha formação acadêmica.

À Profa. Dra. Elsa Doi, pelo encorajamento e por encaminhar à Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos as minhas decisões em busca do doutorado.

Aos colegas da área de Japonês da Universidade de Brasília: Ronan, Tae, Sekino, Yuki, Fausto, Kaoru e Lira, pelo apoio incomensurável, concedendo-me o “tempo” necessário para a conclusão da tese, sem as quais eu teria muita dificuldade em terminar no prazo previsto.

Ao meu irmão Tadashi que semeou em mim a semente da sabedoria do conhecimento; a minha irmã Etsuko que me orientou para a espiritualidade da vida.

Às minhas queridas sobrinhas Ryika, Aya e Lyina e aos sobrinhos Yudi, Koi e Kodi, por me ajudarem com palavras gentis e de incentivo. Em especial, ao Yudi pela paciência e pelo carinho, que não mediu esforços e dedicou seu tempo para me auxiliar. Sem sua preciosa ajuda, os cartogramas não teriam ficado tão bonitos.

Aos meus sobrinhos César e Saly, Einstein e Silvana, Cláudio e Délcia e aos sobrinhos-netos Hajime, Haruo e Artur, pelo apoio e palavras de incentivo.

Aos meus compadres Laura e Júlio e aos filhos Tatiana e Eduardo, pela amizade e pelas generosas palavras de apoio. Pude sempre contar com eles em todos os momentos.

Aos meus compadres Kimiko e Wagner e aos filhos Toyozo e Caio, meu afilhado, pelo apoio constante e pelo amor em todos os sentidos, sem os quais eu teria dificuldades para cumprir os compromissos em tempo hábil.

Aos amigos Elza e Umehara, pela amizade, pela preocupação e pelo carinho.

À amiga Ana pelas palavras de conforto e de sabedoria que foram, em muitos momentos, meu amparo espiritual.

Às amigas de doutorado Rita de Cássia, Vera Lúcia e Selma Sueli pela amizade e pelo ombro amigo, cúmplices da mesma jornada acadêmica. Caminhamos lado a lado trocando ideias e risos.

Aos amigos do grupo GPDG-USP Adriana, Clézio, Maitê, Márcia e Roseli, pelo apoio e incentivo demonstrados durante a minha caminhada nesses anos de estudos.

À amiga Wanderléia Viola, pela amizade e pelas palavras “certas” nas “horas” incertas que muito me ajudaram a prosseguir em minha caminhada.

À Carla Dotto, pelas palavras de apoio, correções e traduções que me ajudaram na reta final deste trabalho.

Aos professores doutores Edilson Souza Bias e Ricardo Brites do Departamento de Geociências da UnB, que colaboraram na construção dos cartogramas pilotos, os quais foram utilizados nas apresentações em eventos acadêmicos. Agradeço, ainda, pelas prestimosas orientações e sugestões.

À Ana do Aquários – Gráfica que reproduziu esta tese com muito carinho. Agradeço pelo carinho e apoio nesta reta final da tese.

Às preciosas nipo-brasileiras da pesquisa, que se dispuseram a me conceder momentos de grande aprendizagem. Com elas aprendi que tudo é possível quando se tem em meta o bem comum.

Enfim, dedico esta tese a todos que, direta e indiretamente, me apoiaram e incentivaram durante os anos do doutorado.

Meus sinceros agradecimentos

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Procurei em dicionários tradicionais, de especialidades e regionais e não encontrei palavras que possam expressar a minha profunda gratidão pela minha orientadora, professora Irenilde Pereira dos Santos. Com certeza, jamais iria encontrar em palavras os valores sentimentais, pois letras expressam a visão do mundo enquanto os sentimentos refletem as “palavras do coração” e estas ultrapassam os conceitos e se instalam na instância da solidariedade, da fraternidade e da compaixão. Fui abençoada quando a professora Irenilde cruzou meu caminho e me aceitou como sua orientanda, emprestou-me as suas “asas” para prosseguir na construção do saber, proporcionando-me valiosas orientações e preciosos momentos de reflexões acadêmicas, sem o que não teria concluído esta tese.

Agradeço pelos conhecimentos adquiridos durante esses anos de doutorado. Tive a oportunidade de iniciar um novo percurso teórico, quando a professora Irenilde me apresentou a Geolinguística. Uma área de conhecimento que até então não conhecia aguçou minha curiosidade e me conduziu em busca do referencial para embasar minha pesquisa. Com rigor profissional acadêmico, ela compartilhou sua experiência acadêmica nas orientações, nos congressos, nos eventos e nos cursos, os quais me deram base para prosseguir nos novos desafios científicos.

E, ainda, com competência acadêmica direcionou minhas indagações para colher, da melhor forma possível, o resultado destas investidas. Tive, com certeza, o privilégio de ter uma orientadora que se dedicou em dobro em todas as etapas da pesquisa. Meu trabalho, diferentemente dos de meus colegas, tinha componentes “a mais”: o texto escrito por uma japonesa e a pesquisa com o enfoque no falar dos nipo-brasileiros – as línguas japonesa e portuguesa, entrelaçadas. A professora Irenilde literalmente teve de mergulhar no mundo nipônico para orientar meu trabalho e atender a meu anseio acadêmico. Com a maestria de seu conhecimento, conduziu-me com muita sabedoria à elaboração desta tese, alinhando minhas idéias e atendendo às minhas necessidades. Acreditou e confiou na minha proposta de trabalho, mesmo sabendo que seria um grande desafio. Tenho plena convicção de que o percurso foi muito trabalhoso e tenho certeza de que ela perdeu várias horas de “sono” debruçada no meu texto, sem as quais o trabalho não teria esse formato.

Também agradeço pela correção, pela revisão, pelas sugestões, pela generosidade, pela paciência e pelo carinho. Jamais esquecerei as mãos que me seguraram nos momentos difíceis e incertos por que passei durante o processo de doutorado.

Agradeço, ainda, pelas mãos de solidariedade da Irenilde e sua irmã Adenilde que batalharam comigo, apoiando-me com palavras de conforto e de amor. Sempre pude contar com essas novas amigas de luta pela VIDA, que me amparam em vários momentos.

Irenilde e Adenilde com vocês

*Recolhi muitos e valiosos ensinamentos
O Eterno Agradecimento*

HOMENAGENS PÓSTUMAS

À minha saudosa mãe Teruko, a quem devo toda a minha formação humana, um exemplo de vida, de honestidade e, muito mais que isso, um exemplo de amor e dedicação aos filhos e às causas humanas. Com ela aprendi que quando se divide o “pão” que não temos, alimentamos a espiritualidade; que o Amor é incondicional quando se tem em meta a compaixão; que o conhecimento é apenas um momento passageiro, pois sempre estamos no ciclo da aprendizagem, porquanto a sabedoria é eterna. Ensinou-me, ainda, que, ao invés de comemorar a vitória, deve-se vibrar pelos insucessos, pois são eles que nos encorajam para uma grande conquista. Dizia também que o acaso não existe e que o tempo revelará o resultado deste “acaso”. E, hoje, estou colhendo os frutos do “acaso”. Agradeço pela luz que me ilumina todos os dias!

Ao meu pai Akiyoshi, que me incentivou na busca do conhecimento e dizia “persista” e “quero estar na sua defesa”. E, assim, segui os seus conselhos. Onde estiver, espero que se orgulhe deste meu sonho, ou melhor, de nosso sonho. Sei que vocês, meu pai e minha mãe, estarão indiretamente presentes na minha defesa.

À professora e amiga Megumi, uma grande pesquisadora da Sociolinguística que iniciou um dos primeiros estudos do falar dos nipo-brasileiros, que ajudou muito a clarear diversos pontos obscuros da minha tese, minha grande admiração.

À professora e amiga Haruka, que não mediu esforços para transmitir os conhecimentos acadêmicos e que, de forma ímpar, passou por nossas vidas.

Saudade, saudade e saudade, jamais esquecerei dos seus feitos.

RESUMO

TAKANO, Yuko. *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiro do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*. 350 f. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

A presente tese tem como objetivo descrever o falar nipo-brasileiro em cinco comunidades do Distrito Federal com vistas à construção do *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*. O contato de línguas (português *versus* japonês), cada vez mais estreito, acarreta mudanças expressivas no cenário linguístico e se manifesta na fala dos nipo-brasileiros, cuja situação evidencia o entrelaçamento de duas línguas que se aliam e se alinham, configurando uma nova forma de uso que denominamos *variedade nipo-brasileira*, objeto desta pesquisa. Essa fala é sustentada pela história linguística de (i)migrantes e seus descendentes e percorre seu curso natural de língua em constante movimento, criando, assim, situações linguísticas próprias. Diante deste fato, faz-se necessário resgatar e registrar esse uso, uma vez que a fala simboliza, em parte, a identidade linguística deste grupo social. A presente tese busca registrar e descrever a *variedade nipo-brasileira* quanto ao componente semântico-lexical. Para a coleta de dados recorre-se a procedimentos metodológicos da Geolinguística. Selecionam-se cinco comunidades, pontos da pesquisa – Brasília; Brazlândia; Núcleo Bandeirante; Taguatinga e Vargem Bonita – com base não apenas em fatores históricos relacionados à (i)migração japonesa no Planalto Central, como também na importância destas no cenário econômico e no desenvolvimento do Distrito Federal. A seguir, aplica-se um instrumento de pesquisa denominado Questionário Semântico-Lexical Visual a dez sujeitos nipo-brasileiros bilíngues que foram subdivididos em duas faixas etárias – de 51 a 65 e 66 anos em diante –, todos do sexo/gênero feminino e pertencentes à segunda geração (nissei). As respostas registradas nas entrevistas permitem a elaboração de um banco de dados semântico-lexicais. Posteriormente, os dados são descritos e documentados em 41 cartogramas linguísticos, que visam à apresentação da frequência e distribuição dos dados semântico-lexicais em japonês e português e/ou português-japonês nos pontos pesquisados. A base teórica ancora-se na Sociolinguística, com enfoque no bilinguismo, mais especificamente no contato de línguas e nos fenômenos que derivam desse processo: o empréstimo lexical e a mudança de código. Recorre-se aos estudos, entre outros, de Grosjean, Thomason e Kaufman e Gumperz. Dada a natureza desta pesquisa, contemplam-se igualmente os estudos de Dialectologia/Geolinguística, com destaque para os trabalhos de Chambers e Trudgill, Mase e Onishi. Ao final, verifica-se que a análise dos dados possibilita não somente a descrição do falar nipo-brasileiro como também a elaboração do esboço do atlas desse falar. As ocorrências semântico-lexicais apresentadas na pesquisa apontam para a configuração de uma *variedade nipo-brasileira* nos pontos pesquisados, como também constituem um retrato parcial desse falar.

Palavras-chave: Atlas linguístico. Distrito Federal. Variedade nipo-brasileira. O falar dos nipo-brasileiros. Bilinguismo. Contato de Línguas. Sociolinguística. Dialectologia. Geolinguística.

ABSTRACT

TAKANO, Yuko. **Atlas Sketch of the Distrito Federal Japanese-Brazilian Speaking: semantic-lexical aspect**. 351 f. 2013. Thesis (PhD) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

This thesis aims to describe the Japanese-Brazilian speaking in five communities of the Distrito Federal in order to construct an *Atlas Sketch of the Distrito Federal Japanese-Brazilian Speaking*. The language contact (Portuguese vs. Japanese), increasingly narrow, entails significant changes in the linguistic scene and manifests itself in the Japanese-Brazilians speaking, whose situation highlights the locking of two languages that ally and align, setting up in a new way of use that we call *Japanese-Brazilian variety*, object of this research. This speaking is sustained by the (i)migrants and their descendants linguist history and runs its natural course of a language in constant motion, thus creating proper language situations. Given this fact, it is necessary to rescue and register, this usage, once the speech symbolizes, partly, the linguistic identity of this social group. This thesis seeks to register and describe the *Japanese-Brazilian variety* as to the semantic-lexical components. The Geolinguistic methodological procedures were resorted for the data collection. Five communities were selected – the research points – Brasília; Brazlândia; Núcleo Bandeirante; Taguatinga and Vargem Bonita, based not only on historical factors related to Japanese (i)migration in the Planalto Central, but also on their importance in the economic scene and in the Distrito Federal development. Next, a research tool called Visual Semantic-lexical Questionnaire is applied on ten bilingual Japanese-Brazilians subjects who were divided into two age groups – 51 to 65 and 66 onwards, all female gender and belonging to the second generation (Nisei). The responses registered in the interviews allow the development of a semantic-lexical database. Subsequently, the data are described and documented in 41 language cartograms, aimed to presenting the frequency and distribution of the semantic-lexical information in Japanese and Portuguese and/or Portuguese-Japanese surveyed points. The theoretical basis is anchored in Sociolinguistics, focusing on bilingualism, specifically in language contact and in the phenomena that derive from this process: lexical borrowing and code switching. Resorting to Grosjean, Thomason and Kaufman and Gumperz studies, among others. Given the nature of this research, the Dialectology / Geolinguistic studies are equally contemplated, highlighting Chambers and Trudgill, Mase and Onishi works. In the end, it is possible to verify that the data analysis allows not only to the description of the Japanese-Brazilian speaking as well as to the elaboration of the atlas sketch of this speaking. The semantic-lexical occurrences presented in this study point to the setting of a *Japanese-Brazilian variety* in the surveyed points, as well as provide this speaking partial picture.

Keywords: Linguistic Atlas. Distrito Federal. *Japanese-Brazilian Variety*. Japanese-Brazilian speaking. Bilingualism. Language Contact. Sociolinguistic. Dialectology. Geolinguistic.

RÉSUMÉ

TAKANO, Yuko. *Projet de l'Atlas du Parler des Japonais-Brésiliens du District Fédéral: l'aspect sémantique-lexical*. 350 f. 2013. Thèse (Doctorat) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

Cette thèse a pour objectif de décrire le parler japonais-brésilien dans cinq communautés du District Fédéral afin de contribuer avec l'élaboration du *Projet de l'Atlas du Parler des Japonais-Brésiliens du District Fédéral*. Le contact de langues (portugais *versus* japonais), à chaque fois plus étroit, engendre des changements expressifs dans le scénario linguistique et se manifeste dans le discours des japonais-brésiliens, ce qui rend évident l'entrecroisement de deux langues qui s'allient et s'alignent, en configurant une nouvelle façon d'utilisation que l'on dénomme *variété japonaise-brésilienne*, l'objet de cette recherche. Ce discours est soutenu par l'histoire linguistique d'(im)migrants et leurs descendants et suit son cours naturel de langue en mouvement, en créant des situations linguistiques spécifiques. Devant ce fait, il faut préserver et enregistrer, cette utilisation de la langue, une fois que le discours symbolise, partiellement, l'identité linguistique de ce groupe social. Cette thèse vise à enregistrer et décrire la *variété japonaise-brésilienne* en ce qui concerne le composant sémantique-lexical. Pour faire la collecte des données on utilise les procédures méthodologiques de la Géolinguistique. Cinq communautés – Brasília; Brazlândia; Núcleo Bandeirante; Taguatinga et Vargem Bonita – sont sélectionnées en considérant les aspects historiques relatifs à l'(im)migration japonaise au Planalto Central aussi bien que l'importance de ces communautés dans le scénario économique et dans le développement du District Fédéral. Ensuite, on applique un instrument de recherche dénommé Questionnaire Sémantique-Lexical Visuel à dix sujets japonais-brésiliens bilingues de deux groupes d'âge – de 50 à 65 ans et de 66 ans ou plus – tous du sexe/genre féminin et de la deuxième génération (Nisei). Les réponses enregistrées pendant les interviews permettent l'élaboration d'une banque de données sémantique-lexicales. Postérieurement, les données sont décrites et documentées dans 41 cartogrammes linguistiques qui visent à présenter la fréquence et la distribution des données sémantique-lexicales en japonais et portugais et/ou portugais-japonais dans les points recherchés. L'approche théorique repose sur la Sociolinguistique, avec accent sur le bilinguisme, plus spécifiquement sur le contact de langues et sur les phénomènes qui dérivent de ce processus: l'emprunt lexical et le changement de code. On utilise, parmi d'autres, les études de Grosjean, Thomason et Kaufman et Gumperz. À cause de la nature de cette recherche, on contemple également les études de la Dialectologie/Géolinguistique, surtout les travaux de Chambers et Trudgill, Mase et Onishi. À la fin, on vérifie que l'analyse des données permet la description du parler japonais-brésilien aussi bien que l'élaboration du projet de l'atlas de ce parler. Les manifestations sémantique-lexicales présentées dans la recherche révèlent la configuration d'une *variété japonaise-brésilienne* dans les points recherchés et constituent un portrait partiel de ce parler.

Mots-clé: Atlas linguistique. District Fédéral. Variété japonaise-brésilienne. Le parler des japonais-brésiliens. Bilinguisme. Contact de Langues. Sociolinguistique. Dialectologie. Géolinguistique.

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1: Regiões Administrativas do Distrito Federal	50
Quadro 4.1: Rede de Pontos e Siglas	105
Quadro 4.2: Dados dos Sujeitos da pesquisa	106
Quadro 4.3: Temas das figuras do QSLV (Questionário Semântico-Lexical Visual)	110
Quadro 4.4: Silabário japonês adaptado	116
Quadro 4.5: Representação icônica para os sujeitos da pesquisa	120
Quadro 5.1a: Cadeira – <i>Issu</i>	124
Quadro 5.1b: <i>Naossu</i> - Conserta [suru]	126
Quadro 5.2a: <i>Kussuri</i> – Remédio	130
Quadro 5.2b: <i>Nomu</i> - <i>Nondoru</i> – <i>Ireyoru</i>	132
Quadro 5.3a: Conta - <i>Kandyoo</i> – <i>Haraimono</i>	135
Quadro 5.3b: <i>Harau</i> – <i>Haraimono suru</i> - <i>Harotte</i> – Pagar	137
Quadro 5.3c: Restaurante – Caixa	139
Quadro 5.4a: <i>Kagui</i> – Chave	142
Quadro 5.4b: Casa – <i>Uti</i>	145
Quadro 5.5a: Carro - <i>Didoosha</i> – <i>Kuruma</i>	147
Quadro 5.5b: Semáforo - Sinal - Farol – <i>Shingoo</i>	149
Quadro 5.6: <i>Benkyoo suru</i> – Exame	153
Quadro 5.7a: <i>Hashiru</i> - <i>Hashittoru</i> - Corre [suru]	155
Quadro 5.7b: <i>Ooen suru</i> - <i>Undookai</i> – <i>Ganbatte</i>	157
Quadro 5.8a: <i>Soodi suru</i> – Limpeza [suru]	160
Quadro 5.8b: <i>Hawaku</i> – <i>Haku</i>	162
Quadro 5.9a: <i>Sentaku</i> (suru)	164
Quadro 5.9b: Máquina – <i>Sentakki</i>	165
Quadro 5.10a: Sai [shiyoru] - <i>Dekakeru</i> – <i>Deru</i>	167
Quadro 5.10b: <i>Shigoto</i> – <i>Shukkin</i>	171
Quadro 5.11: Janela - <i>Mado</i>	173
Quadro 5.12: Janela – <i>Mado</i>	175
Quadro 5.13a: <i>Taberu</i> – Comer	177
Quadro 5.13b: <i>Niguiru</i> - <i>Tsukau</i> - <i>Motsu</i> – Segurar	179
Quadro 5.14a: Datilografia [suru] - <i>Taipuraitaa wo utsu</i>	182
Quadro 5.14b: <i>Taipuraitaa</i> - <i>Trapraitaa</i> /Tapraitaa	183

Quadro 5.15a: Cortar [shitoru] - <i>Kiru</i>	186
Quadro 5.15b: <i>Hassami</i> – Tesoura	188
Quadro 5.15c: <i>Kami</i> – Papel	191
Quadro 5.16: <i>Ame (furu)</i>	193
Quadro 5.17a: <i>Kassa</i> - Guarda-chuva	194
Quadro 5.17b: <i>Sassu</i> - <i>Motsu</i> – <i>Kaburu</i>	196
Quadro 5.18: Falar – Dizer/ <i>Hanassu</i> – <i>Iu</i>	199
Quadro 5.19a: Ajuda [suru] – <i>Tetsudau</i>	200
Quadro 5.19b: Mala – <i>Tranku</i>	202
Quadro 5.20: Mala – <i>Tranku</i>	206
Quadro 5.21a: Fábrica – Indústria	209
Quadro 5.21b: Carro - <i>Kuruma</i> – <i>Didoosha</i>	211
Quadro 5.21c: Expressões	213
Quadro 5.22a: <i>Ryokoo suru</i> - Viaja [suru]	215
Quadro 5.22b: Turismo [yaru] - Turismo [suru]	217
Quadro 5.23: <i>Sanpo suru</i> – Passear	220
Quadro 5.24a: <i>Benkyoo suru</i> - Estuda [suru] - Aprende [suru]	222
Quadro 5.24b: Sala de aula – Começando	224
Quadro 5.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> - Telefona [suru]	225

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: População brasileira <i>versus</i> nipo-brasileira	45
Tabela 2.2: Distribuição da população nipo-brasileira em áreas urbanas e não urbanas	46
Tabela 2.3: Pontos da pesquisa – Distrito Federal	55
Tabela 2.4: População geral dos nipo-brasileiros do Distrito Federal	55
Tabela 3.1: Regiões e números de imigrantes	75
Tabela 5.1a: Cadeira – <i>Issu</i>	124
Tabela 5.1b: <i>Naossu</i> - Conserta [suru]	127
Tabela 5.2a: <i>Kussuri</i> – Remédio	130
Tabela 5.2b: <i>Nomu</i> - <i>Nondoru</i> – <i>Ireyoru</i>	132
Tabela 5.3a: Conta - <i>Kandyoo</i> – <i>Haraimono</i>	135
Tabela 5.3b: <i>Harau</i> – <i>Haraimono suru</i> - <i>Harotte</i> – Pagar	137
Tabela 5.3c: Restaurante – Caixa	140
Tabela 5.4a: Chave - <i>Kagui</i>	143
Tabela 5.4b: <i>Uti</i> - Casa	145
Tabela 5.5a: <i>Kuruma</i> - <i>Didoosha</i> – Carro	147
Tabela 5.5b: Semáforo - Sinal - Farol – <i>Shingoo</i>	149
Tabela 5.6: <i>Benkyoo suru</i> - Exame	153
Tabela 5.7a: <i>Hashiru</i> - <i>Hashittoru</i> - Corre [suru]	156
Tabela 5.7b: <i>Ooen wo suru</i> - <i>Undookai</i> - <i>Ganbatte</i>	157
Tabela 5.8a: <i>Soodi suru</i> - Limpeza [suru]	160
Tabela 5.8b: <i>Hawaku</i> – <i>Haku</i>	162
Tabela 5.9a: <i>Senkaku (suru)</i>	165
Tabela 5.9B: Máquina – <i>Sentakki</i>	166
Tabela 5.10a: <i>Dekakeru</i> - <i>Deru</i> - Sai [shiyoru]	167
Tabela 5.10b: <i>Shigoto</i> – <i>Shukkin</i>	171
Tabela 5.11: <i>Mado</i> – Janela	173
Tabela 5.12: <i>Mado</i> – Janela	175
Tabela 5.13a: <i>Taberu</i> – Comer	178
Tabela 5.13b: <i>Niguiru</i> - <i>Tsukau</i> - <i>Motsu</i> - Segurar	180
Tabela 5.14a: <i>Utsu</i> - Datilografa [suru]	182
Tabela 5.14b: <i>Trapraitai</i> / <i>Tapraitai</i> – <i>Taipuraitaa</i>	184
Tabela 5.15a: <i>Kiru</i> - Cortar [shitoru]	187

Tabela 5.15b: <i>Hassami</i> – Tesoura	188
Tabela 5.15c: <i>Kami</i> - Papel	191
Tabela 5.16: <i>Ame (furu)</i>	193
Tabela 5.17a: <i>Kassa</i> - Guarda chuva	195
Tabela 5.17b: <i>Sassu</i> - <i>Motsu</i> – <i>Kaburu</i>	196
Tabela 5.19a: <i>Tetsudau</i> - Ajuda [suru]- <i>Tassukeru</i>	201
Tabela 5.19b: Mala – <i>Tranku</i>	202
Tabela 20: Mala – <i>Tranku</i>	206
Tabela 5.21a: Fábrica – Indústria	209
Tabela 5.21b: Carro - <i>Kuruma</i> – <i>Didoosha</i>	212
Tabela 5.22a: <i>Ryokoo suru</i> - Viaja [suru]	216
Tabela 5.22b: Turismo [yaru] – Turismo [suru]	218
Tabela 5.23: <i>Sanpo suru</i> - Passear	220
Tabela 5.24: <i>Benkyoo suru</i> - Estuda [suru] - Aprende [suru]	223
Tabela 5.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> - Telefona [suru]	226
Tabela nº 7.1a: Ocorrência elevada do item lexical em português em comparação com o item lexical em japonês	290
Tabela nº 7.1b: Ocorrência menor do item lexical em japonês em comparação ao item lexical em português	290
Tabela nº 7.2: Ocorrência dos outros itens lexicais em português	291
Tabela nº 7.3: Ocorrência dos itens lexicais em português: Pontos da pesquisa	293
Tabela nº 7.4: Ocorrência dos itens lexicais em português: Faixa Etária	293
Tabela nº 7.5: Ocorrência das respostas consideradas: “respostas com problemas”	294

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 5.1a: Cadeira – <i>Issu</i>	125
Gráfico 5.1 (i): Cadeira - Faixa etária <i>versus</i> Ponto da pesquisa	126
Gráfico 5.1b: <i>Naossu</i> - Conserta [suru]	127
Gráfico 5.2a.: <i>Kussuri</i> – Remédio	130
Gráfico 5.2b: <i>Nomu</i> - <i>Nondoru</i> – <i>Ireyoru</i>	132
Gráfico 5.3a: Conta - <i>Haraimono</i> - <i>Kandyoo</i> -	136
Gráfico 5.3b: <i>Harau</i> - <i>Haraimono suru</i> - <i>Harotte</i> – Pagar	138
Gráfico 5.3c: Restaurante - Caixa	141
Gráfico 5.4a: <i>Kagui</i> – Chave	143
Gráfico 5.4 (i): Chave - Faixa etária e Ponto da pesquisa	144
Gráfico 5.5a: <i>Kuruma</i> - <i>Didoosha</i> – Carro	148
Gráfico 5.5b: Semáforo - Sinal - Farol – <i>Shingoo</i>	150
Gráfico 5.5 (i): Semáforo, Sinal e Farol - Faixa etária <i>versus</i> Ponto da pesquisa	151
Gráfico 5.6: <i>Benkyoo suru</i> – Exame	154
Gráfico 5.7a: <i>Hashiru</i> - <i>Hashittoru</i> - Corre [suru]	156
Gráfico 5.7b: <i>Ooen suru</i> - <i>Undookai</i> - <i>Ganbatte</i>	158
Gráfico 5.8a: <i>Soodi</i> - Limpeza [suru]	161
Gráfico 5.8b: <i>Hawaku</i> - <i>Haku</i>	163
Gráfico 5.10a: <i>Dekakeru</i> - <i>Deru</i> - Sai [shiyoru]	169
Gráfico 5.10b: <i>Shigoto</i> – <i>Shukkin</i>	172
Gráfico 5.11: <i>Mado</i> – Janela	174
Gráfico 5.12: <i>Mado</i> – Janela	176
Gráfico 5.13a: <i>Taberu</i> – Comer	178
Gráfico 5.13b: <i>Niguiru</i> - <i>Tsukau</i> - <i>Motsu</i> – Segurar	180
Gráfico 5.14a: <i>Utsu</i> - Datilografa [suru]	183
Gráfico 5.14b: <i>Trapraitai</i> / <i>Tapraitai</i> – <i>Taipuraitaa</i>	184
Gráfico 5.15a: <i>Kiru</i> - Cortar [shitoru] - <i>Kittoru</i>	187
Gráfico 5.15b: <i>Hassami</i> - Tesoura	189
Gráfico 5.15c: <i>Kami</i> – Papel	192
Gráfico 5.17a: <i>Kassa</i> - Guarda-chuva	195
Gráfico 5.17b: <i>Sassu</i> - <i>Motsu</i> – <i>Kaburu</i>	197
Gráfico 5.19a: <i>Tetsudau</i> - Ajuda [suru] – <i>Tassukeru</i>	201

Gráfico 5.19b: Mala – <i>Tranku</i>	203
Gráfico 5.20: Mala – <i>Tranku</i>	206
Gráfico 5.20 (i): Mala – Faixa etária <i>versus</i> Ponto da pesquisa	207
Gráfico 5.21a: Fábrica – Indústria	210
Gráfico 5.21 (i): Fábrica - Indústria – Faixa etária <i>versus</i> pontos da pesquisa	211
Gráfico 5.21b: Carro – <i>Kuruma</i> – <i>Didoosha</i>	212
Gráfico 5.22a: <i>Ryokoo wo suru</i> - Viaja [suru]	216
Gráfico 5.22b: Turismo [yaru] – Turismo [suru]	218
Gráfico 5.23: <i>Sanpo suru</i> – passear	221
Gráfico 5.24: <i>Benkyoo suru</i> - Estuda [suru] - Aprende [suru]	223
Gráfico 5.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> - Telefona [suru]	226

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1: Plano Piloto de Brasília	56
Figura 4.1: Consertar a cadeira/ <i>Issu wo naossu</i>	123
Figura 5.1: Consertar a cadeira/ <i>Issu wo naossu</i>	124
Figura 5.2: Tomar o remédio/ <i>Kussuri wo nomu</i>	129
Figura 5.3: Pagar a conta/ <i>Kandyoo wo harau</i>	134
Figura 5.4: Esquecer a chave/ <i>Kagui wo wassureru</i>	142
Figura 5.5: Parar o carro – Semáforo/ <i>Didoosha (Kuruma) wo tomeru – Shingoo</i>	146
Figura 5.6: Estudar/ <i>Benkyoo suru</i>	152
Figura 5.7: Correr – Torcer/ <i>Hashiru – Ooen suru</i>	155
Figura 5.8: Limpar (fazer limpeza) – Varrer/ <i>Soodi suru – Haku</i>	159
Figura 5.9: Lavar a roupa/ <i>Sentaku suru</i>	164
Figura 5.10: Sair – Despedir-se/ <i>Deru – Dekakeru</i>	166
Figura 5.11: Fechar a janela/ <i>Mado wo shimeru</i>	173
Figura 5.12: Abrir a janela/ <i>Mado wo akeru</i>	175
Figura 5.13: Usar Hashi – Comer/ <i>Hashi wo tsukau – Taberu</i>	177
Figura 5.14: Datilografar/ <i>Taipuraitaa wo utsu</i>	181
Figura 5.15: Cortar o papel – Tesoura/ <i>Kami wo kiru – Hassami</i>	186
Figura 5.16: Chover/ <i>Ame ga furu</i>	193
Figura 5.17: Usar guarda-chuva/ <i>Kassa wo sassu</i>	194
Figura 5.18: Falar – Dizer/ <i>Hanassu – Iu</i>	198
Figura 5.19: Ajudar – Mala/ <i>Tetsudau – Suutsukeessu – Toranku</i>	200
Figura 5.20: Mala pesada/ <i>Omoi suutsukeessu – Toranku</i>	205
Figura 5.21: Mostrar a fábrica – Indústria de carro/ <i>Didoosha koodyoo wo misseru</i>	208
Figura 5.22: Viajar/ <i>Ryokoo wo suru</i>	215
Figura 5.23: Passear com cachorro/ <i>Inu to sanpo</i>	219
Figura 5.24: <i>Benkyoo suru</i> – Estudar – Aprender	222
Figura 5.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> – Telefonar	225
Figura 6.4: Ficha de apoio à leitura dos cartogramas	234

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 4.1: exemplo da transcrição grafemática 2/F-II VGB	113
Excerto 4.2: exemplo da transcrição grafemática 2/F-I TAG	114
Excerto 4.3: exemplo da transcrição grafemática 2/F-I BSB	114
Excerto 4.4: exemplo da transcrição grafemática 2/F-I VGB	114
Excerto 4.5: exemplo da transcrição grafemática 2/F-I VGB	114
Excerto 4.6: exemplo da transcrição grafemática 2/F-I TAG	115
Excerto 5.1: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 1	129
Excerto 5.2: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 2	134
Excerto 5.3: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 3	142
Excerto 5.4: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 4	146
Excerto 5.5: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 5	152
Excerto 5.6: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 6	154
Excerto 5.7: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 7	159
Excerto 5.8: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 8	163
Excerto 5.9: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 9	166
Excerto 5.10: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 10	172
Excerto 5.11: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 11	174
Excerto 5.12: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 12	177
Excerto 5.13: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 13	181
Excerto 5.14: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 14	185
Excerto 5.15: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 15	192
Excerto 5.16: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 17	198
Excerto 5.17: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 18	199
Excerto 5.18: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 19	205
Excerto 5.19: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 20	208
Excerto 5.20: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 21	215
Excerto 5.21: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 22	219
Excerto 5.22: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 23	222
Excerto 5.23: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 24	225
Excerto 5.24: <i>variedade nipo-brasileira</i> da figura-tema 25	227

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB – Projeto Atlas Linguístico do Brasil

GPDG-USP – Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo

RA – Região Administrativa do Distrito Federal

BSB – Ponto 1: Brasília

BRAZ – Ponto 2: Brazlândia

NCB – Ponto 3: Núcleo Bandeirante

TAG – Ponto 4: Taguatinga

VGB – Ponto 5: Vargem Bonita (RA – Park Way)

QSLV – Questionário Semântico-Lexical Visual

QSP-DF – Questionário Sociolinguístico de Pesquisa da Comunidade Nipo-Brasileira do Distrito Federal

FSP-DF – Ficha de Sujeito de Pesquisa da Comunidade Nipo-Brasileira do Distrito Federal

2/F-II BSB– 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária I/Brasília

2/F-II BSB – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária II/Brasília

2/F-I BRAZ – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária I/Brazlândia

2/F-II BRAZ – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária II/Brazlândia

2/F-I NCB – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária I/Núcleo Bandeirante

2/F-II NCB – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária II/Núcleo Bandeirante

2/F-I TAG – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária I/Taguatinga

2/F-II TAG – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária II/Taguatinga

2/F-I V GB – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária I/Vargem Bonita

2/F-II VGB – 2ª Geração (nissei)/Feminino/Faixa etária II/Vargem Bonita

OR – Outras respostas

PI – Problema de interpretação

RP – Resposta em português

SR – Sem resposta

SUMÁRIO

TOMO I

1 INTRODUÇÃO	27
2 OS JAPONESES NO BRASIL	39
2.1 A chegada dos japoneses ao Brasil	39
2.2 A presença dos japoneses no Planalto Central	47
2.2.1 O Distrito Federal – dados geográficos, históricos, econômicos e sociais	47
2.2.2 O Distrito Federal: a comunidade nipo-brasileira	51
2.2.2.1 A rede de pontos da pesquisa	54
2.2.2.1.1 Brasília	55
2.2.2.1.2 Brazlândia	58
2.2.2.1.3 Núcleo Bandeirante	60
2.2.2.1.4 Taguatinga	61
2.2.2.1.5 Vargem Bonita	64
3 SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA/GEOLINGUÍSTICA	
3.1 Sociolinguística – Bilinguismo	68
3.1.1 Línguas em contato	73
3.1.1.1 Empréstimo Lexical	80
3.1.1.2 Mudança de código	86
3.2 Dialetologia/Geolinguística	94
3.2.1 Dialetologia/Geolinguística no Japão	97
4 MÉTODO E PROCEDIMENTOS	104
4.1 A definição da rede de pontos e a seleção dos sujeitos da pesquisa	104
4.2 A pesquisa de campo	106
4.3 A transcrição dos dados	112
4.4 Em direção à análise dos dados	117
5 ANÁLISE DOS DADOS	124
5.1 Expressões cotidianas	124
5.1.1 TEMA Nº 1: CONSERTAR A CADEIRA/ <i>ISSU WO NAOSSU</i>	124
5.1.2 TEMA Nº 2: TOMAR O REMÉDIO/ <i>KUSSURI WO NOMU</i>	129

5.1.3 TEMA Nº 3: PAGAR A CONTA/ <i>KANDYOO WO HARAU</i>	134
5.1.4. TEMA Nº 4: ESQUECER A CHAVE/ <i>KAGUI WO WASSURERU</i>	142
5.1.5 TEMA Nº 5: PARAR O CARRO – SEMÁFORO/ <i>DIDOOSHA (KURUMA) WO TOMERU – SHINGOO</i>	146
5.1.6 TEMA Nº 6: ESTUDAR/ <i>BENKYOO SURU</i>	152
5.1.7 TEMA Nº 7: CORRER – TORCER/ <i>HASHIRU – OOEN SURU</i>	155
5.1.8 TEMA Nº 8: LIMPAR (FAZER LIMPEZA) – VARRER/ <i>SOODI SURU – HAKU</i>	159
5.1.9 TEMA Nº 9: LAVAR A ROUPA/ <i>SENTAKU SURU</i>	164
5.1.10 TEMA Nº 10: SAIR – DESPEDIR-SE/ <i>DERU-DEKAKERU</i>	166
5.1.11 TEMA Nº 11: FECHAR A JANELA/ <i>MADO WO SHIMERU</i>	173
5.1.12 TEMA Nº 12: ABRIR A JANELA/ <i>MADO WO AKERU</i>	175
5.1.13 TEMA Nº 13: USAR HASHI – COMER/ <i>HASHI WO TSUKAU – TABERU</i>	177
5.1.14 TEMA Nº 14: DATILOGRAFIAR/ <i>TAIPURAITAA WO UTSU</i>	181
5.1.15 TEMA Nº 15: CORTAR O PAPEL – TESOURA/ <i>KAMI WO KIRU HASSAMI</i>	186
5.1.16 TEMA Nº 16: CHOVER/ <i>AME GA FURU</i>	193
5.1.17 TEMA Nº 17: USAR GUARDA-CHUVA/ <i>KASSA WO SASSU</i>	194
5.1.18 TEMA Nº 18: FALAR – DIZER/ <i>HANASSU – IU</i>	198
5.1.19 TEMA Nº 19: AJUDAR – MALA/ <i>TETSUDAU – SUUTSUKKEESSU – TORANKU</i>	200
5.1.20 TEMA Nº 20: MALA PESADA/ <i>OMOI SUUTSUKKEESSU – TORANKU</i>	205
5.1.21 TEMA Nº 21: MOSTRAR A FÁBRICA – INDÚSTRIA DE CARRO <i>DIDOOSHA KOODYOO WO MISSERU</i>	208
5.1.22 TEMA Nº 22: VIAJAR / <i>RYOKOO WO SURU</i>	215
5.1.23 TEMA Nº 23: PASSEAR COM CACHORRO/ <i>INU TO SANPO- SANPO SURU</i>	219
5.1.24 TEMA Nº 24: APRENDER – ESTUDAR/ <i>BENKYOO SURU</i>	222
5.1.25 TEMA Nº 25: TELEFONAR / <i>DENWA WO (KAKERU – SURU)</i>	225

TOMO II

6. CARTOGRAMAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL

Cartograma – Localização geral	233
Cartograma – Localização das Regiões Administrativas do Distrito Federal	234
Cartograma – Rede de pontos da pesquisa das comunidades nipo-brasileiras	235
Ficha de apoio à leitura dos cartogramas	236
Cartograma 6.1a: Cadeira – <i>Issu</i>	237
Cartograma 6.1b: <i>Naossu</i> - Conserta [suru]	238
Cartograma 6.2a: <i>Kussuri</i> – Remédio	239
Cartograma 6.2b: <i>Nomu</i> - <i>Nondoru</i> – <i>Ireyoru</i>	240
Cartograma 6.3a: Conta - <i>Kandyoo</i> – <i>Haraimono</i>	241
Cartograma 6.3b: <i>Harau</i> - <i>Haraimono suru</i> - <i>Harotte</i> – Pagar	242
Cartograma 6.3c: Restaurante - Conta – Caixa	243
Cartograma 6.4a: <i>Kagui</i> – Chave	244
Cartograma 6.4b: <i>Uti</i> e Casa	245
Cartograma 6.5a: Carro - <i>Didoosha</i> – <i>Kuruma</i>	246
Cartograma 6.5b: Semáforo - Sinal - Farol – <i>Shingoo</i>	247
Cartograma 6.6: <i>Benkyoo suru</i> – Exame	248
Cartograma 6.7a: <i>Hashiru</i> - <i>Hashittoru</i> - Corre [suru]	249
Cartograma 6.7b: <i>Ooen suru</i> - <i>Undookai</i> – <i>Ganbatte</i>	250
Cartograma 6.8a: <i>Soodi suru</i> - Limpeza [suru]	251
Cartograma 6.8b: <i>Hawaku</i> – <i>Haku</i>	252
Cartograma 6.9a: <i>Sentaku</i> (<i>suru</i>)	253
Cartograma 6.9b: Máquina – <i>Sentakki</i>	254
Cartograma 6.10: Sai [shiyoru] - <i>Dekakeru</i> – <i>Deru</i>	255
Cartograma 6.11: Janela – <i>Mado</i>	256
Cartograma 6.12: Janela - <i>Mado</i>	257
Cartograma 6.13a: <i>Taberu</i> – Comer	258
Cartograma 6.13b: <i>Niguiru</i> - <i>Tsukau</i> - <i>Motsu</i> – Segurar	259
Cartograma 6.14a: <i>Utsu</i> - Datilografia [suru]	260
Cartograma 6.14b: <i>Taipuraitaa</i> - <i>Trapraitai</i> / <i>Tapraitai</i>	261
Cartograma 6.15a: Cortar [shitoru] - <i>Kiru</i>	262

Cartograma 6.15b: <i>Hassami</i> – Tesoura	263
Cartograma 6.15c: <i>Shitoru</i> – <i>Kittoru</i>	264
Cartograma 6.16: <i>Amega furu</i>	265
Cartograma 6.17a: <i>Kassa</i> - Guarda-chuva	266
Cartograma 6.17b: <i>Sassu</i> - <i>Motsu</i> – <i>Kaburu</i>	267
Cartograma 6.19a: Ajuda [suru] – <i>Tetsudau</i>	268
Cartograma 6.19b: Mala – <i>Tranku</i>	269
Cartograma 6.20: Mala – <i>Tranku</i>	270
Cartograma 6.21a: Fábrica – Indústria	271
Cartograma 6.21b: Carro – <i>Kuruma</i> – <i>Didoosha</i>	272
Cartograma 6.22a: <i>Ryokoo suru</i> - Viaja [suru]	273
Cartograma 6.22b: Turismo [yaru] - Turismo [suru]	274
Cartograma 6.23: <i>Sanpo suru</i> – Passear	275
Cartograma 6.24: <i>Benkyoo suru</i> - Estuda [suru] - Aprende [suru]	276
Cartograma 6.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> - Telefona [suru]	277

TOMO III

7 CONCLUSÃO	281
REFERÊNCIAS	298
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	308
APÊNDICES	

Os apêndices listados abaixo encontram-se no CD-ROM à tese.

Apêndice A: conjunto dos cartogramas do *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*

Apêndice B: Banco de dados da pesquisa

ANEXOS

Anexo A: Ficha do sujeito de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

Anexo B: Questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

Anexo C: Temas das figuras do QSLV – Questionário semântico-lexical visual

1. INTRODUÇÃO

A configuração étnica do Brasil comprova a existência de várias comunidades étnicas, sejam as comunidades originárias autóctones, sejam as comunidades imigratórias e transplantadas¹, as quais evidenciam a história cultural e linguística de sua origem. O intercâmbio de diversos hábitos, crenças, línguas e ideologias contribuem para a formação multiétnica, multilinguística e multicultural do povo brasileiro. Nesse universo encontram-se os (i)migrantes² japoneses e seus descendentes que colaboram para a composição étnica do País.

Nos anos de 1908, especificamente no dia 18 de junho, os primeiros imigrantes japoneses desembarcaram no porto de Santos-SP, em busca de novas perspectivas de vida em solo brasileiro. Os encontros e os desencontros, os sonhos e a realidade tornaram-se os elementos motivadores para a nova jornada destes imigrantes que, paulatinamente, foram absorvendo a nova cultura e a nova língua, adotando, assim, Brasil como sua terra mãe. A comemoração do centenário da imigração, ocorrida em 2008, simboliza, além da história da presença nipônica no Brasil, 100 anos de inclusão e integração desta comunidade à sociedade brasileira.

A (i)migração japonesa se fez igualmente presente na formação do povoamento da nova Capital Federal, pois os primeiros imigrantes japoneses aí chegaram, em 1957, para a formação do Cinturão Verde de Brasília.

Enfrentaram vários problemas, entre os quais o da falta de apoio do grupo que era contra a mudança da capital para Planalto Central. Ignorando esse grupo, o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, manteve firme seu propósito de construir uma nova capital no Planalto Central. O propósito do presidente tornou-se o sonho e a esperança para muitos brasileiros e nipo-brasileiros, que apoiaram o projeto por meio de várias atividades profissionais, dando, enfim, condições para a construção da nova capital. Em pouco tempo, a população aumentou, dando início ao movimento migratório oriundo de várias partes do País, em busca de novas oportunidades de trabalho e novas perspectivas de vida.

¹Comunidade “transplantada”: termo utilizado por Cunha (1996) quando se refere às comunidades que se formaram e se instalaram devido à imigração.

² Utilizamos esse termo, nesta situação, para identificar dois tipos de movimento: os imigrantes japoneses e migrantes japoneses.

Os alimentos que vinham de fora e os cultivados nas redondezas da nova capital não eram suficientes para atender à demanda da população. O governo tinha de promover, com urgência, uma estratégia de abastecimento alimentar e, nesse quesito, a (i)migração japonesa tinha muito a contribuir com sua experiência na prática da produção agrícola. Justifica-se, portanto, a mudança dos (i)migrantes para a zona rural para o desenvolvimento de atividades agrícolas. Esse fato levou o governo federal a criar o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) que se incumbiu de selecionar trabalhadores para a construção de Brasília. Joko-Veltman, Torreão e Sugimoto (2008, p. 105-106) relatam no fragmento abaixo a intenção do governo.

Constatada a necessidade de um conhecimento mais especializado para a formação desse cinturão verde, o INIC passou a realizar a seleção de agricultores qualificados. A primeira notícia sobre japoneses na nova capital nos registros publicados foi no Diário Carioca do dia 01 de agosto de 1957. De nome “Cinturão Verde”.

O convite do governo federal despertou interesse de alguns agricultores do Centro-Oeste que rumaram para Brasília com uma tarefa: fomentar a produção da horticultura local. Além disso, o sistema de arrendamento, adotado pelo governo, alinhou-se com os interesses e as necessidades dos habitantes de todas as localidades, incluindo os (i)migrantes japoneses e seus descendentes. Em números atuais, estima-se que cerca de 50 mil japoneses e seus descendentes se dirigiram ao Distrito Federal. A pesquisa, realizada por Joko-Veltman, Torreão e Sugimoto (2008, p. 103), aponta que a comunidade nipo-brasileira é a maior entre as comunidades estrangeiras que se instalaram ao longo de cinco décadas no Distrito Federal.

O motivo pelo qual os (i)migrantes e seus descendentes vieram para o Distrito Federal varia de acordo com o interesse, a motivação e a necessidade de cada um deles. Para aqueles que persistiram nessa tarefa, o objetivo era único, fincar raízes no solo do Planalto Central. E, assim, os nipo-brasileiros construíram sua história de vida no solo em que se estabeleceram. Nas diversas regiões, os (i)migrantes e seus descendentes formaram seus núcleos comunitários, dentre os quais se encontram as comunidades contempladas neste estudo.

Ao falarmos do movimento migratório do Distrito Federal faz-se necessário contextualizar as comunidades em pauta. Em nosso projeto contemplamos cinco comunidades nipo-brasileiras do Distrito Federal: Brasília, Brazlândia, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Vargem Bonita³. Destas, Brazlândia e Vargem Bonita são regiões consideradas

³ Siglas das comunidades estudadas para esta pesquisa: Brasília (BSB); Brazlândia (BRAZ); Núcleo Bandeirante (NCB); Taguatinga (TAG) e Vargem Bonita (VGB).

rurais, porém com características urbanas, enquanto as demais são consideradas urbanas. Nos próximos parágrafos, esboçamos dados preliminares sobre essas localidades.

Brasília (BSB) Plano Piloto – (Região Administrativa – RA⁴ I) sua construção deve-se ao projeto de Lúcio Costa, que desenhou uma maquete da estrutura de uma aeronave, cujo formato designa uma aeronave em pleno voo. No centro do desenho encontram-se os principais monumentos desenhados por Oscar Niemeyer. Essa cidade planejada, projetada e desenhada torna-se uma referência internacional e foi tombada como Patrimônio da Humanidade em 1987. Os dados populacionais registrados pelo sítio do IBGE⁵ consta que atualmente contam com 209.855 habitantes. Os (i)migrantes e seus descendentes que se instalaram nessa região ocuparam-se de várias atividades, entre elas: profissionais liberais, funcionários públicos, comerciantes, profissionais da educação, profissionais da saúde. Como essa região oferece maior oportunidade de trabalho, muitos moradores nipo-brasileiros das outras regiões (RA) acabam migrando para Brasília.

Brazlândia (BRAZ) – (Região Administrativa – RA IV) – teve seu povoamento iniciado no século XX, com a chegada de famílias procedentes de Goiás e de Minas Gerais que atuaram na produção agrícola. Segundo Vasconcelos (1988), o início do povoamento ocorreu no século XIX, quando duas famílias de Minas Gerais, Abreu Lima e os Rodrigues do Prado, vieram para a produção agrícola, porém, cita Vasconcelos (1988, p. 258) “por falta de recursos ou de instrução, talvez, não fizeram progresso”. No início de 1910, chegaram de Minas Gerais a família Braz, com 16 filhos e de Goiás a família Cardoso de Oliveira, com 5 irmãos. E, no final de 1910, migrou para essa região Aires Cavalcanti, também de Goiás. No ano de 1920, vieram de Goiás Carlos de Oliveira e Alves Rabelo.

No fragmento de Vasconcelos (1988) relata-se que “no dia 15 de abril de 1932, o prefeito de Santa Luzia (Luziânia), Púbio de Souza, baixa decreto criando o Distrito de Brazlândia” em homenagem ao clã mais numeroso da região, a família Braz. Brazlândia foi inaugurada oficialmente em 21 de abril de 1960, como território do Distrito Federal. As fontes administrativas apontam que, na época da inauguração da Capital, Brazlândia contava com menos de mil moradores. Com a chegada de centenas de agricultores (i)migrantes japoneses e habitantes oriundos de outras partes do País, a cidade presenciou um crescimento acelerado. A região de Brazlândia conta com uma população aproximada de 57.542 habitantes, consoante os dados do IBGE. O local em que os (i)migrantes estão instalados é

⁴ RA: Região Administrativa.

⁵FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Contagem da População – Centro Demográfico – 2010.<[www.http://ibge.gov.br](http://ibge.gov.br)>.

considerado rural e é constituído de várias chácaras e localiza-se bem distante da cidade. A ocupação profissional desses (i)migrantes japoneses, na sua maioria, é o cultivo de hortaliças, morangos, entre outros produtos agrícolas. Brazlândia promove anualmente a Festa de Morango que se tornou uma agenda cultural do Distrito Federal. Os residentes das chácaras, na maioria nipo-brasileiros, são responsáveis pela promoção desse evento.

O Núcleo Bandeirante (NCB) – (Região Administrativa – RA VIII) é uma das cidades mais antigas do Distrito Federal. Constituiu-se antes da inauguração da Capital, com a finalidade de existir por um período de 4 anos e, naquela época, era chamada de Cidade Livre (VASCONCELOS, 1988). A história relatada por Vasconcelos menciona que o Presidente Juscelino Kubitschek fez sua primeira visita ao solo da nova Capital em outubro de 1956. E dessa visita surgiu o núcleo pioneiro populacional e de comércio, conforme se observa no fragmento de Vasconcelos (1988, p. 103).

Nesta sua primeira viagem às terras da futura Capital, o Presidente fez um percurso, de carro, de cerca de quarenta quilômetros, [...]. No trajeto, parou à beira de um córrego e fez alguns comentários. Era o córrego Vicente Pires, onde dois meses depois, começa a nascer, em sua margem direita, o núcleo pioneiro de Brasília, a Cidade Livre.

Após essa visita do Presidente, em dezembro de 1956, a Cidade Livre foi assentada e projetada para dar apoio à construção de Brasília, portanto, planejada para fins comerciais e hospitalares. A região prosperou e seguiu os passos de uma região em desenvolvimento, expandiu-se tanto em termos populacionais quanto na área econômica, criando, assim, vida própria e dando origem ao Núcleo Bandeirante.

Segundo Vasconcelos (1988, p. 123), “No governo Jânio Quadros, a pressão aumentou. A comunidade se organizou, reivindicando a fixação do Núcleo como cidade-satélite, a exemplo de Taguatinga e Gama”. No ano de 1961, precisamente no dia 20 de dezembro a região tornou-se cidade-satélite.

[...] “única cidade-satélite de Brasília nascida por força de uma Lei do Congresso Nacional [...] Assim, aqueles moradores do Núcleo garantiram o direito sentimental de permanecerem naquele chão de tantas lutas e tantas histórias e tantas recordações” (VASCONCELOS, 1988, p. 125)

A (i)migração japonesa, procedente de várias regiões do Brasil, contribuiu significativamente para o desenvolvimento e para o povoamento da região. Esses japoneses vieram em busca de novas perspectivas de vida, não diferindo, portanto, dos habitantes de

outras localidades, pois, na época da construção de Brasília, segundo Vasconcelos (1988, p. 134), lotes eram cedidos aos interessados em regime de comodato, por quatro anos. As casas comerciais não pagavam impostos e podiam funcionar livremente, sem limite de horário e controle de preço”. Essa situação favoreceu para que muitos japoneses (i)migrassem para Núcleo Bandeirante, antes chamada de Cidade Livre, consoante relato de Vasconcelos (1988, p. 138) “O setor agrícola é inexpressivo. Não tem zona rural. Apenas algumas chácaras e pequenas, à beira do riacho Fundo”. Cabe ressaltar que os japoneses e seus descendentes, moradores dessas chácaras, ainda mantêm sua produção agrícola, mesmo em pequena parcela, e contribuem para o abastecimento local.

A região de Núcleo Bandeirante desde sua criação sofreu várias divisões territoriais, segundo o registro histórico da cidade o Núcleo Bandeirante passou a compor a Região Administrativa VIII, englobando a Candangolândia e o Riacho Fundo, com uma área de 80,43 km². Em 1994, estas duas localidades são transformadas nas RA XIX e XVII e o Núcleo Bandeirante teve sua área reduzida, uma vez que outras regiões também foram transformadas nas Regiões Administrativas. Nos dados do Censo Populacional do IBGE consta que atualmente existem 43.765 habitantes no local.

Taguatinga (TAG) – (Região Administrativa – RA III), cuja fonte histórica de Vasconcelos (1988, p. 19) registra, “[...] antes das obras de Brasília, ocupava uma área de quase 3 mil alqueires geométricos – cerca de 150 quilômetros quadrados”. Com a explosão demográfica provocada pela vinda de migrantes de várias regiões para o Planalto Central, a Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, não comportava mais pessoas no local, ocasionando dessa forma a invasão nas proximidades da Cidade Livre. Criando, dessa forma, novo núcleo, cujo local, os habitantes chamaram de Vila Sarah Kubitschek. Vasconcelos (p. 17-18) relata que “o próprio Presidente Juscelino se preocupou em resolvê-los. E, depois de uma reunião com Israel Pinheiro, decidiram, ambos, abrir de imediato, um loteamento na futura cidade operária, já em estudo por Maciel, nos altiplanos da Fazenda Taguatinga” e a cidade-satélite foi inaugurada em 5 de junho de 1958. Taguatinga, atualmente, abrange uma área de 121 mil Km² e atua para o reflorestamento e proteção ambiental. A região é dividida em zona urbana e zona rural, onde se cultiva a produção agrícola. As áreas produtivas estão localizadas no Núcleo Rural de Taguatinga, entre outras localidades. Quanto aos dados populacionais, segundo a fonte do IBGE consta que atualmente existem 361.063 habitantes no local. A (i)migração japonesa fez-se presente em diversas atividades profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, incluindo o Núcleo Rural de Taguatinga onde os (i)migrantes japoneses fomentam a produção agrícola até nos dias de hoje.

Vargem Bonita (VGB) está localizada no setor de Park Way, cuja administração pertence à Administração Regional de Park Way (RA XXIV). Esta região pertencia ao Núcleo Bandeirante e foi instituída como RA XXIV, em 30 de dezembro de 2003. Segundo a fonte da Administração Regional,⁶ a cidade é considerada um dos primeiros núcleos de horticultura estabelecidos no Distrito Federal. A história do povoamento da Vargem Bonita atesta que esse local recebeu os primeiros imigrantes oriundos da região de *Okinawa*, uma das ilhas pertencentes ao território japonês. Vargem Bonita contou com esses imigrantes japoneses e outros que vieram de diversas regiões do Brasil para a produção agrícola. Neste local cultivam-se hortaliças, leguminosas, flores, frutas entre outros produtos e a comunidade nipo-brasileira dessa região continua contribuindo para o desenvolvimento da produção hortaliças do Distrito Federal. Segundo o sítio oficial de Park Way, a área considerada rural é o Núcleo Hortícola Suburbano de Vargem Bonita, onde 260 famílias que moram e são responsáveis para a cultura do plantio. Vargem Bonita é um dos maiores produtores de hortaliças do Distrito Federal.

Este estudo tem por base as referidas considerações geográfico-históricas da região em que a comunidade de estudo se encontra, pois esses aspectos podem justificar, em parte, as ocorrências linguísticas do nosso objeto de estudo.

Os nipo-brasileiros, vivendo há pouco mais de um século em solo brasileiro, ao longo de suas vidas, têm seu repertório linguístico modificado. Paulatinamente, os valores culturais e linguísticos do país de origem, intactos no passado devido ao isolamento, vão se transformando e, assim, criando um próprio universo sócio-histórico-cultural.

À medida que ocorre o distanciamento dos costumes e dos hábitos, dá-se a desvinculação da língua japonesa e, conseqüentemente, os nipo-brasileiros vão perdendo traços étnicos de origem e absorvendo elementos da outra língua, criando, nesse encontro, a fala que é sustentada pela própria situação do bilinguismo.

A língua(gem), por ser um instrumento de tipo interacional, representa o campo conceitual da cultura, história e ideologia do homem. Desse modo, o universo linguístico abrange a experiência linguística que se acumula no convívio social. E esse universo, por sua vez, retrata a visão de mundo presente na seleção semântica-lexical. Em Isquerdo (2001, p. 9) encontramos uma referência sobre esse ponto:

Léxico é um saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Representa a janela através da qual uma comunidade

⁶ REGIÃO ADMINISTRATIVA DE PARK WAY RA-XXIV): <[www.http://parkway.df.gov.br/](http://parkway.df.gov.br/)>

pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Dessa forma, o falante constrói e reconstrói esse universo linguístico, compartilhando suas experiências com os membros de sua comunidade linguística. Nesta perspectiva, o falante tem um papel de suma importância, já que cabe a ele atribuir conotações particulares ao léxico e, ao mesmo tempo, ser responsável por sua transformação conceitual. Assim, os itens lexicais vão se atualizando e revelando as manifestações linguísticas surgidas na fala dos bilíngues. Esse fenômeno, que pode ser visto na fala dos sujeitos nipo-brasileiros de nossa pesquisa, emerge da relação entre o eu e o mundo e, nessa relação, vai se constituindo no referencial linguístico-cultural desse grupo étnico.

Pode-se dizer que a fala desses sujeitos é carregada de sentidos e de valores, pois, por meio dela, o sujeito interage com os demais membros de sua comunidade. Essa situação pode ser justificada por Gumperz (1998) que observa como fator relevante em uma interação linguística do dia-a-dia o aspecto identidade linguística. Dessa forma, tanto a identidade étnica quanto a identidade linguística dizem respeito ao sentimento de filiação e de identificação a um determinado grupo étnico. Essas observações mostram que tanto o repertório linguístico⁷ quanto o cultural fazem parte da construção do universo nipo-brasileiro.

A fala da comunidade nipo-brasileira retrata, então, o processo dinâmico das línguas que se mesclam, cuja transformação é sustentada pela própria história de vida dos (i)migrantes e seus descendentes. Contemplamos o gênero feminino na nossa pesquisa e elas, as nipo-brasileiras, se expressam na modalidade oral e, ao fazê-lo, apontam as características de uma variedade dita *variedade nipo-brasileira*. Cabe ressaltar que as variáveis sociais como: faixa etária, escolaridade, profissão, geração, entre outras, possivelmente contribuem para um dado uso. O espaço geográfico também contribui para que o fenômeno se apresente de forma diferenciada.

Após essas considerações, uma pergunta aflora:

É possível elaborar um esboço de atlas da variedade nipo-brasileira do Distrito Federal do ponto de vista semântico-lexical?

⁷ A definição do termo repertório utilizado nesse trabalho, refere-se ao pressuposto de Blom e Gumperz (2002, p.49) quando eles afirmam que “[...] podemos chamar de repertório linguístico da comunidade (Gumperz, 1964), a totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mãos nas interações sociais relevantes”.

Nas últimas décadas, não foram poucos os trabalhos que têm focado diversos ângulos da variedade nipo-brasileira, dentre os quais destacamos aqui os de Mase (1987), Handa (1987), Doi (1983, 1997), Joko (1987), Nawa (1988), Kuyama (2000) e Jo Kanashiro (1992, 2000), entre outros. Apesar da pertinência desses trabalhos que se propõem a discutir aspectos significativos do falar nipo-brasileiro que Mase (1987) denomina *Koronia-Go*⁸, não lograram descrever o inventário lexical dessa variedade, tampouco fazer um mapeamento linguístico ou atlas linguístico dessa variedade que simboliza a identidade linguística dos nipo-brasileiros.

As hipóteses da presente pesquisa são:

A *variedade nipo-brasileira*, do ponto de vista semântico-lexical, que caracteriza o falar nipo-brasileiro do Distrito Federal, constitui uma prática que resulta da interação entre o homem, o meio e a linguagem?

A *variedade nipo-brasileira* é um falar que surge na história da imigração japonesa que, de certa forma, apresenta os traços linguísticos mantidos pelo grupo linguístico que dá continuidade à herança linguística recebida de seus antecessores?

A *variedade nipo-brasileira* retrata uma situação linguística de mudança em curso, então o léxico dos falantes desta variante pode evidenciar marcas do bilinguismo em virtude de influência dos dois sistemas de língua(gem); de um lado, a língua nativa e, de outro, a língua portuguesa?

A partir das hipóteses levantadas, esta tese tem por objetivo geral *elaborar um esboço de atlas da variedade nipo-brasileira do Distrito Federal do ponto de vista semântico-lexical*. Pauta-se pelo referencial teórico-metodológico da Sociolinguística, com enfoque no Bilinguismo e na Dialetoлогия/Geolinguística.

Tem por objetivos específicos:

- i. descrever o falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal quanto ao aspecto semântico-lexical;
- ii. fazer o tratamento quantitativo dos itens lexicais encontrados no falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal quanto ao aspecto semântico-lexical;
- iii. registrar os itens lexicais presentes no falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal em cartogramas semântico-lexicais, com vistas ao primeiro esboço de atlas linguístico do falar dos nipo-brasileiros;

⁸Designação criada por Mase (1987) para se referir à língua utilizada pela colônia japonesa.

- iv. elaborar um banco de dados do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal quanto ao aspecto semântico-lexical;
- v. apontar em que medida os itens lexicais constantes do falar nipo-brasileiro do Distrito Federal expressam o universo sócio-histórico da comunidade em questão;
- vi. contribuir para o resgate da memória linguística da modalidade oral do falar nipo-brasileiro, antes que “caia em desuso”;
- vii. fornecer subsídios para o ensino de língua japonesa para os falantes da *variedade nipo-brasileira* e outras línguas;
- viii. contribuir para a produção de um glossário da *variedade nipo-brasileira*;
- ix. contribuir para o entendimento da variedade em questão como instrumento social de comunicação que possui forma de uso diversificado, mas que contém uma unidade referencial do sistema linguístico;
- x. fornecer subsídios para a promoção de outras pesquisas na área de lingua(gem) ou de outras áreas de conhecimento.

Com vistas a atingir os objetivos propostos, esta tese está organizada em três tomos.

No primeiro tomo, apresentamos primeiramente a Introdução e expomos as considerações sobre o nosso objeto de estudo para referenciar a situação linguística, a justificativa, o problema, as hipóteses, o objetivo geral, os objetivos específicos e a estruturação do trabalho.

Em seguida, no segundo capítulo denominado *A presença japonesa no Brasil*, discorremos sobre a história da imigração japonesa no Brasil, destacando os motivos da imigração, as dificuldades encontradas, a situação política mundial e brasileira. No item *A presença japonesa no Planalto-Central*, relatamos o percurso da construção de Brasília e o movimento (i)migratório dos japoneses e seus descendentes para essa região enfatizando, principalmente, as regiões contempladas nesta pesquisa: Brasília (BSB), Brazlândia (BRAZ), Núcleo Bandeirante (NCB), Taguatinga (TAG) e Vargem Bonita (VGB), com as respectivas siglas⁹. Apresentamos, em linhas gerais, alguns dados históricos e geográficos da região estudada. Essas considerações fornecem a possibilidade de compreensão de alguns fenômenos linguísticos.

No terceiro capítulo – *Sociolinguística/Bilinguismo e Dialetoлогия/Geolinguística*, apresentamos e discutimos os pressupostos teóricos que fundamentam a nossa pesquisa. Na Sociolinguística, enfocamos o bilinguismo, com base em Ferguson (1974) e Fishman (1972),

⁹ Siglas das comunidades estudadas para esta pesquisa.

com relação ao conceito de diglossia, e Gumperz (1998) que discute a sociolinguística da interação. Ainda neste item, recorremos a Wereinch (1974); Grosjean (1982) e Thomason e Kaufman (1991) que estudam o fenômeno do contato de línguas e os mecanismos que derivam desse encontro: o empréstimo lexical e a mudança de código. No item *Dialetologia/Geolinguística*, apresentamos brevemente os primeiros estudos de cunho dialetológico e o percurso da Dialetologia no cenário acadêmico. A seguir, enfocamos os estudos dialetológicos do Japão, com destaque para o *hogen*¹⁰ (variedade regional), fenômeno encontrado na análise dos dados. Nesta última parte, recorremos a vários teóricos, dentre os quais: Amaral (1955), Coseriu (1979, 1982), Chambers e Trudgill (1984), Mase (1987). Cabe mencionar que referenciamos esses teóricos, porém não nos aprofundamos nos estudos de cunho dialetológico/geolinguístico.

No quarto capítulo – *Método e Procedimentos*, discorremos sobre os seguintes itens: (i) Pesquisa de campo; (ii) Questionário semântico-lexical visual (QSLV); (iii) Rede de pontos e sujeitos da pesquisa do Distrito Federal; (iv) Critérios para a seleção dos sujeitos; (v) Instrumentos de pesquisa; e (vi) Transcrição e elaboração do material. Para a pesquisa de campo, aplicamos o questionário semântico-lexical visual (QSLV) composto de 219 figuras de expressão retiradas do material suplementar de *Shin Nihongo no Kiso* e *Minna no Nihongo*¹¹. São materiais preparados para o ensino de língua japonesa para estrangeiros geralmente elaborados pelos pesquisadores dos institutos de pesquisa promovidos pela Fundação Japão¹² (*The Japanese – Language Institute, Urawa*; *The Japanese Language Institute, Kansai*)¹³. Escolhemos as figuras destes materiais, porque retratam as expressões cotidianas em situações de uso comunicativo. Para esta tese utilizamos os resultados da pesquisa de 25 figuras para a análise qualitativa e quantitativa. Quanto à rede de pontos, selecionamos três regiões com características rurais e duas regiões com características urbanas. Para a seleção dos sujeitos buscamos, na medida do possível, pessoas que, pelo menos, tivessem passado metade de suas vidas na região de pesquisa. Optamos pelo gênero feminino, 2ª geração (nissei) bilíngue e duas faixas etárias: I (51 a 65 anos) e II (66 em

¹⁰ Hogen: neste trabalho utilizamos o termo *hogen* em japonês que significa a variação diatópica.

¹¹ Shin Nihongo no Kiso, “Nova abordagem de ensino da língua japonesa”. Fundação Japão: Bondinsha, 1995. Minna no Nihongo, “Língua japonesa para todos”. Fundação Japão: Bondinsha, 2001.

¹² A Fundação Japão é um órgão vinculado ao Ministério de Relações Exteriores do Japão que objetiva divulgar a cultura japonesa e promover a interação com outros países, desenvolvendo o intercâmbio e irradiando a cultura japonesa através do ensino de língua japonesa. A Fundação Japão foi instituída em 1972.

¹³ The Japanese – Language Institute, Urawa, localiza-se em Saitama City, Saitama Prefecture, os cursos de curta e longa duração para professores (senior e junior) de língua japonesa do mundo realizam-se neste local. Além disso, promove instância de pesquisa para pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado. The Japanese – Language Institute, Kansai, localiza-se em Rinku-Port-Kita, Tajiri Prefecture, Sennan-Gun, Osaka, objetiva atender a grupos de estudantes de vários países que estudam a língua japonesa.

diante), no total de dez sujeitos de pesquisa. Privilegiamos os sujeitos que tivessem tido pouca escolaridade na língua japonesa e não consideramos a escolaridade em termos de língua portuguesa. Com relação aos instrumentos de pesquisa, além do questionário QSLV, foram aplicados outros instrumentos: a) o questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal (QSP-DF) para averiguar o perfil social e linguístico das nipo-brasileiras da pesquisa; e b) a ficha de sujeito da pesquisa do Distrito Federal (FSP-DF). Por fim, para a transcrição grafemática das entrevistas, fizemos uma adaptação considerando a natureza e especificidade da pesquisa.

No quinto capítulo – *Análise dos dados*, analisamos as respostas dos sujeitos sob as perspectivas qualitativa e quantitativa dos dados semântico-lexicais. Buscou-se, por meio da análise de cunho qualitativo tratar os itens lexicais levando em consideração os mecanismos que derivam do contato de línguas: o empréstimo lexical e a mudança de código. Na perspectiva quantitativa, os dados foram tratados por meio da apresentação da frequência e da distribuição dos itens lexicais em português e em japonês do *corpus*, mostrando, com isso, a variação de uso. Isso possibilitou a caracterização da descrição da *variedade nipo-brasileira*. Desse modo, os dados foram apresentados em tabelas e gráficos.

O Tomo II – *Esboço do Atlas do Falar Nipo-Brasileiro do Distrito Federal do ponto de vista semântico-lexical* – constitui a parte central da tese. É constituído de 41 cartogramas, correspondentes aos registros das respostas de 25 figuras-temas analisadas no capítulo “Análise dos dados”. Os cartogramas permitem a visualização dos itens lexicais que se realizam em termos de espaço geográfico e faixa etária.

Por fim, o Tomo III contém a Conclusão, em que retomamos o conteúdo dos capítulos da tese, bem como apresentamos uma síntese dos resultados da pesquisa; as Referências e a Bibliografia consultada.

Complementam a tese Apêndices e Anexos.

Os Apêndices, em CD-ROM apenso à tese, são: (i) *Apêndice A*: conjunto dos cartogramas do *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*; e (ii) *Apêndice B*: Banco de dados da pesquisa.

Os Anexos reúnem os materiais utilizados na pesquisa: (i) *Anexo A*: Questionário Semântico-Lexical Visual – QSLV; (ii) *Anexo B*: Questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal – QSP-DF; e (iii) *Anexo C*: Ficha do sujeito de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal – FSP-DF.

Por ser uma pesquisa que contempla a fala surgida no decorrer da história da (i)migração japonesa, passamos, então a discorrer, em linhas gerais, sobre os japoneses no

Brasil e, logo em seguida, retomamos a nossa discussão com enfoque no tempo-histórico e no espaço-geográfico das cinco comunidades do Distrito Federal em pauta.

2. OS JAPONESES NO BRASIL

2.1 A chegada dos japoneses ao Brasil

Para compreender a expansão imigratória japonesa no século XX é necessário destacar, em linhas gerais, a política além-mar adotada pelo governo japonês e a consequência dessa ação no aspecto econômico-social vivido pelos japoneses na época. Devemos analisar esse contexto junto com a situação política e econômica global que, na tentativa de superar a crise mundial, desencadeia o processo imigratório em vários países. A reorganização é iniciada no século XIX e se estende até o início do século XX.

A revolução Meiji, de 1868, direciona o Japão para uma política expansionista, incentivando o governo a abrir os portos para os países estrangeiros. Essa situação significa “olhar para o mundo”, para uma nova perspectiva de expansão política e econômica.

No entanto, essa abertura significa mudanças radicais na condução política e econômica do país que, com o passar dos anos, culmina com a adoção de uma política nacionalista, com o intuito de torná-lo um país “rico e militarmente forte”. A proposta era enfatizar o desenvolvimento tecnológico e a “produção industrial” (MORIWAKI e NAKATA, 2008. p. 22).

O País sofre uma grande mudança, se antes o sistema era predominantemente feudal (1603 a 1867), seria fundamental, então, despertá-lo para a modernidade e vesti-lo com o olhar do mundo ocidental. Espera-se uma transformação radical na vida cotidiana dos japoneses.

Em 1885, os primeiros imigrantes oficialmente registrados caminham para o Havaí, seguindo para o oeste dos Estados Unidos, na ocasião em que as ilhas havaianas foram incorporadas aos Estados Unidos. Ainda no século XIX, a expansão do movimento imigratório direciona-se para outros países como: Canadá, Manchúria, Continente Asiático, Coréia, Peru, Paraguai, Argentina e Brasil. No que se refere à saída dos japoneses em direção ao Brasil, em termos numéricos, representa o país que mais recebeu a imigração japonesa.

Segundo Cantarino e Miura (2010, p. 36), em 1880, o acordo bilateral foi assinado com a intenção de firmar um “tratado que atendesse aos interesses dos dois países”. Após décadas de negociação, o acordo foi assinado. Conforme os autores, “foi assinado o Tratado

de Amizade, Comércio e Navegação entre os dois países, com aprovação por parte dos órgãos brasileiros em novembro de 1896” (CANTARINO e MIURA, 2010, p. 36).

Os registros não oficiais dos primeiros japoneses que entraram no Brasil referem-se aos anos de 1803, 1867 e 1870. O primeiro registro ocorreu quando quatro pescadores japoneses chegaram ao porto de Santa Catarina, após terem sido resgatados no mar por um navio militar russo; o segundo, no Rio de Janeiro; e o terceiro, na Bahia (OGASAWARA, 2008, p. 17).

Não obstante, em termos de historiografia oficial, o processo imigratório no território brasileiro data do dia 18 de junho de 1908. Para os *nikkeis*, doravante denominados nipo-brasileiros¹⁴, trata-se de uma data comemorativa que marca a primeira imigração que pisou em solo brasileiro. O navio *Kassato Maru* ancora no porto de Santos, em São Paulo, com 781 pessoas a bordo, carregadas de sonho e esperança para construir a história dos japoneses no solo brasileiro. A chegada dos imigrantes atende tanto ao governo brasileiro – mão-de-obra para trabalhos em agricultura, como aos imigrantes japoneses – solução de curto prazo para a crise. Começa, assim, a saga japonesa na exploração agroindustrial no Brasil.

A imigração tardia dos asiáticos e dos africanos para o Brasil deve-se, em parte, à legislação brasileira que retardou a entrada desses imigrantes no decreto de 1890. À época, a legislação brasileira¹⁵, que regulamenta a entrada dos imigrantes, prefere a imigração européia à asiática e à africana. Oliveira (*apud* REIS e SALES, 1999, p. 283) ressalta que “[...] os asiáticos e africanos estavam fora dos planos de seleção de população imigrante para a composição sadia do país e não eram permitidas tais entradas. O assim chamado elemento amarelo não era desejável na nossa formação nacional”.

O movimento expansionista japonês significa, além da promoção do movimento imigratório, a própria política de expansão do império japonês aos países estrangeiros que pode ser justificada a partir das considerações de Takeuchi (2008, p. 19) “[...] a expansão que, de fato, ocorreu na Ásia do Estado imperial e militar nipônico, entre o final do século XIX e o final da Segunda Guerra Mundial”.

Se por um lado o governo brasileiro tem certa relutância em aceitar os imigrantes asiáticos, em contrapartida, o governo japonês, com sua política expansionista, pretende

¹⁴ Conforme Coelho (1988), o item lexical nipo-brasileiro remete àquele de ascendência [origem/linha] japonesa. Já no verbete nipo-brasileiro em Houaiss; Villar, 2009, lê-se: “relativo ou pertencente, ao mesmo tempo, ao Japão e à República Federativa do Brasil, ou a japoneses e brasileiros”.

¹⁵ ATOS LEGAIS DA REPÚBLICA: um dos primeiros atos legais da República que consiste na regulamentação do Serviço de Introdução e Localização de Imigrantes, no qual se lê o seguinte decreto: “Artigo primeiro - É inteiramente livre a entrada de Imigrantes, nos portos da *República*, dos indivíduos aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, excetuados os indígenas da Ásia ou da África...” (Decreto n/528, de 28/6/1890 – citado em Vainer, 1995:43).

garantir uma emigração sólida, incentivando, assim, os seus compatriotas a deixarem sua terra rumo às terras prometidas. Essa política adotada pelo governo japonês, devido à crise econômica, acelera a vinda dos japoneses para o Brasil. Para a maioria dos imigrantes, a vinda para o Brasil tem um “caráter emergencial”, ou seja, eles acreditam que se trata de uma medida paliativa em busca da riqueza para retornar à terra natal. As metas principais são sucesso em curto prazo e uma imigração temporária. Isso se reflete no comportamento do dia-a-dia dos imigrantes. Por tal razão, no início, não se interessam nem pela aquisição da língua, nem da cultura local. Em consonância com a idéia de retornar ao Japão, os imigrantes preparam seus filhos nos “moldes” japoneses, priorizando os estudos da língua japonesa, bem como a manutenção da cultura, dos costumes e dos hábitos japoneses.

Para a manutenção das tradições japonesas, criam-se várias escolas e associações nas comunidades. A fundação de escolas, segundo Moriwaki e Nakata (2008, p. 25) ocorre na metade dos anos 1920, no entanto, a história de vida dos imigrantes revela que, ao chegarem ao solo brasileiro, as primeiras construções são escolas em vários formatos.

O contexto histórico de colonização propicia a formação de núcleos rurais em várias regiões do território brasileiro. Esses núcleos rurais fechados e coesos são responsáveis pela manutenção da cultura, língua e tradição japonesa, justificando o motivo pelo qual, em todos os lugares em que a imigração se fez presente, criarem-se locais para dar continuidade à educação japonesa, mantendo assim, as tradições de origem. Formam-se núcleos comunitários, conhecidos como colônias japonesas, que se estruturam por meio de uma organização pautada pelo sentimento de grupos solidários. Assim, os valores japoneses, como o “espírito japonês”, são cultivados e repassados para as gerações posteriores. Essa intenção pode ser justificada, conforme ressalta Sato (1980, p. 8):

[...] os imigrantes japoneses que chegavam aqui desembarcavam em terras brasileiras tomados por espírito nacionalista, por um sentimento de amor à pátria e de superioridade do Japão. A intenção desses imigrantes, no caso de uma permanência prolongada no Brasil – o que não era a intenção primeira dessa população, pois a imensa maioria desejava melhorar de vida aqui e retornar ao Japão –, era a de estabelecer no Brasil uma colônia que fosse verdadeiramente uma extensão do Japão.

O espírito japonês representa para o governo brasileiro a entrada de mão-de-obra disciplinada, competente, responsável, conformada e organizada, qualidades essas que acabam conquistando os donos das fazendas, incentivando, então, a entrada dos imigrantes japoneses no território brasileiro.

No entanto, esse espírito apresenta também as faces doutrinárias que vão de encontro com a política vigente da época. Se antes a organização era um comportamento desejado, paulatinamente, o espírito nipônico começa a representar uma ameaça para o “espírito nacionalista brasileiro”. O traço cultural que representa um comportamento positivo torna-se um traço negativo e indesejado para a condução da política do Estado Novo (1938).

Diante disso, o governo brasileiro toma medida como de “vigilância à raça japonesa” que culmina em decisões intervencionistas e radicais por parte do governo brasileiro. Convém destacar que, à época, a política da era Vargas proíbe o uso da língua estrangeira no âmbito nacional, bem como quaisquer manifestações culturais das comunidades estrangeiras no território nacional. A meta consiste em dissolver os núcleos comunitários e organizações culturais dos imigrantes e promover, com o máximo de urgência, a assimilação total dos estrangeiros à cultura brasileira¹⁶.

A intervenção política dos anos de 30 pelo Estado Novo é marcada por projetos de caráter nacionalista, envolvendo de forma drástica os imigrantes de todas as etnias, com a imposição do uso da língua portuguesa em quaisquer situações. A faceta autoritária de Vargas influencia, em parte, o deslocamento das culturas, línguas e tradições de várias etnias.

No que se refere aos grupos japoneses, essa medida impositiva evidencia uma realidade dicotômica. De um lado, o idealismo dos imigrantes em manter sua tradição e, por outro a necessidade ímpar de usar a língua e absorver a cultura o mais rápido possível. A necessidade de abandonar a sua origem, torna-se uma tarefa difícil de ser cumprida pelos imigrantes japoneses daquela época, pois os laços étnicos ainda permanecem como referência. Assim exposto, os imigrantes que tinham como objetivo manter a língua-mãe bem como as tradições de origem, tiveram que redirecionar o “modo de viver”.

As medidas do governo tomadas incluem: fechamento de escolas de colônias no decreto de 1938; prisões de imigrantes; proibição de quaisquer impressões (incluindo a circulação da comunicação escrita no decreto datado em 1939), que leva à incineração das obras literárias em outras línguas; destruição de associações; e perseguição política para quaisquer manifestações da terra-mãe. Essas medidas discriminatórias provocam sentimentos que motivam o abandono referencial étnico dos imigrantes japoneses ou, contrariamente, acentuam e fortalecem esse referencial.

A política nacionalista adotada por Vargas vai ao encontro da tendência mundial marcada pela crise econômica de várias potências, configurando uma nova distribuição de

¹⁶ O Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, “proibiu também associações estrangeiras”.

poder no cenário internacional. A política brasileira de manutenção da unidade política combina com a tendência política internacional da época, que contempla os quesitos discriminatórios de cunho racista, ressaltando a imagem de “traços nacionais” em detrimento de “traços étnicos”.

O registro comprova que, desde o início da imigração japonesa para o Brasil e até o ano de 1941, entram no Brasil em torno de 190 mil imigrantes para suprir a necessidade de mão-de-obra para o cultivo do café. A Segunda Guerra interrompe a imigração japonesa para o Brasil. Somente após o término do restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, reinicia-se o novo ciclo para o processo migratório.

Os dados estatísticos comprovam que a imigração japonesa ocorreu com menos vigor no período de 1952 a 1963, ficando em torno de 54 mil imigrantes (SUZUKI, 1969). Nesse período, eles vêm, com menos intensidade, para a produção do café e se direcionam para outros setores, como: a cultura do bicho-da-seda, a produção de hortifrutigranjeiros, o cultivo da pimenta-do-reino, entre outros.

Contextualizada de forma breve a situação política da imigração japonesa, adotamos a divisão de Moriwaki e Nakata (2008) e, nos itens a seguir, reproduzimos as considerações de Suzuki (1969), com as quais concordamos:

- Pré-guerra de 1908 a 1941: os imigrantes japoneses tinham orgulho de pertencer a uma nação considerada um dos países mais poderosos do mundo (MORIWAKI e NAKATA, 2008, p. 21).
- Período de 1926 a 1941: o governo japonês subsidia as passagens para a entrada dos japoneses ao Brasil, antes, subsidiados pelo governo brasileiro. O período é marcado pela formação de pequenos núcleos comunitários dos imigrantes japoneses conhecidos como colônias (*shokumin-chi*), distantes das grandes fazendas e voltadas para a produção agrícola autônoma. Nesse período, os discursos políticos do governo japonês incentivam a necessidade de desenvolver a educação de acordo com as leis brasileiras, antes de cultivar o sentimento de lealdade ao império. Essa preocupação do governo japonês, segundo Moriwaki (2008), deve-se ao movimento antinipônico vigente nos Estados Unidos e o movimento do Estado Novo no Brasil.
- Pós-Guerra – de 1946 a 1976: contexto marcado pela interrupção de relações políticas Brasil-Japão devido ao advento da II Guerra Mundial, em que as grandes potências encontram-se em posições opostas: de um lado, Japão, Itália e Alemanha e, do outro, os Estados Unidos tendo o Brasil como aliado. Os imigrantes oriundos dos países que não se aliam aos Estados Unidos, como em qualquer situação de guerra, sofrem a consequência

da rivalidade travada no cenário político internacional. Não obstante, prevalece o complexo de superioridade para alguns imigrantes que estão convictos da supremacia da nação japonesa, criando o grupo dos *Shindô-Renmei* (Liga do Caminho dos Súditos). Dezem (2000, p. 17) define essa Liga como,

[...] o sentimento ensandecido e compulsivo de uma paixão patriótica sem limites. Assim, enquanto uma organização com fortes traços de uma comunidade étnica prescreveu um código de conduta para todos os súditos japoneses que se encontravam no Brasil, tendo por primazia a figura do Imperador.

Não se pode deixar de mencionar que esse sentimento imperialista criou um caos entre os imigrantes japoneses que não compartilhavam da mesma idéia, gerando conflitos internos, em que muitos imigrantes perdem sua vida em prol da liberdade de viver sem os preceitos do movimento imperialista. Os membros desse movimento acreditavam na supremacia do império japonês, ou seja, que o império jamais seria vencido. Diante desse cenário, o governo brasileiro toma medidas de intervenção e de vigilância sobre o “movimento imperialista” que se propagava nas comunidades japonesas. A reabertura da imigração no contexto brasileiro ocorre na década de cinquenta, quando os dois governos restabelecem os tratados de paz. Reiniciando o ciclo migratório em 1953, surge um novo perfil de imigrantes, ou seja, os imigrantes permanentes (*ijyuu-imin*). Esse período é marcado pelos seguintes fatores: a assimilação ao cenário brasileiro dos nipo-brasileiros; sua presença migratória em zonas urbanas e em zonas de ascensão; ascensão dos japoneses no cenário brasileiro (político e econômico); recuperação da imagem nipônica; e admiração do povo brasileiro pelos costumes, cultura, língua e tradições japoneses.

- Período de 1980 a 1995: esta fase é marcada pelos seguintes fatos: a) a assimilação ao solo brasileiro que culmina com o enfraquecimento da cultura, da língua e da tradição japonesas; e b) a política econômica do Brasil entra em situação de crise, em contrapartida, a ascensão da economia japonesa promove o ciclo inverso, isto é, os nipo-brasileiros começam a emigrar para o Japão. Esse fluxo acabou gerando o fenômeno *dekassegui*¹⁷ ou decasségui.

O levantamento da população nipo-brasileira, realizado na época da comemoração do centenário da imigração japonesa, indica a população de japoneses e seus descendentes no Brasil. Esses dados estão distribuídos geograficamente e demonstram a situação populacional

¹⁷ HOUAIS, A. **Dicionário de Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. O termo decasségui designa aquele que se fixa, mas apenas temporariamente, no Japão, para trabalhar frequentemente como mão-de-obra direta, 2009.

brasileira – nipo-brasileira, cujo registro, indica em termos absolutos e percentuais, conforme a tabela abaixo:

Em termos de projeção, inserimos a distribuição de nipo-brasileiros por estado conforme a tabela abaixo:

Tabela 2.1: População brasileira *versus* nipo-brasileira¹⁸

Estado	População Brasileira	População Nipo-brasileira	
		Absoluto	Percentual
	Ano 2000	Ano 2000	
São Paulo	37.035.456	693.495	1,9%
Nordeste ¹⁹	34.696.719	1.47.112	0,4%
Sudeste ²⁰	21.117.838	84.076	0,4%
Sul ²¹	15.545.705	35.862	0,2%
Rio de Janeiro	14.392.105	63.470	0,4%
Bahia	13.085.769	78.449	0,6%
Paraná	9.564.642	143.588	1,5%
Centro-Oeste ²²	9.560.589	66.119	0,7%
Norte	6.715.207	54.161	0,8%
Pará	6.195.965	39.353	0,6%
Mato Grosso do Sul	2.078.069	29.805	1,4%
Total	167.909.995	1.405.685	0,8%

Fonte: “Resistência & Integração: 100 anos de Imigração Japonesa no Brasil (IBGE, 2008).

Segundo a pesquisa feita pelo IBGE (2007), 90% vivem nas cidades e apenas 10% vivem nas zonas rurais e a concentração maior, com 80% da população nipo-brasileira, está no estado de São Paulo. Inferimos que, devido ao movimento decasségui, o número de evasão rural posterior ao ano de 1987 é bem acentuado. Essa situação pode ser justificada pela saída dos nipo-brasileiros da zona agrícola para o Japão.

¹⁸ *Made in Japan*. IBGE. Resistência e Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil (apud IBGE) Traça o Perfil dos Imigrantes, 2008.

¹⁹ Nordeste: incluem-se os estados de Maranhão; Piauí; Ceará; Rio Grande do Norte; Paraíba; Alagoas; e Sergipe.

²⁰ Sudeste: incluem-se os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

²¹ Sul: incluem-se os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

²² Centro-Oeste: incluem-se os estados de Goiás (considerando, inclusive o Distrito Federal) e Mato Grosso. Em 1980 foram realizados os desmembramentos dos Estados de Mato Grosso e de Goiás. Criaram-se, nesse desmembramento, dois novos estados: Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977 e Estado de Tocantins, em 1988. <<http://www.japao100.com.br/>>

Para esclarecimento da distribuição populacional dos nipo-brasileiros na cidade de São Paulo utilizamos a tabela de Moriwaki e Nakata (2008). Trata-se de uma pesquisa do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo e os dados correspondem aos anos entre 1958 a 1987.

Tabela 2.2: Distribuição da população nipo-brasileira em áreas urbanas e não urbanas

Área	1958	1980	1987
Urbana	44,9%	67,59%	89,89%
Não urbana	55,1%	32,41%	10,11%

Fonte: Moriwaki; Nakata (2008, p. 122).

A partir dessa década evidencia-se a inversão de fluxo do processo emigratório, ou seja, o retorno desses imigrantes e suas gerações à terra de origem. O motivo pelo qual os nipo-brasileiros emigram para o Japão é o mesmo dos antigos imigrantes – a busca de novos horizontes e de recursos financeiros.

O dado estimativo citado por Cantarino e Miura (2010, p. 66) sobre a atual situação dos japoneses no Brasil, data-se do ano de 2008 e os números atingem em torno de 1.500.000 nipo-brasileiros em solo brasileiro. Segundo os autores, “É o maior grupo de japoneses e seus descendentes fora do Japão”. Incluímos os dados referidos por Cantarino e Miura (2010, p. 66), que estão distribuídos em termos de geração (imigrantes): Isseis (primeira geração, nascidos no Japão: 12,51%); nisseis (filhos dos japoneses: 30,85%); sanseis (netos dos japoneses: 41,33%); e yonseis (bisnetos de japoneses: 12,9%).

Coube à história testemunhar as dificuldades com que a comunidade se depara nas tentativas de adaptação à nova terra, um longo período de problemas decorrentes do ajuste ao local transplantado, lidando com paradoxos como a acomodação *versus* o conflito e a adaptação *versus* a rejeição; enfim, situações ímpares para encarar a nova realidade. Lentamente, a comunidade foi se integrando e assimilando novos costumes, hábitos, valores culturais e língua local, comprovando sua integração e evidenciando sua presença no cenário brasileiro.

Se antes a língua japonesa era o meio de comunicação entre os nipo-brasileiros, a mudança destes para o centro urbano favorece o deslocamento linguístico. A língua portuguesa, paulatinamente, começa a entrar nos domínios pertencentes anteriormente à língua japonesa. Esse processo contribuiu para a substituição da língua, ou seja, mesmo na

comunidade ou em domínio que utiliza a língua japonesa ou a *variedade nipo-brasileira*, a língua portuguesa começa a fazer parte da comunicação cotidiana dos imigrantes e seus descendentes.

Essas considerações preliminares servirão de base para a apresentação da região que foi contemplada neste estudo.

2.2 A presença dos japoneses no Planalto Central

2.2.1 O Distrito Federal – dados geográficos, históricos, econômicos e sociais

Conforme dados do sítio oficial do Distrito Federal²³ essa região localiza-se no Centro-Oeste, especificamente no estado de Goiás, abrange uma área de 5.779,999 quilômetros quadrados e tem uma população de 2,6 milhões de habitantes, aproximadamente.

O Distrito Federal e o entorno, segundo o sítio oficial, abrangem uma vasta área conhecida como cerrado, apresentando uma vegetação característica da própria região. As estações são bem definidas – verão úmido e chuvoso e inverno seco e frio. O solo é arenoso com poucos componentes nutritivos, portanto com baixa fertilidade natural, mas rico em ferro e alumínio, o que caracteriza sua acidez.

A história que envolve o Lago de Brasília é versada por Silva (1985) e, segundo seu relato, iniciou-se, no ano de 1893 quando o membro da Comissão coordenada por Cruls envia o relatório parcial sobre os estudos realizados no Planalto Central para o engenheiro Luiz Cruls. Recortamos o fragmento do documento transcrito na obra do autor citado. “Enfim, de jornada em jornada, estudando tudo, cheguei a um vastíssimo vale banhado pelos rios Torto, Gama, Vicente Pires, Riacho Fundo, Bananal e outros; impressionou-me muitíssimo a calma severa e majestosa desse vale”. (SILVA, 1985, p. 303-304). E ainda continuando o relato,

[...] nesse centro do Planalto, juntam-se mais os recursos e as vantagens que lhe proporcionarão ainda abundantes águas piscosas. Entre dois grandes chapadões conhecidos na localidade pelos nomes de Gama e Paranoá, existe imensa planície em parte sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa; outrora era um lago devido à junção de diferentes cursos de água, formando o rio Paranoá [...].

²³ DISTRITO FEDERAL: <<http://www.districtofederal.gov.br/>>.

Essas considerações despertam o interesse para que a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil definisse o local da Capital do Brasil. No projeto de urbanização datado de 1955 é incluída a formação de um lago em torno da cidade. Transcrevemos as considerações de Silva (1985, p. 308) sobre a formação desse lago.

O lago de Brasília, decorrência da barragem construída no rio Paranoá para o aproveitamento hidroelétrico, envolve a cidade, forma um compasso curvo de mais de 40 quilômetros, de ponta a ponta, e abraça Brasília, [...]. A massa líquida comporta cerca de 600 milhões de metros cúbicos e atinge, em certos pontos, cerca de cinco quilômetros de largura e 35 metros de profundidade.

Assim exposto, o lago Paranoá que, além de sua beleza ornamentar a capital do País, comporta, ainda, todo o abastecimento de água da região.

A intenção de construir a capital do País surge nos idos de 1823, quando José Bonifácio de Andrade e Silva propõe a criação de uma nova capital longe dos mares por questões de segurança. O Planalto Central é indicado como o local ideal e, assim como a sugestão do nome Brasília, é acatada pelo Presidente Juscelino.

Dom Bosco sonha exatamente com o local em que deveria ser construída a nova cidade. Isso faz com que a cidade possua também a história mística de um padre italiano que, em sonho, ouve uma voz “[...] quando se vierem escavar as minas escondidas no meio destas montanhas, aparecerá neste sítio a terra prometida, donde fluirá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível [...]” (SILVA, 1985, p. 41-43).

A exploração do Planalto Central ocorre, em 1892, quando a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada pelo astrônomo Luiz Cruls e seus integrantes, é chamada para fazer um levantamento sobre a topografia, o clima, a geologia, a flora, a fauna e também sobre os recursos materiais da região. A área estudada é designada como Quadrilátero Cruls e foi apresentada ao Governo Republicano, em 1894.

Conforme os registros, durante mais de sessenta anos, o governo arquivou o projeto, sob a coordenação de Aguinaldo Caiado Castro, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, sendo resgatado pelo Presidente Getúlio Vargas em 1953. Nessa gestão, cria-se a Comissão de Localização da Nova Capital Federal e a equipe, com o auxílio da empresa de Donald J. Belcher, efetua uma pesquisa “aerofotogramétrica” da região, que é concluída em 1955, após a morte do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida em 1954.

O resultado dessa pesquisa pontua cinco sítios na região do Distrito Federal. Após análise, a Comissão de José Pessoa, da gestão do Presidente Café Filho, define a área e a delimita em 5.779,999 quilômetros quadrados.

A construção da nova capital inicia-se em abril de 1956, sob o comando do Presidente Juscelino Kubitschek, com a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) e amparada pelo Projeto de lei nº 2.874 de 1956.

Para atender à construção de Brasília, cria-se a Cidade Livre, que deveria funcionar por quatro anos, ou seja, durante o período de construção da nova Capital. Vasconcelos (1988, p. 101) relata que essa região surge para suprir várias atividades como “centro polarizador de toda comunidade trabalhadora nas obras de construção da nova capital brasileira”. Embora o local seja nomeado de Núcleo Bandeirante, para muitos moradores antigos, a cidade continua sendo Cidade Livre. Conforme depoimento de uma nipo-brasileira da pesquisa de Núcleo Bandeirante “eu, ainda falo que é Cidade Livre”²⁴. Paralelamente, nessa época, o Catetinho é construído e torna-se a primeira residência do Presidente da República. O Presidente Juscelino ao realizar visitas e inspeção às obras comentou:

[...] a fundação de Brasília é um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior, em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer, no coração do nosso País, um poderoso centro de irradiação de vida e de progresso. (*apud* VASCONCELOS, 1988, p. 109).

Para compor a capital do País, efetiva-se o projeto de Lúcio Costa que possibilita a criação de cidades-satélites em torno de Brasília que, posteriormente, se tornam Regiões Administrativas (RA). Os dados do sítio oficial²⁵ sobre o Dossiê Regiões Administrativas registram que a Lei nº 49, de 25 de outubro de 1989, dividiu o território do Distrito Federal em 12 Regiões Administrativas (RA), a saber: Brasília (Plano Piloto) – RA I; Gama – RA II; Taguatinga – RA III; Brazlândia – RA IV; Sobradinho – RA V; Planaltina – RA VI; Paranoá – RA VII; Núcleo Bandeirante – RA VIII; Ceilândia – RA XIX; Guará – RA X; Cruzeiro – RA XI; Samambaia – RA XII e, sucessivamente, foram nomeadas outras Regiões Administrativas. E o uso da expressão cidade “satélite” foi proibido pelo Decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 2001 para designar as cidades situadas no Distrito Federal.

²⁴ Depoimento anotado pela pesquisadora na entrevista realizada para aplicação dos questionários da pesquisa.

²⁵ GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais – Projeto Memória – volume 11ª Edição – Junho/2003. RA atualizadas em Portal do Distrito Federal – Regiões Administrativas – 2011. <<http://www.sedhab.df.gov.br/>>

O quadro abaixo mostra as RA contempladas no decorrer dos anos e atualmente contamos com 31 unidades administrativas²⁶.

Região Administrativa	Nome
RA I	Brasília
RA II	Gama
RA III	Taguatinga
RA IV	Brazlândia
RA V	Sobradinho
RA VI	Planaltina
RA VII	Paranoá
RA VIII	Núcleo Bandeirante
RA IX	Ceilândia
RA X	Guará
RA XI	Cruzeiro
RA XII	Samambaia
RA XIII	Santa Maria
RA XIV	São Sebastião
RA XV	Recanto das Emas
RA XVI	Lago Sul
RA XVII	Riacho Fundo
RA XVIII	Lago Norte
RA XIX	Candangolândia
RA XX	Águas Claras

²⁶ Dados atualizados em abril de 2013.

RA XXI	Riacho Fundo II
RA XXII	Sudoeste/Octogonal
RA XXIII	Varjão
RA XXIV	Park Way
RA XXV	Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
RA XXVI	Sobradinho II
RA XXVII	Jardim Botânico
RA XXVIII	Itapoá
RA XXIX	SAI
RA XXX	Vicente Pires
RAXXXI	Fercal

Quadro 2.1: Regiões Administrativas do Distrito Federal

Para fomentar a produção agrícola regional, desenvolve-se o projeto Cinturão Verde do Distrito Federal que tem como propósito inicial suprir a necessidade local, com vistas à conquista de autonomia e independência da produção agrícola. O projeto cresce, criando pequenas áreas em torno de 18 mil propriedades ao redor da cidade. Assim, aliado ao progresso da nova capital, ocorre a independência nos setores da horticultura e da avicultura.

A festa de cinquenta anos de presença dos nipo-brasileiros na capital Federal resulta da vontade de dois povos que se unem em prol de um objetivo comum. Nesses termos, comemora-se a integração dos nipo-brasileiros ao solo brasiliense que contribui para o desenvolvimento da região, em vários segmentos profissionais, incluindo o plantio que gera uma economia representativa para a região Centro-Oeste.

2.2.2 O Distrito Federal: a comunidade nipo-brasileira

Ao falarmos do movimento (i)migratório do Distrito Federal, é preciso contextualizar as comunidades em questão, ainda que parcialmente. Na realidade, trata-se da apresentação

de alguns dados geográficos e também da identidade histórica dessas comunidades que completam mais de cinco décadas na região.

A vinda dos japoneses para o Distrito Federal varia de acordo com o interesse, motivação, necessidade entre outras razões, mas, para aqueles que persistem nessa tarefa, o objetivo é único, fincar raízes no solo do Planalto Central.

O principal motivo que levou Israel Pinheiro, o então presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), a convidar japoneses e seus descendentes da Colônia Agrícola de Cotia, em São Paulo, é compor o grupo para a formação do Cinturão Verde, em Brasília. Os (i)migrantes e seus descendentes aceitam a proposta de Israel, saem de sua região e começam a vida na nova capital. O registro de Cantarino e Miura aponta que aproximadamente 30 pessoas chegaram para conhecer a nova construção e contam uma das versões para a “escolha” dos japoneses para o plantio.

Um jornalista que acompanhou os japoneses nas suas andanças pelo cerrado ficou preocupado com as características do solo. Antes de regressar ao Rio de Janeiro, o jornalista comentou com Israel Pinheiro sobre as péssimas condições do solo para o plantio, e teve como resposta: “Olhe, moço, se a terra fosse boa, eu não teria tido o trabalho de ir buscar esses japoneses [...]”(CANTARINO e MIURA, 2010, p. 17)

Outras versões indicam também que os agricultores japoneses seriam a solução para arar a terra com péssima condição de plantio. Começa, dessa forma, a saga dos japoneses em dois polos: Riacho Fundo e Vargem Bonita. Logo após, foram construídos outros núcleos agrícolas, como: Núcleo Rural Rio Preto, Vicente Pires, Recanto das Emas e Brazlândia. O registro de Cantarino e Miura (2010, p. 119) indica que “60 famílias japonesas que no ano de 1958 já estava em amplo trabalho no campo”.

O primeiro registro sobre a vinda de japoneses para a nova capital data do dia 01 de agosto de 1957 e foi publicado no Diário Carioca, segundo a fonte de Veltman, Torreão e Sugimoto (2008, p.106). Esses autores transcreveram a nota jornalística que se refere às primeiras famílias japonesas no Cinturão Verde, cujo relato reproduzimos abaixo:

Já se instalou em Brasília o primeiro grupo de famílias que cuidarão do cinturão-verde da futura Capital do País. Essas famílias foram localizadas pelo Instituto Nacional de Imigração e já iniciaram o preparo da terra e das sementeiras.

A primeira cooperativa agrícola de Brasília inicia-se no Riacho Fundo e, posteriormente, é transferida para Vargem Bonita. Segundo Cantarino e Miura (2010, p. 120-

121), a Cooperativa Agrícola Mista de Brasília foi fundada em maio de 1958, tendo como membros nipo-brasileiros e brasileiros, e sobreviveu mais cinco anos, até seu fechamento. A atividade que outrora era voltada para o plantio de hortaliças, atualmente, voltou-se para a produção, pelos nipo-brasileiros, de frutas, legumes, flores, entre outros. A produção agrícola tomou seu rumo e, além de abastecer a cidade, expandiu a comercialização para outras localidades. Hoje, essas fontes de produção estão concentradas, principalmente, na região de Vargem Bonita, Riacho Fundo, Brazlândia, Rio Preto, Núcleo Bandeirante e Taguatinga.

Para os primeiros agricultores japoneses, arar a terra em solo árido não foi um trabalho fácil, conforme menciona Cantarino e Miura (2010, p. 120), nesse trecho do relato:

O início do trabalho no campo foi árduo e nem tudo se transformou em flores. Depois da longa viagem de São Paulo para Brasília, os japoneses e seus descendentes ficaram nas terras concedidas para o plantio, alguns acampados, enquanto construíam suas casas de madeira; paralelamente, cuidavam das plantações, apoiados nos cabos das enxadas e, na falta de um sistema de irrigação, usavam regadores para aguar as plantas, sem esquecer o trato do solo ácido.

Araki (2008, p. 134) ao comentar sobre a vinda dos (i)migrantes para a nova capital diz, “como que trazidos ao sabor do vento” e continua “[...] o motivo é que foram atraídos por estar sendo construída subitamente uma grande cidade no meio de uma extensa planície”.

A prática do cultivo não é o único motivo da (i)migração para a capital. Os japoneses e seus descendentes dedicam-se a outras áreas, como: comércio, hotelaria, prestação de serviços, atividades liberais, entre outras. Mendes (*apud* VELTMAN; TORREÃO e SUGIMOTO, 2008, p. 106) relata que os migrantes japoneses vieram também em busca de outros trabalhos e não somente da agricultura. O referido autor descreve: “O Sr. Kioto Kahi, que veio ao Planalto Central a conselho do irmão, no dia 22 de maio de 1957, apaixonou-se pelo céu limpo e bonito e pelo clima [...] Era um dos primeiros nipônicos que vinham a Brasília não para cuidar de hortaliças”.

A migração japonesa para Planalto Central intensifica-se na década de 60 quando os nipo-brasileiros de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, entre outros, aparecem à procura de novas perspectivas de vida.

Segundo o levantamento de 1997, realizado pela Embaixada do Japão no Brasil, há mais de 7.000 japoneses e seus descendentes no Distrito Federal. Estima-se que atualmente haja cerca de 10.000 (KUYAMA, 2000, p. 11) e, em termos percentuais, a presença japonesa no Distrito Federal representa 0,4% da população. Apesar do número reduzido, a história dos japoneses no Distrito Federal contribui para o desenvolvimento da cidade.

2.2.2.1 A rede de pontos da pesquisa

Em Geolinguística, o ponto designa a localidade investigada na pesquisa. Em nosso trabalho, há, na verdade, uma rede de pontos, isto é, cinco localidades enfocadas. Para que se possa entender nosso objeto de estudo, apresentamos, em termos gerais, essas regiões. Para esta pesquisa, contemplamos as localidades representativas da comunidade em estudo, considerando os seguintes aspectos: áreas rurais e/ou urbanos, históricos, econômicos e, por fim, locais em que a comunidade nipo-brasileira contribui para o desenvolvimento do Distrito Federal.

Por esse motivo, privilegiamos as seguintes localidades, doravante denominadas apenas pontos:

- Brasília: característica urbana; os nipo-brasileiros atuam em múltiplas profissões;
- Brazlândia: característica dupla (rural e urbana); os nipo-brasileiros atuam na produção agrícola (zona rural);
- Núcleo Bandeirante: característica urbana; possui pequenas chácaras ao redor do Riacho Fundo; os nipo-brasileiros atuam em múltiplas profissões e na produção agrícola (chácaras);
- Taguatinga: característica dupla (urbana e rural); os nipo-brasileiros atuam em múltiplas profissões, entre outras atividades, no comércio, nas escolas, nas instituições federais e distritais e, na área rural, contribuem para a produção agrícola;
- Vargem Bonita: denominada como Núcleo Hortícola Suburbano de Vargem Bonita, área que apresenta característica de zona rural; os nipo-brasileiros atuam na produção agrícola.

A tabela demonstrativa a seguir mostra os dados da extensão territorial e a demografia dos pontos da pesquisa. Os dados populacionais das RA (Brasília; Brazlândia; Núcleo Bandeirante; e Taguatinga) encontramos no sítio do IBGE – Censo demográfico²⁷.

²⁷FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Contagem da População – Centro Demográfico – 2010.<[www.http://ibge.gov.br](http://ibge.gov.br)>.

Tabela 2.3: Pontos da pesquisa – Distrito Federal (valores aproximados)²⁸

Ponto	Área territorial	População
Brasília (Plano Piloto)	472,12 Km ²	209.855
Brazlândia	474,83 Km ² ²⁹	57.542mil
Núcleo Bandeirante	80,43 Km ² ³⁰	43.765 mil
Taguatinga	121,55 Km ²	361.063 mil
Park Way	64.20 Km ² ³¹	21.162 mil ³²
Vargem Bonita	305 hectares	1.869 mil
Distrito Federal	5.779.999 Km ² ³³	2.570.160 mil

Contudo, ainda não existe um estudo estatístico demográfico da população de nipo-brasileiros de cada comunidade. No entanto, recorreremos à tabela da população geral dos nipo-brasileiros de Brasília de Akimoto (2010), que apresentou esses dados no Congresso Internacional de Estudos Japoneses, realizado na Universidade de Brasília (2010), em Brasília.

Tabela 2.4: População geral dos nipo-brasileiros do Distrito Federal

Números de Famílias	Aproximadamente 2.200
População de Nipo-Brasileiros	Aproximadamente 11.000
População Rural	Aproximadamente 40% a 45%
População Urbana	Aproximadamente 55% a 60%

2.2.2.1.1 Brasília

O projeto da construção da nova capital³⁴ teve como maquete uma aeronave, projetado por Lúcio Costa que desenhou o Plano Piloto. Este tem duas asas, correspondentes

²⁸ REVISTA MÓDULO NÚMERO 8, 1957. <http://editais.st.df.br/pdftu/tecnico/relatorio_tecnico_7pdf>

²⁹ REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRAZLÂNDIA (RA-IV). <www.brazlandia.df.gov>.

³⁰ PORTAL DO DISTRITO FEDERAL. <http://antigo.riachofundo.df.gov.br/045/04503020.asp?slCD_ORIGEM=26684>

³¹ REGIÃO ADMINISTRATIVA DE PARK WAY (RA-XXIV). <www.codeplan.df.gov.br/areas-tematicas/.../109-xxiv-park-way.html>. (dados de 2005, portanto sujeitos a alterações). Os dados desta Região Administrativa são as fontes retiradas do sitio oficial do Park Way e Vargem Bonita.

³² Os dados da Região Administrativa são fontes do sitio oficial do Park Way e Vargem Bonita. <www.parkway.df.gov>; e <www.vargembonita.df.gov>.

³³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/principal.shtm>>

³⁴ GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais.

à Asa Sul e à Asa Norte e, na fuselagem do avião, encontra-se o Eixo Monumental Leste com os principais edifícios do Governo Federal, enfileirados em ambas as partes. No centro da fuselagem, encontram-se a Rodoviária, o teatro, os museus, a torre de TV, entre outros edifícios e, do lado oeste, ficam os prédios do Governo do Distrito Federal. A construção arquitetônica de Oscar Niemeyer é mundialmente conhecida como Patrimônio Mundial. O Plano Piloto inclui, nos seus arredores, as cidades-satélites, cada qual com uma distância em torno de 20 a 30 km do centro.

Para Imai (2008, p. 75-76) o Plano Piloto desenhado por Lúcio Costa vai além de uma simples estrutura de uma aeronave, remetendo-o ao movimento de um pássaro mitológico do antigo Egito, Íbis, em pleno voo.

A cerca de 4000 anos atrás o Faraó Akhenaton da dinastia egípcia construiu uma cidade chamada Aton. A cidade tinha o formato de Íbis, o pássaro mitológico protetor de pirâmides. A cidade de Aton floresceu como o centro religioso do mundo [...] da mesma forma Juscelino Kubitschek construiu Brasília para ter o papel de um centro político para os países do mundo.

A figura abaixo ilustra a maquete de avião desenhada por Lúcio Costa.

Figura: 2.1: Maquete do Plano Piloto de Brasília³⁵

A área total de Brasília é composta de Asa Norte; Asa Sul; Setor Militar Urbano; Setor de Garagens e Oficinas; Setor de Indústrias Gráficas; Área de Camping; Eixo Monumental; Esplanada dos Ministérios; Setor de Embaixadas Sul e Norte; Vila Planalto; Granja do Torto; Vila Telebrasil; Setor de áreas isoladas Norte. Os dados de demarcação da RA-I, ainda, não

³⁵ REVISTA MÓDULO NÚMERO 8, 1957. <http://editais.st.df.br/pdf/tecnico/relatorio_tecnico_7pdf>

estão atualizados no sítio oficial. Encontramos os dados de 2001 do “Relatório Técnico 7 – Cenários territoriais e demográficos para o Distrito Federal e entorno – Revisão para 2010 e 2020” que indica a área poligonal de Brasília: 472,12 Km². Essa região representa 8,17% da área total do Distrito Federal. Conforme já relatado durante a apresentação do ponto de pesquisa, a região administrativa inicia-se na cidade de Brasília, nomeando-a como (RA-I).

A cidade foi tombada pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade no dia 7 de dezembro de 1987.

As razões que direcionam os nipo-brasileiros para o Plano Piloto são diversas. No entanto, podemos inferir que atuam nos seguintes setores: comércio, funcionalismo público, profissões liberais, entre outras atividades profissionais. A própria dinâmica do movimento migratório interna colabora para delinear o perfil profissional dos nipo-brasileiros de Brasília hoje. Os nipo-brasileiros das áreas rurais começam a migrar para o Plano Piloto em busca de outras oportunidades. Ser um funcionário público é uma meta para muitos brasileiros, incluindo esses nipo-brasileiros que cobiçam as vagas nas instituições públicas.

Após uma década de jornada dos (i)migrantes japoneses na cidade de Brasília, inaugura-se o Clube Nipo de Brasília – Cultural e Criativo Nipo-brasileiro de Brasília, em 20 de maio de 1969. O objetivo deste clube, na época, era “constituir uma entidade com o objetivo de desenvolver a educação física e o aperfeiçoamento moral, intelectual, cívico e espiritual dos seus sócios, notadamente dos jovens”, segundo o relato dos organizadores do artigo “Clube Nipo-Brasileiro” (In: CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 2008, p. 195)³⁶. Atualmente, o clube Nipo promove várias atividades, dentre elas: esportivas, culturais, sociais e festivas. Destacamos os Grupos de *Taiko* (tambor – estilo japonês); *Undookai* (gincana (d)esportiva)³⁷; Grupo de *Re-up street dance*; e a Festa Junina do Clube Nipo, cujo evento é uma das atrações mais esperadas pela comunidade brasileira do Distrito Federal, pois, a maioria das barracas gastronômicas oferece culinária japonesa, apreciada pelos brasileiros do Distrito Federal.

Assim, as visões dos precursores José Bonifácio e Dom Bosco são concretizadas por intermédio de um estadista que não mediu esforços para sua ousadia e sua coragem, transformando o solo do Planalto Central em uma das cidades de referência nacional e internacional, proporcionando à sua população, constituída de migrantes e imigrantes, um local de oportunidades múltiplas. Essa peculiaridade de acolher pessoas vindas de todos os

³⁶ Os autores do artigo não estão explicitados, por isso recorremos ao título do livro.

³⁷ COELHO, J. N. C. **Dicionário de Japonês** – Português. Portugal: Porto editora, 1998.

cantos fez de Brasília um local de miscigenação cultural, linguística e étnica que dá o tom à capital do País.

2.2.2.1.2 Brazlândia

A história do povoamento de Brazlândia³⁸ começa no século XX com a chegada de quatro famílias procedentes de Goiás e de Minas Gerais que, com a experiência na produção agrícola e pecuária, fomentam o desenvolvimento local. O decreto de 15 de abril de 1932, assinado pelo prefeito do município de Luzia (hoje, Luziânia) criou o Distrito de Brazlândia em homenagem à família mais numerosa da região, cujo nome, refere-se, literalmente, ao migrante de Minas Gerais.

A região administrativa de Brazlândia (RA-IV) situa-se a 59 quilômetros do Plano Piloto, uma das cidades mais distantes da capital e também mais antiga do que as outras da RA. As informações do sítio oficial indicam que esta região ocupa uma superfície de 474,83 Km², que representa 8,32% da área total do Distrito Federal. No que se refere à população, possui atualmente 57.542³⁹ mil habitantes na área urbana e cerca de 30 mil residem na área rural.

O projeto Novacap do presidente Juscelino Kubitschek muda o desenvolvimento natural da cidade. Em 1958, são desapropriadas diversas propriedades da região para a construção do represamento do Rio Descoberto e a Formação de Lago Descoberto, com vistas ao abastecimento de água potável para toda a região do Distrito Federal.

No ano de 1960, Brazlândia torna-se uma das cidades-satélites do Distrito Federal, antes pertencente ao território de Goiás (VASCONCELOS, 1988).

As fontes administrativas da região apontam que, na época da inauguração de Brasília, havia menos de mil moradores; no entanto, nos anos seguintes, a cidade presencia um crescimento acelerado, quando centenas de agricultores (i)migrantes japoneses e outros, procedentes de outras partes do País, fixam residência no Núcleo Rural Alexandre de Gusmão, em Brazlândia. Em 1960, esse Núcleo conta com 172 propriedades que se dedicam à produção agrícola.

³⁸ REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRASLÂNDIA (RA-IV). Governo do Distrito Federal – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais.< www.brazlandia.df.gov.br/>.

³⁹ FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Contagem da População – Centro Demográfico – 2010.<[www.http://ibge.gov.br](http://ibge.gov.br)>.

No início dos anos 70, os imigrantes japoneses da região constroem uma Associação Rural e Cultural do INCRA, posteriormente, denominada de ARCAG (Associação Rural e Cultural Alexandre de Gusmão). Segundo relato de Yamagata (2008, p. 157-161), atual presidente da ARCAG:

[...] o ponto central de atividades desta associação começou no núcleo 6 do INCRA constituído por, aproximadamente, 34 hectares de terra [...] E, graças a insistentes trabalhos de negociação dos líderes japoneses assentados nesta região, recebeu de comodato essa localidade, passando a utilizar esta construção como sede de Associação [...]

Com a intenção de atender ao governo, o INCRA torna-se ARCAG e, em 1978, outras etnias também começam a fazer parte dessa Associação. Delegou-se a sua administração para vários presidentes não descendentes de japoneses, bem como a ampliação de números de associados não descendentes. A ARCAG continua promovendo, entre outros, as atividades culturais e tradicionais do Japão, incluindo o ensino de língua japonesa. Dentre as atividades culturais, destacamos o Festival de *Tanabata* (festa das estrelas – comemorada em 7 de julho); *Bom-odori* (dança folclórica japonesa); *Undookai* (a gincana (d)esportiva) e grupo de *Taiko* (tambor – estilo japonês)⁴⁰.

A história conduz o ritmo e o passo de uma comunidade, conforme sua identidade cultural e linguística. Compartilham, portanto, a mesma filosofia de vida, talvez isto seja a linha divisória natural que se cria entre os grupos étnicos, visto que os membros não descendentes deixam de ser associados e, segundo Yamagata (2008), a associação voltou à situação original, sendo mantida pelos descendentes.

Em meados da década de 80, quando foi criada a Vila São José, a população de Brazlândia era de 25 mil habitantes, atualmente são de 84 mil (urbanos e rurais). Hoje são 30 mil moradores, aproximadamente, mantendo a tradição agrícola, incluindo, em especial, a cultura de morango. O plantio do morango originado na década de 70 pelos (i)migrantes japoneses dá início a uma produção eficiente e eficaz merecedora da famosa Festa do Morango, promovida anualmente pela ARCAG desde 2001.

Segundo os dados do governo, Brazlândia, constituída de 50 mil hectares, é a sétima maior produtora do País e a primeira da Região Centro-Oeste. Atualmente, Brazlândia é considerada uma potência agrícola do Distrito Federal. Além dessa tradição, a localidade soube manter e valorizar também a sua bionatureza, muito cobiçada pelos turistas que exploram suas belezas naturais.

⁴⁰ COELHO, J. N. C. **Dicionário de Japonês** – Português. Portugal: Porto editora, 1998.

2.2.2.1.3 Núcleo Bandeirante

A Região Administrativa Núcleo Bandeirante (RA-VIII)⁴¹ situa-se a 12 quilômetros do Plano Piloto e ocupa uma área de 80,43 Km², com uma população de 43.765 mil habitantes.

Essa região ocupa uma parte da antiga fazenda Vicente Pires. Segundo Vasconcelos (1988, p. 113), a cidade está “à beira do córrego de mesmo nome Vicente Pires, tendo, também, em suas fronteiras, o Riacho Fundo”. Continua Vasconcelos (1988, p. 115), “Dos quase 2 mil alqueires da fazenda Vicente Pires, a então Cidade Livre ocupou, no final dos anos 50, a partir de dezembro de 1956, cerca de apenas 3 Km², o que é ainda a base territorial do atual Núcleo Bandeirante”.

Consoante dados históricos da Região Administrativa de Núcleo Bandeirante, o assentamento foi no ano de 1956, porém, a cidade denominada naquela época de Cidade Livre só foi inaugurada em 20 de dezembro de 1961. Essa região foi estabelecida antes da inauguração de Brasília para oferecer a base para a construção da Capital do país, bem como para promover o desenvolvimento da infraestrutura. Portanto, a cidade foi projetada para fins tais como atendimento hospitalar, entretenimento, culto religioso e, principalmente, atividade comercial.

Tal fato contribuiu para o loteamento dos terrenos para uso exclusivamente comercial. Os lotes foram cedidos em sistema de comodato, ou seja, a escritura não é definitiva e devolvida à Novacap no final da construção de Brasília.

Para incentivar a vinda de comerciantes para a região, o governo promoveu a isenção de quaisquer impostos, motivo pelo qual a cidade é chamada de Cidade Livre. Isso explica a expansão populacional desenfreada que fomentou, em parte, o desenvolvimento local. Esse crescimento é notório, conforme reporta Vasconcelos (1988, p. 119), “[...] no final de 57, já duplicara a sua população, chegando à casa de umas duas mil pessoas”. E, no ano de 1960, a cidade já contava com 20 mil habitantes.

A justificativa da mudança do nome da Cidade Livre para Núcleo Bandeirante, segundo Vasconcelos, deve-se ao fato de acharem o nome de Cidade Livre pejorativo em comparação com o Núcleo Pioneiro, usado administrativamente na época. A designação Pioneiro não prevaleceu e adotou-se o termo Bandeirante, este último utilizado pelo Presidente da República ao se referir aos trabalhadores da construção da nova capital.

⁴¹REGIÃO ADMINISTRATIVA DE NÚCLEO BANDEIRANTE (RA-VIII). Governo do Distrito Federal – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais. <www.nucleobandeirante.df.gov.br/>

No entanto, uma nipo-brasileira da pesquisa de Núcleo Bandeirante considera essa região como Cidade Livre, em vários momentos da entrevista ela reporta ao nome “antigo” da região⁴².

A migração japonesa oriunda de várias regiões brasileiras também contribuiu para a composição do povoamento do Núcleo Bandeirante. Araki (2008, p. 134) retrata a situação da Cidade Livre na década de sua instalação:

Após dois dias de viagem, finalmente cheguei. Para começar, fui procurar onde pernoitar na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante), mas fiquei surpreso com a grande movimentação, que parecia um campo de batalha de operários. Toda cidade era imersa pela poeira que se levantava, parecendo uma cena de filme de faroeste.

Os dados comprovam a entrada de migrantes nesta região, de acordo com o Censo do IBGE⁴³ da 1ª Inspetoria Regional de Estatística Municipal do Estado de Goiás, responsável pelo 1º recenseamento feito no território do DF, em julho de 1957. Já nessa época a população do Núcleo Bandeirante atinge aproximadamente 2.212 habitantes.

A presença dos japoneses e seus descendentes no Núcleo Bandeirante pode ser observada em nota informativa do jornal Informe do Distrito Federal, em que o Sr. Matsunaga, um dos pioneiros, faz o seguinte depoimento: “A minha família era de Araçatuba, em São Paulo e em 1957 recebi um convite do meu irmão mais velho para morar aqui em Brasília. Ele tinha um armazém no Núcleo Bandeirante”. (VELTMAN; TORREÃO; e SUGIMOTO, 2008, p. 106).

Os (i)migrantes japoneses oriundos de várias regiões participam do desenvolvimento dessa região, no comércio e também na exploração de atividades hortifrutigranjeiras, mais presentes, principalmente, ao largo do Riacho Fundo e do córrego Vicente Pires.

2.2.2.1.4 Taguatinga

A Região Administrativa de Taguatinga (RA-III)⁴⁴ abrange uma área de 121,55 Km² que equivale a 2,5% do total do Distrito Federal, com uma população de 361.063 habitantes em 2005. A RA de Taguatinga está situada a oeste de Brasília, mais exatamente a 20,9 quilômetros do Plano Piloto.

⁴² Relato anotado pela pesquisadora desta tese, na ocasião da aplicação do material QSLV.

⁴³ SEPLAN/CODEPLAN – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio. PDAD-2004

⁴⁴ REGIÃO ADMINISTRATIVA DE TAGUATINGA (RA-III) – Gerência de Planejamento. <<http://www.taguatinga.df.gov.br/>>

A história da composição do povoamento dessa região atesta que a busca de uma nova perspectiva de vida motiva a migração desenfreada em direção à nova capital. Não tendo espaço e nem serviços para todos que desembarcam nos arredores da cidade, principalmente, no Núcleo Bandeirante, os recém-chegados começam a se instalar ao redor da cidade, conforme relatado na parte introdutória deste trabalho.

A situação inusitada cria caos para o governo que toma medidas radicais, proibindo a entrada de caminhões com vários migrantes oriundos de várias regiões, obrigando-os a retornarem à cidade de origem. Com a proibição da entrada de caminhões, os condutores deixam à deriva os migrantes ao redor da cidade. Foram mais de mil pessoas desembarcadas à beira da estrada entre o Núcleo Bandeirante e Taguatinga. Núcleo Bandeirante não tinha espaço suficiente para comportar essa demanda, então, os migrantes, sem ter onde morar, começam a invadir o espaço ao lado do Núcleo Bandeirante. Assim, surge a formação de núcleos habitacionais, entre eles a cidade de Taguatinga.

Antes de se tornar núcleo habitacional era uma fazenda com nome de Taguatinga e foi cedida pelos três proprietários Joventino Rodrigues, Otaviano Meireles e Maria da Conceição Roriz para a construção da nova capital. Inicialmente a cidade recebe o nome de Vila Sarah Kubitschek, logo depois Santa Cruz de Taguatinga e, por fim, Taguatinga. Segundo as fontes da Região Administrativa de Taguatinga, o nome é mantido, conforme o original.

O nome provém do Tupi-Guarani e significa *barro branco*, assim denominado, devido à característica do solo. Segundo Vasconcelos (1988, p. 19),

Etmologicamente, Taguatinga é um vocábulo oriundo da língua tupi, e composto para designar “terra branca” (de cal) ou “barro branco”, ocorrência geológica comum ali. Nonato Silva, que estudou o étimo da palavra Taguatinga, informa que “taguá (ou tauá, tayá, taôa)”, em tupi, significa “terra”, e “tinga” quer dizer “branco” ou “branca”.

A cidade de Taguatinga, como cidade-dormitório, era um projeto previsto por Lúcio Costa na época. Segundo esse projeto, a cidade-dormitório acomodaria 25 mil habitantes e, sua construção, estava prevista para 10 anos após a inauguração de Brasília. No entanto, com o advento da migração desenfreada, o governo toma medidas para atender à população ali instalada. Dentro desse contexto, surge a cidade de Taguatinga em 5 de junho de 1958, a primeira cidade oficialmente criada com o propósito de atender aos grupos de invasores. Em dez dias, alojam-se mais de 4.000 mil habitantes que recebem seus lotes com direito a ocupação.

Vasconcelos (1988, p. 27-29) aponta que, no final de 1958, “[...] o assentamento urbano já contava com uns dez mil moradores”. Os números indicam a expansão demográfica desenfreada. Em meados de 1959, já contava com 15 mil pessoas; e, em 1960, com 30 mil habitantes.

No que se refere ao solo, Vasconcelos (1988, p. 31) faz seguintes considerações:

[...] de aluvião, onde são encontrados, com facilidade, os elementos areia, cascalho e argila. É pobre em elementos orgânicos e com elevado índice de acidez, o que exige certas técnicas de melhoramento para a exploração de atividades agropecuárias.

A vinda de lavradores japoneses experientes nesta região pode ter sido providencial. Veltman, Torreão e Sugimoto (2008, p. 106) transcrevem a nota jornalística publicada em 01 de agosto de 1957, do Diário Carioca, que discorre sobre a mão-de-obra especializada dos (i)migrantes japoneses. Isto pode ser observado neste fragmento: “Trata-se de colonos rigorosamente selecionados, todos elementos que se especializaram em horticultura e no preparo de pomares, onde gozam de reconhecida e comprovada experiência na matéria”.

A (i)migração japonesa em Taguatinga está presente em várias atividades profissionais como: serralheiros, caminhoneiros, mecânicos, profissionais liberais, transportes, entre outros. Na época, no Núcleo Rural de Taguatinga muitos (i)migrantes se concentraram na produção agrícola. Dentre eles, destacamos a família Onoyama que, pelo trabalho prestado ao governo, recebe uma homenagem póstuma – o Parque de Taguatinga leva o seu nome. A família Onoyama veio ao Brasil no ano de 1954 e estabeleceu-se em São Paulo. Logo depois, migrou para nova capital, em novembro de 1958. Saburo Onoyama, o patriarca da família, formou-se em agronomia, pela Universidade de Kagoshima – Japão, em 1928 (ONOHAMA, 2008, P. 409).

Justificamos a presença da (i)migração japonesa em Taguatinga pelo comentário de Vasconcelos (1988, p. 43): “O Núcleo Rural de Taguatinga, situado às margens do rio Melchior, é o maior centro produtor agropecuário da cidade com 2.687 hectares. [...] a colônia Japonesa tem uma participação muito atuante e expressiva”.

Com a criação da Sociedade Cultural Nipo-Brasileira (*Bunkyo*)⁴⁵, fundada no ano de 1957, os (i)migrantes japoneses e seus descendentes marcaram sua presença no território da nova capital. Togashi (2008, p. 68) menciona que, em homenagem à fundação desta Sociedade, o Presidente Juscelino Kubitschek escreveu no caderno de atas (com a função de

⁴⁵ Informativo da Federação das Associações Nipo-Brasileiras do Centro-Oeste (FEANBRA), número 154, julho/agosto, 2007.

Livro de Ouro) datado em 01 de junho de 1958, as palavras de felicitação: “À Sociedade Cultural Nipo-Brasileira de Brasília, desejo a melhor prosperidade e, desde logo, hipoteco a minha solidariedade”. Essa associação apresenta atividades culturais como: *Bon-odori* (dança folclórica japonesa); *Yosakoi soran* (dança folclórica japonesa); ensino de língua japonesa; *kendô* (arte marcial japonesa que utiliza a espada para lutar), entre outras atividades. Desde sua fundação, a sociedade atua como porta-voz entre o órgão oficial do Japão (Embaixada) e a comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal.

No ano de 1970, no dia 22 de agosto, o presidente da Citizen Eichi Yamada fez a doação de um relógio que é uma referência da cidade. A partir daí, o relógio, encontra-se na praça central de Taguatinga e foi tombado, em 1989.

2.2.2.1.5 Vargem Bonita

Núcleo Hortícola de Vargem Bonita⁴⁶, localizado na Região Administrativa de Park Way (RA-XXIV) – conhecido como setor de Mansões Park Way. Quanto ao aspecto geográfico, a região está inserida na Bacia do Rio Paranoá, a cerca de 20 km de Plano Piloto. Segundo a fonte do sítio do portal da Região Administrativa de Park Way, a região tem recursos hídricos e mantém reservas ecológicas. Em 13 de março de 1961, a cidade de Park Way foi fundada para fins residenciais e pertencia à região administrativa do Núcleo Bandeirante. A inauguração de Park Way como RA foi em 30 de dezembro de 2003. Hoje, conta com 21 mil habitantes aproximadamente, distribuídos em zonas residenciais e núcleos rurais, dentre esses núcleos, encontra-se Vargem Bonita.

A área de cultivo de hortaliças que abastece, em parte, o mercado consumidor do Distrito Federal fica em Vargem Bonita e apresenta uma área total de 300 hectares de solo produtivo (NAKAYOSHI, 2008, p. 129), porém, no início, relata Nakayoshi “O terreno plano e arenoso fica entre dois pequenos rios e grande parte dessa área é brejo”. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos (i)migrantes japoneses e seus descendentes, essa região foi considerada um dos primeiros núcleos de horticultura estabelecidos no Distrito Federal, segundo a Emater⁴⁷. As propriedades apresentam características rurais e com a economia voltada para a horticultura, no entanto o núcleo tem toda a infraestrutura de uma zona urbana.

O solo arenoso característico da região não é uma terra propícia para a plantação, sendo, portanto, a primeira barreira que os (i)migrantes japoneses enfrentam na nova terra.

⁴⁶REGIÃO ADMINISTRATIVA PARK WAY (RA-XXIV). <<http://www.vargembonita.df.gov.br/>>.

⁴⁷REGIÃO ADMINISTRATIVA PARK WAY (RA-XXIV). <<http://www.parkway.df.gov.br/>>.

Entretanto, driblam a natureza, tornando-a fértil e produtiva. Atendendo ao projeto de Lúcio Costa, Vargem Bonita faz parte do Cinturão Verde e é responsável pelo abastecimento de hortaliças da região. Nakayoshi (2008, p. 130) relata que “Atualmente, a região é um grande centro produtivo de mais de 30 tipos de folhagens, dentre elas cebolinha, salsa, coentro, brócolis, espinafre, couve e alface”.

As dificuldades encontradas pelos primeiros desbravadores durante o processo de adaptação à nova terra foram superadas, bem como as condições precárias de sobrevivência.

Nakayoshi (2008), morador e imigrante de Vargem Bonita, relata que, no início, a produção era de legumes e, paulatinamente, foi mudando para o cultivo de folhagens e também de flores.

Quanto à toponímia desta região, segundo dados do sítio oficial da localidade, atribuiu-se esta designação a Israel Pinheiro, conforme a citação.

Em visita à área que seria destinada ao cinturão verde, o então presidente da Novacap, Israel Pinheiro, teria dito “Que várzea bonita!”. Os populares presentes gostaram da expressão e passaram a tratar a região como Vargem Bonita.⁴⁸

Assim, na denominação Vargem Bonita, o vocábulo *vargem* pode ser uma corruptela de *várzea*⁴⁹ que segundo Houaiss; Villar (2009) designa “terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; vale”.

O núcleo rural de Vargem Bonita conta com o apoio do órgão responsável do governo brasileiro e da Associação Internacional de *Okinawa*. Segundo o relato de Nakayoshi (2008, p. 126),

Em 1958, foram celebrados os 50 anos da imigração japonesa no Brasil. Nesta comemoração esteve presente o presidente da Associação Okinawa Internacional, Sr. Ichiro Inamine. Após a cerimônia, Inamine visitou Brasília que, ainda estava sendo construída. Ele previu a expansão da nova capital e pregou junto à Associação Okinawa do Brasil a viabilidade de trazer famílias de Okinawa para serem produtores de verduras nos arredores da capital. A idéia foi acolhida [...], concretizou-se a vinda desses agricultores para Brasília.

Assim, a região recebeu os primeiros imigrantes japoneses, constituídos de nove famílias, todos da província de *Okinawa* que pisaram no solo de Vargem Bonita, em 1962. A ação foi concretizada graças àqueles que acreditaram no sonho de um idealista e no potencial de uma cidade que representa a modernidade e o progresso.

⁴⁸ VARGEM BONITA. <<http://www.vargembonita.df.gov.br/>>

⁴⁹ HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Várzea: grande extensão de terra plana; terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão.

Dessa forma, o povoamento de Vargem Bonita conta com os imigrantes japoneses oriundos de *Okinawa* que colaboram para o desenvolvimento da horticultura na região. Imigrantes como Koyama, Uema, Seifuku, Sakamoto, Iki, Niho, entre outros, dedicam-se à produção agrícola. Segundo os dados do portal do governo, consta que, atualmente, Vargem Bonita é responsável por 40% do abastecimento do mercado do Distrito Federal e gera, por ano, em torno de R\$ 1,1 milhão⁵⁰. Existem 67 chácaras nessa região, das quais 43 pertencem aos (i)migrantes e seus descendentes japoneses. E, ainda, promove a feirinha durante a semana (quintas e sextas-feiras) onde oferece gastronomia japonesa e brasileira, além de artesanatos e atividades culturais.

O passado comprova a característica peculiar dos japoneses que, em todos os locais em que a imigração se instala, constroem um local *Kaikan* (edifício público; casa)⁵¹ para cultivar a tradição japonesa, criando, portanto, associações e sociedades. O intuito é o de agregar e oferecer aos imigrantes e seus descendentes um local para promover as atividades culturais, bem como o ensino de língua japonesa.

A Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Vargem Bonita, fundada em 1960, é um dos exemplos do “costume” japonês. O governo do DF cede a área para tal finalidade. A primeira sede da Associação é construída em madeira e, a partir daí, frequentada por nipo-brasileiros que participam das atividades culturais, esportivas, entre outros eventos.

A associação ganhou um novo espaço em 1979 e a comunidade recebeu uma nova sede de alvenaria, ganhando novas instalações e novo espaço. As atividades também continuaram em consonância com as gerações. Hoje, a associação promove, além das atividades culturais de origem, atividades culturais locais como: feijoada, festa junina, futebol, entre outras. Com relação à atividade cultural japonesa de origem Okinawa, o grupo de *Taiko* (tambor) é o praticante desta modalidade cultural, cuja percussão tornou-se uma referência cultural do Distrito Federal. Segundo relato dos organizadores do livro Centenário da imigração japonesa no Brasil, “centro de atenções e sua presença é quase que obrigatória nos eventos e comemorações da sociedade nipo-brasileira, cujo ritmo associado a incessantes movimentos corporais na sua coreografia têm se constituído numa atração à parte” (In: Centenário da imigração japonesa no Brasil, 2008, p. 180).

⁵⁰ REGIÃO ADMINISTRATIVA PARK WAY (RA-XXIV). <<http://www.vargembonita.df.gov.br>>.

⁵¹ COELHO, J. N. C. **Dicionário de Japonês** – Português. Portugal: Porto editora, 1998.

Essas comunidades em estudo, ao longo da sua existência, criaram várias associações, com finalidades diversas, porém com um objetivo em comum, propagar e manter, em parte, a cultura, a língua, e as tradições da terra do sol nascente.

Verificamos que a presença de jovens em atividades culturais do Japão no Distrito Federal tem crescido, nos últimos anos, em virtude da crescente divulgação da cultura japonesa em vários segmentos como: música, língua, *animê*, *manga*, *kendô* (arte marcial japonesa que utiliza a espada para lutar), *taiko*⁵², entre outras atividades. Hoje, a cultura “popular japonesa” faz parte da vida dos brasilienses, com vários adeptos que cultuam, praticam e adotam, principalmente, a “cultura pop” do Japão. Assim, os descendentes e não descendentes são responsáveis por sua disseminação, mostrando que as cores das etnias se mesclam e que não existem barreiras, pelo contrário, o respeito e a admiração mútua pelas culturas do “outro” prevalecem. A sintonia afinada dos grupos revela que deixam de ser étnicos para serem multi-étnicos. A história de vida dos (i)migrantes e seus descendentes deixa uma parcela de contribuição à sociedade brasileira.

Terminaremos este capítulo com o relato do imigrante Iwakiri, formado em economia no Japão, que veio ao Brasil em busca de uma vida natural, e fincou raízes no solo de Vargem Bonita. Iwakiri diz: “Quero transformar o país dos meus filhos e netos num país melhor. Aqui não tem furacão, maremoto, terremoto... O brasileiro não sabe aproveitar. Tem que tentar. Tem que insistir, no início foi difícil de entender. Agora quero deixar alguma coisa boa para a sociedade”⁵³. Esse depoimento revela os encontros e os desencontros das culturas que se juntam, mas cada qual absorveu a cultura do outro e soube construir formas de vida, culturas e língua(gem). São desses encontros que se derivam o nosso objeto, a *variedade nipo-brasileira*, que apresenta os traços de duas línguas e de duas culturas em constante interação. E, para sustentação epistemológica do nosso objeto em pauta, o próximo capítulo, III – Fundamentação teórica, apresenta as abordagens dos estudos de Sociolinguística/Bilinguismo e de Dialetologia/Geolinguística.

⁵² COELHO, J. N. C. **Dicionário de Japonês** – Português. Portugal: Porto editora, 1998. Anime: filme de desenhos animados; o cinema de animação. Manga: as histórias em quadrinhos. Taiko: tambor – estilo japonês.

⁵³ REGIÃO ADMINISTRATIVA PARK WAY (RA XXIV). <<http://www.vargembonita.df.gov.br/>>.

3 SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA/GEOLINGUÍSTICA

3.1 Sociolinguística – Bilinguismo

Atualmente, o mundo, cada vez mais globalizado, propicia um ambiente favorável ao desenvolvimento do bi(multi)linguismo e do bi(multi)culturalismo e, dessa forma, favorece o intercâmbio cultural e linguístico entre os grupos étnicos. Esse contexto dá origem a várias situações que interessam aos estudos da língua(gem), dentre os quais destacamos a perspectiva apresentada pela Sociolinguística, particularmente aquela que prioriza o enfoque do bilinguismo na vertente do contato de línguas.

O contato de línguas é um fenômeno com que muitas etnias convivem no dia-a-dia de sua história linguística, pois as faces das línguas/variedades são reveladas nesse encontro e põem à mostra a complexidade e dinamicidade de uma língua natural em funcionamento. Várias situações complexas surgem no processo da interação discursiva e se tornam desafios para os estudos linguísticos. Embora o fenômeno seja de natureza linguística, existem fatores sociais, psicológicos, culturais, históricos, políticos e geográficos que influenciam a configuração linguística de um grupo social.

Os fatores extralinguísticos orientam o comportamento verbal dos falantes, principalmente quando o contexto linguístico não é favorável ao uso de mais de uma língua/variedade. Trata-se de um contexto linguístico que revela a face oculta em que o viés da desigualdade marca e demarca o processo linguístico de muitos grupos linguísticos. A questão da minoria linguística pode ser inserida neste contexto, uma vez que, nas entrelinhas, subsistem línguas/variedades que estão em situação desigual, ou seja, os valores atribuídos a cada língua/variedade, muitas vezes, definem sua posição hierárquica. Em outras palavras, a língua/variedade de maior prestígio prevalece, porque exerce uma função majoritária na sociedade e por ela é assegurada, enquanto a variedade de menor prestígio esbarra num ambiente desfavorável à sua sobrevivência. Nesse caso, o *status* linguístico da língua/variedade passa a orientar o comportamento verbal dos falantes. Quando o falante se mostrar favorável a uma língua/variedade, mesmo que do grupo minoritário, essa atitude acaba favorecendo sua manutenção linguística, pois, entra em cena o componente positivo que assegura sua função. Caso isso não ocorra, pode comprometer a manutenção da língua.

Os estudiosos da língua(gem) têm desenvolvido pesquisas com o intuito de buscar novos paradigmas para atender às realidades vigentes nos grupos linguísticos. Dentre estes estudiosos, destacamos: Gal (1979); Gumperz (1998); Hamel e Sierra (1983); Cunha (1996). A proposta desses cientistas consiste em discutir o que podemos denominar linguística na concepção *habitat* (grifo nosso). O “habitat”, aqui referido, pode ser justificado conforme o postulado de Coseriu (1982, p. 79), que considera todas as realizações humanas em interação com seu meio. Aqui incluímos o processo dinâmico da vida social dos falantes e de seu ambiente natural, uma vez que o “habitat” contribui diretamente para uma dada situação linguística. Nesses termos, cabe ressaltar que é de suma importância incluir o fator espacial/geográfico para estudar as manifestações linguísticas, visto que elas são oriundas desse meio.

Procura-se, portanto, defender o direito de cada etnia de viver cultural e linguisticamente sem imposição social, política, cultural, histórica e linguística. Se a língua(gem) é um meio de comunicação, então é com ela que os falantes expressam sua visão de mundo e é igualmente com ela que os grupos linguísticos compartilham entre si a vida cotidiana.

Tais considerações apontam que, ao tratar do fenômeno bilinguismo, é preciso estar atento aos aspectos supracitados, pois, muitas vezes, são esses fatores que direcionam o comportamento verbal dos bilíngues. Podem também conduzir à manutenção ou à substituição de línguas/variedades. Por essa razão, podemos dizer que existe, então, as línguas/variedades em movimento que, em parte, evidenciam a fragilidade do próprio bilinguismo, principalmente quando são sustentadas por um contexto desfavorável. O bilinguismo acaba perdendo seu espaço e dá lugar ao deslocamento linguístico⁵⁴.

No estudo da tensão linguística efetuado por Takano (2002), a autora pesquisou o comportamento verbal dos falantes bilíngues nipo-brasilienses sob a perspectiva *macrossocial*, contemplando, portanto, o uso linguístico à luz do comportamento social. A pesquisa privilegiou o estudo da diglossia que orienta as línguas/variedades da língua japonesa do ponto de vista das funções. Considerando, assim, o papel que a diglossia exerce no cenário linguístico desse grupo linguístico.

Foram examinadas duas vertentes da diglossia: a diglossia clássica de Ferguson (1974) e Fishman (1972) e o conflito diglósico de Hamel e Sierra (1983).

⁵⁴ Deslocamento linguístico: refere-se a um processo linguístico em andamento, em que a língua pode passar por um processo de substituição ou pode retomar seu lugar (TAKANO, Y., 2002, p. 16).

A abordagem teórica da diglossia clássica de Ferguson (1974) refere-se ao contexto em que as variedades alta (variedade “padrão”) e baixa (outras variedades) ocupam o mesmo espaço linguístico, Ferguson denomina-as como high e low, respectivamente. A relação é assimétrica, porém as variedades coexistem de forma harmoniosa e não se manifesta o viés da hierarquização, pois cada qual desempenha sua função. Nesse caso, as regras de uso são, normalmente, aceitas pela comunidade linguística. Esse conceito pode ser aplicado para especificar um tipo de situação que ocorre na comunidade nipo-brasileira estudada. Nessa comunidade coexistem línguas/variedades linguísticas distintas e diferenciadas no mesmo espaço linguístico: de um lado, a língua portuguesa do Brasil; e, de outro, a língua/variedade japonesa.

A diglossia de Ferguson (1974) pode ser aplicada também em situações linguísticas que envolvem duas variedades de uma mesma língua. Nesse caso, a variedade alta é adquirida nas instituições escolares e utilizada em situações formais, enquanto a variedade baixa, a primeira língua do falante, é a variedade usada no dia-a-dia e é adquirida no meio familiar/comunidade. Elas não se opõem, funcionam como complementares e são aceitas como legítimas, cada qual tem seu valor cultural, manifestando, nessa relação, uma estabilidade linguística. Isso demonstra que, no âmbito da comunidade linguística, as línguas/variedades ocupam um dado lugar de acordo com sua função. Nessa perspectiva, podemos indicar que na comunidade estudada a língua japonesa representa a variedade alta e a *variedade nipo-brasileira* simboliza a variedade baixa.

Na situação das comunidades transplantadas, a influência linguística da sociedade hospedeira é inquestionável para que ocorra o deslocamento linguístico das línguas minoritárias, principalmente naquelas situações em que a diglossia se encontra fragilizada e instável. Fishman (1966) observou o fenômeno de substituição linguística pelos imigrantes nos Estados Unidos e verificou que o fato de os bilíngues optarem pela língua majoritária (o inglês) se deve às demandas profissionais e à sobrevivência desses imigrantes no país. Essa pesquisa revelou que tal tipo de cenário faz com que a língua minoritária recue para dar espaço à língua majoritária. As comunidades transplantadas no Brasil podem ser analisadas à luz dessa situação observada por Fishman.

Fishman (1967) amplia o conceito de diglossia no modelo estrutural-funcionalista e aborda a diglossia e o bilinguismo como fenômenos distintos, porém um pode complementar o outro. Fishman considera a diglossia como fenômeno que envolve o aspecto social, enquanto que o bilinguismo retrata o aspecto individual, ou seja, o sujeito bilíngue. Em outras palavras, segundo Fishman, o bilinguismo e a diglossia são duas vertentes distintas que

podem coexistir, ou não, numa comunidade linguística. A diferença entre esses fenômenos é que a diglossia é determinada por normas aceitas pela sociedade, portanto cabe a ela propor esses arranjos, cuja situação acaba favorecendo o uso das línguas. Já no caso do bilinguismo caracteriza-se como um comportamento individual, ou seja, não existem normas de uso entre os bilíngues.

Para justificar sua posição, estabelece quatro pressupostos:

- i. Refere-se à situação em que tanto o bilinguismo quanto à diglossia estão numa relação de equilíbrio. Fishman acredita que é difícil encontrar ou manter uma sociedade nesses parâmetros, devido à sua elevada complexidade.
- ii. Refere-se ao bilinguismo sem diglossia. É a característica comum das comunidades transplantadas. Ao contrário da situação linguística do pressuposto nº 1, aqui o bilinguismo apresenta-se instável, pelo fato de não existir a diglossia que articula o uso através de normas aceitas pela comunidade de fala, pode em qualquer instância, ocorrer a substituição linguística. Esse pressuposto está numa fase de transição, portanto, no decorrer do tempo, pode ocorrer a substituição linguística.
- iii. Refere-se a uma sociedade dividida por motivos políticos e religiosos. Nessa situação, as línguas também se colocam em dois polos distintos: a elite e a massa popular. O exemplo citado por Fishman é a aristocracia russa antes da Primeira Guerra Mundial, cada segmento social tinha seu repertório linguístico distinto e exclusivo. Como a sociedade mantém-se isolada linguisticamente e pelo fato de não haver interação entre ambos, não se desenvolve o bilinguismo na sociedade com esta característica.
- iv. Refere-se a uma sociedade sem bilinguismo e sem diglossia, segundo Bortoni (*apud* NAWA, 1988, p. 50) “levanta a hipótese de que esta situação pode vir a ser o caso de falantes bidialetais no Brasil, i.e., falantes da língua não padrão”.

Para Fishman (1967), a diglossia é um arranjo consensual da sociedade e por ela as línguas/variedades são asseguradas, tendo cada qual sua função legitimada. Por esse motivo, a diglossia pode permanecer em mais de uma geração. Referimos, portanto, à situação diglósica, como no caso das comunidades transplantadas no Canadá, cuja regra de uso das línguas é determinada pela comunidade linguística e pelo contexto social. Fishman (1971, p. 233-234) propõe para essa situação o conceito de domínio (domain) que pode ser observado nesse fragmento.

[...] languages tend to be reserved for different domains of life in the community; in other words, language varieties tend to have definite

institutional associations which exist over and above their more fleeting metaphorical functions. In the unstable bilingual societies, domain separation in language use vanishes and the 'other' tongue becomes used alternatively with the 'mother' tongue, particularly in the family and friendship domains"⁵⁵.

Em defesa da diglossia, o teórico propõe que ela deve ser articulada nos domínios, já que eles representam os contextos linguísticos. Dessa forma, contempla-se o uso das línguas em termos de “com quem”, “o porquê” e “onde” se usa uma língua e não a outra. Essa consideração pode ser justificada a partir do que afirma Fishman (*apud* LORENZO, 1985, p. 55):

*[...] es un constructo sociocultural abstraído a partir de los tema de comunicación, de acuerdo com las instituciones de una sociedad y las esferas de actividad de una comunidad de habla, en tal forma que las conductas individuales las pautas sociales pueden distinguirse unas de otras y relacionarse mutuamente*⁵⁶.

No caso da história linguística dos imigrantes japoneses no Brasil, observamos que o crescimento da interação social fez com que a língua da sociedade hospedeira penetrasse nos domínios da família, da amizade e dos eventos promovidos pela comunidade. Neste caso, a ação da sociedade majoritária acabou agindo sobre a língua, penetrando nos domínios que antes eram reservados à língua de origem. Sem a força articuladora da diglossia, a língua japonesa está, pouco a pouco, em fase de substituição. Essa situação favorece a entrada da língua majoritária, mesmo nos domínios antes reservados à língua minoritária. Para que isso não ocorra, a diglossia deve ser articulada em termos de domínios, conforme a orientação de Fishman. Diante disso, podemos afirmar que a diglossia é um forte aliado para a manutenção linguística.

Assim considerado, esses pressupostos privilegiam o papel que cada falante ocupa no cenário linguístico de uma comunidade bi(multi)línge e demonstra que cada língua desempenha sua função dentro de uma situação determinada e reconhecida pelos grupos linguísticos.

⁵⁵ [...] linguagens tendem a ser reservadas para diferentes domínios da vida na comunidade; em outras palavras, as várias linguagens tendem a ter associações institucionais definidas que existem acima e além de suas mais transitórias funções metafóricas. Nas sociedades bilíngues instáveis, a separação de domínios na língua costuma desaparecer e a ‘outra’ língua começa a ser usada alternativamente com a língua ‘mãe’, particularmente nos domínios da família e dos amigos (tradução nossa).

⁵⁶ [...] É uma construção sociocultural abstraído a partir do tema da comunicação, de acordo com as instituições de uma sociedade e das esferas de atividade de uma comunidade de língua, de modo que os padrões sociais de comportamento individual podem distinguir-se entre si e referem-se uns aos outros (tradução nossa).

3.1.1 Línguas em contato

Nas comunidades transplantadas constituídas de imigrantes oriundos de vários países, em geral, não se observa a orientação diglósica apresentada por Fishmann (1967), uma vez que, à medida que os falantes interagem com a sociedade majoritária, novos padrões culturais e linguísticos vão sendo incorporados ao falar. Essa situação pode ser aplicada no uso dos (i)migrantes japoneses no Brasil. Na interação, manifestam-se novas formas de uso, as quais revelam a presença de duas línguas (portuguesa – japonesa), uma adquirida no seio da família, e a outra aprendida no convívio com os falantes da sociedade majoritária. Desse modo, no encontro de duas línguas, surge um falar que apresenta características próprias e significativas para esses falantes bilíngues. Essa manifestação linguística está respaldada também na história linguística dos falantes e no contexto social no qual estão inseridos. Em suma, no repertório linguístico⁵⁷ desses bilíngues estão inclusos os componentes linguísticos e os aspectos sociais, históricos entre outros, que orientam para a configuração da situação linguística. Para justificar o que acabamos de mostrar, citamos Thomason e Kaufman (1991, p. 4).

*[...] is our conviction that the history of a language is a function of the history of its speakers, and not an independent phenomenon that can be thoroughly studied without reference to the social context in which it is embedded.*⁵⁸

O Brasil é composto por várias etnias as quais trouxeram consigo suas respectivas línguas(gens) e que, no encontro com a língua majoritária (língua portuguesa do Brasil), ocasionaram o surgimento de manifestações linguísticas peculiares e, até mesmo, semelhantes à de nosso estudo. Ressaltamos e incluímos também as comunidades autóctones que, por constituírem minoria linguística, possivelmente, estão em situação similar. Assim, tanto as comunidades linguísticas autóctones quanto as comunidades transplantadas do Brasil podem ser analisadas à luz dessa situação linguística.

No caso da comunidade nipo-brasileira, a total integração com a sociedade brasileira fez com que a língua portuguesa penetrasse nos domínios da família, nas relações de amizade e no convívio da comunidade. Se outrora, nesses domínios, a língua japonesa prevalecia no

⁵⁷ “totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mão em interações sociais relevantes. Em suas interações diárias, eles optam entre as duas de acordo com a situação” (GUMPERZ, 1998, p.33).

⁵⁸ [...]é nossa convicção que a história de uma língua é uma prática da história de seus falantes, e não um fenômeno independente que pode ser estudado completamente sem referência ao contexto social no qual está inserido (tradução nossa).

falar dos imigrantes e seus descendentes, com o passar do tempo, a língua portuguesa começa ocupar seu espaço. Isso é destacado por Takano (2002, p. 24).

À medida que a comunidade transplantada vai interagindo com a sociedade local, novos padrões culturais e linguísticos são assimilados e, paulatinamente, eles vão sendo incorporados nas comunidades e nos lares, modificando os hábitos culturais e linguísticos originais. As relações e casamentos interétnicos colaboram também para a substituição linguística e, essas situações vulneráveis criam um ambiente desfavorável para a manutenção linguística.

O dialetologista Mase (1987, p. 139), um dos pioneiros nos estudos sociolinguísticos da língua japonesa no Brasil, observou a manifestação da língua portuguesa no falar dos nipo-brasileiros. Segundo Mase,

O fenômeno mais marcante que ocorre na língua japonesa do Brasil é, apesar das diferenças individuais, a forte interferência da língua portuguesa. Tal interferência, naturalmente, se manifesta mais intensamente nas gerações mais novas e se faz notar nos campos da fonética, da gramática e do léxico.

Para Mase (1987), esse fenômeno apresenta um comportamento idiossincrático⁵⁹, ou seja, não se manifesta de forma sistemática, porém sua presença é marcada em vários falantes.

A história da imigração japonesa no Brasil demonstra que os imigrantes são oriundos de várias regiões do Japão e cada falante trouxe consigo seu falar regional. Essas variedades regionais (*hogen*)⁶⁰ se espalharam nas comunidades japonesas transplantadas em várias regiões do Brasil e, desse encontro, surgiu um falar composto por variedades regionais do Japão, as quais se acomodaram entre si, dando origem a uma língua comum. Essa consideração pode ser justificada a partir da observação de Mase (1987, p. 137): “A fim de tornar mais fluente a comunicação nas ‘colônias’ japonesas que se formaram no Brasil, esses dialetos seguiram o processo de homogeneização, gerando uma língua comum da colônia”.

Mase (1987) divide em dois grandes grupos as variedades do *hogen* japonês: o do Leste e o do Oeste. O grupo do *hogen* do Oeste do Japão compreende as variedades providas de Quioto (antiga capital do Japão) e de Osaca; e o grupo do *hogen* do Leste remete à língua japonesa padrão, portanto, abrangem os falantes de Tóquio (atual capital do Japão).

Mase (1987, p. 138) observou que os falantes nipo-brasileiros não utilizavam a variedade padrão, mas a variedade da região Oeste do Japão. Essa situação pode ser explicada

⁵⁹ Idiossincrasia: diante de um conjunto de dados idênticos, os sujeitos têm tendência a organizá-los de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais ou afetivas particulares (DUBOIS, J. et al, 1973, p. 330).

⁶⁰ *Hogen*: neste trabalho utilizamos o termo *hogen* em japonês que significa a variação diatópica.

pelo fato de os imigrantes japoneses, em sua grande maioria, serem oriundos da região oeste do Japão, conforme os dados apresentados por Mase que podem ser vistos na tabela apresentada a seguir.

Tabela 3.1: Regiões e números de imigrantes

Região	Leste	Oeste Japonês	Okinawa
	35,0%	56,7%	8,3%

Fonte: Mase (1987, p. 138)

Acrescentamos a pesquisa de Suzuki (1964), citada por Kuyama (2000, p. 23), em que o pesquisador investigou o local de nascimento dos isseis e concluiu que a maior parte dos isseis é proveniente das regiões Sul e Oeste do Japão. Segundo a pesquisa, o maior número de imigrantes foi da província de Kumamoto e seguida por Okinawa, Fukuoka, Hokkaido, Fukushima, Hiroshima, Yamaguchi, Kagoshima, Okayama, Koochi e Wakayama, respectivamente. Esses dados indicam que o falar dos nipo-brasileiros pode apresentar características da variação diatópica das regiões supracitadas.

A influência da língua majoritária sobre a minoritária em situações de contato prolongado pode resultar no deslocamento desta última. Na medida em que se intensifica o uso da língua majoritária, há uma tendência a integrar os elementos da outra língua na fala dos bilíngues. Isso é possível, uma vez que as línguas em contato estão transitando no repertório linguístico dos bilíngues e, muitas vezes, na interação discursiva. Os elementos pertencentes à língua nativa e à outra língua se unem e se compõem, atualizando a fala de acordo com o contexto e a necessidade do falante.

O cenário assim exposto indica que a fala, antes manifestada na língua nativa, começa tomar um formato diferente, abrindo espaço para uma variedade que apresenta características das duas línguas. Trata-se, portanto, de uma situação linguística em que a língua japonesa reveste-se de elementos da língua portuguesa em vários segmentos, entre eles fonético-fonológico; gramatical; morfológico. No nosso estudo, contemplamos os aspectos semânticos-lexicais.

Thomason e Kaufman (1991), ao diferenciarem *pidgin* do contato de línguas, discorrem sobre esses aspectos. Segundo os autores, o *pidgin* é um fenômeno que surge, em situações

multilíngues, enquanto os fenômenos como substituição linguística, empréstimos, mudança de códigos, entre outros, normalmente, surgem no contato de duas línguas. Incorporar o mecanismo do empréstimo lexical ou estrutural de diferentes línguas para caracterizar o *pidgin*, segundo esses teóricos, é inadequado, uma vez que o empréstimo refere-se à incorporação de fenômenos da outra língua para a língua nativa, ou seja, implica no contato de duas línguas e não em situação multilíngue. Tendo essas considerações como referência, fundamentamos o nosso estudo em contato de línguas.

Thomason e Kaufman (1991, p. 5) indicam duas possíveis situações que levam ao “desenvolvimento de línguas mistas”. Essas possíveis situações referem-se ao processo de interferência da outra língua induzida pelo contato de línguas, cujo produto apresenta duas manifestações linguísticas: empréstimo e interferência.

Existem vários enfoques teóricos com relação ao estudo da interferência das línguas em contato. Todos, entretanto, partem do pressuposto de que tanto o empréstimo como a mudança de código são fenômenos que podem surgir na situação de contato de duas línguas no mesmo espaço. O mecanismo linguístico utilizado pelos falantes gera uma variação na fala e essa passa a apresentar os traços dos dois códigos – a língua nativa e a outra língua. Como essas línguas interagem e coexistem no mesmo espaço linguístico, é natural que os elementos desta se incorporem à fala dos bilíngues, quer quanto ao aspecto semântico-lexical, quer quanto ao fonético-fonológico, quer quanto ao morfossintático.

Weinreich (1974) relata que, em situação de contato de línguas, podem ocorrer alterações linguísticas no discurso de um bilíngue, devido ao fenômeno da interferência, ou seja, uma língua interfere na produção discursiva de outra. Já Haugen (*apud* GROSJEAN, 1982, p. 289) aponta três características: o uso alternado de duas línguas; a interferência, como a sobreposição de duas línguas; e a integração, ou seja, os itens lexicais ou as frases de uma língua são incorporados e tornam-se parte da outra língua. Clyne (1972, p. 8-14) prefere usar o termo transferência à interferência, porque, para ele, o termo transferência é imparcial e não carrega conotação negativa. Segundo esse teórico, no mecanismo de transferência, existe o processo relevante que é a integração. Indica duas vertentes para o enfoque do fenômeno: tipo de integração e grau de integração.

Em nosso estudo, usaremos o termo interferência, sem nos aprofundarmos na discussão entre interferência *versus* transferência. Queremos deixar claro que não imputamos ao termo nenhuma conotação negativa, ou seja, não estamos discutindo o fenômeno à luz de um juízo de valor. Ele está sendo visto como o resultado involuntário e natural do contato de línguas. O fato é que a fala resultante da interferência apresenta características próprias em

que o empréstimo e/ou a mudança de código são contemplados, revelando o universo das duas línguas.

Em nossa pesquisa, embora haja a interferência de uma língua sobre a outra, existe também a interferência de outras variedades *hogen*, o que contribui para a caracterização do nosso objeto de estudo. Tomaremos por base a orientação de Thomason e Kaufman (1991, p. 9) que distingue dois tipos de interferência: (i) a interferência pelo contato das variedades regionais; e (ii) a interferência pelas línguas em contato. Na comunidade desta pesquisa, esses fenômenos estão presentes e ajudam na configuração da *variedade nipo-brasileira*.

Moravcsik (*apud* THOMASON; KAUFMAN, 1991, p. 20-22) aponta que a primeira instância que sofre a interferência é o segmento lexical e, em seguida, a estrutura da língua. Thomason e Kaufman refutam essa afirmação, pois, para esses teóricos, nem sempre ocorre da forma postulada por Moravcsik, uma vez que existem casos em que a estrutura da língua sofre mudança antes do empréstimo lexical. Os teóricos referidos, Thomason e Kaufman, asseveram que a interferência não recai nos aspectos puramente linguísticos, são os fatores sociais que determinam o fenômeno da interferência de uma língua/variedade sobre a outra.

Thomason e Kaufman (1991, p. 37-40) definem dois tipos para a interferência linguística, a saber: o empréstimo e o *substratum*-interferência.

- i. **Empréstimo linguístico:** refere-se à incorporação de recursos da outra língua para a língua nativa pelos falantes dessa língua. A língua nativa é mantida, porém ocorre a alteração devido ao acréscimo desses elementos incorporados. Geralmente, em situação de contato de línguas, os primeiros elementos que se incorporam são os de ordem lexical, entretanto, as características fonético-fonológicas e morfossintáticas podem também sofrer esse empréstimo, na medida em que há um contato prolongado. Muitas vezes, fatores como o tempo e a pressão cultural da outra língua começam a atuar sobre a língua nativa.
- ii. ***Substratum*-interferência:** trata-se de um tipo de interferência que os autores comparam com uma das teorias de aquisição de uma língua. O foco está nos “erros” cometidos pelos falantes no processo de aprendizagem da língua-alvo. Segundo esta corrente, os falantes adotam a língua-alvo e, em consequência, vão perdendo os traços da língua nativa. Em geral, nessa situação, os componentes fonético-fonológicos e morfossintáticos são os que sofrem a interferência, antes do componente lexical. Tal fenômeno pode ocorrer nas comunidades estudadas, uma vez que os sujeitos assimilaram a língua japonesa na infância e por falta de contato com os nativos da

língua de origem tendem a incorporar os elementos da outra língua. Na análise de dados, referimos a essa situação como língua meta.

Como acabamos de verificar, no caso do empréstimo, a influência da outra língua recai, na maioria das vezes, no léxico, porém, quando o contato das línguas é bem estreito, a estrutura da língua pode sofrer mudança ao longo dos anos. Assim, toda a estrutura gramatical sofre o empréstimo e, ainda, são incorporados, no uso, vários itens lexicais. Um aspecto importante apontado pelos autores é que esses dois mecanismos ocorrem de forma independente, isto é, eles podem ou não ocorrer em contextos mutuamente exclusivos. Quando o falante desenvolve simultaneamente essas duas situações significa que existe um grau considerável de deslocamento da língua nativa. Assim exposto, consideramos o termo léxico como um componente memorizado no indivíduo (Pottier, 1983), portanto se refere ao campo lexical. No caso de item lexical, referimos à manifestação do semema, ou seja, a atualização e a materialização dos mesmos.

Ainda no que se refere ao empréstimo lexical, de que se falará mais adiante, Meillet (*apud* THOMASON e KAUFMAN, 1991 p. 73) argumenta que o sistema lexical tem caráter “independente”. Por essa razão, em geral, os itens lexicais são incorporados ao falar dos bilíngues com maior frequência. Thomason e Kaufman concordam com Meillet e indicam que essa situação é de natureza semântico-lexical, por isso é mais frequente observar a incorporação do léxico da outra língua na língua nativa, ao passo que os demais componentes ocorrem de forma mais lenta e menos frequente.

Observamos, nos registros dos dados da pesquisa, que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa utilizam os itens lexicais da língua portuguesa muitas vezes para dar continuidade ao evento discursivo e isso ocorre, possivelmente, porque eles apresentam-se de forma independente, conforme o pressuposto de Meillet no parágrafo acima citado. Isso pode justificar o motivo pelo qual os itens lexicais em português são incorporados no falar dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa. Verificamos, ao analisar as respostas obtidas, que os itens lexicais se realizam, na maioria dos casos, integrando-se ao sistema da língua nativa, mantendo-se, desse modo, ligados à língua de origem, porém conectados também à língua portuguesa. É no falar que ambos os sistemas encontram-se, fundem-se e mesclam-se.

Os autores defendem que os principais fatores para a substituição linguística na situação de contato de línguas são os aspectos sociais e as situações particulares de contato. Isso contraria alguns teóricos que identificam como fatores as relações linguísticas estruturais presentes no falar. A esse respeito transcrevemos as palavras de Thomason e Kaufman (1991,

p. 212) que defendem a importância dos aspectos sociais: *Language shift, for instance, is a social fact with linguistic implications. Linguistic factors do influence the linguistic outcome of a contact situation, but only secondarily*⁶¹.

Para compreender efetivamente o que é interferência, é necessário conjugar os fatores linguísticos aos sociais, visto que ambos estão interligados e contribuem para a configuração de uma dada situação linguística. É preciso também considerar o nível de bilinguismo dos bilíngues do grupo linguístico que apresenta essa interferência. Mesmo que o bilíngue não tenha o domínio total da outra língua, pode incorporar elementos de outra língua na língua nativa. Em suma, para o entendimento do fenômeno em questão devemos, antes de tudo, observar as condições de contato e priorizar o contexto social nos quais os falantes bilíngues estão inseridos.

Em se tratando de contato de línguas, Thomason e Kaufman (1991, p. 197) retomam as três situações indicadas por Whinnon (1971):

- i. Situação que não prevê anulação da outra língua: os falantes da língua nativa vão continuar adquirindo cada vez mais a outra língua, mas sem efetivar a substituição.
- ii. Situação que prevê a formação de uma variedade “secundária”: a variedade não é o meio de comunicação entre outros falantes, ou seja, não é o falar utilizado por ambas as partes, mas entre os grupos linguísticos (intragrupal).
- iii. Situação que não desenvolve o *pidgin*: existe o mecanismo de comunicação estabelecida, portanto, não há uma previsão de cristalização do *pidgin*, já que existem línguas sendo utilizadas no grupo social.

Thomason e Kaufman (1991) não se aprofundam na noção de mudança de código. Buscamos subsídios para explicar o fenômeno em Grosjean (1982). O autor se refere à mudança de código como uma situação linguística previsível em muitas comunidades que convivem com o fenômeno do contato de línguas. Para ele, no uso, a mudança de código deixa de ser uma exceção e se torna uma norma para muitas comunidades bilíngues, uma vez que esse mecanismo facilita, em parte, a comunicação do dia-a-dia. Dessa forma, o bilíngue recorre ao empréstimo lexical de outra língua, adaptando-o à sua língua nativa e, ainda,

⁶¹ Mudança linguística, por exemplo, é um fato social com implicações linguísticas. Fatores linguísticos, por exemplo, influenciam o resultado linguístico de uma situação de contato, mas apenas secundariamente (tradução nossa).

alterna de uma língua para outra, podendo até mudar uma frase, uma expressão ou uma sentença por completo.

Assim, os grupos linguísticos bilíngues são orientados por um acordo compartilhado pelos falantes, usuários de duas línguas, que seguem uma “norma invisível” e, no uso, revelam a importância dos mecanismos advindos do encontro de línguas para a comunicação cotidiana.

O pressuposto que contempla o uso alternado de dois códigos tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores nas últimas décadas, o que comprova que esse fenômeno está presente em muitas situações bilíngues e retrata a riqueza linguística das línguas em contato. E essa riqueza a que ora nos referimos constitui a fala que põe à mostra o entrelaçamento da língua japonesa (a língua nativa) com a língua portuguesa (a outra língua) sob a perspectiva teórica do empréstimo lexical e da mudança de código.

3.1.1.1 Empréstimo Lexical

Em se tratando de bilinguismo é comum que os dois sistemas entrem em contato íntimo e, devido à intensidade desse contato, é natural que elementos da outra língua comecem a se incorporar à língua nativa, por meio do fenômeno denominado empréstimo linguístico. Sobre o tema, Grosjean (1982, p. 341) diz:

*Thus bilingualism is at the source of language borrowing. As long as language continue to come into contact with one another, through individual bilinguals and in bilingual communities, they will not fail to influence one another. Language borrowing is the legacy of those who live with two languages”.*⁶²

Grosjean (1982, p. 292) distingue dois aspectos de empréstimo: o primeiro remete ao nível individual (*speech*) e o segundo refere-se ao nível da linguagem (*language*). Neste, incluem-se o contexto nacional, o contexto comunidade e o contexto grupal.

Na comunicação intersubjetiva, ainda que o empréstimo seja realizado por um interlocutor bilíngue, o outro interlocutor igualmente bilíngue, pode identificar a fala e, ainda, efetivar a interação. Isso ocorre porque ambos estão expostos às duas línguas, e têm experiências linguísticas nas duas línguas. Dessa forma, a fala que apresenta os traços da

⁶² Deste modo o bilinguismo está na fonte do empréstimo linguístico. Enquanto a língua continuar indo ao encontro de outra, através de indivíduos e comunidades bilíngues, elas não falharão em influenciar uma a outra. O empréstimo linguístico é o legado daqueles que vivem com duas línguas (tradução nossa).

mudança de código e/ou do empréstimo lexical torna-se um meio de comunicação e esses fenômenos vão se adaptando e se materializando, atendendo ao momento comunicativo.

O empréstimo lexical, segundo Grosjean (1982) ocorre de várias formas, entre as quais destacam-se a possibilidade de integrar os elementos da outra língua, seja total ou parcial, e, ainda, de ampliar no uso o significado de um item lexical. Dessa forma, o fenômeno é um recurso linguístico pelo qual os bilíngues o utilizam de forma aleatória, porém sustentado pela condição bilíngue dos falantes.

Nesses termos, os léxicos da outra língua são introduzidos no falar cotidiano dos falantes ora representando o item lexical da língua nativa, ora apresentando novos conceitos. Isso ocorre porque a intenção do falante é “fazer-se entender e comunicar” com os seus pares.

Haugen (1956) e Hanselmo (1970), citados por Grosjean (1982), distinguem o empréstimo da mudança de código. Segundo os autores, no empréstimo há integração, isto é, ocorre a adaptação do padrão fonológico e/ou morfológico à língua que se está usando. Já na mudança de código, os traços da outra língua não sofrem essa adaptação. Quanto ao empréstimo, Grosjean (1982) propõe uma distinção semelhante. Segundo o autor, o empréstimo pode ser um léxico ou expressão que são adaptados fonológica e morfológicamente à língua que está sendo usada. Entretanto, na mudança de código destaca que pode ocorrer seja com um léxico, uma frase ou uma expressão, uma mudança completa na passagem para a outra língua.

Verificamos que existem muitas questões sem resposta quando se tenta justificar o motivo pelo qual os bilíngues usam a mudança de código e/ou empréstimo e que, por essa razão, constituem um desafio para os pesquisadores. Neste trabalho não pretendemos discutir os fatores que levam os bilíngues a recorrerem a um ou outro. Entretanto, enfocaremos os aspectos que consideramos pertinentes para nossa pesquisa, uma vez que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa utilizam tanto o empréstimo lexical quanto a mudança de código na fala cotidiana. Essa situação indica que a língua portuguesa desempenha um papel de suma importância para esses sujeitos, já que ela possibilita a interação comunicativa entre eles.

Segundo Grosjean (1982) existem fatores semânticos e pragmáticos que orientam a manifestação dos fenômenos linguísticos. Para responder a esse questionamento, Grosjean propõe os seguintes postulados:

- Os bilíngues que não têm a mesma fluência nas duas línguas tomam emprestados os léxicos da língua em que são mais fluentes, para uso na língua em que são menos fluentes, porém, a mudança de código ocorre na língua em que são mais fluentes.

- Os bilíngues, geralmente, preferem a mudança de código ao empréstimo, mostrando através da alternância, que eles estão conscientes do uso de elementos da outra língua.
- Os bilíngues trazem os léxicos da outra língua por meio da mudança de código, o que, por causa do uso elevado, pode levar ao processo de integração. Dito em outras palavras, os léxicos se incorporam à outra língua, adaptando a fonologia e a morfologia da língua-base.

O caso do empréstimo, segundo Grosjean (1982), segue uma orientação similar ao da mudança de código, ou seja, quando um bilíngue não encontra um determinado léxico, frase ou expressão na língua que está usando, recorre à outra língua para manter a comunicação. Assim, o bilíngue dispõe de algumas estratégias para suprir as necessidades de uma dada interação. Isso ocorre, segundo o teórico, quando o bilíngue não encontra o léxico adequado para aquela situação; ou quando não conhece o léxico correspondente na língua que está usando; ou quando o léxico na outra língua é mais familiar e significativo para ele; ou, finalmente, quando ele está cansado, estressado, com preguiça, entre outros fatores. Nesse caso, o bilíngue tende a usar o item lexical disponível no momento da interação.

Notamos que os fenômenos apontados se desenvolvem em vários contextos do contato de línguas, estendendo-se inclusive à situação dos sujeitos bilíngues da nossa pesquisa, que se adaptaram a uma nova realidade. A língua nativa modifica-se com a incorporação de novos itens lexicais e isso ocorre porque, muitas vezes, esses itens lexicais passam a ter mais sentido se forem ditos na outra língua. Os valores semânticos agregados à língua prevalecem e os itens lexicais vão se encaixando conforme o uso. Ressaltamos que os léxicos próprios do novo *habitat* também são integrados ao repertório dos falantes.

Existem dois tipos de empréstimo propostos por Haugen (1972) e apontados por Grosjean (1982): o empréstimo de palavras (*loanwords*) e o empréstimo por substituição (*loanshifts*). O primeiro tipo refere-se ao empréstimo de um item lexical ou vários itens lexicais, afetando parte ou todo de um enunciado. No caso dos aspectos fonológicos e morfológicos, a adaptação é feita na língua-base. O segundo tipo, diferentemente do anterior, remete ao significado de um item lexical, em que pode haver restrição ou ampliação de seu semema. Para exemplificar os dois casos acima, Grosjean (1982, p. 313) cita os seguintes exemplos: para o primeiro tipo “*pizza, czar, croissant*” em inglês; e, para o segundo tipo a palavra francesa “*realiser*” que ampliou o semema, passando a significar “estar consciente de algo”. No empréstimo por substituição, o bilíngue tem a possibilidade de ampliar o semema, por meio do acréscimo de um sema, “criando” um novo significado para o item lexical. Observamos que, em ambos os casos, a influência da outra língua, em geral, vincula-se ao aspecto semântico.

Um exemplo de empréstimo lexical com adaptação e incorporação, do ponto de vista morfológico, à língua-base ocorre com o segmento verbal. Isso é destacado por Grosjean (1982, p. 316) ao mencionar a pesquisa de Pap (1949) sobre bilíngues luso-americanos. Nessa pesquisa, Pap observou que o verbo “*jump*” foi modificado para “*jampar*”, ou seja, o item lexical da outra língua foi incorporado ao segmento verbal da língua nativa, com as devidas adaptações.

Averiguamos que no nosso objeto da pesquisa ocorre uma situação similar ao contexto referido por Grosjean (1982) nos estudos de Pap. Os sujeitos da pesquisa recorrem ao item lexical da língua portuguesa, como exemplo, referenciamos a resposta da figura-tema número 19, “*ajuda shiteru*”. Esse item lexical *ajudar* + [suru] foi registrado em três pontos observados (BSB; TAG e VGB). Para esse item lexical, ao expressar o sentido do verbo, os sujeitos recorreram à estrutura verbal da língua japonesa [suru] e suas variações, formando, nessa composição a expressão “*ajuda suru/shiteru*” que em português corresponde ao segmento verbal “ajuda/ajudando”. Observamos, nas respostas, que o mecanismo de conjugar os dois códigos tem sido repetitivo em vários contextos da análise e, pela frequência de uso desse empréstimo, podemos inferir que existe um padrão de comportamento linguístico.

Os teóricos abaixo destacados indicam as condições e os motivos com relação à ocorrência do empréstimo lexical.

Segundo Weinreich (1974), o empréstimo lexical ocorre devido às seguintes condições:

- Por motivos culturais;
- Pelo uso esporádico do léxico da língua de origem, o qual tende a ser substituído pelo léxico de outra língua;
- Pela semelhança do léxico da língua de origem com a outra língua;
- Pela necessidade de encontrar um sinônimo para o léxico afetivo que perdeu a força de expressão;
- Por *status* linguístico, ou seja, usa-se o léxico de uma língua de “*status*” considerado inferior e emprega-se de forma pejorativa;
- Pelo nível de bilinguismo, isto é, o falante, inconscientemente, introduz léxicos de outra língua;
- Pela distinção semântica, ou seja, usa o empréstimo para estabelecer uma nova situação.

Grosjean (1982) recorre às propostas de Weinreich (1974) e, com base nesse postulado, destaca os seguintes motivos:

- Fatores linguísticos internos motivados pela necessidade, tais como a frequência de uso dos léxicos e aqueles que apresentam características homônimas. Os léxicos que são usados com menor frequência, pelo seu caráter instável, estão sujeitos à substituição. Já no caso das palavras homônimas, uma língua pode tomar emprestada uma palavra para substituir os homônimos, ou seja, para sanar o problema lexical que se verifica quando há formas foneticamente similares, porém com significado diferente.
- Necessidade de encontrar léxicos adequados em situações como emoção, sentimentos, entre outros. Os léxicos referentes à alimentação também são emprestados, quando os bilíngues não encontram o seu sinônimo.
- Falta de léxico para designar situações novas, como: objetos, lugares, conceitos, entre outros.
- Enfoque cultural verificado quando uma cultura sofre a influência de outra cultura, por motivos políticos, tecnológicos, econômicos e culturais. Weinreich relata a situação dos franceses jovens que adotaram os termos “*boyfriend*” e “*girlfriend*”, por acharem mais modernos do que os da língua nativa.

O empréstimo lexical é um fenômeno importante para a vida cotidiana dos falantes bilíngues, visto que no uso os novos itens lexicais apresentam significado específico. Grosjean (1982) afirma que, em geral, esse mecanismo é utilizado para preencher as lacunas lexicais. Essa afirmação corrobora a asserção feita anteriormente por Haugen (1972).

Grosjean (1982) aponta que, nas comunidades bilíngues, existem situações particulares, em que alguns léxicos sofrem empréstimo e são utilizados pelos vários falantes bilíngues. Seu uso frequente acaba por efetivar um padrão de comportamento entre os usuários desse grupo linguístico.

Gumperz (*apud*, GROSJEAN, 1982) afirma que, na comunidade bilíngue com condição social favorável, as línguas têm uma tendência a convergir, devido ao contato intenso e prolongado.

Sabe-se que o empréstimo é um fenômeno que surge no discurso do bilíngue, pondo à mostra o intercâmbio dos dois códigos linguísticos na interação. Apesar de sua importância, muitas vezes, não é reconhecido pelo grupo (monolíngue), como afirma Grosjean (1982, p.

317), visto que existem falantes que não recorrem ao empréstimo, tampouco alternam os dois códigos na interação. Neste caso, as línguas coexistem de forma distinta, isto é, elas não se juntam, mantendo cada qual seu espaço.

Nos estudos realizados por teóricos abaixo arrolados, foi averiguado que, no contexto bilíngue, frequentemente o uso do empréstimo e da mudança de código faz parte do cotidiano das comunidades que apresentam as duas línguas em contato. Desse encontro, forma-se outra variedade de uso. Na comunidade linguística assim caracterizada, os falantes podem usar as línguas/variedades, adequando-as, conforme a situação linguística e sua necessidade de comunicação. Dessa forma, as comunidades bilíngues podem apresentar os usos que são categorizados como “tipos/modos da fala”. Grosjean (1982) cita os tipos da fala dos seguintes pesquisadores:

- Hanselmo (1970) identifica três “modos” de falar na pesquisa com os sueco-americanos, conferindo esses falares: a) a língua inglesa para se comunicar com os falantes usuários dessa língua; b) a língua nativa com “modo americano”, ou seja, a língua-base na língua inglesa; e c) “modo sueco”, nesse caso a língua-base é a língua nativa. Esse último item contém recursos integrados da língua inglesa, ou seja, alternam-se os códigos no nível de conteúdo dos léxicos e também são utilizados como marcadores de discurso.
- Clyne (1972) identifica quatro variedades de língua na pesquisa com bilíngues alemães na Austrália: a) a língua inglesa; b) a variedade alemão/australiana (nessa situação os elementos da língua alemã são transferidos para a língua inglesa); c) a língua alemã (em situação de substituição por falta de falantes monolíngues); e d) a variedade australiana/alemão. A pesquisa apontou que essa variedade é o principal “modo” de comunicação entre os bilíngues. Eles utilizam os dois códigos através de empréstimo lexical e mudança de código.
- Eliás-Olivares (1976) identifica uma situação similar ao observar o hispano-americano em Austin. O que difere das pesquisas acima citadas, é que, neste estudo, a variedade serve como meio de comunicação e como marcador ideológico de estudantes, principalmente, dos jovens que frequentam “*high school*”. Essa variedade realiza-se através do empréstimo da língua inglesa e de mudança de código, mas a língua-base (língua espanhola) é mantida.

O processo de aculturação também contribui para efetivar o empréstimo lexical, principalmente quando os bilíngues desejam se aculturar o mais rápido possível. Nesse caso, eles absorvem com maior intensidade a entrada dos léxicos da outra língua. Por outro lado, o empréstimo realiza-se com menor frequência quando os falantes fazem questão de manter sua identidade linguístico-cultural. Com relação ao processo de aculturação, Grosjean menciona a pesquisa de Higa (1979) que estudou os japoneses do Havaí. Nessa pesquisa, Higa observou que determinados léxicos apresentam uma tendência no processo de aculturação, enquanto outros são mantidos como símbolo de identidade do grupo.

3.1.1.2 Mudança de código

O tema mudança de código tem sido estudado por vários teóricos. Em nosso trabalho, guiar-nos-emos por Grosjean (1982), que apresenta algumas considerações feitas por vários teóricos. O primeiro é Di Pietro (1977), que se refere a essa situação como o uso de mais de uma língua no evento comunicativo, ou seja, a mudança de código ocorre no momento da interação. O segundo, Valdes Fallis (1976), apresenta-a como uma situação em que ocorre a alternância de duas línguas. Scotton e Weinreich (1977) referem-se à mudança de código como o uso de duas ou mais variedades na mesma interação e, por fim, Grosjean (1982, p. 143), na mesma pauta de discussão, versa que “*For our purpose I will define code-switching as the alternate use of two or more languages in the same utterance or conversation*”⁶³.

Grosjean (1982) relata que existem pontos complexos e difíceis de serem explicados e indaga, inclusive, se existe, na interação, a possibilidade de os bilíngues determinarem a língua-base a ser utilizada. Grosjean (1982) recorre a Weinreich (1968) para explicar esse fato. Segundo Weinreich, na interação, os bilíngues, quer seja o emissor, quer seja o receptor, em geral, são capazes de detectar a língua que está sendo utilizada e são capazes de identificar as falas que estão se expressando em outra língua. E, ainda, complementa Grosjean que, os estudiosos da língua(gem) também consegue identificar a base da língua que o falante bilíngue está usando, através de identificadores como verbos, organização das estruturas, ordem de segmentos das palavras, entre outras situações linguísticas. Para nosso propósito,

⁶³ Para nosso propósito, vou definir mudança de código como o uso alternado de duas ou mais línguas no mesmo discurso ou conversação (tradução nossa).

identificamos mudança de código como o uso alternado de duas ou mais línguas/variedades (*hogen*) no mesmo discurso ou conversação.

Sankoff e Poplack (1980), citados por Grosjean, argumentam que, em comunidades linguísticas, a mudança de código é extremamente frequente, o que torna a alternância uma norma, dificultando a identificação das línguas-base. Por essa razão, determinar a língua-base que está sendo utilizada na mudança de código é uma tarefa que merece um estudo mais aprofundado.

Para Grosjean (1982), o fenômeno mudança de código é uma característica comum aos falantes que têm os dois códigos e, pelo fato de, no dia-a-dia, estarem expostos a ambos, acaba facilitando o intercâmbio entre eles. O teórico conclui que, na interação, normalmente, o falante bilíngue não se preocupa em identificar a língua que está em uso no momento discursivo. Isso ocorre, principalmente, quando a comunidade de fala usa-se da mesma forma linguística. Em outras palavras, quando a comunicação é realizada entre os membros que se compartilham do mesmo código, o falante pode usar uma ou outra sem se preocupar com a base da língua que está utilizando.

Outro aspecto destacado por Grosjean (1982) refere-se ao gramatical, ou seja, se existe uma gramática especial utilizada pelos bilíngues na interação. O fato de utilizar as duas gramáticas indica que o bilíngue tem os dois sistemas de línguas internalizados e utiliza tanto um como o outro, sem discriminação. Então, nessa condição, observamos que o falante possui os dois códigos, os quais fazem parte da fala cotidiana. Isso indica a existência de um nível de competência no uso de duas línguas, portanto, o bilinguismo pode, ainda, estar assegurado nessa comunidade.

Grosjean, (1982) identifica duas fases no processo de mudança de código. A primeira fase refere-se à decisão do falante bilíngue, qualquer que seja, que decide que língua-base vai utilizar; e a segunda remete ao contexto em que o falante opta por alternar os códigos. Essa segunda fase depende do interlocutor, ou seja, se ele for também um bilíngue (intragrupal), pode ocorrer a alternância.

Grosjean (1982,) aponta motivos que levam à mudança de código em termos lexicais, destacamos os seguintes itens:

- Facilidade de usar léxicos/expressões/frases em uma dada língua. Nesse caso, o falante alterna os códigos conforme o tópico da comunicação. Em outras palavras,

a mudança de código ocorre quando o falante tem facilidade de expressar/comunicar determinado assunto/tópico na outra língua.

- Dificuldade para encontrar o léxico adequado para expressar a intenção exata. Quando o sujeito não encontra uma tradução desse léxico na língua que está usando, recorre à outra língua.
- Uso do item lexical que para o falante tem mais significado dizer na outra língua e não na língua que está sendo usada naquele momento.
- Falta do léxico no repertório do falante ou nenhuma familiaridade com ele em seu dia-a-dia. É o caso dos termos técnicos e aqueles relacionados ao universo profissional, entre outros.
- Opção pela língua que parece ao falante mais apropriada para expressar uma dada situação, mesmo que o falante conheça o léxico nas duas línguas. Segundo Grosjean (1982, p. 151), esse fenômeno é denominado como “*most available word*” e, frequentemente, encontra-se em comunidades bi(multi)língues e em vários bi(multi)língues. Essa situação ocorre normalmente quando os bilíngues estão cansados, estressados e zangados. Ainda se referindo ao fenômeno “*most available word*”, Grosjean (1982, p. 152) versa neste fragmento seu posicionamento:

“Although many instances of code-switching can be explained by the lack of appropriate terminology in one language, the “most available word” phenomenon, habit, or triggering, many others involve particular verbal or communicative strategies”⁶⁴.

Percebemos também no nosso estudo que o sujeito da pesquisa demonstra uma situação de dúvida ao iniciar a resposta e, pelo fato de, não saber do que se trata, muda de código e completa o enunciado na língua portuguesa. Essa situação indica que, no momento de “tensão” e de “dúvida”, geralmente, o sujeito recorre a outro código para explicitar sua fala, corroborando com o postulado de Grosjean (1982). Essa situação pode ser observada na resposta de uma nipo-brasileira que transcrevemos a resposta “kami wo kirundyanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo kiru, neh”⁶⁵. Percebemos que a nipo-brasileira não identificou o

⁶⁴ Embora a mudança de código, em muitas instâncias, possa ser explicada pela falta de terminologia apropriada em uma língua, o fenômeno da “palavra mais disponível”, o hábito ou o uso, envolve muitas outras estratégias comunicativas ou verbais específicas (tradução nossa).

⁶⁵ Vai cortar o papel, não vai? Esse aqui não é tesoura? Corta o papel, neh (tradução nossa).

objeto *tesoura* que a figura ilustrava e, na dúvida da ilustração, mudou para outro código, perguntado se aquele objeto era *tesoura*.

Assim, os sujeitos da pesquisa direcionam seu comportamento verbal atendendo às necessidades discursivas do momento da comunicação, contemplando, dessa forma, o item lexical que lhe é significativo e familiar e até mesmo mudando de código para interagir com seu ouvinte. Os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa transitam entre esses códigos, atendendo a necessidade do falante para dar prosseguimento à comunicação.

Gumperz (1972) argumenta que uma dada mudança de código implica a transmissão de informações significativas, por isso, a alternância tem um significado, da mesma forma que tem o significado da escolha lexical.

Percebemos que a mudança de código, além de servir como um recurso linguístico, revela a outra face que é a escolha, ou seja, o sujeito vai utilizar o código em que se sente melhor para expressar algo nas interações com seus pares. Gal (1979) reforça essa situação de estratégia discursiva em que a mudança de código se torna um indicador que contém, além dos elementos linguísticos, outros de natureza social. Portanto, nas entrelinhas da mudança de código existem as informações sociais, as atitudes, as intenções e as emoções do falante que sinalizam como esses fatores são relevantes para o entendimento do fenômeno.

No que se refere à atitude, Grosjean (1982, p. 146) afirma que os monolíngues, geralmente, têm uma atitude negativa em relação à mudança de código: “[...] *they see as a grammarless mixture of two languages, a jargon or gibberish that is an insult to the monolingual’s own rule-governed language*”⁶⁶. Se a mudança de código é considerada como algo negativo pelos monolíngues e o falante bilíngue percebe essa situação, ele pode manifestar uma atitude preconceituosa do ponto de vista linguístico. Nesse caso, o componente juízo de valor entra em cena e pode gerar *stress* linguístico na interação. O fenômeno foi observado por Takano (2002), ao estudar a manifestação do preconceito linguístico no uso da variedade nipo-brasileira pelos nipo-brasilienses. Essa variedade é percebida pelos nipo-descendentes como um falar “inapropriado”, uma vez que há uma mistura de duas línguas – a japonesa e a portuguesa.

Grosjean (1982) identifica alguns itens motivadores para a mudança de código. Arrolamos abaixo a situação que pode conduzir à mudança de código:

⁶⁶[...] eles veem como uma mistura de duas línguas agramaticais, uma gíria ou jargão e (consideram) um insulto à linguagem dos próprios monolíngues que são regidos por regra (tradução nossa).

- Preencher uma necessidade linguística: para completar ou marcar uma frase.
- Ampliar ou enfatizar o tópico da argumentação. Trata-se, portanto, de qualificar a mensagem.
- Personalizar a mensagem, ou seja, colocar em foco seu emissor.
- Destacar e enfatizar a identidade do grupo linguístico/étnico.
- Expressar sentimentos como: solidariedade, emoção, raiva, confiança, entre outros.
- Excluir pessoas da conversa.
- Simbolizar sua experiência linguística (no sentido de competência).

A coexistência de dois diferentes códigos pode fomentar a mudança de código. O motivo pelo qual os falantes o utilizam são de várias naturezas. Em geral, é usada como uma estratégia comunicativa.

Essa estratégia linguística e/ou cultural que consiste em se apoiar no outro sistema para a realização da fala foi observada na comunidade estudada. Os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa utilizam os itens lexicais da outra língua (portuguesa) em situações, dentre elas, para preencher a lacuna lexical. E, ainda, em determinada situação utiliza-se do item lexical em português, revelando, talvez, no uso, que é mais significativo dizer na língua portuguesa do que na língua japonesa. Podemos considerar também que, por ser bilíngue, o sujeito da pesquisa tem, no seu repertório linguístico, dois sistemas lexicais e, no uso, opta pelos itens lexicais em que se sente mais à vontade para usar e, dessa forma, os itens lexicais atualizam-se e materializam-se, em consonância com o momento da comunicação.

O estudo pioneiro sobre a mudança de código no falar dos bilíngues da segunda geração (nisseis) do Distrito Federal foi realizado por Nawa (1988). Nawa, em seu estudo, analisou a alternância do uso das duas línguas (japonês e português) sob a perspectiva da situação comunicativa, em especial quanto ao aspecto discursivo-estratégico da mudança de código. Nawa (1988, p. 48) observou que os sujeitos da pesquisa alternavam os códigos (japonês e português) nos eventos comunicativos, tendo considerado a mudança de código um dos aspectos mais marcantes do comportamento verbal dos bilíngues nisseis. Para o autor, a mudança de código expressa “[...] a distribuição das línguas que refletem os diferentes momentos do processo de adaptação deste grupo étnico”. Apesar da relevância do assunto, Nawa (p. 43) assinala que “[...] existem poucos estudos referentes ao fenômeno e que a mudança de código permanece, ainda, uma incógnita”.

Nawa (1988, p. 135) considera a mudança de código uma estratégia discursiva, porque nela se inscrevem as informações linguísticas e os aspectos extralinguísticos. Destaca que os

bilíngues nisseis recorrem a essa estratégia comunicativa como uma forma de “simbolizar a sua postura diante de uma determinada situação”. Nawa (1988, p. 44) versa que a mudança de código é realizada por nisseis de forma espontânea, conforme pode ser observado no seguinte trecho: “[...] a mudança de código é espontânea e ocorre dentro de um mesmo ato de fala, sem nenhum indício aparente de modificação na fluência do discurso como: hesitação, pausa, mudança na entonação, etc”.

A partir dessas observações, podemos perceber que o uso de uma língua ou de outra varia conforme o interlocutor e o conhecimento compartilhado. Portanto, a mudança de código é balizada pelo fator social e orientada pela identidade étnica. Assim, a mudança de código pode servir de marcador de identidade étnica, isto é, o uso de uma e/ou outra língua está relacionado com o sentimento de “pertencimento” a um dado grupo linguístico, isto é, o grupo de que o falante faz parte. Gumperz (1976) classifica essa situação como: “*they code*” e “*we code*”. O “*they code*” reporta-se ao código do outro e realiza-se em contexto formal e com os grupos que não pertencem à mesma identidade étnica, enquanto o “*we code*” refere-se ao código do grupo do falante e se efetiva no contexto informal. Este último, em que os valores étnicos se integram, está associado ao sentimento de solidariedade à comunidade linguística de que o falante faz parte.

A pesquisa etnográfica de Gumperz e Blom (1998) sobre o comportamento das variedades do norueguês (*Bokmal e Ranamal*) revela as faces dessas variedades. A variedade Bokmal, para os noruegueses, representa a variedade padrão adquirida na instituição formal, enquanto a variedade Ranamal constitui o código “afetivo”, adquirido no lar. As relações domésticas e de amizade são realizadas na variedade Ranamal, portanto, é a variedade que traz em seu bojo o componente referencial que identifica o “eu” e o diferencia do “outro”. Esses indicadores fornecem elementos para a construção da identidade linguística que se alia à identidade étnica.

A pesquisa realizada na Noruega revelou que o fator identidade tem relevância nos estudos da língua(gem). O aspecto intragrupal concorre para essa situação e se manifesta no componente “nós”, evidenciado no comportamento dos falantes.

O evento social referido pelos teóricos remete a uma situação em que o comportamento linguístico do falante se modifica conforme o contexto em que ocorre a interação. Os falantes usam um dos códigos de acordo com a situação, por isso, pode ocorrer o uso de um código ou outro com o mesmo interlocutor no mesmo local. Nesse caso, o contexto vai balizar a situação. Assim, dependendo do assunto da interação, pode ocorrer a mudança de código, ainda que os interlocutores permaneçam no mesmo espaço.

Os estudos etnográficos realizados pelos teóricos mostram a importância de se analisar o comportamento linguístico à luz do seu significado social. Com base nessa concepção, podemos dizer qual é o repertório linguístico da comunidade neste estudo. Verificamos que as línguas/variedades coexistem de forma distinta. De um lado, os sujeitos nipo-brasileiros usam a língua portuguesa do Brasil na interação com os falantes dessa língua e com os nipo-brasileiros monolíngues (aqueles que não utilizam a língua japonesa). De outro, os sujeitos nipo-brasileiros utilizam a variedade nipo-brasileira na interação com os sujeitos bilíngues português/japonês (incluem-se aqui as variações diatópicas do Japão – *hogen*) e a variedade padrão com os sujeitos que a utilizam. Na comunidade bilíngue dos nipo-brasileiros, cada língua/variedade assume seu papel e desempenha sua função de acordo com os interlocutores.

Em relação à variedade padrão e à variedade nipo-brasileira, percebemos que a última é a variedade que simboliza o grupo linguístico da comunidade nipo-brasileira e, nas entrelinhas da fala, estão presentes o sentimento de identificação e de inclusão, enquanto a variedade padrão, por ser legitimada, é considerada a variedade de prestígio e de poder (GUMPERZ e BLOM, 1998).

Assim definido, encontramos na comunidade em estudo essas variedades, uma, a padrão, que é ensinada nas escolas; e a outra, que é aquela usada pelos falantes nipo-brasileiros que a detêm. Nas interações diárias face-a-face, seja no lar, seja na comunidade, eles optam pela variedade de afinidade, e, em situação de “*stress*”, optam pela língua da sociedade majoritária.

Tais considerações revelam que o repertório linguístico dos nipo-brasileiros apresenta essas múltiplas faces: cada língua/variedade ocupa seu espaço e seu uso será balizado pelo contexto linguístico. Gumperz e Blom (2010, p. 58) observaram nos seus estudos uma situação similar ao nosso estudo, segundo esses pesquisadores “[...] o dialeto e a língua padrão permanecem separados devido às identidades culturais inseridas em cada código e aos valores sociais neles embutidos”.

O estudo linguístico realizado por Gumperz e Blom revela que as manifestações surgidas numa relação entre a língua e a identidade étnica são de suma importância para efetivar, ou não, uma situação linguística. O juízo de valor também apresenta a face positiva, principalmente na situação em que entra em cena o traço de pertencimento, fazendo com que prevaleça o código intragrupal.

Para conferir essa situação, inserimos o contexto em que a nipo-brasileira da pesquisa disse: “uso assim, dentro de casa e com meus amigos nikkeis” esse depoimento foi anotado, pela pesquisadora desse trabalho, na entrevista realizada em Núcleo Bandeirante. Gumperz

argumenta que muitas vezes a mudança de código está relacionada ao sentimento de “pertencer” ao seu grupo linguístico, portanto se associa aos valores étnicos. Nesses termos, a *variedade nipo-brasileira* que apresenta o uso de dois códigos (português e japonês) traz, nas entrelinhas desse encontro, o sentimento de solidariedade à sua comunidade linguística.

Assim, a língua desempenha a função de “colaboradora”, ou não, para a manutenção do bilinguismo e também para a construção da identidade de uma comunidade. A língua(gem) contribui para a construção da identidade étnica que se adquire no seio do convívio social. Por isso, ela se compõe e recompõe conforme a experiência de vida do sujeito social. No entanto, muitas vezes, fenômenos, e a língua é um exemplo, ultrapassam as convenções sociais e se instalam como um traço do “*self*” (HAGUETTE, 1999, p. 32).

O contato de línguas promove fenômenos, entre eles o empréstimo lexical e a mudança de código, que se articulam nas respostas dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa. Grosjean (1982, p. 311) identifica os motivadores que levam os bilíngues a recorrerem ao empréstimo lexical, cuja proposta nos orienta para o entendimento da situação linguística das comunidades estudadas. Este postulado pode ser observado no fragmento:

These are almost identical to the reasons for word borrowing: the bilingual cannot find a particular word in one language and thus resorts to the other; the language being spoken does not have a particular word or the bilingual has not learned it; the words in the two languages are not equally familiar and the bilingual chooses the one that is best known; and the “most available word” phenomenon leads the bilingual to borrow from the other language, especially when he or she is tired, lazy, or under stress⁶⁷.

Nosso objeto de estudo privilegia os contextos acima expostos, porque, ao se referir à língua(gem), sob a perspectiva da sociolinguística/bilinguismo, envolve a questão acima. A estratégia que o sujeito da pesquisa utiliza para realizar as respostas corrobora para proposta dessa pesquisa, qual seja: no ato da fala, os dois sistemas juntam-se e completam-se para compor a situação da *variedade nipo-brasileira*. E, ao mesmo tempo, o objeto em questão ancora-se nos aspectos histórico, cultural, político e social dos (i)migrantes e seus descendentes, enfim, na história de vida dos nipo-brasileiros do Distrito Federal.

No próximo item, trataremos, de forma breve, o percurso histórico da Dialetologia/Geolinguística do mundo e do Japão para contextualizar o nosso objeto de

⁶⁷ Essas são quase idênticas às razões para o empréstimo da palavra: o bilíngue não consegue encontrar uma palavra específica numa língua e então recorre à outra; a língua falada não tem uma palavra específica ou o bilíngue não a aprendeu ainda; as palavras nas duas línguas não são igualmente familiares e o bilíngue escolhe aquela que é mais conhecida; e o fenômeno da “palavra mais disponível” leva o bilíngue a emprestar da outra língua, especialmente quando ele ou ela estiver cansado(a), for preguiçoso(a), ou sob stress (tradução nossa).

estudo, pois os estudos epistemológicos e metodológicos destas áreas complementam a nossa investigação.

3.2 Dialetoлогия/Geolinguística

Coseriu (1982) define a linguagem como um fenômeno multifacetado. Essa definição supõe várias formas de olhar o mesmo objeto de estudo. Supõe igualmente que essas faces vão se revelando e indicando as outras que estão subjacentes, evidenciando que as conjunturas externas devem ser conjugadas para melhor compreensão do fenômeno linguístico.

A composição do universo linguístico se efetua conforme o tempo, a sociedade, a cultura e o ambiente. Uma das áreas que se propõe a investigar o universo linguístico é a Geolinguística, que retrata a situação das línguas/variedades das regiões, ao estudar a correlação entre os fenômenos linguísticos e o espaço geográfico. As diversas variedades regionais na fala dos falantes podem ser enfocadas em estudos dessa natureza, que indicam a procedência geográfica do fenômeno linguístico.

Recorremos aos teóricos Chambers e Trudgill (1984) para percorrer um pouco a história da Dialetoлогия. Eles mencionam que os primeiros registros desta natureza encontram-se no projeto do poeta Bernat d'Auriac, que, em 1284, propôs uma divisão da França em duas áreas linguísticas, o Norte e o Sul. Pouco mais de cem anos depois, em 1387, Trevisa estabelece a divisão linguística da Inglaterra por meio de uma investigação de cunho fonológico, em que pesquisa os sons similares. Para essa pesquisa, Trevisa divide a Inglaterra em duas áreas linguísticas: os homens do Leste e os homens do Oeste.

Como referência, Chambers e Trudgill (1984) destacam o projeto *Verner's Law*, uma das pesquisas que estuda os aspectos fonológicos e representa um dos maiores estudos dessa área. A investigação evidencia as condições fonológicas que determinam as classes das palavras germânicas, cuja exceção é registrada na *Grimm's Law*. A divisão, com base em suposição ou em intuição, acaba provocando ruído na construção do saber científico até meados do século XIX. No entanto, os neogramáticos, ao utilizarem os dados desse projeto, perceberam que havia uma relação relevante entre a língua clássica e a moderna, validando, dessa forma, a importância desse estudo.

Chambers e Trudgill (1984, p. 17) afirmam que “*The result was the development of DIALECT GEOGRAPHY, a methodology or (more accurately) a set of methods for gathering evidence of dialect differences systematically*”⁶⁸.

Assim, a Dialetoologia retoma sua posição na investigação das variedades da língua(gem) e, por meio do método geográfico, proposto por Gilliéron, consolida-se como Geografia Linguística. Essa consideração pode ser justificada pela afirmação de Cardoso (2010, p. 46) “Firma-se, assim, a geografia linguística como método por excelência da dialetoologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”.

Em nossa pesquisa, língua(gem) será utilizada conforme Coseriu (1982, p. 30):

[...] a linguagem se apresenta sempre como “língua”, ou seja, como linguagem que se desenvolveu e que se realiza historicamente. A linguagem é apreensão do ser, mas não por meio de um sujeito absoluto, nem do indivíduo empírico, e sim por meio do homem histórico que, precisamente por isso é ao mesmo tempo um ente social. (...) estas duas dimensões aparecem como duas apenas na interpretação explícita da linguagem, mas no fundo são uma só.

Nesse sentido, o fenômeno língua(gem) engloba todos os eventos linguísticos que se manifestam no sujeito social.

Alguns estudiosos, entre eles Chambers e Trudgill (1984), definem a variação linguística como formas de falar, ou seja, no repertório linguístico dos falantes, existem diversas formas e o falante recorre ao uso de uma delas, conforme o contexto discursivo. Exemplificam com a variedade padrão do inglês que a consideram uma das variedades do inglês. Para os teóricos, as variedades apresentam traços da língua matriz, o que as diferencia são os fatores históricos, geográficos, políticos, sociais e culturais, os quais podem fornecer subsídios para justificar a formação dos falares.

Alvar (*apud* BRANDÃO, 1996, p. 12) define a língua, o dialeto e o falar de modo semelhante ao de Chambers e Trudgill (1984). Para ele, a língua constitui um sistema que apresenta características padronizadas nos aspectos fonológicos, sintáticos, morfológicos e lexicais, orientados pelas normas gramaticais. É considerada legítima porque tem *status* e é mantida pela instituição escolar. No caso do dialeto e do falar, apesar de serem incorporados no sistema, apresentam-se com a função de subsistema. Consoante Alvar:

⁶⁸ O resultado foi o desenvolvimento da Geografia Dialetoal, uma metodologia ou, (mais precisamente), um conjunto de métodos para coletar, sistematicamente, evidências das diferenças dialetais (tradução nossa).

[...] língua é o sistema de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelção, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas lingüísticos de sua própria origem.

Dialeto: sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outras de origem comum.

Falar: estruturas lingüísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes características dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de caráter administrativo.

Em nossa pesquisa, utilizamos o termo variedade para designar o fenômeno “formas de falar”, incluindo as variedades regionais (*hogen*) da língua japonesa. Nos estudos geolinguísticos japoneses, em que o dialeto (*hogen*) oficial é classificado como uma das variedades regionais da língua japonesa, o termo dialeto não tem valoração linguística. Portanto, neste trabalho, quando nos referimos a dialeto, manteremos o mesmo conceito, ou seja, sem o viés de estigma linguístico. Nesta pesquisa, também empregamos o termo variedade regional com referência ao dialeto. O uso do termo variedade pode ser justificado pela proposta dos teóricos Chambers e Trudgill (1984, p. 5) “*We shall use ‘variety’ as a neutral term to apply to any particular kind of language which we wish, for some purpose, to consider as a single entity*”⁶⁹. No caso da variedade japonesa, utilizamos o termo *hogen*.

Chambers e Trudgil (1984) justificam também que os fatores geográficos contribuem para a formação de uma determinada situação linguística. Tal fato é percebido nas variedades utilizadas em zonas rurais, as quais apresentam características em consonância com aquele espaço geográfico.

Existe uma tendência a encontrar o mesmo fenômeno nas áreas próximas e, à medida que a distância aumenta, há uma grande probabilidade de que o mesmo fenômeno não ocorra. Dessa forma, é possível afirmar que quanto maior for a distância de uma região a outra, maior será a distância linguística. Pelo fato de existir uma barreira linguística, devido à posição geográfica, os estudiosos assinalam e validam a importância desse aspecto nos estudos da língua(gem). Chambers e Trudgill (1984) argumentam que, mesmo sendo da mesma origem, cada uma das variedades rurais da Europa composta por Francês, Italiano, Catalão, entre outras línguas, desenvolveu-se de forma distinta, e essa condição linguística é denominada dialeto românico *continuum*.

⁶⁹ Devem usar 'variedade' como um termo neutro para aplicar a qualquer tipo específico de língua que desejamos, como proposta, por algum motivo, considerar como uma entidade única (tradução nossa).

O percurso das variedades depende desses contextos que podem ser justificados a partir das considerações de Zágari (2005, p. 52): “[...] no decurso do tempo (lá é outro tempo, outro solo, outro homem, outra história), delineou-se e cristalizou-se o contorno dos dialetos românicos através de uma cadeia a que denomina hoje *continuum geoleta*”.

O grau de imposição da variedade padrão sobre as demais variedades não se discute sob a ótica da dependência linguística. O que se coloca em pauta é a própria formação histórica e linguística da variedade.

A autonomia de uma língua começa a ser diluída, se as variedades independentes compartilharem do mesmo espaço linguístico. Chambers e Trudgill (1984) mencionam a situação das variedades do dialeto *continuum* do inglês falado na Escócia. Antes, a variedade “*scotchs*” tinha sua autonomia, entretanto, nos últimos anos, com a presença de outras variedades do inglês, o falar escocês foi perdendo sua posição.

Quando se discute o dialeto social, entra em cena a estratificação social e o *status* é acionado por meio do uso da língua. Chambers e Trudgill (1984) justificam essa situação a partir de um exemplo extraído do contexto linguístico jamaicano. Na Jamaica, duas línguas coexistem e dividem o mesmo espaço, cada qual assumindo sua posição de acordo com o juízo de valor atribuído a elas. De um lado, figuram os falantes do inglês que, em sua maioria, pertencem à classe privilegiada; de outro, encontram-se os falantes do crioulo jamaicano, membros da classe menos privilegiada. A distinção entre essas classes pode gerar uma situação de preconceito linguístico, já que as variedades são vistas pelo prisma dicotômico de *status*.

3.2.1 Dialectologia/Geolinguística no Japão

O falar do Japão é constituído por inúmeros dialetos. Além de cobrirem o território de norte a sul, navegam entre as ilhas japonesas, contribuindo, dessa forma, para a composição linguística da língua japonesa falada no Japão. O arquipélago japonês é formado por quatro grandes ilhas (*Hokkaido*, *Honshuu*, *Shikoku* e *Kyuushuu*) e quanto à divisão da variedade diatópica (*hogen*) é dividida em dois grandes grupos: variedade diatópica do Leste (dentre elas, a variedade da região de Tóquio); e a variedade diatópica do Oeste (dentre elas, a região de Osaka e de Quito).

As variedades regionais, muitas vezes, ultrapassam a fronteira da língua japonesa e se constituem na fala que só é compreendida pela comunidade que o detém. Na reforma Meiji, o governo escolheu, dentre muitos, um dialeto padrão que pudesse ser veiculado em todo o território nacional, como dialeto de uso em comum. Assim, a variedade *hogen* contemplada foi de Tóquio, representando a língua oficial do Japão.

Percebemos que a situação linguística do Japão é similar ao contexto que Chambers e Trudgill (1982, p. 10) observaram no “dialeto românico *continuum*”. Para esses teóricos muitas vezes o fator espaço geográfico pode contribuir para a língua/variedade tornar-se ininteligível, isto é quanto maior a distância geográfica maior será a distância linguística. Desse ponto de vista, de certa forma, as variedades regionais do Japão podem ser consideradas como uma variedade *continuum*.

A variedade denominada *Ryuukyuu*, usada nas ilhas de mesmo nome que ficam ao sudoeste do Japão, é uma das variedades mais ininteligíveis para japoneses residentes em outras regiões. A história corrobora essa situação, pois as ilhas *Ryuukyuu* são independentes, isto é, como não pertenciam ao território japonês, tinham sua própria língua com diversas variedades locais. A língua padrão do *Ryuukyuu* era o *Shuri*, ou seja, a variedade *hogen* usada na capital de *Ryuukyuu*.

A história linguística das ilhas *Ryuukyuu* começa quando elas foram incorporadas ao território japonês há aproximadamente 150 anos. Essas peculiaridades geopolíticas emergem e contribuem para a construção de uma política linguística no Japão. Isso ocorre, pelo fato de, nas regiões do Japão, existirem diversas variedades diatópicas, das quais, algumas são ininteligíveis aos residentes de outras localidades.

Para justificar o contexto acima referido, citamos Chambers e Trudgill (1984) que assinalam que quanto maior for a distância de uma região à outra, maior será a distância linguística. Essa barreira linguística é induzida pela posição geográfica que evidencia a importância desse aspecto nos estudos da língua(gem).

Pautados pela necessidade de uma política de inclusão linguística, os linguistas japoneses produzem o dicionário da variedade *hogen* de *Okinawa*⁷⁰(*Shuri*). A obra é composta de 12.000 palavras; inclui nos verbetes a descrição fonológica e gramatical na variedade *Shuri*. É considerada uma das obras mais importantes produzidas na área da Dialectologia. Onishi (2009, p. 4) ressalta os méritos dessa obra:

⁷⁰ Okinawa: nome da ilha onde se localiza Shuri e também o nome da prefeitura.

Dictionary of Okinawa language” carries basic words used as Shuri dialect without considering that each word is same or different from standard Japanese. With this characteristic dictionary is through to be an ideal dictionary in dialectology and there are no other dialectal dictionary like this still now⁷¹.

Neste trabalho, não se pretende discorrer minuciosamente sobre as variedades do Japão. No entanto, acreditamos que é oportuno inserir considerações preliminares sobre a situação dos estudos dialetológicos no Japão para situar o problema desta pesquisa. O exame da questão leva à variável em estudo, uma vez que os imigrantes que vieram para o Brasil são provenientes de várias regiões do Japão, muitos da região de *Okinawa*, cada qual com seus respectivos falares. Fica evidente que esses fenômenos, articulados entre si, acabam interferindo na composição da fala em estudo.

Ainda no que concerne aos estudos dialetológicos, a partir de 2008, data de comemoração dos sessenta anos da existência do *National Institute for Japanese Language*, o governo japonês tem priorizado e fomentado pesquisas dessa natureza.

Como já mencionamos anteriormente, o fato de existir a diversidade dos falares fez com que o governo tomasse medidas educativas para que a população tivesse acesso a uma língua comum. Esse contexto histórico-político da época contribuiu para que a medida merecesse uma atenção especial no Japão. Entre os acontecimentos histórico-políticos destacamos a reforma Meiji, a inclusão das Ilhas *Ryuukyu* e o advento da Segunda Guerra Mundial. Com base nesses fatos, o governo japonês estabeleceu uma língua padrão em nível nacional e priorizou a urgência da publicação de dicionários e gramáticas das variedades *hogen*.

O advento da II Guerra Mundial trouxe várias mudanças no dia-a-dia dos japoneses. O Japão presenciou o desenvolvimento desenfreado de vários setores, entre os quais a tecnologia, os transportes e as comunicações. Assim, a modernidade começa a fazer parte da vida dos japoneses e com ela a necessidade de escolher uma variedade *hogen*, ou seja, a variedade que vai representar a língua oficial do Japão. Para atender a essa necessidade, foi preciso realizar uma investigação para escolher a variedade *hogen* que representaria a língua institucional.

⁷¹ Dicionário da língua Okinawa contém palavras básicas usadas no dialeto Shuri, sem considerar que cada palavra é igual ou diferente do japonês padrão. Com este dicionário característico está-se caminhando para um dicionário ideal em dialetologia e não há, ainda, nenhum outro dicionário dialetal como este (tradução nossa).

Conforme o contexto metodológico apontado por Onishi (2009), inicialmente os sujeitos da pesquisa foram selecionados de forma aleatória e os dados mensurados por meio dos métodos estatísticos.

Para a composição da variedade padrão japonês, segundo Onishi (2009), a pesquisa foi feita na Ilha de *Hatizyou*, na cidade de *Sirakawa*, localizada ao sul do Nordeste do país e, por fim, a cidade de *Tsuruoka*, situada na parte ocidental do Nordeste do país.

A primeira pesquisa foi realizada na ilha de *Hatizyoo*, que pertence à prefeitura de Tóquio, em 1950. Denominada “*Hatizyoozima no Gengo Choosa*” (Linguistic: The Survey at the Island of Hatzyoo), investiga o falar usado pelos residentes da ilha e o compara com o falar de pessoas que saíram da ilha. Segundo o relato de Onishi (2009) esse livro foi a primeira publicação realizada pelo instituto. O estudo comparativo mostrou que a variável idade era significativa para a manutenção da variedade e que o tempo ideal de permanência para que se efetivasse a manutenção linguística era de 15 anos, critério este que norteou a escolha dos sujeitos da pesquisa. Essa pesquisa incluiu não só os estudos de padronização, mas também as descrições da variedade clássica da Ilha de *Hatizyoo*.

A segunda pesquisa foi realizada em *Sirakawa*, nos idos de 1949, e o resultado da pesquisa foi publicado no livro *Gengoseikatsu no Jittai ‘Language Survey in Sirakawa City and neighboring villages’* em 1951 e, nessa pesquisa, observou-se que os habitantes utilizavam uma língua comum entre eles para se comunicarem, isto é, *Kyootsuugo* que era considerada uma língua comum entre os falantes de *Sirakawa*, portanto, não tinha a categoria de uma língua interdialeto. *Kyotsuugo* assemelha-se à língua padrão atual do Japão.

O critério para a escolha do sujeito da pesquisa de *Sirakawa* seguiu os padrões metodológicos dos estudos da Dialectologia. Nesse estudo as variáveis sociais foram consideradas, por conseguinte, o aspecto diasssexual, o segmento faixa etária e a formação escolar foram contemplados.

A última pesquisa data de 1950 e foi realizada em *Tsuruoka*, tendo os resultados sido publicados no livro *Chiikishakai no gengoseikatsu ‘Language Survey in Turuoka City, Yamagata Prefecture’*. Esse levantamento do *hogen* de *Tsuruoka* seguiu a orientação metodológica da pesquisa de *Sirakawa*, isto é, considerou também as variáveis sociais.

A pesquisa de *Tsurukawa* cobriu três momentos: a primeira data de 1950; a segunda, de 1971; e a terceira, de 1991. Os estudos desta natureza que, *a priori* retratam o falar do ponto de vista sincrônico, acabam contribuindo para averiguar o fenômeno na perspectiva diacrônica. Um estudo que engloba quatro décadas pode revelar os possíveis fatores para sua formação e, também, as tendências naturais desses falares.

Desde a sua fundação, na década de 50, segundo Onishi, o Instituto Nacional formou pesquisadores locais para fazer entrevista de coleta de dados. O grupo de pesquisadores é conhecido por *Chihoo Kenkyuuin* (pesquisadores locais). Na época foram pesquisados cinquenta sujeitos, requisitados e selecionados pela prefeitura local.

O procedimento da coleta de dados segue os seguintes passos:

- a) os sujeitos da pesquisa selecionados enviam um relatório para o Instituto;
- b) o Instituto recebe e analisa esses relatórios; e
- c) os relatórios são devolvidos para os respectivos sujeitos da pesquisa que devem fazer a descrição em seu dialeto, no mesmo formato.

Consoante Onishi (2009), nesse relatório são incluídos os aspectos fonológicos, morfológicos e algumas expressões próprias da fala pesquisada.

A coleta de dados registrou no total de quinze variedades pesquisadas e esses dados foram utilizados para a produção de uma descrição dos estudos das variedades regionais japonesas, intitulada de *Nihon kizyutsuteki kenkyuu – Descriptive Studies of Japanese Dialects*.

Esse procedimento metodológico, segundo Onishi (2009), além de contribuir para descrever as variedades locais, destina-se ao estudo de outras variedades *hogen* existentes no Japão. Esses estudos contribuíram na produção da edição final de dicionário que pode ser justificada pela afirmação de Onishi (2009, p. 38). “*For this purpose, the section made descriptive studies all over the Japanese dialects and edited a detailed dictionary of a particular dialect*”⁷².

Nos dados apresentados por Onishi (2009), ressaltamos a publicação dos seguintes atlas linguísticos:

- *Nihon Gengo Chizu ‘Linguistic Atlas of Japan’*, publicado de 1966 a 1974, em seis volumes, incluindo 300 mapas linguísticos.
- *Hoogen Bumpoo Zenkoku Chizu ‘Grammar Atlas of Japanese Dialects’*, publicado de 1989 a 2006, em seis volumes, incluindo 350 mapas. Nesta pesquisa, os aspectos morfológicos da língua japonesa foram privilegiados.

⁷² Para esse fim, a seção fez estudos descritivos por todos os dialetos japoneses e foi editado um dicionário detalhado de um dialeto específico (tradução nossa).

Com relação ao *Atlas Linguístico do Japão*, a coleta de dados foi realizada de 1957 a 1965, em 2400 locais do Japão. Os sujeitos da pesquisa são do gênero masculino, com mais de 60 anos de idade e nascidos na localidade, antes do ano de 1903.

Pesquisas desta natureza conduzem a estudos em duas perspectivas linguísticas: a sincrônica e a diacrônica. A perspectiva sincrônica emerge no recorte vertical, o qual objetiva a elaboração de um levantamento do falar contemporâneo com relação à variação diatópica. Os elementos coletados neste último possibilitam, ainda, a investigação do segmento horizontal, ou seja, o estudo da evolução da língua sob a ótica da diacronia. A afirmação de Onishi (2009, p. 45) expressa as duas perspectivas presentes no *Atlas Linguístico do Japão*.

*Linguistic Atlas of Japan has the twofold aim, and one is to present a geographical distribution contemporary linguistic usage, and the other is to furnish the materials necessary for a historical study of the Japanese language in accordance with the methods of geolinguistics*⁷³.

O *Atlas Gramatical dos Dialectos Japoneses* realizou-se entre o ano de 1979 a 1982, em 807 localidades pesquisadas. O critério utilizado para o perfil do sujeito da pesquisa difere dos outros atlas pesquisados, pois os sujeitos da pesquisa são de gênero feminino, com mais de 65 anos de idade e nascidas antes do ano de 1925.

Os dados foram publicados num atlas com seis volumes, encontrando-se, ainda, disponíveis na internet.

Além desses atlas, há também uma pesquisa que se concentra no falar no aspecto discursivo, investigando a modalidade oral discursiva. Para Onishi (2009), essa pesquisa tem um valor ímpar, pois, além de investigar o aspecto oral das variedades, proporciona elementos não somente para a elaboração dos atlas linguísticos, como também para a produção dos atlas gramaticais.

O primeiro trabalho desse tipo, realizado de 1974 a 1976, registrou 20 localidades. O trabalho, intitulado *Hoogen Danwa Siryoo “Texts of Tape-Recorded Conversations in Japanese Dialects”*, com 10 volumes e gravado em fita cassete, foi publicado de 1978 a 1987. Essa obra pode ser considerada bidialetal, pois, além de apresentar o falar local, traz a forma correspondente na variedade padrão.

O segundo trabalho – *Nihon no Furusato Kotoba Syuusei “Database of Dialectal Conversations in Japan”* –, composto de 20 volumes, foi publicado de 2001 a 2008, tendo a

⁷³O *Atlas linguístico do Japão* tem duplo objetivo, um deles é apresentar a distribuição geográfica do uso linguístico contemporâneo, o outro é fornecer os materiais necessários para um estudo histórico da língua japonesa, seguindo os métodos da geolinguística (tradução nossa).

pesquisa sido realizada em 47 localidades. O avanço da tecnologia também contribuiu para que a pesquisa fosse feita conforme a demanda da sociedade contemporânea. Assim, os bancos de dados dessa investigação incluem os textos impressos em livros, CDs e CD-ROMs; os textos são informatizados e os arquivos de som são registrados em CD-ROM.

Os estudos dialetológicos/geolinguísticos evidenciam como os fatores geográficos são determinantes importantes para a caracterização da fala dos sujeitos. Sendo assim, a situação linguística dos (i)migrantes e seus descendentes deve levar em consideração os fatores acima citados, já que esses grupos de *hogen* que constitui a fala do território japonês, trouxeram consigo suas respectivas variedades. Mase (1987, p. 138) observou, no estudo sobre *koronia-go*⁷⁴, a influência do *hogen* e essa situação pode ser averiguada na seguinte transcrição:

“[...] uma das razões pelas quais não é a língua padrão, mas o dialeto do oeste japonês que serve de base para a língua comum dos japoneses e seus descendentes no Brasil é a elevada proporção de imigrantes oriundos da região ocidental do Japão. O número de japoneses do oeste que emigraram ao Brasil atinge 56,7%, número bem superior ao dos emigrantes do leste ou de Okinawa. Há que se notar, ainda, que o dialeto comum do oeste japonês se baseia no dialeto de Quioto e Osaca”.

Esse fragmento demonstra que esses *hogen* se encontram espalhados na fala dos (i)migrantes e seus descendentes, preservando, possivelmente seu uso que identifica de certa forma a origem dos seus ancestrais linguísticos.

⁷⁴ *Koronia-go* (língua da colônia): é o termo adotado por Mase ao se referir à fala dos nipo-brasileiros e seus descendentes.

4. MÉTODO E PROCEDIMENTOS

No presente trabalho, utilizamos o aporte teórico-metodológico da Geolinguística, apresentado no capítulo anterior, que, entre outros, contempla a aplicação de questionários a um grupo representativo, numa rede de pontos em um espaço geográfico definido. Para fazer face à peculiaridade desta pesquisa, recorreremos também a elementos de Sociolinguística, Bilinguismo, Contato de línguas e Dialectologia também expostos no capítulo anterior. Assim, por meio da perspectiva interdisciplinar, encontramos subsídios para descrever o fenômeno em questão, qual seja, a *variedade nipo-brasileira*.

No primeiro momento, voltamo-nos para a pesquisa teórica sobre o objeto em questão. Baseada em uma revisão bibliográfica, a pesquisa teórica proporciona um conhecimento mais profundo e sedimentado sobre as teorias que servem de alicerce para a pesquisa de campo e para a análise dos dados.

4.1 A definição da rede de pontos e a seleção dos sujeitos da pesquisa

O estudo das comunidades de nipo-brasileiros do Distrito Federal contribuiu para a delimitação da rede de pontos e para a seleção dos sujeitos da pesquisa. Consideramos os fatores históricos, demográficos, culturais, econômicos e sociais, conforme mostramos a seguir.

O número de pontos bem como o de sujeitos entrevistados no Distrito Federal foi definido conforme estudo sobre o povoamento dos imigrantes japoneses e seus descendentes na região. Seleccionamos três regiões com características rurais e duas com características urbanas. Utilizamos o termo características rurais para especificar um contexto em que o núcleo de trabalho está voltado para a produção agrícola.

Por essa razão, nesta pesquisa, focalizamos especificamente residentes bilíngues do Distrito Federal de 5 (cinco) pontos: Brasília, Brazlândia, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Vargem Bonita.

Para melhor visualização, no quadro abaixo, inserimos as siglas referentes aos pontos que são usados no presente trabalho.

PONTO – COMUNIDADE	SIGLAS
Brasília	BSB
Brazlândia	BRAZ
Núcleo Bandeirante	NCB
Taguatinga	TAG
Vargem Bonita	VGB

Quadro 4.1: Rede de Pontos e Siglas

Como, nos estudos geolinguísticos, considera-se o aspecto demográfico da região aliado à dimensão social em termos de estrato social para a realização da pesquisa, buscamos elaborar uma rede de pontos e determinar o número de sujeitos que pudessem retratar a situação linguística de forma real e no tempo devido. Diante disso, o perfil da amostra da pesquisa levou em conta os fatores supracitados.

Para compor a amostra, seguimos alguns critérios da Geolinguística, todavia, dada a peculiaridade desta pesquisa, fizemos algumas adaptações/alterações nos critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa. No projeto original, determinamos 4 (quatro) sujeitos (diassexual) em cada ponto. Contudo, no desenrolar do trabalho, efetuamos a pesquisa com 10 (dez) sujeitos da segunda geração (nissei), distribuídas em duas faixas etárias das 5 comunidades *nipo-brasileiras* já citadas.

Quanto à seleção dos sujeitos, adotamos, ainda, os seguintes critérios:

- Ser bilíngue (japonês/português): para o perfil do sujeito de pesquisa privilegia-se a questão geográfica, buscando, na medida do possível, pessoas nascidas na região. No entanto, devido à mobilidade migratória entre as regiões administrativas e dada a peculiaridade da pesquisa, ampliamos o critério para sujeitos as que, pelo menos, tivessem passado metade de suas vidas na região de pesquisa;
- Ser capaz de manter um diálogo e/ou de responder às indagações em japonês e português;
- Não apresentar distúrbios de natureza fonético-fonológica;
- Faixa etária: optamos pelas duas faixas etárias (51 a 65 anos e 66 anos em diante) pelo fato de os sujeitos da pesquisa dessas gerações usarem a *variedade nipo-brasileira*.

Todos os sujeitos são do gênero feminino e pertencem à segunda geração (nissei). Contemplamos sujeitos nipo-brasileiros com pouca escolaridade em língua japonesa e/ou aqueles que estudaram há mais de quarenta anos a língua japonesa, pois são esses que, possivelmente, mantêm os traços de origem. A escolaridade em língua portuguesa não foi considerada. No que se refere às profissões, foram escolhidas aleatoriamente.

No quadro a seguir, apresentamos os dados referentes aos sujeitos:

Sujeito	Faixa etária	Escolaridade	Profissão	Zona
BSB (I)	62	Na infância	Servidora pública (aposentada)	Urbana
BSB (II)	69	Nenhuma	Aposentada do lar	Urbana
BRAZ (I)	64	Pouco tempo	Produtora rural Agricultora	Rural
BRAZ (II)	71	Nenhuma	Produtora rural Aposentada	Rural
NCB (I)	61	Pouco tempo	Autônoma	Urbana
NCB (II)	70	Pouco tempo	Comerciante (aposentada)	Urbana
TAG (I)	56	Nenhuma	Comerciante	Urbana
TAG (II)	70	Nenhuma	Comerciante (aposentada)	Urbana
VGB (I)	62	Nenhuma	Produtora rural	Rural
VGB (II)	73	Nenhuma	Servidora pública (aposentada)	Rural

Quadro 4.2: Dados dos sujeitos da pesquisa

4.2 A pesquisa de campo

Devido à natureza da pesquisa, privilegiamos o contato face a face prévio, com a comunidade e com o sujeito da pesquisa, com o intuito de “criar” uma situação favorável para a coleta de dados, ou seja, para quebrar a barreira linguística.

Seguimos a orientação de Labov (1972), o qual recomenda que se quebre a distância entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, antes de efetuar uma pesquisa a fim de “minimizar” o *stress* no momento da pesquisa. O fato de os pesquisadores colaboradores desta pesquisa serem nipo-brasileiros parece ter amenizando a situação e favorecido uma coleta “natural” do falar. Para Romaine (1989), essa situação é caracterizada como um “ato de identificação”, ou seja, em uma sociedade bi(multi)línge o que determina um falante a usar uma língua ou uma variedade com seu interlocutor é o fator identidade.

Labov (1972) recomenda também que o pesquisador não se apresente como integrante de uma instituição universitária. Isso pode influenciar na entrevista, uma vez que o pesquisador representa a instituição formal. Utilizamos, então, a estratégia “sou daqui e sou nipo-brasileiro” para a aplicação da entrevista.

Para a entrevista, utilizamos um gravador digital e estabelecemos uma agenda, conforme a disposição do sujeito da pesquisa. Na pré-agenda, informamos os procedimentos no que tange ao uso dos instrumentos a serem aplicados na ocasião. Gravamos as entrevistas em gravadores digitais da marca Olympus e Sony e armazenamos o material em DVD.

Aplicamos o diálogo dirigido com a intenção, *a priori*, de fomentar o uso da variedade em questão. Realizamos a entrevista com roteiro previamente selecionado, privilegiando a situação “real” da vida cotidiana dos nipo-brasileiros da pesquisa. Como objetivo ideal, visamos à neutralidade científica para a obtenção de dados, conforme afirma Haguette (1999, p. 87):

Estamos cômicos de que a objetividade é um ideal inatingível mas que, mesmo assim, o cientista deve tentar a aproximação. (...) não acreditamos que o real possa ser captado “como um espelho”, ao contrário, assumimos a postura relativista, de cunho weberiano, de que fazemos “leituras” do real.

Experimentamos alguns problemas na coleta dos dados. Nem sempre foi fácil encontrar o sujeito a ser entrevistado. Muitas vezes, os sujeitos negavam-se a participar da entrevista, diante das negações, recorremos aos amigos, aos conhecidos, aos alunos, aos comerciantes, enfim, todas as pessoas que pudessem indicar um sujeito com o perfil da pesquisa. Deparamo-nos, também, com problemas culturais, sanados no decorrer da pesquisa, pois, para otimizar uma pesquisa desta natureza, é preciso conhecer a cultura do outro para realizar o trabalho.

Acreditamos que, possivelmente, o cancelamento das entrevistas pelos sujeitos indicados deveu-se ao fato de eles acharem que a pesquisa era para averiguar a fala deles, ou seja, se o uso da língua japonesa era correto, ou não. Nessa situação, torna-se comum o juízo de valor entrar em ação e motivar o surgimento do preconceito linguístico. O bilíngue percebe que a *variedade nipo-brasileira* que ele usa é diferente da variedade padrão da língua japonesa, provocando, assim, o estigma linguístico. Como a variedade apresenta características peculiares, acaba gerando o complexo de inferioridade em relação à língua japonesa padrão.

Além disso, deparamo-nos com outro fator – a dificuldade em agendar entrevista com os sujeitos do gênero masculino. Diante desse impasse, tivemos que reestruturar o projeto

inicial que, antes, contemplava o aspecto diassexual para contemplar apenas o gênero/sexo feminino.

Para a obtenção dos dados, aplicamos as entrevistas *in loco*, utilizando os questionários abaixo descritos.

➤ **Questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal – QSP-DF – (Anexo I)**

Este questionário serviu de fio condutor para selecionar os sujeitos da pesquisa. Trata-se de um instrumento semiestruturado com perguntas fechadas, abertas e de múltipla escolha. Cabe ao entrevistador ler as perguntas, utilizando o gravador digital como instrumento de apoio. A primeira versão desse questionário bilíngue foi elaborada para pesquisar o perfil linguístico da comunidade nipo-brasileira de Brasília, cuja coleta foi realizada no segundo semestre de 2007 com o intuito de averiguar, entre outros temas, o repertório linguístico da comunidade nipo-brasiliense. Para a elaboração final desse questionário contamos com os seguintes colaboradores: Alisson Torreão, Edson Teixeira, Kaoru Tanaka e Kimiko Uchigasaki. E, como referência, inspiramo-nos nos seguintes materiais: Relatório de Pesquisas – A Língua Falada nas Comunidades Nikkei do Brasil, 2004 e Questionário de pesquisa sobre o perfil linguístico dos nikkeis do Distrito Federal, utilizado na pesquisa de mestrado de Takano (2000). Para a aplicação desse questionário, contamos com a colaboração dos professores da área de Japonês da UnB e de alunos graduados da UnB. Para atender a esta pesquisa, a autora deste trabalho fez algumas adaptações nos itens do questionário.

➤ **Questionário semântico-lexical visual – QSLV (Anexo II)**

O desafio maior foi na adequação do instrumento desta pesquisa. Como não existe um questionário para esses tipos de investigação, tivemos de elaborá-lo. Diante da situação, elaboramos dois tipos de questionários: um com perguntas e respostas conforme os questionários padrões utilizados para a pesquisa geolinguísticas no Brasil e outro com figuras, a que denominamos Questionário semântico-lexical visual – QSLV.

Para averiguar a funcionalidade dos questionários, aplicamo-los em 10 (dez sujeitos) durante o projeto piloto desenvolvido pela autora em 2009, com o título “Questionário sociogeolinguístico: o falar da comunidade nipo-brasiliense”. O primeiro instrumento de

perguntas e respostas não foi adequado para a situação, uma vez que o sujeito tinha de ouvir as instruções em português, interpretar e depois falar. Essas etapas acabam se tornando um tanto “artificiais” para um contexto comunicativo, sem contar a dificuldade de “entendimento” e o tempo despendido para entrevistar um sujeito. Após a coleta dos dados, observamos que o questionário semântico-lexical visual acabava motivando o sujeito a falar de forma mais natural, pois o componente visual, em termos de efeito, tende a amenizar o “stress” em comparação com o questionário em formato de perguntas/respostas. Assim, optamos pelo QSLV que favorece a coleta de dados e ‘cria’ uma situação comunicativa.

Escolhemos o questionário visual (QSLV) para atender às necessidades linguísticas e peculiaridades culturais da comunidade em estudo. As ilustrações que compõem o questionário são retiradas do material didático produzido para o ensino de língua japonesa no Japão. O questionário é composto de 219 figuras retiradas dos materiais suplementares *Shin Nihongo no Kiso* – “Nova abordagem de ensino da língua japonesa” e *Minna no Nihongo* – “Língua japonesa para todos”.

O QSLV constitui um questionário semiestruturado que obedece a um roteiro básico e padronizado, porém flexível, com possibilidades de mudanças no decorrer da entrevista. Essa orientação pode ser justificada a partir do que afirma Santos (2006, p. 1) “[...] fatores contextuais e interacionais acabam modificando o padrão inicial. [...] possibilita o exame da riqueza da variação diatópica, bem como alguns elementos da manifestação presentes na relação intersubjetiva”.

É constituído de figuras⁷⁵ que contêm situações de comunicação do dia-a-dia e, portanto, são expressões cotidianas que o falante usa no domínio doméstico ou no social (grupos de amigos e/ou eventos da comunidade).

O QSLV é composto de 219 figuras-temas que estão distribuídas em:

- Convivência: vida cotidiana
Expressão: domínio domiciliar
Expressão: domínio social
- Convivência: marcas culturais
Domínio domiciliar
Domínio social
- Utensílios do cotidiano/materiais

⁷⁵Figuras: Retiradas do material didático visual *Shin Nihongo no Kiso*, “Nova abordagem de ensino da língua japonesa”. Fundação Japão: Bondinsha, 1995 e *Minna no Nihongo*, “Língua japonesa para todos”. Fundação Japão: Bondinsha, 2001.

Selecionamos as figuras com o intuito de fomentar o “momento de comunicação”. Assim, para atender a nossas expectativas, contemplamos as figuras situacionais do dia-a-dia que favoreceram, em parte, a aplicação do questionário. A vantagem dessas figuras situacionais é que os sujeitos têm a liberdade de interpretar e de falar sobre o contexto da figura. No decorrer das entrevistas, notamos algumas dificuldades dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa em relação a algumas figuras-temas, pois a não identificação das figuras, muitas vezes ocasionou as seguintes situações: ausência de resposta; ausência de resposta “esperada”; ausência de resposta em japonês, ou seja, resposta só em português e outras respostas. Pelo fato do questionário ser em formato visual, os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa responderam, na maioria das vezes em formato de uma narrativa e isso colaborou para obtenção de dados “não esperados”, o que favoreceu para a construção do *corpus* desta pesquisa. Pelas razões descritas, deparamos com situações ímpares para os estudos da linguagem que serão retomadas, posteriormente, na análise de dados.

A seguir, inserimos um quadro que contém os temas do QSLV, com a respectiva numeração. Dado o número elevado de temas – 219⁷⁶, selecionamos os 25⁷⁷, seguindo a ordem numérica dos temas, arrolados abaixo, que comporão o *corpus* a ser utilizado na análise dos dados, objeto do próximo capítulo.

Número	Tema
1	Consertar a cadeira/ <i>Issu wo naossu</i>
2	Tomar o remédio/ <i>Kussuri wo nomu</i>
3	Pagar a conta/ <i>Kandyoo wo harau</i>
4	Esquecer a chave/ <i>Kagui wo wassureru</i>
5	Parar o carro – Semáforo/ <i>Didoosha wo tomeru – Shingoo</i>
6	Estudar/ <i>Benkyoo suru</i>
7	Correr – Torcer/ <i>Hashiru – Ooen suru</i>
8	Limpar (fazer limpeza) – Varrer/ <i>Soodi suru – Haku</i>
9	Lavar a roupa/ <i>Sentaku suru</i>
10	Sair – Despedir-se/ <i>Deru – Dekakeru</i>
11	Fechar a janela/ <i>Mado wo shimeru</i>
12	Abrir a janela/ <i>Mado wo akeru</i>

⁷⁶ - A relação dos 219 temas encontra-se no Anexo IV deste trabalho.

⁷⁷ - Para compor a amostra seguimos o rigor científico, dentre 219 temas, analisamos seguindo a ordem numérica (de 1 a 25), com intuito de minimizar a interferência da pesquisadora na escolha das respostas das 25 figuras.

13	Usar <i>hashi</i> – Comer/ <i>Hashi wo tsukau – Taberu</i>
14	Datilografar/ <i>Taipuraitaa wo utsu</i>
15	Cortar o papel – Tesoura/ <i>Kami wo kiru – Hassami</i>
16	Chover/ <i>Ame ga furu</i>
17	Usar o guarda-chuva/ <i>Kassa wo sassu</i>
18	Falar – Dizer/ <i>Hanassu – Iu</i>
19	Ajudar – Mala/ <i>Tetsudau – Suutsukeessu – Toranku</i>
20	Mala pesada / <i>Omoi suutsukeessu – Toranku</i>
21	Mostrar a fábrica – Indústria de carro/ <i>Didoosha Koodyoo wo misseru</i>
22	Viajar/ <i>Ryokoo wo suru</i>
23	Passear com o cachorro/ <i>Inu no sanpo – Sanpo suru</i>
24	Aprender – Estudar/ <i>Benkyoo suru</i>
25	Telefonar/ <i>Denwa wo (kakeru – Suru)</i>

Quadro 4.3: Temas das figuras do QSLV

➤ **Ficha do sujeito de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal – FSP-DF – (Anexo III)**

São fichas resumidas com dados pessoais e informações sociais pertinentes para a pesquisa.

Para a obtenção dos elementos pertinentes ao estudo em questão, complementamos com a técnica de observação. Segundo Lakatos e Marconi (2006), essa técnica desempenha papel importante, uma vez que os procedimentos científicos contemplam o contexto da descoberta e fazem com que o pesquisador tenha um contato direto com a realidade do objeto em estudo.

Considerando que nossa preocupação se orienta também às abordagens da Sociolinguística, recorreremos à modalidade de cunho qualitativo “observação participante” que articula a relação entre a teoria e o método do pesquisador sob a perspectiva de duas vertentes: o homem e a sociedade. Essa consideração pode ser justificada pelo respaldo teórico de Bruyn (*apud* HAGUETTE, 1999, p. 69) que afirma: “[...] a observação participante representa um processo de interação entre a teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na sua busca de conhecimento não só da “perspectiva humana” como da própria sociedade”.

4.3 A transcrição dos dados

A etapa que se segue à coleta dos dados é a transcrição das falas dos sujeitos da pesquisa, ou seja, a transposição do discurso oral na forma mais fiel possível em grafia/escrita. Para a transcrição, utilizamos algumas convenções que orientaram a realização da transferência de um registro oral para o gráfico. Portanto, nesta pesquisa, contemplamos a transcrição grafemática. Os aspectos fonético-fonológicos não são tratados nesta pesquisa, contudo, caso necessário, faremos algumas considerações.

Sabemos que os aspectos fonológicos são de suma importância para o registro da fala, uma vez que a variedade pode retratar as diferenças de entonação e o cruzamento fonológico de duas línguas, portanto, uma situação peculiar e interessante para se averiguar. Não obstante reconhecermos esse fato, deixamos essa análise para um estudo posterior e, por esse motivo, as transcrições não seguem a orientação de cunho fonológico.

A transposição da fala implica um registro manipulado, pois existem situações da entrevista do sujeito da pesquisa em que temos de recorrer a determinados símbolos para retratar a ocorrência. Definimos um conjunto de convenções para garantir, ainda que singular, a reprodução da entrevista. Sendo assim, mantivemos uma relativa fidelidade da fala, incluindo, na transcrição, as formas como: (*nonderu*-bebendo) ao invés de (*nonde iru*-bebendo); (remédio *nomu*-beber remédio) ao invés de (remédio *wo nomu*-beber água); entre outras variações que podem surgir no contexto da transcrição. O contexto “*nondeiru*” refere-se à forma estrutural do verbo que se transforma em “*nonderu*” no uso, reduzindo assim, o segmento verbal. No caso da expressão “água *wo nomu*” o componente /*wo*/ refere-se à partícula que indica o objeto direto, mas no uso, muitas vezes não é marcada. O uso do /*wo*/ será marcado nos excertos desta pesquisa, caso os sujeitos da pesquisa usem essa partícula.

Pelo fato de este trabalho apresentar características peculiares devido à natureza do objeto, elaboramos e adaptamos alguns critérios para atender à nossa proposta. Recorremos a Santos (2005, p. 403-404) para justificar essa consideração “Tornamos a enfatizar que não acreditamos que exista um sistema de transcrição ideal, pronto para ser usado, mas um sistema elaborado de acordo com as finalidades de uma dada pesquisa ou adaptado a ela”.

Para fins de transcrição, recorreremos aos procedimentos utilizados na Amostra Censo 2000 e Corpus Censo 1980 (PAIVA, 2003). Em termos de procedimento metodológico, adaptamos alguns critérios de transcrição para este trabalho:

1. []: entre colchetes significa que existe uma superposição da fala;

2. ! : exclamação significa que ocorreu uma ação exclamativa;
3. ? : interrogação significa que ocorreu uma ação interrogativa;
4. (inint): significa ininteligível;
5. (est): estímulos emitidos pelo entrevistador;
6. (“ ”): dúvida quanto ao que foi pronunciado;
7. ... : pausa mais pronunciada;

Notas Explicativas da Transcrição do corpus desta pesquisa

No que se refere à grafia da língua japonesa, seguimos a orientação do sistema *Hepburn* – “*hebonshiki*” (HIRATA, 1992) e, para atender ao nosso trabalho, fizemos algumas adaptações.

Para exemplificar, inserimos abaixo os excertos retirados da pesquisa para ilustrar as grafias (as lexias em negrito representam as transcrições adaptadas).

As regras das grafias apresentam as seguintes características:

- A grafia “s” é surda, portanto, lê-se “assu” (amanhã) e não ‘aza’, segundo a orientação *Hepburn*. No entanto, neste trabalho utilizamos a grafia “ss”, conforme a leitura em português. Sendo assim, vamos apresentar a forma /assa/ porque esse traço é distintivo no segmento fonológico da língua portuguesa.

Excerto 1: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-II VGB

Cadeira wo tsukutte **imassu**⁷⁸

- A grafia “r” é vibrante alveolar, ou seja, realizado como o “r” em português “cara”, mesmo no caso de vocábulo intervocálico utiliza-se da mesma forma. Portanto, “karui” (leve) será grafado /karui/.
- A grafia “h” é aspirada, ou seja, como no inglês “hungry”. Lê-se, portanto o vocábulo “hana” (flor) como “hana” e não ‘ana’. Seguindo essa orientação grafamos como /hana/.
- A grafia “g” é oclusiva velar sonora, realiza-se como “gue” e “gui” do português. O vocábulo “geisha” lê-se como (gueixa), o “gi” realiza-se da mesma forma, “kagi” (chave) lê-se “kagui”. Conforme o sistema *Hepburn* grafa-se “ge” e “gi”. No entanto,

⁷⁸ Construindo/fazendo a cadeira.

como no sistema fonológico do Brasil o traço fonológico do ‘geisha’ é distintivo do ‘gueisha’ (gueixa) preferimos, neste trabalho, contemplar a grafia /gue/ e /gui/: /gueisha/ e /kagui/.

Excerto 2: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-I TAG

Kagui wo wassureru⁷⁹

- A grafia “ch” é africada surda, realiza-se como “ti” em português. O vocábulo “*machi*” (cidade) lê-se ‘*mati*’, segundo orientação *Hepburn*. No nosso trabalho, segue a mesma orientação da fonologia brasileira, o vocábulo recebe a forma de grafia: /ti/: /*mati*/.

Excerto 3: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-I BSB

Uti no chave⁸⁰

- A grafia “ji” do modelo *Hepburn* realiza-se como “di” do português. Portanto, o “ji” será grafado, neste trabalho como /di/: /*di*/.

Excerto 4: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-I VGB

Dibun no funcionário⁸¹

- A grafia “sh” é fricativa palatal surda, portanto o vocábulo “*shoyu*” lê-se “*shoyu*”. Mantemos a grafia [sh] por não apresentar traços distintivos no sistema.
- As grafias “ja”; “ju” e “jo” recebem a orientação de traço distintivo no nosso trabalho. O modelo *Hepburn* usa a grafia “*jamamono*” (obstáculo), “*juudoo*” (judo) e “*tonarikinjo*” (vizinhança), no entanto, pelo motivo acima exposto, grafamos da seguinte forma: em /*dyamamono*/; em /*dyuudoo*/; em /*tonarikindjo*/.

Excerto 5: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-I VGB

Paisagem wo nagamete ***irundyanai***⁸²

⁷⁹ Esquecer a chave.

⁸⁰ Chave da casa.

⁸¹ Próprio funcionário/seu funcionário.

⁸² Está contemplando a paisagem, não é não.

- Os alongamentos de vogais grafamos repetindo a vogal longa. Esta adaptação foi feita devido à facilidade de interpretação e de padronização, portanto será grafada como: /aa/ *okaasan* (mãe), /ee/ *oneesan* (irmã), /ii/ *oniisan* (irmão), /oo/ *nomimashoo* (vamos beber) e /uu/ *fuufu* (casal).

Excerto 6: exemplo da transcrição grafemática – 2/F-I TAG

Sala de aula *de sensee no setsumee* wo kiite iru⁸³

- As consoantes dobradas representam sons que fazem uma rápida interrupção, antes de pronunciar o próximo segmento. Por exemplo, o vocábulo “*matte*” (espere) usa-se ‘*ma* (interrupção) *te*’. No caso da consoante dobrada “ch”, conforme a regra *Hepburn* utiliza-se a grafia “t”, portanto “*matchi*” lê-se ‘*ma* (interrupção) *ti*’. No nosso caso, repetimos a consoante, conforme versada anteriormente, portanto a grafia será /*Matti*/.
- A grafia “n” é pronunciada separadamente de uma vogal ou de “h” ou “y”, utiliza-se o apóstrofo entre as letras. Por exemplo: “*man’in*” (lotado/cheio), lê-se ‘*man in*’.
- A grafia “n” é grafada sem o apóstrofo em situação em que a sílaba apresenta-se independente. Exemplo: o vocábulo “*onna*” lê-se ‘*on na*’ (marcas de nasalização).
- As partículas da língua japonesa apresentam, nesta pesquisa, as seguintes grafias: “*wa*; *wo*; *he*”, geralmente essas partículas são utilizada como “*ha*; *o*; *e*”. Adaptamos as grafias das partículas para facilitar sua identificação, pois as partículas poderiam ser “confundidas” com os itens lexicais da língua japonesa. Por exemplo, o item lexical em japonês “*e*” corresponde em português ao item lexical “desenho”, em português. Para não ocorrer ruído na identificação das partículas, usamos as grafias acima referidas (*wa*; *wo*; *he*).
- O quadro abaixo refere-se ao silabário japonês do Modelo *Hepburn*, com adaptação para a nossa pesquisa. Os silabários adaptados estão em parênteses e em negrito.

⁸³ Está ouvindo/escutando a explicação da professora na sala de aula.

A	I	U	E	O
KA	KI	KU	KE	KO
SA	SHI	SU – (SSU)	SE – (SSE)	SO (SSO)
TA	CHI – (TI)	TSU	TE	TO
NA	NI	NU	NE	NO
HA	HI	FU	HE	HO
MA	MI	MU	ME	MO
YA		YU	YE	YO
RA	RI	RU	RE	RO
WA				WO
N				
GA	GI – (GUI)	GU	GE – (GUE)	GO
ZA	JI – (DI)	ZU	ZE	ZO
DA	DI – (DI)	ZU	DE	DO
BA	BI	BU	BE	BO
PA	PI	PU	PE	PO
KYA		KYU		KYO
SHA		SHU		SHO
CHA (TYA)		CHU – (TYU)		CHO (TYO)
NYA		NYU		NYO
HYA		HYU		HYO
MYA		MYU		MYO
RYA		RYU		RYO
GYA		GYU		GYO
JA – (DYA)		JU – (DYU)		JO – (DYO)
BYA		BYU		BYO
PYA		PYU		PYO

Quadro 4.4: Silabário Japonês adaptado⁸⁴

Assim, para a realização da transcrição das respostas do QSLV aplicados em 10 (dez) sujeitos da pesquisa das 5 (cinco) comunidades, consideramos os seguintes aspectos:

- Registramos, no primeiro momento, todas as respostas de todos os sujeitos da pesquisa. Foram transcritas as incidências narrativas, expressões e lexicais. No entanto, para esta pesquisa, vamos elencar as incidências lexicais da língua portuguesa. As expressões e as situações linguísticas peculiares também são contempladas no decorrer da análise de dados. Não obstante, ressaltamos que o uso de “nota explicativa”, serve de esclarecimento de uma determinada situação

⁸⁴ Para transcrever as respostas dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa utilizamos o quadro nº 6. Esse quadro é uma adaptação que fizemos de Hirata (1992). Seguimos a orientação do modelo *Hepurbun* de grafias do silabário do sistema da língua da língua japonesa. Por exemplo: adotamos a grafia (**TI**) no lugar do CHI (*Hepurbun*).

linguística, apenas como nota de observação de que existe um fenômeno a ser observado. São riquezas linguísticas que merecem ser estudadas cuidadosamente e que poderão servir de base para próximas pesquisas.

- Para análise de dados consideramos as seguintes situações:
 - 1) Enfatizamos as ocorrências dos itens lexicais em português e seus correspondentes em japonês e incluímos também os itens lexicais tanto em português quanto em japonês que consideramos pertinentes para o nosso estudo;
 - 2) Analisamos as ocorrências do item lexical em português + segmento verbal em japonês [suru] e suas variações para formar o “encontro do segmento verbal”. Como exemplo, citamos o excerto do tema nº 1 “conserta suru”;
 - 3) Tratamos as ocorrências dos itens lexicais que simbolizam costumes e hábitos da cultura japonesa, portanto, observamos os itens lexicais que contemplam o aspecto cultural;
 - 4) Focamos as ocorrências dos itens lexicais da variação diatópica da língua japonesa;
 - 5) Discutimos a situação do encontro de línguas (de um lado a língua portuguesa e, de outro, a língua japonesa) que colabora para compor a *variedade nipo-brasileira*.
- As variações fonéticas e fonológicas dos segmentos em português e em japonês foram ignoradas e, caso necessário, discutimos situações de alguns itens lexicais.
- Os elementos de natureza gramatical não são priorizados nesta pesquisa.
- Os itens lexicais em português foram transcritos, conforme o sistema da grafia da língua portuguesa (com suas variações) e, no caso do item lexical em japonês, seguimos a transcrição grafemática adaptada ao nosso trabalho, supracitada.

4.4 Em direção à análise dos dados

➤ Do banco de dados aos gráficos, tabelas, quadros e cartogramas lexicais

Inicialmente, utilizamos o *software Excell* da *Microsoft* para a elaboração de dois bancos de dados. O primeiro contém a transcrição integral da entrevista que servirá para

estudos posteriores, enquanto o segundo tem a transcrição recortada, isto é, os fenômenos linguísticos observados que compõem o *corpus* desta tese.

A seguir, selecionamos o segundo banco de dados, do qual fizemos a descrição e, posteriormente, inserimos os elementos de alta frequência e distribuição regular, que foram submetidos a um tratamento quantitativo. Elaboramos gráficos, tabelas, quadros e cartogramas.

A mensuração dos dados possibilita uma rápida interpretação do fenômeno. A esse respeito Guy e Zilles (2007, p. 26-27) ressaltam que tanto a tabela quanto o quadro fornecem uma perspectiva uni(bi)dimensional e, como se tratam de valores numéricos, os resultados são explícitos e precisos. No caso do gráfico, pela sua natureza ilustrativa, configuram-se as relações para mostrar as tendências, as semelhanças e as diferenças, entre outras variáveis. Para esses autores, nos estudos dialetais, além dos mapas dialetais, faz-se necessário recorrer à metodologia quantitativa, cujo método pode proporcionar uma análise estatística dos dados que, além de resumir, facilita a leitura dos fenômenos decorrentes desta análise.

Recorremos, então, à orientação de Muller (1968) no que se refere ao tratamento quantitativo dos dados lexicais. Como se trata de uma mensuração de natureza estatística, inserimos as duas modalidades de frequência: a absoluta e a relativa. A frequência absoluta refere-se ao número de ocorrências dos itens lexicais em comparação com o número total de sujeitos da pesquisa, ao passo que a frequência relativa quantifica, em termos percentuais, quantos sujeitos utilizam determinados itens lexicais.

Para retratar essa situação linguística, recorreremos também à Geolinguística que utiliza o cartograma linguístico para a apresentação dos dados. Além disso, os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística possibilitaram a organização e visualização de uma grande quantidade de fatos linguísticos de forma resumida e de fácil identificação. Consoante Guy e Zilles (2007, p. 29), a vantagem do cartograma dialetal é “a sua iconicidade gráfica”, porque retrata as relações, sejam elas espaciais ou sociais, de uma maneira interpretável.

Os cartogramas lexicais compõem o esboço do atlas linguístico e serão elaborados conforme a orientação da Geolinguística. Por sua natureza visual, além do manuseio rápido e claro, possibilitam a interpretação de dados pluridimensionais.

O termo cartograma é uma denominação técnica da geografia. Utilizamos essa ilustração gráfica para demonstrar as ocorrências dos fenômenos linguísticos da variação diatópica das regiões pesquisadas. Ressaltamos que o termo cartograma foi utilizado a partir da tese de Cristianini (2007) e adotado pelos membros e pesquisadores do grupo GPDG/USP. É importante lembrar que o Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística, da

Universidade de São Paulo (GPDG/USP), que tem por objetivo fomentar a discussão e a pesquisa relacionadas à Dialetologia e à Geolinguística, é o grupo pioneiro nas discussões sobre Sociogeolinguística. O GPDG é responsável pelo projeto intitulado “Estudo sociogeolinguístico do município de São Paulo: o léxico”, com o objetivo de elaborar um banco de dados do léxico da língua portuguesa falada no município de São Paulo. O estudo está em andamento e está sendo desenvolvido em cinco pontos do município, que correspondem às cinco regiões paulistas: as zonas norte, sul, leste, oeste e centro. Saramago (2012, p. 6) no prefácio dedicado ao livro⁸⁵ produzido pelo grupo GPDG, faz a seguinte consideração sobre o artigo de Cristianini (2012).

Cristianini, depois de fazer uma abordagem histórica e descritiva da Geolinguística e da Sociolinguística, foca seu trabalho na explicação do termo Sociogeolinguística, termo esse que aparece e se desenvolve no seio do Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo – GPDG/USP, a partir de 2004 e que se refere concretamente aos “estudos geolinguísticos que consideram fatores tanto geográficos quanto sociais para coleta, registro e análise de dados linguísticos”.

Além desse projeto coletivo, os membros do grupo apresentam seus trabalhos em congressos nacionais e internacionais, simpósios, seminários de pesquisa, jornadas e palestras. Além de trabalhos concluídos, os integrantes do grupo também desenvolvem e orientam dissertações em nível de mestrado e doutorado.

O GPDG é composto pelos seguintes membros: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos (Coordenadora do grupo); Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini (Vice-coordenadora do grupo); Profa. Dra. Ana Maria Marangoni, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Colaboradora); Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves; Profa. Dra. Maria Teresa Natri de Carvalho; Profa. Dra. Vera Lúcia dos Santos Augusto; Profa. Dra. Rita de Cássia da Silva Soares; Profa. Selma Sueli Santos Guimarães (Doutoranda) e Profa. Yuko Takano (Doutoranda).

No capítulo VI (Cartogramas dos itens lexicais), serão apresentados os cartogramas para resultados das respostas das 25 figuras selecionadas. Este capítulo está constituído de cartograma de localização geral; cartograma de localização das Regiões Administrativas (RA), em destaque o ponto da pesquisa; cartograma base (RA) das comunidades nipo-brasilienses; e cartogramas linguísticos, no total de 45 cartogramas.

⁸⁵ SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A. C.(Orgs.). **Sociogeolinguística em questão**: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

Os cartogramas linguísticos da *variedade nipo-brasileira* indicam os traços distintos que marcam o percurso histórico de língua, cultura, ideologia e hábito que estão entrelaçados e enraizados. Isso pode ser justificado a partir do que afirma Coseriu (1982, p. 84):

Os mapas linguísticos, além de permitirem observações de caráter geral sobre o funcionamento da linguagem como meio de comunicação social, revelam a conexão entre a história linguística e os geográficos ou geopolíticos.

Os cartogramas são compostos da seguinte maneira: tema, número do cartograma, variações e legendas. No quadro abaixo, constam os símbolos utilizados.

Sujeito	Símbolos
Mulher – 1ª faixa etária	△
Mulher – 2ª faixa etária	○

Quadro 4.5: Representação icônica para os sujeitos da pesquisa

Na elaboração final da tese, eles estão apresentados pelo número da pergunta do QSLV. Incluímos em alguns temas mais de um cartograma para atender à necessidade da nossa pesquisa. Portanto, os temas que apresentam mais de um cartograma estão ordenados dessa forma: Cartograma nº 3a; Cartograma nº 3b; e Cartograma nº 3c, todos pertencentes à figura-tema nº 3. Todos os itens lexicais dos cartogramas estão organizados, conforme sua frequência, ou seja, em ordem decrescente. As respostas consideradas “problemas” recebem as seguintes abreviaturas: OR (outra resposta); PI (problema de interpretação); RP (resposta em Português); e SR (sem resposta) e são registradas nos cartogramas após os dados dos itens lexicais. Ordenamos também as “respostas com problemas” da mesma forma dos itens lexicais – maior frequência para menor frequência.

Elaboramos os cartogramas contemplando os seguintes itens lexicais: português-japonês (oficial); português; japonês (oficial) – *hogen*; português – *hogen*; e, por fim, português + aspecto verbal em japonês/*hogen*.

Ainda em relação à análise dos dados, observamos que o fenômeno da diversidade linguística delineia a riqueza da língua(gem) de um povo, de uma comunidade ou de um grupo social. Nas comunidades transplantadas, a influência linguística da sociedade hospedeira é inquestionável para que ocorra o deslocamento linguístico das línguas minoritárias, principalmente naquelas situações em que a diglossia se encontra fragilizada e instável. Como a língua majoritária, o português, torna-se necessária para a ocupação

profissional e para a sobrevivência dos imigrantes e seus descendentes, é natural que a língua minoritária recue para dar espaço à língua majoritária. As comunidades transplantadas no Brasil podem ser analisadas à luz desse contexto linguístico.

No caso da história linguística dos imigrantes japoneses no Brasil, o crescimento da interação social fez com que a língua da sociedade hospedeira penetrasse nos domínios da família, da amizade e dos eventos promovidos pela comunidade.

Num contexto de bilinguismo, o contato entre as línguas, mormente, prevalece por muitos anos e, como consequência, pode resultar no desenvolvimento de uma situação de variação linguística, podendo, em última instância, propiciar a substituição de uma língua por outra.

O repertório linguístico representa, em parte, a visão de mundo que abrange toda a experiência acumulada de uma sociedade ou de um grupo social. Assim, o repertório dos falantes segue os modelos e usos de sua comunidade, uma vez que os bilíngues compartilham com seus pares sua experiência linguística, social e cultural. Para Gumperz (1998, p. 33), o repertório linguístico pode ser referido como “[...] a totalidade de recursos linguísticos de que cada falante pode lançar mão em interações sociais relevantes. Em suas interações diárias, eles optam entre as duas de acordo com a situação”.

A escolha do item lexical baseia-se em como o falante percebe e interpreta esse fenômeno no discurso. Nessa perspectiva, o falante pode atribuir conotações particulares, inovando e ampliando as significações dos itens lexicais. Não obstante, como o repertório lexical segue a dinamicidade do uso, pode, também, alterar o seu significado e revestir-se de outros conceitos.

Tendo como referências essas considerações, buscamos identificar nas respostas os itens lexicais que transitam entre os dois códigos e como esses códigos se comportam na fala das nipo-brasileiras. A composição do *corpus* da pesquisa pode indicar e caracterizar, ainda que em pequena escala, o repertório linguístico da comunidade em estudo.

As 25 figuras-temas do QSLV, selecionadas para a presente pesquisa, retratam expressões usadas no cotidiano, seja no domínio domiciliar, seja no domínio comunitário. Na proposta de análise, analisamos excertos da fala de 10 sujeitos nipo-brasileiros, em resposta a essas figuras-temas. Nesses excertos destacam-se as variações das expressões registradas conforme o uso destas no cotidiano dos sujeitos bilíngues desta pesquisa. Trata-se, portanto, do registro da *variedade nipo-brasileira* de cinco comunidades do Distrito Federal: Brasília, Brazlândia, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Vargem Bonita.

Para a análise lexical das respostas do QSLV, consideramos inicialmente a frequência e a distribuição das variantes de cada ponto, que nos permitiu elaborar tabelas, gráficos e cartogramas. A seguir, focalizamos a seleção e o uso dos itens lexicais mais frequentes e os relacionamos à situação do contato de línguas.

Para a análise dos dados, destacamos os eventos linguísticos que marcam a presença da língua portuguesa no falar dos nipo-brasileiros da pesquisa, uma vez que eles representam a *variedade nipo-brasileira*. Nesses termos, o contexto de uso tem relevância para pesquisas dessa natureza, já que, na fala, os sujeitos revelam sua situação linguística.

Além de destacar os itens lexicais usados pelos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, utilizamos as seguintes abreviaturas que representam as “respostas com problemas”:

OR – outras respostas. Essa nomenclatura foi utilizada em dois momentos: o primeiro significa que os sujeitos nipo-brasileiros responderam outros enunciados, mas não o “esperado”, e o segundo, para fins de tabulação, ou seja, encontramos no mesmo tema outros itens que foram analisados anteriormente e, para atender a essa situação, usamos o OR no final do enunciado;

PI – problema de interpretação. Isso ocorreu quando o sujeito não foi capaz de produzir um enunciado relacionado à figura que lhe foi apresentada. Como o foco era a resposta “esperada”, para fins da análise efetuada neste trabalho, esses enunciados foram descartados;

RP – resposta em português. Como visávamos à verificação do contato linguístico na fala dos sujeitos nipo-brasileiros, as respostas exclusivamente em português foram descartadas;

SR – sem resposta. Como a própria descrição indica, esta abreviatura teve lugar quando os sujeitos não emitiram nenhuma resposta diante da figura que lhes foi apresentada.

Cada figura corresponde a um número e representa um tema (expressão, frase e item lexical), cuja lista apresentamos no item “A pesquisa de campo”. Para melhor clareza, ilustramos, com o seguinte exemplo, a figura número 1, abaixo, que representa o tema *CONSERTAR A CADEIRA*.

Tema nº 1: Consertar a cadeira/ *Issu wo naossu*

A resposta em português é *consertar a cadeira*, enquanto a resposta em japonês é *Issu wo naossu*.

A transcrição das respostas das respectivas figuras é colocada em cada tema, em formato de quadro para facilitar a identificação dos fenômenos. O quadro apresenta as seguintes informações: ponto (comunidade); tema (realização dos itens lexicais em português e em japonês; sujeito e a faixa etária). Quando pertinente, apresentam-se tabelas e gráficos nos dados analisados de cada figura-tema, ou seja, cada tema pode apresentar mais de uma ocorrência linguística.

Destacamos os itens lexicais em língua portuguesa, incluindo a construção do sintagma verbal português + japonês, uma vez que eles, em parte, representam e identificam o fenômeno *variedade nipo-brasileira*. Conforme já relatado neste capítulo, contemplamos também o uso do item lexical japonês (oficial) e do *hogen*. Esses itens lexicais são registrados em termos de frequência, tal como ocorre nos trabalhos de Geolinguística. Portanto, cada gráfico apresenta o quadro de frequência absoluta e relativa.

Após o tratamento quantitativo, efetua-se uma análise dos dados embasada no contato de línguas. Essas considerações que orientam o direcionamento da análise de dados são tratadas no capítulo a seguir.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Expressões Cotidianas

5.1.1 TEMA Nº 1: CONSERTAR A CADEIRA/ *ISSU WO NAOSSU*

Tema nº 1: Consertar a cadeira/ *Issu wo naossu*

Neste tema, analisamos as respostas dos sujeitos em duas etapas. Na primeira etapa, enfocamos os itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado por *cadeira*; e, em japonês, por *issu*. Na segunda etapa, focalizamos o segmento *conserta* [suru] e *naossu*.

Para a figura acima, os sujeitos utilizaram mais o item lexical *cadeira* nas respostas, conforme pode ser visto no quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Cadeira ga kowareteru [...] naoshiteru</i>	<i>Cadeira wo naoshiteru</i>
BRAZ	RP	PI
NCB	RP	<i>Cadeira wo naoshiteruno</i>
TAG	<i>Issu wo naossu</i>	<i>Cadeira wo tsukkute imassu</i>
VGB	PI	<i>Cadeira conserta shiteru</i>

Quadro 5.1a: Cadeira – *Issu*

Observamos que o item lexical *cadeira* representa a maioria das respostas nos pontos pesquisados em comparação ao item lexical japonês *issu*, com apenas uma ocorrência.

Tabela 5.1a: Cadeira – *Issu*

Tema nº 1a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Cadeira	5	50%
Issu	1	10%
PI	2	20%
RP	2	20%
Total	10	100%

Gráfico 5.1a: Cadeira – Issu

Devido à característica do questionário, com recursos visuais, muitas vezes os sujeitos não entenderam a figura; outras vezes verificamos respostas que não corresponderam ao “esperado” ou houve abstenções.

Percebemos, nos excertos acima, o encontro das duas línguas – japonês e português – caracterizado pela manutenção da estrutura e a incorporação do item lexical *cadeira*. A justificativa pode ser encontrada no fator cultural. *Issu* é um instrumento doméstico que não fazia parte do cotidiano dos japoneses e, muitas vezes, sequer havia o hábito de se sentar em cadeiras. Apesar da influência de outras culturas, ainda hoje, em muitos lares do Japão permanece o costume de se sentar diretamente num *tatame*, assoalho, entre outros. Esta é uma das causas para que o item lexical *cadeira* fosse integrado à fala dos sujeitos da pesquisa, mostrando que os fatores sociais e culturais são determinantes na atualização do léxico no contexto discursivo.

No registro das respostas, encontramos *naossu*, da língua japonesa, acompanhado de *cadeira*, mostrando o livre trânsito de ambos itens lexicais nos dois universos linguísticos. Essa situação linguística foi registrada em BSB (1ª e 2ª faixas etárias) e NCB (2ª faixa etária).

É importante ressaltar que os sujeitos da pesquisa têm, no repertório linguístico de cada sistema, os dois itens lexicais acima mencionados. Entretanto, optam pelo item lexical em português, manifestando, nessa escolha, a que é, talvez, a forma mais familiar e mais significativa. A frequência do uso do item lexical *cadeira* demonstra que ele tem uma representatividade significativa no cotidiano dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

Como o item lexical deste tema foi representativo, inserimos o gráfico abaixo que ilustra a situação em duas perspectivas: quem utilizou o item lexical *cadeira*, contemplando, dessa forma as faixas etárias dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa; e o local onde foi utilizado, privilegiando os pontos da pesquisa.

Gráfico 5.1 (i): Cadeira – Faixa etária *versus* Ponto da pesquisa

A ilustração gráfica aponta que os sujeitos da segunda faixa etária utilizaram mais o item *cadeira*, com cinco ocorrências. Quanto à distribuição, BRAZ foi o único ponto em que não se verificou o uso desse item lexical.

A segunda etapa refere-se ao uso de *conserta* [suru⁸⁶] e *naossu*. Para demonstrar como isso ocorre, inserimos novamente o quadro abaixo, mas, desta vez, assinalando apenas o uso desse item lexical.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Cadeira ga kowareteru [...] <i>naoshiteru</i> ⁸⁷	Cadeira wo <i>naoshiteru</i>
BRAZ	RP	PI
NCB	RP	Cadeira wo <i>naoshiteru no</i>
TAG	Issu wo <i>naossu</i>	OR
VGB	PI	Cadeira <i>conserta shiteru</i> ⁸⁸

Quadro 5.1b: *Naossu* – Conserta [suru]

⁸⁶ *Suru* (verbo: forma não flexionada)

⁸⁷ *Naoshiteru* (verbo *naossu*: aspecto imperfeito cursivo).

⁸⁸ *Shiteru* (verbo *suru*: aspecto imperfeito cursivo) a mesma situação da nota anterior.

O gráfico nº 5.1b e a tabela 5.1b, apresentada a seguir, ilustram essa situação. Difere do gráfico nº 1a, uma vez que o item lexical em japonês tem frequência superior ao item em português. Enquanto aquele apresenta 80% de frequência, este tem apenas 10% de frequência. Isso pode ser observado a seguir.

Tabela 5.1b: *Naossu* – *Conserta* [suru]

Tema nº 1b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Naossu	4	40%
Conserta [suru]	1	10%
PI	2	20%
RP	2	20%
OR	1	10%
Total	10	100%

Gráfico 5.1b: *Naossu* – *Conserta* [suru]

No caso do segmento *conserta* [suru], para expressar o sentido do verbo, um sujeito nipo-brasileiro da pesquisa utilizou a estrutura verbal da língua japonesa [suru/shiteru]⁸⁹, formando a expressão “*conserta shiteru*”. Em outras palavras, acrescentou *shiteru* à forma do presente do indicativo (3ª pessoa do singular). Observamos que essa construção aparece em

⁸⁹ *Suru*: (fazer algo). Esse verbo irregular é usado na estrutura da língua japonesa, após o substantivo para formar o segmento verbal. Exemplo: *shigoto suru* (*shigoto* (trabalho) + *suru* = trabalhar. *Shiteru* (verbo *suru*: aspecto imperfeito cursivo).

vários momentos da análise com outros itens lexicais e em outros contextos. O item lexical em português sofre adaptação para expressar uma situação de ação verbal. Essa situação corrobora o seguinte argumento de Mase (1987, p. 141): “A frequência muito elevada de uso da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos em português, empregada inclusive para a 2ª pessoa, parece ser a causa de se lhe acrescentar /suru/, ao invés de a sua forma do infinitivo”.

Inserimos as considerações de Ota (2009, p.53) sobre a formação de verbos compostos que justifica a situação acima referida.

A parte em português, com seu significado, funciona como radical, e a parte final em japonês atribui à palavra as características morfológicas próprias dos verbos japoneses, com suas flexões. A regra utilizada na língua japonesa para formar inúmeros verbos, incorporando nomes de origem chinesa, e da mesma forma os estrangeirismos de origem ocidental, foi empregada com os verbos em português, criando outras palavras como: *pede-suru*, *mistura-suru* e outros.

Com base nessas referências, inferimos que o uso frequente dessa expressão pode apontar um padrão de comportamento, pelo menos nas comunidades enfocadas na pesquisa.

Observamos que o sujeito nipo-brasileiro da pesquisa, ao usar a expressão *cadeira wo conserta shiteru*, muda totalmente o segmento lexical, porém mantém o segmento estrutural da língua nativa. Essa situação pode ser motivada por causa da necessidade de preencher a lacuna lexical no momento discursivo, ou pelo fato de, no cotidiano, o sujeito nipo-brasileiro da pesquisa, entre os dois itens lexicais (um em português e outro em japonês), optar, provavelmente, pelo item lexical mais usado.

Thomason e Kaufman (1991) atestam uma situação semelhante ao observar o falar de bilíngues nas línguas espanhola e maia. Esses utilizavam, por empréstimo lexical, o infinitivo do espanhol e o verbo [fazer] da língua nativa para criar uma situação verbal. Isso demonstra que, muitas vezes, o fenômeno observado em nosso trabalho ocorre também em outras situações de contato linguístico, com outras línguas em foco, confirmando que os falantes criam sua própria regra de uso, conforme suas necessidades e em consonância com as regras do sistema linguístico de cada língua.

Convém registrar que, no caso da *variedade nipo-brasileira*, os sujeitos usam o segmento verbal (3ª pessoa do singular da língua portuguesa + [suru]). Essa situação difere do mecanismo utilizado pelos japoneses na construção da expressão com itens lexicais do inglês. Em outras palavras, os itens lexicais da língua inglesa se articulam no infinitivo, formando o segmento verbal como “open + [suru]”. Segundo Kuyama (2000, p. 72) “O verbo *suru* “fazer

algo” é acrescentado ao infinitivo do verbo de origem, passando a seguir o paradigma de flexão do verbo *suru* [...] com essa operação, é possível tratar como verbos outras categorias que na língua de origem não lhe pertencem (substantivos e outras)”. Cita como exemplo o segmento verbal: “jump + *suru*”.

Registramos, ainda, outras respostas com relação à figura nº 1. Um dos argumentos para essa situação deve-se à dificuldade que os nipo-brasileiros da pesquisa sentiram para “interpretar a figura”. O fato de outras expressões serem contempladas pode indicar, também, que o bilíngue usou uma estratégia comunicativa, ou seja, no momento discursivo, recorreu a outras opções para expressar, em japonês, a situação mostrada na figura nº 1.

As situações acima descritas podem ser observadas no excerto abaixo.

Excerto 5.1: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 1

Variedade nipo-brasileira	Tradução
CADEIRA <i>ga kowareteru</i>	A cadeira está quebrada
CADEIRA <i>wo naoshiteruno</i>	Está consertando a cadeira
CADEIRA <i>wo tsukutte imassu</i>	Está construindo/fazendo a cadeira
CADEIRA <i>wo CONSERTA shiteru</i>	Consertando a cadeira

5.1.2 TEMA Nº 2: TOMAR O REMÉDIO/ *KUSSURI WO NOMU*

Tema nº 2: Tomar o remédio/*Kussuri wo nomu*

Neste tema, notamos que os sujeitos utilizam principalmente dois itens lexicais: *kussuri* e *remédio*, analisados num primeiro momento. Complementamos a análise com outros itens lexicais que ocorrem junto a *kussuri*, verificados em “*kussuri wo ireyoru*” e “*kussuri wo nondoru*”.

Os excertos assinalados, do quadro abaixo, demonstram o uso dos itens lexicais *kussuri* e *remédio*.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Kussuri</i> wo nonderu	<i>Kussuri</i> wo nonderu
BRAZ	<i>Kussuri</i> wo nonderu	<i>Kussuri</i> nondoru
NCB	OR	<i>Kussuri</i> nonderuno
TAG	<i>Kussuri</i> wo nomu	<i>Remédio</i> nonde imassu
VGB	<i>Kussuri</i> wo ireyuru	<i>Kussuri</i> nonderu

Quadro 5.2a: *Kussuri* – Remédio

Embora se constate a ocorrência de *remédio* e *kussuri*, o último tem a frequência mais elevada entre os sujeitos da pesquisa, conforme se observa na tabela 5.2a.

Tabela 5.2a: *Kussuri* – Remédio

Tema nº 2a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Kussuri	8	80%
Remédio	1	10%
OR	1	10%
Total	10	100%

Registramos 80% de frequência do item lexical em japonês, enquanto o item lexical em português – *remédio* – obteve apenas 10% de frequência, conforme se observa no gráfico 5.2a.

Gráfico 5.2a.: *Kussuri* – Remédio

O uso elevado de *kussuri* é significativo, pois demonstra que existem itens lexicais que não estão em situação de deslocamento, pelo menos na fala dos sujeitos da pesquisa. Configura-se como situação de deslocamento, pois se refere a uma situação linguística em que os itens lexicais ainda estão presentes no repertório linguístico dos sujeitos. Conforme sua necessidade e o contexto no qual está inserido, o sujeito pode recorrer a seu sistema e resgatá-los. Nesses termos, pode-se dizer que o deslocamento é uma fase transitória, uma vez que ainda não se efetivou a substituição. Para justificar a situação de deslocamento aqui reportada, recorreremos aos teóricos Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 90) que abordam o problema da transição. Para eles esta situação indica a “[...] trilha pela qual uma mudança linguística está caminhando para se completar”. Esses teóricos apresentam o esboço dos problemas que a teoria da mudança gera no contato de línguas, dentre eles a fase de transição, referente aos “estágios intervenientes entre dois estados da língua” (WEREINCH, LAVOB e HERZOG, 2006, p. 16-17).

O caso do item lexical *remédio* constitui um empréstimo lexical da língua portuguesa, inserido no segmento estrutural da língua nativa, conforme se pode observar em “*remédio wo nonde imassu*”. É importante ressaltar que, no contato de línguas, o primeiro elemento que sofre a interferência de uma língua sobre a outra é o sistema lexical, conforme o pressuposto de Thomason e Kaufman (1991, p. 37).

*Borrowing is the incorporation of foreign features into a group's native language by speakers of that language: the native language is maintained but is changed by the addition of the incorporated features. Invariably, in a borrowing situation the first foreign elements to enter the borrowing language are words.*⁹⁰

Os registros constatarem que o item lexical *nomu* (beber) e suas variações se mantêm na língua nativa. Isso mostra que os itens lexicais de uso cotidiano, geralmente, sofrem menos interferência do que aqueles que são usados esporadicamente. A ação da expressão que significa “tomar e beber algo” é um contexto de uso diário e isso contribui para que ela seja assegurada na fala dos sujeitos desta pesquisa.

No quadro abaixo, podem ser observados os registros dos itens lexicais *nomu*, *nondoru* e *ireyoru*. Os itens lexicais que representam a variedade *hogen* estão assinalados em negrito.

⁹⁰ Empréstimo é a incorporação de características estrangeiras à língua nativa de um grupo pelos falantes daquela língua: a língua nativa é mantida, mas é modificada pela adição de características incorporadas. Invariavelmente, em uma situação de empréstimo os primeiros elementos estrangeiros a entrar na língua receptora são as palavras.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Kussuri wo <i>nonderu</i> ⁹¹	Kussuri wo <i>nonderu</i>
BRAZ	Kussuri wo <i>nonderu</i>	Kussuri nondoru ⁹²
NCB	OR	Kussuri <i>nonderuno</i>
TAG	Kussuri wo <i>nomu</i>	Remédio <i>nonde</i> imassu
VGB	Kussuri wo ireyuru ⁹³	Kussuri <i>nonderu</i>

Quadro 5.2b: *Nomu – Nondoru – Ireyoru*

Inserimos a seguir o contexto de fala “*kussuri nondoru*” do sujeito nipo-brasileiro de BRAZ (2ª faixa etária) para verificar o uso de *nondoru*. Essa variação indica o traço da variedade regional, ainda presente no falar desta nipo-brasileira da pesquisa. Usaremos o termo “variedade *hogen*” para nos referirmos a essas variações regionais do Japão e, no caso da língua comum, usaremos o termo variedade *oficial*. A tabela e o gráfico a seguir ilustram a realização desses itens lexicais.

Tabela 5.2b: *Nomu – Nondoru – Ireyoru*

Tema nº 2b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Nomu	7	70%
Nondoru	1	10%
Ireyoru	1	10%
OR	1	10%
Total	10	100%

Gráfico 5.2b: *Nomu – Nondoru – Ireyoru*

⁹¹ *Nonderu* (verbo *nomu*: aspecto imperfeito cursivo).

⁹² *Nondoru* (verbo *nomu*: aspecto imperfeito cursivo).

⁹³ *Ireyoru* (verbo *ireru*: aspecto imperfeito cursivo).

Observando as transcrições de outros temas, identificamos muitas situações similares que indicam a situação de homogeneização das variedades regionais que Mase (1987) já havia registrado em sua pesquisa.

As transcrições registradas apontam que existem enunciados que não correspondem ao sistema funcional da língua japonesa. Por outro lado, comprovam que existem traços pertencentes aos dois sistemas linguísticos que permitem a comunicação. Observamos que esses traços representam características idioletais e revelam a situação da *variedade nipo-brasileira*.

Neste trabalho, não fazemos distinção entre os usos de idioleto, dialeto e falar nesta situação, segundo a proposta de Coseriu (1969, p. 25-26):

*Y cualquiera de los términos que usemos, idiolecto, dialecto, hablares en contato, no hacemos otra cosa que caracterizar diferencias interpersonales que pueden o no convertirse en sistemáticas, pero que son realidades que se escapan o pueden escaparse del esquematismo de cualquier normalización ajena a la vida de una lengua.*⁹⁴

Quer se trate de idioleto, quer se trate de dialeto, quer se trate de falar, o que importa é o contexto de uso. Por essa razão, inserimos o contexto de uso no qual os sujeitos, na interação discursiva, recorrem aos códigos disponíveis para efetivar a comunicação. Esses usos revelam que os dois códigos entram em cena, cada qual assumindo seu papel no seio do discurso. O sujeito bilíngue utiliza a sintaxe da língua japonesa e recorre ao item lexical para suprir as necessidades contextuais do discurso.

Essa situação pode ser observada de três maneiras. A primeira pode ser caracterizada como uma estratégia linguística e/ou cultural, que consiste em se apoiar em outro sistema quando ocorre uma lacuna lexical na língua meta, no entanto permanece ligada à da língua de origem quanto ao aspecto linguístico-cultural. A segunda pode ser percebida como uma instância que revela dois códigos interligados ou sobrepostos. Finalmente, a terceira baseia-se na significação, ou seja, o sujeito seleciona, num dos dois universos linguísticos, o item lexical que representa melhor uma dada situação.

Essa situação é possível porque existe, na memória do falante, o repertório linguístico desses dois universos linguísticos que permitem esta operação. Essa situação pode ser

⁹⁴ E para qualquer um dos termos que utilizamos, idioleto, dialeto, línguas em contato, não fazemos outra coisa que caracterizar as diferenças interpessoais que podem ou não converterem-se em sistemáticas, mas ainda assim são realidades que escapam ou podem escapar-se do esquema de qualquer normatização durante a vida de uma língua (tradução nossa).

igualmente justificada com base na afirmação de Barbosa (1996) quando define a unidade lexical como uma representação linguística memorizada que transita livremente nos dois códigos, ora criando, ora recriando novos elementos da língua. Dessa forma, o item lexical articula-se com base na experiência de vida do falante e incorpora ao léxico as crenças, os hábitos e a ideologia de uma cultura. O construto da *variedade nipo-brasileira* leva em consideração esses fatores, que fazem com que essa variedade se torne única e peculiar. Além desses elementos, ela é sustentada pelo espaço físico e pela história linguística de uma comunidade transplantada.

Excerto 5.2: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 2

Variedade nipo-brasileira	Tradução
REMÉDIO nonde imassu	Tomando remédio

5.1.3 TEMA Nº 3: PAGAR A CONTA/ *KANDYOO WO HARAU*

Tema nº 3: Pagar a conta/Kandyoo wo harau

Nesse tema, analisamos as respostas em três instâncias de uso. A primeira instância refere-se ao item lexical em português *conta* e seus correspondentes em japonês *kandyoo* e *haraimono*. A segunda trata do item lexical em português *pagar* e seu correspondente em japonês *harau*, bem como do sintagma *hogen harotte*. A terceira refere-se aos itens lexicais *restaurante* e *caixa*, cujos correspondentes em japonês *ressutoran* e *redi* não foram registrados.

Observamos, nos excertos assinalados do quadro abaixo, o uso dos itens *conta*, *kandyoo* e *haraimono*:

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Restaurante de <i>conta</i> wo haratteru ⁹⁵	Kaimono shiteru, tá pagando (OR)
BRAZ	RP	PI
NCB	Harotte imassu caixa ni (OR)	Haratteiruno neh (OR)
TAG	<i>Kandyoo</i> wo harau	<i>Conta</i> haratte imassu
VGB	Kaimono shite, TÁ nanika <i>haraimono</i> wo shiteru	Restaurante haratteru (OR)

Quadro 5.3a: Conta – *Kandyoo* – *Haraimono*

A tabela a seguir constata que, entre os itens lexicais utilizados pelos sujeitos da pesquisa, *conta* tem a frequência mais elevada em comparação aos itens lexicais correspondentes em japonês *kandyoo* – *haraimono*.

Tabela 5.3a: Conta – *Kandyoo* – *Haraimono*

Tema nº 3a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Conta	2	20%
Haraimono	1	10%
Kandyoo	1	10%
OR	4	40%
PI	1	10%
RP	1	10%
Total	10	100%

Os dados transcritos da primeira instância indicam que o item lexical em português *conta* teve 20% de frequência, ao passo que os itens lexicais em japonês obtiveram 10% de frequência. Embora estes últimos tenham ocorrido, a ocorrência de uso do item lexical *conta* é bastante significativa. Assim, os dois sistemas ocorrem conjuntamente no evento comunicativo, confirmando seu uso no dia-a-dia dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

⁹⁵ *Haratteru* (verbo *harau*: aspecto imperfectivo cursivo).

Gráfico 5.3a: Conta – Haraimono – Kandyoo

As respostas analisadas do Questionário Sociolinguístico de Pesquisa do Distrito Federal (QSP-DF) apontam que os sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa, na maioria, são ou foram produtores rurais e comerciantes (respostas obtidas do questionário QSP-DF, item 8) e, pelo fato desse item lexical ser de uso frequente no cotidiano desses sujeitos, pode, em parte, justificar o motivo desse empréstimo lexical. Neste caso, a importância desse questionário QSP-DF pode ser encontrada em Thomason e Kaufman (1991, p. 35) que consideram indispensável incluir os indicadores sociais para a análise dessa natureza, uma vez que as variáveis linguísticas estão mutuamente ligadas aos fatores sociais: *The starting point for our theory of linguistic interference is this: it is the sociolinguistic history of the speakers, and not the structure of their language, that is the primary determinant of the linguistic outcome of language contact.*⁹⁶

Observamos que o item lexical *kandyoo*, sugerido no tema, ocorre na fala de uma nipo-brasileira da pesquisa. Essa situação indica que existe uma tendência do item lexical do japonês estar numa situação de instabilidade, pelo pouco uso. Para justificativa dessa situação transcrevemos o postulado de Weinreich (1974, p. 57), quando ele argumenta que o uso esporádico dos léxicos da língua nativa pode cair em desuso.

It has been shown that, other things being equal, the frequent words come easily to mind and are therefore more stable; relatively infrequent words of

⁹⁶ O ponto inicial para nossa teoria da interferência linguística é este: é a história sociolinguística dos falantes, e não a estrutura de sua língua, que é o determinante primeiro do resultado linguístico da língua de contato (tradução nossa).

*the vocabulary are, accordingly, less stable, more subject to oblivion and replacement*⁹⁷.

Sendo assim, observamos que, na instabilidade do item lexical da língua nativa, o item lexical em português começa ocupar o espaço, antes destinado à língua nativa.

Na segunda instância, observamos que o item lexical *harau* representa a maioria das respostas nos pontos pesquisados em comparação ao item lexical português *pagar* e ao item *harotte* pertencente à variação regional, cada qual com apenas uma única ocorrência, conforme pode ser visto nos excertos do quadro nº 5.3b. *Harotte*, o item lexical *hogen* está assinalado em negrito.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Haratteru</i>	Kaimono shiteru, <i>tá pagando</i>
BRAZ	RP	PI
NCB	<i>Harotte</i> ⁹⁸ imassu	<i>Haratteiruno</i>
TAG	<i>Harau</i>	<i>Haratte imassu</i>
VGB	<i>Haraimono</i> wo shiteru	<i>Haratteru</i>

Quadro 5.3b: *Harau* – *Haraimono* – ***Harotte*** – Pagar

Registramos, neste tema, o uso das variedades regionais. Por um lado, a ocorrência do item lexical *harau* que representa a variedade *oficial* e, por outro, a ocorrência do item lexical *harotte* que sinaliza a variedade *hogen*. Embora haja as ocorrências destas variedades, a *hogen* é menos utilizada em comparação à outra, como pode ser observado na tabela nº 5.3b.

Tabela 5.3b: *Harau* – *Haraimono suru* – *Harotte* – Pagar

Tema nº 5.3b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Harau	5	50%
Harotte	1	10%
Haraimono suru	1	10%
Pagar	1	10%
PI	1	10%
RP	1	10%
Total	10	100%

⁹⁷ Foi mostrado que, igual a outras coisas, as palavras frequentes vem facilmente à mente e são, portanto, mais estáveis; palavras do vocabulário relativamente infrequentes são, conseqüentemente, menos estáveis, mais sujeitas ao esquecimento e à substituição (tradução nossa).

⁹⁸ *Harotte* (verbo *harau*).

Observamos que a variedade *oficial* – *harau* – *haraimono suru* – apresentam a ocorrência mais elevada, 60% de frequência em comparação aos outros itens lexicais, cada qual com 10% de frequência. O gráfico 5.3b demonstra essa situação.

Gráfico 5.3b: *Harau* – *Harotte* – *Haraimono suru* – *Pagar*

Verificamos, nas respostas, que os sujeitos da pesquisa têm essas variedades no seu repertório linguístico, entretanto, no uso, tendem a utilizar a variedade *oficial*. A nipo-brasileira de NCB (1ª faixa etária), em alguns contextos, utiliza a variedade *hogen* e, em outros, a variedade *oficial*, revelando, nesse intercâmbio, que os itens lexicais transitam no repertório do sujeito da pesquisa. Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de os itens lexicais apresentarem características flexíveis e, no uso, materializarem-se em consonância com o contexto e a necessidade do momento discursivo. No entanto, se o uso da variedade *hogen* não for frequente, existe uma possibilidade de que seja substituído pela variedade *oficial* ou pela língua em contato.

Mase (1987, p. 146), em sua pesquisa, constatou as principais características da língua japonesa usada pelos imigrantes e seus descendentes do Brasil, dentre elas, a variedade *hogen* do oeste japonês. Segundo esse teórico “[...] a tendência da língua japonesa do Brasil encaminhar para um dialeto baseado no dialeto comum do oeste japonês, enquanto no Japão, os vários dialetos regionais caminham para uma padronização”. Mase, observou que na fala dos imigrantes e seus descendentes do Brasil existe uma tendência para o uso de *hogen-comum* do oeste do Japão, mantendo dessa forma, o uso da variedade diatópica, em oposição à situação de *hogen* do Japão que, paulatinamente, está se padronizando. No caso da nossa

pesquisa, notamos que existe uma tendência ao uso da variedade *oficial*, em detrimento da variedade *hogen*. A influência dos meios midiáticos reforça e condiciona o uso dessa variedade. É importante ressaltar que esse resultado deve-se, em parte, ao fato de as nipo-brasileiras da pesquisa pertencerem à segunda geração. Outro aspecto que pode ter colaborado para essa situação provém do espaço geográfico. Mase, que pesquisou os imigrantes e descendentes de São Miguel Arcaño e de Ibiúna, cidades pertencentes ao Estado de São Paulo, verificou outra realidade linguística. Essas duas diferentes situações indicam que o espaço geográfico contribui para uma dada situação linguística, colocando em foco a importância da pesquisa geolinguística nos estudos da fala.

Percebemos, no excerto “*kaimono shite*, tá pagando”, a mudança de código. Trata-se de um sujeito nipo-brasileiro de BSB (2ª faixa etária) que, no início de sua fala, usa o segmento da língua nativa *kaimono shite* (fez compras) e, ao final do tema, utiliza itens lexicais de outra língua, isto é, alterna para o código de outra língua.

Para Blom e Gumperz (1998) esse recurso, geralmente, é utilizado pelos bilíngues com seus pares quando ambos têm esses dois códigos, servindo de alicerce para preencher uma necessidade imediata para a realização do momento discursivo. Os autores argumentam que, no evento social, os bilíngues mudam o comportamento linguístico de acordo com o contexto em que ocorre a ação. Em outras palavras, os bilíngues usam um dos códigos em consonância com a situação, e, por isso, pode ocorrer o uso de um código ou de outro. Ainda segundo os autores, isso ocorre nas relações domésticas e de amizade, uma vez que esses códigos são compartilhados pelos sujeitos que os detêm. O fato dos sujeitos da pesquisa e a pesquisadora pertencerem às comunidades estudadas favoreceu, consideravelmente, o uso dos dois códigos nas respostas dos temas.

Na última instância desse tema, examinaremos na ocorrência dos itens lexicais *restaurante*, *conta* e *caixa*. Esse uso pode ser observado no quadro nº 5.3c abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Restaurante</i> de <i>conta</i> wo haratteru	Kaimono shiteru, tá pagando (OR)
BRAZ	RP	PI
NCB	Harotte imassu <i>caixa</i> ni	Haratteiruno neh (OR)
TAG	Kandyoo wo harau (OR)	<i>Conta</i> haratte imassu (OR)
VGB	Kaimono shite, tá nanika haraimono wo shiteru (OR)	<i>Restaurante</i> haratteru

Quadro 5.3c: Restaurante – Conta – Caixa

Verificamos, na tabela abaixo, que o item lexical *restaurante* tem duas ocorrências e *caixa* uma ocorrência. Os dados indicam que esses itens lexicais fazem parte do cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Na análise, incluímos a tabela apenas para situar as ocorrências desses itens lexicais. O gráfico não foi utilizado devido à ausência das variações de uso desses itens lexicais.

Tabela 5.3c: Restaurante – Caixa

Tema nº 5.3c	Frequência absoluta	Frequência relativa
Restaurante	2	20%
Caixa	1	10%
OR	5	50%
PI	1	10%
RP	1	10%
Total	10	100%

Verificamos que um sujeito nipo-brasileiro de BSB (1ª faixa etária) expressou-se da seguinte maneira – “*restaurante de conta wo haratteru*”. Aqui, o sujeito usou o segmento “wo haratteru” da língua nativa, permanecendo, dessa forma, ligado à origem quanto ao aspecto linguístico e, ao mesmo tempo, inseriu os itens lexicais da língua portuguesa. Denominamos os dois itens lexicais em português, bem como o em japonês, de “itens lexicais-chave”, neste trabalho, uma vez que eles conduzem ao entendimento ao tema. Percebemos que, na resposta do sujeito, dentre os três itens lexicais-chave, dois são em português *restaurante* e *conta*. Assim articulada, mesmo que a estrutura da língua nativa seja contemplada, dificulta o entendimento da mensagem pelos monolíngues em japonês, devido ao uso dos itens lexicais-chave em português.

O gráfico nº 5.3c demonstra a ocorrências dos itens lexicais em português – *restaurante* e *caixa* –.

Gráfico 5.3c: Restaurante – Caixa

O item lexical *restaurante* é designado, em japonês, por *resutoran* que tem origem no inglês *restaurant*. Trata-se, portanto, de um empréstimo lexical e, pelo fato de ser semelhante ao do português *restaurante*, favorece o seu uso. Dessa forma, os bilíngues, indecisos diante de dois itens lexicais semelhantes, um em japonês e outro em português, optam pelo item de maior uso. A situação acima analisada pode corresponder a uma das condições que levam ao empréstimo lexical indicada por Weinreich (1974, p. 57). Transcrevemos, a seguir, o argumento do teórico referido: “*Suffice it to say that sometimes a word seems to have been borrowed from another language in order to resolve the clash of homonyms*”⁹⁹.

Ao observar a expressão “harotte imassu, *caixa* ni”, notamos que o item lexical *caixa* é inserido conforme as situações anteriores apresentadas. No entanto, a ordem do segmento “*caixa* ni” da língua nativa parece indicar que houve a interferência da estrutura da língua portuguesa na fala do sujeito nipo-brasileiro da pesquisa, pois o usual seria “*caixa* ni haratte imassu”. Isso pode ser explicado no fragmento de Matsubara (2012, p.93) “na ordem canônica a oração principal é precedida de oração subordinada, no entanto, no discurso, as inversões dos enunciados são comuns, desde que as regras gramaticais sejam preservadas [...]”. No entanto, devemos levar em consideração que, pelo fato de ser um enunciado verbal, podem ocorrer situações peculiares. Como as regras gramaticais não é o objeto desta pesquisa, não serão tratadas nesta instância de estudo.

O excerto abaixo contextualiza a realização dos itens lexicais e suas expressões.

⁹⁹ Basta dizer que às vezes uma palavra parece ter sido emprestada de outra língua, a fim de resolver o conflito de homônimos (tradução nossa).

Excerto 5.3: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 3

Variedade nipo-brasileira	Tradução
RESTAURANTE de CONTA wo haratteru	Pagando a conta no restaurante
CONTA haratte imassu	Está pagando a conta
Kaimono shiteru, tá PAGANDO	Está fazendo compras, tá pagando
RESTAURANTE haratteru	Pagando no restaurante
Harotte imassu, CAIXA ni	Está pagando no caixa

5.1.4. TEMA Nº 4: ESQUECER A CHAVE/KAGUI WO WASSURERU

Tema nº 4: Esquecer a chave/ *Kagui wo wassureru*

Nesse tema, verificamos que os sujeitos da pesquisa utilizam-se principalmente de quatro itens lexicais: *chave* e seu correspondente em japonês *kagui* e *casa*, igualmente com seu correspondente em japonês *uti*. Analisamos esses itens lexicais em duas etapas: na primeira – *chave* e *kagui* – ; e na segunda – *casa* e *uti* –.

Ao analisar as respostas obtidas nos pontos pesquisados referentes à primeira etapa, observamos que os sujeitos desta pesquisa utilizaram mais o item lexical em português *chave* em comparação ao item *kagui*, conforme se observa nos registros apresentados abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Uti no <i>chave</i> wo nakushita	<i>Chave</i> wo sagashiteru
BRAZ	RP	<i>Kagui</i>
NCB	<i>Kagui</i>	Casa no <i>chave</i> wo motte
TAG	<i>Kagui</i>	<i>Chave</i> wassuremashita
VGB	<i>Kagui</i>	<i>Chave</i> wo sagashiteru

Quadro 5.4a: *Kagui* – Chave

Os excertos acima constatarem que o item lexical *chave* tem ocorrência mais elevada ao item lexical *kagui*. Essa situação pode ser conferida na tabela nº 5.4a.

Tabela 5.4a: Chave – *Kagui*

Tema nº 4a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Chave	5	50%
Kagui	4	40%
RP	1	10%
Total	10	100%

Registramos 50% de frequência do item lexical em português – *chave* – e 40% de frequência do item lexical em japonês – *kagui* –, conforme a ilustração do gráfico nº 5.4a.

Gráfico 5.4a: *Kagui* – Chave

Percebemos, nas respostas obtidas, que existe uma tendência à substituição do uso do item lexical japonês, pois o contato de línguas contribui para que os sujeitos da pesquisa se apoiem em outro sistema lexical no enunciado verbal. O contato estreito com a sociedade majoritária colabora para essa situação linguística, que pode orientar de um lado para o deslocamento dos itens lexicais da língua nativa, devido à frequência de uso em português e, por isso, fortalece o uso do item lexical em português, efetivando, dessa forma como norma de uso e não a exceção, conforme pode ser visto no pressuposto de Grosjean (1982, p. 149).

*Their main concern is with communicating a message or intent, and they know that the other person will understand them whether they use one or two languages. In some bilingual or multilingual communities, code switching is the norm rather than the exception.*¹⁰⁰

Com base nessa argumentação, inferimos que o uso frequente direciona para uma situação de norma que pode, em parte, indicar a composição do repertório linguístico do sujeito bilíngue e até mesmo de uma comunidade linguística.

Pelo fato de o item lexical *chave* apresentar a frequência mais elevada, inserimos o gráfico abaixo para demonstrar o uso em duas instâncias: a primeira refere-se às faixas etárias dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa e a segunda trata dos pontos da pesquisa. Essa situação linguística será retomada na conclusão, quando analisamos os itens lexicais sob a perspectiva quantitativa em termos globais, ou seja, a análise das respostas dos 25 figuratemas.

Gráfico 5.4 (i): Chave – Faixa etária e Ponto da pesquisa

O gráfico acima demonstra que o item *chave* ocorreu mais na segunda faixa etária, apresentando quatro ocorrências e em menor número na primeira faixa etária, com apenas uma ocorrência. Neste caso, a comunidade de BRAZ, não manifestou este uso.

¹⁰⁰ Sua maior preocupação está em comunicar uma mensagem ou intenção, e eles sabem que a outra pessoa irá entendê-los mesmo se usarem uma ou duas línguas. Em algumas comunidades bilíngues ou multilíngues, a mudança de código é norma ao invés de exceção (tradução nossa).

No caso da segunda etapa, verificamos que os sujeitos nipo-brasileiros utilizaram dois itens lexicais: *casa e uti*, conforme se observa no quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Uti</i> no chave wo nakushita	Chave wo sagashiteru (OR)
BRAZ	RP	Kagui (OR)
NCB	Kagui (OR)	<i>Casa</i> no chave wo motte
TAG	Kagui (OR)	Chave wassuremashita (OR)
VGB	Kagui (OR)	Chave wo sagashiteru (OR)

Quadro 5.4b: Casa – *Uti*

O item lexical *casa* se realiza na expressão “*casa* no *chave* wo motte [...]”, indicando que os dois itens lexicais do português ocorrem no mesmo segmento do enunciado verbal. Verificamos que a estrutura da língua japonesa se impõe, porém os itens lexicais do português são integrados à fala do sujeito nipo-brasileiro de NCB (2ª faixa etária). Os itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado por *casa* e, em japonês, por *uti*, apresentam-se cada qual com uma ocorrência. Isso pode ser observado na tabela 5.4b.

Tabela 5.4b: *Uti* – Casa

Tema nº 4b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Uti	1	10%
Casa	1	10%
OR	7	70%
RP	1	10%
Total	10	100%

Essa situação indica que o contato de línguas gera fenômenos como o empréstimo lexical e a mudança de código. Este intercâmbio entre dois sistemas linguísticos representa a fala dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa, cuja situação indica o uso da *variedade nipo-brasileira*.

Analisaremos a seguir a ocorrência do item lexical *chave* que obteve a frequência mais elevada. Os itens lexicais que representam a ação verbal permanecem ligados à língua de origem, mantendo, com isso, a situação bilíngue.

Essa situação particular, surgida no contexto do contato de línguas, retrata o uso dos dois códigos linguísticos que os bilíngues articulam entre si, conforme sua necessidade. Portanto, os fatos só fazem sentido para aqueles que compartilham desse repertório linguístico. Em outras palavras, a comunicação, muitas vezes, só se efetiva com aqueles que

usam a variedade nipo-brasileira e não com os monolíngues da língua japonesa. Essa situação pode ser ilustrada com o depoimento de uma nipo-brasileira à pesquisadora. Após relatar que os parentes no Japão não compreendiam sua fala, percebeu que estava misturando as duas línguas¹⁰¹. Como ela se comunica com seus pares no domínio familiar e comunidade utilizando essa maneira de falar, pareceu-lhe normal seu uso. Por essa razão, não percebeu que estava usando a variação nipo-brasileira. Esse relato comprova o argumento desse estudo, a *variedade nipo-brasileira* é uma variedade que apresenta o encontro de duas línguas, portanto tem características próprias.

Nessa condição, o uso frequente de recursos como o empréstimo lexical e a mudança de código pode conduzir ao processo de integração e transformar a situação descrita em norma de uso, pelo menos, nas comunidades estudadas. Isso faz com que essa fala seja inteligível apenas para o grupo que detém desse código.

Os registros abaixo demonstram uma situação particular da *variedade nipo-brasileira*. Neste tema, nota-se o uso dos itens lexicais da língua portuguesa e a estrutura da língua japonesa.

Excerto 5.4: *variedade nipo brasileira* da figura-tema nº 4

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
CASA no CHAVE wo motte	Segura a chave da casa
CHAVE wo sagashiteru	Procurando a chave
CHAVE wassuremashita	Esqueceu a chave
CHAVE wo nakushita	Perdeu a chave
CHAVE wo motte	Segura a chave

5.1.5 TEMA Nº 5: PARAR O CARRO – SEMÁFORO/ *DIDOOSHA (KURUMA) WO TOMERU – SHINGOO*

Tema nº 5: Parar o carro – Semáforo/*Didoosha (Kuruma) wo tomeru – Shingoo*

¹⁰¹ Relato anotado pela pesquisadora desta pesquisa quando realizou a entrevista em NCB com o sujeito da 2ª faixa etária, conforme pode ser constatado na gravação.

Neste tema, enfocamos a nossa análise em três etapas: a primeira refere-se ao item lexical *carro* e seus correspondentes em japonês – *kuruma* e *didoosha* –. A segunda volta-se para o item lexical *shingoo* e os itens correspondentes em português – *semáforo* – *sinal* – *farol* –. E, por fim, analisamos o segmento *kuruma ga aruite* que corresponde em português “o carro está andando”.

O quadro 5.5a demonstra o uso dos itens lexicais da primeira etapa: *carro*, *kuruma* e *didoosha*, conforme se observa nos excertos assinalados.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Sinal ni tomatta, <i>Kuruma</i> ga	SR
BRAZ	RP	<i>Kuruma</i> ga aruite, Kore sinal
NCB	Ano semáforo ni, <i>Didoosha</i>	Semáforo no soba (OR)
TAG	<i>Kuruma</i>	<i>Carro</i> ga tomarimashita
VGB	Shingoo, <i>Kuruma</i> ga	Farol ni matteru (OR)

Quadro 5.5a: Carro – *Didoosha* – *Kuruma*

Os registros da primeira etapa indicam que o item lexical japonês *kuruma* representa a maioria das respostas nos pontos pesquisados. O item lexical japonês *didoosha* e o português *carro* apresentaram uma única ocorrência cada. Essa situação pode ser conferida na tabela nº 5.5a e no gráfico 5.5a que ilustram as respostas nos pontos pesquisados.

Tabela 5.5a: *Kuruma* – *Didoosha* – Carro

Tema nº 5a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Kuruma	4	40%
Didoosha	1	10%
Carro	1	10%
OR	2	20%
SR	1	10%
RP	1	10%
Total	10	100%

Gráfico 5.5a: *Kuruma – Didoosha – Carro*

Os dados das respostas registram as ocorrências dos itens lexicais *didoosha*, *carro* e *kuruma*. O último tem a frequência mais elevada, indicando que, no dia-a-dia, os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, o utilizam bastante. Embora os registros constatem que os itens lexicais em japonês são predominantes no discurso dos sujeitos da pesquisa, a realização do item lexical em português *carro* demonstra que no cotidiano os três itens (um em português e outros em japonês) são utilizados pelos sujeitos da pesquisa. Uma nipo-brasileira da pesquisa de TAG (2ª faixa etária) utilizou o item *carro* na expressão “*carro ga tomarimashita*”. Novamente, é importante observar que recorre ao repertório lexical da língua portuguesa e o incorpora ao segmento estrutural da língua nativa. Realiza, neste encontro, a expressão que em português significa “carro parou”.

Observamos que o sujeito nipo-brasileiro da pesquisa apoiou-se no outro código para a realização do tema que pode ser observada, conforme os condicionantes referidos por Grosjean (1982), dentre eles: a necessidade em preencher a lacuna lexical na língua meta no momento discursivo; o uso frequente do item lexical na outra língua acaba prevalecendo; e o item lexical em português seja mais significativo para esse sujeito da pesquisa. Esses indicadores, mostram que, possivelmente, no repertório linguístico do sujeito da pesquisa estejam presentes esses dois códigos e que, no momento de uso, opta-se pelos itens lexicais em que se sinta mais à vontade em usar ou mais disponíveis àquela situação que Grosjean (1982, p. 151) identifica como “*most available word*”¹⁰² e, dessa forma, os itens lexicais da outra língua atualizam-se e materializam-se no uso.

¹⁰² Palavras mais disponíveis (tradução nossa).

Podemos conferir no quadro nº 5a que o item lexical em português *semáforo* apresenta as variações *farol* e *sinal* e que o item em japonês *shingoo* obteve uma única resposta.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Sinal</i> ni tomatta, Kuruma ga	SR
BRAZ	RP	Kuruma ga aruite, Kore <i>sinal</i>
NCB	Ano <i>semáforo</i> ni, Didoosha	<i>Semáforo</i> no soba
TAG	Kuruma (OR)	Carro ga tomarimashita(OR)
VGB	<i>Shingoo</i> , Kuruma ga	<i>Farol</i> ni matteru

Quadro 5.5b: Semáforo – Sinal – Farol – *Shingoo*

Os dados acima constatarem que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa utilizam as variações dos itens lexicais da língua portuguesa, justificando, nessas ocorrências, a presença da variação diatópica no falar desses sujeitos da pesquisa. A história de vida, em parte, colabora para essa situação, uma vez que esses sujeitos da pesquisa vieram de várias regiões do Brasil. É importante ressaltar que esses registros indicam que, além da variedade *hogen*, a variedade regional da língua portuguesa também está disponível no repertório linguístico destas nipo-brasileiras da pesquisa.

Observamos, na tabela abaixo, que os sujeitos da pesquisa utilizam mais os itens lexicais em português, representando a maioria das respostas nos pontos pesquisados, no total de 50% de frequência em comparação ao item lexical correspondente em japonês *shingoo*, que apresenta uma única ocorrência, correspondente a 10% de frequência.

Tabela 5.5b: Semáforo – Sinal – Farol – *Shingoo*

Tema nº 5b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Semáforo	2	20%
Sinal	2	20%
Farol	1	10%
Shingoo	1	10%
OR	2	20%
RP	1	10%
SR	1	10%
Total	10	100%

O uso elevado de – *semáforo* – *sinal* – *farol* – é bem representativo e revela a tendência de consolidação desses itens lexicais do português. Já a baixa frequência do item

em japonês *shingoo* aponta uma situação de desuso. Isso ocorre, normalmente, quando se usa, esporadicamente, determinados itens lexicais. Conforme o argumento de Weinreich (1974), o item lexical da língua nativa que tem pouco uso acaba sendo substituído.

Gráfico 5.5b: Semáforo – Sinal – Farol – *Shingoo*

Em suma, os itens lexicais em português foram inseridos no segmento da língua nativa. Em outras palavras, apesar de ligados ao aspecto linguístico-cultural de origem, os sujeitos incorporam ao enunciado verbal os itens lexicais em português. Nessa integração, o encontro de duas línguas se efetiva na realização do discurso. As expressões utilizadas pelos sujeitos nipo-brasileiros são: “*sinal* ni tomatta” que significa em português “parou no sinal” (BSB – 1ª faixa etária); “ano *semáforo* ni” que corresponde em português a “naquele semáforo” (NCB – 1ª faixa etária); e “*semáforo* no soba” que, em português, reporta-se a “perto do semáforo” (NCB – 2ª faixa etária).

É oportuno inserir uma ilustração gráfica para retratar as ocorrências da variação de uso dos itens lexicais *semáforo*, *sinal* e *farol*. Nesse gráfico, registramos as ocorrências com relação à faixa etária dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa e aos pontos da pesquisa.

Gráfico 5.5 (i): Semáforo – Sinal – Farol – Faixa etária versus Ponto da pesquisa

A ilustração gráfica indica que o uso dos itens lexicais em português foi maior na segunda faixa etária, com três ocorrências e no caso da primeira faixa etária, com dois registros. Quanto ao ponto da pesquisa, percebemos que Taguatinga foi a comunidade que não obteve nenhuma ocorrência dos itens lexicais acima demonstrados.

Acreditamos que o fator sócio-cultural pode ter contribuído para essa situação, pois, a maioria dos (i)migrantes permaneceu em zonas rurais afastadas das grandes cidades, cujo contexto colabora para o pouco uso do item lexical em japonês – *shingoo* – pelos (i)migrantes e seus descendentes. Ao mesmo tempo em que favorece seu deslocamento, acaba por fortalecer o uso dos itens em português, uma vez que faz parte da vida cotidiana dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa.

A última situação linguística refere-se ao contexto “kuruma ga aruite” que significa em português “o carro está andando”. Percebemos que o sujeito da pesquisa utilizou o item lexical em japonês *aruite*¹⁰³ que se refere a “andar; ir a pé”¹⁰⁴, utilizando-o no contexto de “carro”. Isso pode ter ocorrido, porque na língua portuguesa utilizamos o item lexical “andar” em situações como: “andar de carro” e “andar a pé”. O uso do item lexical *aruite*, possivelmente, ampliou-se, nessa resposta, pois os valores semânticos agregados ao item lexical em português, pode, em parte, ter contribuído para essa situação linguística. Essa ocorrência indica a possibilidade da realização do *loanshifts* que Haugen (1972, p. 75)

¹⁰³ *Aruite* (verbo *aruku*: aspecto imperfectivo cursivo).

¹⁰⁴ COELHO. Dicionário de Japonês – Português. Porto: Editora Porto, 1998.

postulou e, ainda, considera esta situação como: “*This term would include what is usually called ‘semantic loans’*”¹⁰⁵.

Observamos que, das oito expressões, seis apresentam a situação de contato de línguas que são tratadas como *variedade nipo-brasileira*. Essas ocorrências mostram que esses itens lexicais caminham para se tornar uma norma de uso destas regiões pesquisadas. Os excertos abaixo registram essas situações.

Excerto 5.5: *variedade nipo brasileira* da figura-tema nº 5

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
CARRO ga tomarimashita	O carro parou
SINAL ni tomatta	Parou no sinal
Kore SINAL	Este é sinal
Ano SEMÁFORO ni	Naquele semáforo
SEMÁFORO no soba	Perto de semáforo
FAROL ni matteru	Esperando no farol

5.1.6 TEMA Nº 6: ESTUDAR/ *BENKYOO SURU*

Tema nº 6: Estudar/ *Benkyoo suru*

No tema acima sugerido, os sujeitos da pesquisa utilizaram principalmente dois itens lexicais *benkyoo suru* e *exame*. Nos pontos pesquisados, o item lexical correspondente em português de *benkyoo suru* que é designado por *estudar*, não obteve nenhum registro, conforme se observa no quadro abaixo:

¹⁰⁵ Este termo incluiria o que é comumente chamado de 'empréstimo semântico' (tradução nossa).

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Benkyoo shiteru</i>	SR
BRAZ	<i>Benkyoo shiteru</i>	OR
NCB	<i>Benkyoo bakari shite</i>	<i>Benkyoo shiteruno</i>
TAG	<i>Benkyoo suru</i>	Exame ni <i>benkyoo shinassai</i>
VGB	OR	<i>Benkyoo shiteru</i>

Quadro 5.6: *Benkyoo suru* – Exame

A tabela apresentada a seguir mostra que o item lexical *benkyoo suru* apresenta 60% de frequência. *Benkyoo suru* parece ser amplamente utilizado pelos sujeitos, pois ele aparece após o item lexical em português *exame* que tem uma única ocorrência. Essa situação pode ser conferida na tabela abaixo.

Tabela 5.6: *Benkyoo suru* – Exame

Tema nº 6	Frequência absoluta	Frequência relativa
Benkyoo suru	6	60%
Exame	1	10%
OR	2	20%
SR	1	10%
Total	10	100%

O item lexical *exame* é registrado na frase “*exame ni benkyoo shinassai*”, quando uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária) utiliza esse item para justificar o contexto de estudo. Muitas vezes, o empréstimo lexical é utilizado, porque faz mais sentido numa língua que na outra. Dessa forma, o sujeito, não encontrando o item lexical adequado no sistema lexical da língua nativa, acaba recorrendo a outro para contextualizar a resposta do tema. Assim, completa a idéia do tema “situação de estudo” por meio do empréstimo lexical.

Gráfico 5.6: *Benkyoo suru* – Exame

Como já assinalamos, o item lexical “estudar” não foi registrado nas respostas. Conferindo esta situação, podemos remeter ao Capítulo II deste trabalho, quando relatamos que uma das preocupações dos (i)migrantes japoneses era a instalação de um local para que seus filhos e seus descendentes pudessem estudar. Privilegiando a construção de “escola da comunidade” em todos os locais que a imigração se instalou. Essa preocupação em manter a cultura e a língua através de estudo, pode, em parte, explicar a manutenção do uso “*benkyoo suru*”. Nesses termos, os indicativos culturais e sociais podem ter colaborado para que o tema sugerido fosse mantido no falar dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa.

Utilizamos o excerto para demonstrar a ocorrência do uso do item lexical em português, apesar de ser um único registro, porém, seu uso identifica que os itens lexicais em português estão presentes na fala dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

Excerto 5.6: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 6

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
EXAME ni benkyoo shinassai	Estudar para o exame

5.1.7 TEMA Nº 7: CORRER – TORCER/ *HASHIRU* – *OOEN SURU*

Tema nº 7: Correr – Torcer/ Hashiru – *Ooen suru*

Neste tema, verificamos duas situações diferentes. Na primeira situação, os sujeitos da pesquisa interpretam que a figura do garoto, à esquerda, é o foco da ação é ele que corre. Já na segunda situação, para os sujeitos da pesquisa, o foco recai sobre as pessoas que assistem ao jogo – são eles que torcem. Por essa razão, em ambas as situações, que analisamos em duas etapas, os itens lexicais utilizados pelos sujeitos refletem essas visões distintas. Assim, na primeira situação destaca-se o uso dos itens lexicais, em japonês – *hashiru* – *hashittoru* (*hogen*) e seu correspondente – *correr* – em português. Analisaremos, ainda, o uso do segmento *corre* [*suru*]. Na segunda, sobressai-se o emprego dos itens lexicais em japonês – *ooen suru* – *undookai* – *ganbatte* – que significam, respectivamente, em português – (d)esportiva – esforçar-se e perseverar – gincana – torcer¹⁰⁶ –.

O quadro abaixo apresenta as duas situações. Os excertos da primeira situação estão assinalados em itálico e o *hogen* em negrito.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Corre shiteru/ Undookai</i>	SR
BRAZ	Ganbatte (OR)	Hashittoru/ Ooen
NCB	<i>Hashiru</i>	<i>Hashiru/ Undookai</i>
TAG	Undookai ni itte kite/ Ooen shiteru (OR)	Ooen (OR)
VGB	<i>Hashiru/ Undookai</i>	Ooen (OR)

Quadro 5.7a: *Hashiru* – *Hashittoru* – Correr [*suru*]

Os dados da primeira situação atestam que o item lexical japonês *hashiru* corresponde à maioria das respostas nos pontos pesquisados, enquanto o item lexical *hashittoru*, da variedade *hogen*, e o segmento *corre* [*suru*] apresentam uma única ocorrência.

¹⁰⁶ COELHO. Dicionário Japonês – Português. Porto: Porto Editora, 1998.

A tabela nº 5.7a, apresentada a seguir, mostra que o item lexical da variedade *oficial* tem a frequência mais elevada, 40%, em relação aos itens da variedade *hogen* e em português, cada qual com 10% de frequência.

Tabela 5.7a: *Hashiru – Hashittoru – Corre [suru]*

Tema nº 7a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Hashiru	3	30%
Hashittoru	1	10%
Corre [suru]	1	10%
OR	4	40%
SR	1	10%
Total	10	100%

Observamos, no gráfico abaixo, a ilustração das respostas em japonês, na variedade *hogen* e em português.

Gráfico 5.7a: *Hashiru – Hashittoru – Corre [suru]*

Percebemos, nas respostas, que os sujeitos da pesquisa, no cotidiano, utilizaram mais *hashiru*. No entanto, um sujeito nipo-brasileiro de BRAZ (2ª faixa etária) utilizou *hashittoru*¹⁰⁷ (*hogen*), uma das variações de *hashiru*. Embora se trate de uma única resposta, sinaliza a presença da variação diatópica do Japão na fala deste sujeito.

No caso da ocorrência do item lexical *correr*, uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária) utilizou a expressão “*corre shiteru*”, indicando um contexto de ação verbal que, em

¹⁰⁷ *Hashittoru* (verbo *hashiru*).

português, significa “está correndo/ correndo”. Trata-se do acréscimo do item lexical *correr* (3ª pessoa do singular) a [suru] (cf. MASE, 1987; OTA, 2009), formando, assim, o segmento “corre shiteru”. Esse mecanismo é muito utilizado pelos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa. Identificamos contextos similares em outros temas estudados, o que indica que existe uma norma de uso neste caso, sinalizando que existe um padrão de comportamento entre os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa. Os itens lexicais em português vão se atualizando e se ajustando conforme a necessidade do falante.

Os sistemas (um em português e outro em japonês) compõem-se e mesclam-se, possibilitando, por meio desta alternância, a interação comunicativa entre seus pares. O exame desta situação permite-nos inferir que, nos pontos pesquisados, estão presentes a variação diatópica regional japonesa “hashittoru” e a variação nipo-brasileira. Esses dados atestam que, na fala dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, existem indicadores geográficos.

A segunda situação é expressa nos excertos que constam do quadro apresentado a seguir.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Corre shiteru/ <i>Undookai</i>	SR
BRAZ	<i>Ganbatte</i>	Hashittoru/ <i>Ooen</i>
NCB	Hashiru	Hashiru/ <i>Undookai</i>
TAG	<i>Undookai ni itte kite/ Ooen shiteru</i>	<i>Ooen</i>
VGB	Hashiru/ <i>Undookai</i>	<i>Ooen</i>

Quadro 5.7b: *Undookai – Ooen suru – Ganbatte*

A tabela nº 5.7b e o gráfico 5.7b, apresentados a seguir, mostram que, no dia-a-dia, a maioria dos sujeitos da pesquisa utiliza-se dos itens lexicais, *undookai*; *ooen suru* e *ganbatte*, o primeiro com 40% de frequência; o segundo com 30%; e o último com 10%. Juntos, correspondem a 80% de frequência.

Tabela 5.7b: *Undookai – Ooen suru – Ganbatte*

Tema nº 7b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Undookai	4	40%
Ooen suru	3	30%
Ganbatte	1	10%
SR	1	10%
OR	1	10%
Total	10	100%

Gráfico 5.7b: *Undookai – Ooen suru – Ganbatte*

Esses índices de frequência revelam um componente cultural que destacamos aqui. O item lexical *undookai*, que obteve 40% de frequência, designa esse componente cultural que permanece vivo na fala dos sujeitos da pesquisa, uma vez que a figura do tema apresenta uma situação que remete os sujeitos da pesquisa ao *undookai*, “uma espécie de gincana esportiva”, cuja atividade é mantida pelos (i)migrantes e passada de geração a geração, até os dias de hoje. Como se observa, as respostas dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa constataam que os itens lexicais que apresentam componentes constitutivos do universo cultural de um grupo social continuam presentes na fala, enquanto outros itens lexicais, que não se caracterizam como tal, geralmente, são assimilados com maior frequência. Em conformidade com o estudo de Higa (*apud* GROSJEAN, 1982), verificamos, no nosso estudo que os itens lexicais com significados culturais tendem a permanecer na fala dos sujeitos da pesquisa, favorecendo, dessa forma, sua manutenção. Para Higa, entre outros pesquisadores, esses itens simbolizam a identidade de um grupo social e, por esse motivo, muitas vezes, são assegurados, porque neles estão embutidos os valores sociais e culturais.

No capítulo II quando discorreremos sobre as comunidades estudadas, vimos que, ainda, a atividade cultural *undookai* é mantida na maioria das associações das comunidades em pauta.

Nessa perspectiva, inserimos os itens *ooen* e *ganbatte*¹⁰⁸ que, em português, correspondem, respectivamente, a “torcer” e “esforçar-se”. Esses itens lexicais apresentam componentes culturais que justificam seu uso pelos sujeitos da pesquisa. Para esclarecer essa situação, inserimos o contexto de uso desses itens lexicais. O item lexical *ooen* (torcer) é

¹⁰⁸ *Ganbatte* (verbo *ganbaru*: forma conectiva).

utilizado no *undookai*, que envolve dois times identificados pelas cores branca e vermelha, e o público manifesta sua predileção torcendo por seu time ou pelo time favorito. No momento da torcida, frequentemente, as pessoas utilizam “ganbatte” para incentivar os participantes da gincana a não desistirem e prosseguirem até o final da atividade.

Novamente aqui, observa-se que essas situações são usadas em vários contextos do dia-a-dia da comunidade, contribuindo para que sejam mantidas na fala dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

É importante ressaltar que a figura deste tema demonstra esse contexto cultural. E essa linguagem não verbal, subjacente a esse contexto, só pode ser expressa por aqueles que detêm esse saber.

O excerto abaixo ilustra o uso da expressão “*corre shiteru*” registrada na resposta obtida no ponto pesquisado. Apesar de ser uma única ocorrência averiguada, esse registro indica que o sujeito da pesquisa utiliza-se dessa forma no seu dia-a-dia, configurando a situação linguística da variedade em pauta.

Excerto 5.7: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 7

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
CORRE shiteru	Está correndo /Correndo

5.1.8 TEMA Nº 8: LIMPAR (FAZER LIMPEZA) – VARRER/ *SOODI SURU* – *HAKU*

Tema nº 8: Limpar (Fazer limpeza) – Varrer/ *Soodi suru* – *Haku*

À figura acima, os sujeitos da pesquisa utilizaram mais o segmento *soodi suru* nas respostas, conforme pode ser visto nos excertos do quadro abaixo. Neste tema, analisamos as respostas em duas etapas. Na primeira etapa, discutiremos o segmento em japonês *soodi suru*

que corresponde ao segmento em português *limpar – fazer limpeza* e o uso do segmento *limpeza [suru]*. Na segunda etapa, enfocamos as variações dos itens lexicais correspondentes que, na variedade oficial, é designada por *haku*; e, na variedade *hogen*, por *hawaku*. Nas respostas dos sujeitos, não ocorreu o item lexical *varrer*, correspondente ao item japonês *haku*. Incluímos, ainda, nesta etapa, a análise do item lexical *lixo*.

Os excertos da primeira etapa indicam que entre os segmentos *fazer limpeza* e *soodi suru*, os sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa optaram pelo segmento em japonês. Essa situação pode ser verificada no quadro apresentado a seguir.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	<i>Soodi shiteru</i>	<i>Soodi shiteru/ Haku</i>
BRAZ	<i>Soodi shiteru</i>	<i>Soodi shiteru</i>
NCB	Hawaku (OR)	Hawaku (OR)
TAG	<i>Soodi shiteru</i>	<i>Limpeza shiteru</i>
VGB	(O) ¹⁰⁹ <i>Soodi shite iru</i>	Lixo (<i>atsumeru</i>) (OR)

Quadro 5.8a: *Soodi suru* – Limpar (fazer limpeza)

O quadro nº 5.8a, apresentado acima, constata que a maioria dos sujeitos da pesquisa utiliza os itens lexicais em japonês – *soodi suru* (60% de frequência) – em comparação ao segmento – *limpeza [suru]* – com 10% de frequência.

Tabela 5.8a: *Soodi suru* – Limpeza [*suru*]

Tema nº 8a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Soodi suru	6	60%
Limpeza [suru]	1	10%
OR	3	30%
Total	10	100%

Na análise do segmento *soodi shiteru*, podemos inferir a influência dos fatores sociais. O fato de a população pesquisada ser composta por sujeitos nipo-brasileiros do gênero feminino e da faixa etária entre 51 a 72 anos pode ter colaborado para a manutenção desse item lexical. Em outras palavras, uma vez que esse item lexical refere-se à atividade rotineira do lar e, em virtude de os sujeitos da pesquisa utilizarem frequentemente esse item lexical no dia-a-dia, pode ter contribuído para sua manutenção. Como os sujeitos da pesquisa são do

¹⁰⁹ (O): forma delicada de falar, utilizada geralmente pelas mulheres.

gênero feminino, não temos dados para comparar com sujeitos do gênero masculino, e, consequentemente, apontar se o componente diagenérico interfere nesta situação linguística. No entanto, deixamos registrado que o fator social pode justificar, em parte, o uso elevado desse item lexical.

No caso do segmento *limpeza* + [suru], verificamos que o segmento verbal apresenta uma situação similar à proposta de formação de verbos compostos apontada por Mase (1987) e Ota (2009). Nos registros das respostas desta pesquisa, em geral, o empréstimo lexical se realiza por meio da utilização da 3ª pessoa do singular + [suru], conforme as ocorrências anteriores. Neste caso, observamos que um sujeito nipo-brasileiro de TAG (2ª faixa etária) produz o segmento *limpeza shiteru*, em que o item lexical se incorpora ao sistema da língua nativa e o verbo [suru] é utilizado para designar o contexto de “fazer limpeza”. Segundo Kuyama (2000, p. 72), “[...] é possível tratar como verbos outras categorias que na língua de origem não lhe pertencem (substantivos e outras)”. Como exemplo, Kuyama insere os seguintes contextos: “tennis + suru”; e “purezento + suru” que justificam o uso de “*limpeza shiteru*” pelo sujeito nipo-brasileiro desta pesquisa.

Gráfico 5.8a: *Soodi suru* – Limpeza [suru]

O quadro nº 5.8b indica a situação da segunda etapa em que os sujeitos nipo-brasileiros utilizaram as variedades em japonês. Conforme pode ser observado nos excertos, o item lexical *hawaku*, em negrito, representa a variedade *hogen*. Observamos que o correspondente em português *varrer* não foi registrado nos pontos pesquisados. No entanto, uma nipo-brasileira de VGB (2ª faixa etária) utilizou o item lexical *lixo* na expressão “*lixo*

atsumeru” que, em português, significa “juntar o lixo”. Observa-se que ela interpretou a figura conforme seu ponto de vista. Este caso é de suma importância para os pesquisadores que utilizam o questionário como instrumento de trabalho, pois, muitas vezes, outras respostas, diferentes daquela que seria padrão, indicam opções que não estavam previstas e que correspondem a uma solução do sujeito para uma dada situação. No caso dessa nipo-brasileira foi inserido o item lexical *lixo* na estrutura da língua nativa para responder ao tema.

Ponto	Sujeito	
	Faixa etária I	Faixa etária II
BSB	Soodi shiteru (OR)	Soodi shiteru/ <i>Haku</i>
BRAZ	Soodi shiteru (OR)	Soodi shiteru (OR)
NCB	<i>Hawaku</i>	<i>Hawaku</i>
TAG	Soodi shiteru (OR)	Limpeza shiteru (OR)
VGB	(O)Soodi shite iru (OR)	Lixo (atsumeru) (OR)

Quadro 5.8b: *Hawaku – Haku*

A tabela nº 5.8b, apresentada abaixo, constata que os sujeitos da pesquisa utilizam a variação – *hawaku* – que obteve 20% de frequência, em comparação ao correspondente na variedade *oficial – haku* – que apresenta uma única ocorrência – 10% de frequência, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 5.8b: *Hawaku – Haku*

Tema nº 8b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Hawaku	2	20%
Haku	1	10%
OR	7	70%
Total	10	100%

As respostas obtidas nos pontos pesquisados indicam que dois sujeitos nipo-brasileiros de NCB utilizaram a variedade *hogen* para o item lexical sugerido do tema. Nesse tema, a resposta em português não foi registrada.

O registro das respostas indica que existem variedades regionais que estão presentes na fala dos nipo-brasileiros, pelo menos nos sujeitos desta pesquisa. O gráfico abaixo demonstra que, em termos de ocorrências, o uso da variedade *hogen – hawaku* – é maior que o uso da variedade *oficial – haku* –. Esses dados indicam que os (i)migrantes oriundos de várias regiões do Japão trouxeram suas respectivas variedades *hogen* e que determinados itens

lexicais e expressões ainda permanecem na fala dos nipo-brasileiros. O uso da variedade *hogen* indica que os traços continuam transitando na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa, contribuindo consideravelmente para sua manutenção.

Ao analisar as respostas, verificamos que a maioria respondeu em japonês (*soodi suru* e *haku/hawaku*), evidenciando que, neste tema, a língua nativa manteve-se presente. Conforme se observa, a figura retrata uma atividade doméstica, que integra a vida cotidiana do universo feminino, o que pode, em parte, justificar seu uso na língua nativa.

Gráfico 5.8b: *Hawaku – Haku*

O item lexical *lixo* utilizado na expressão “*lixo atsumeru*” pela nipo-brasileira da pesquisa de VGB (2ª faixa etária), conforme citado anteriormente, significa em português “juntar o lixo”. A ocorrência é única, porém significativa para estudos dessa natureza, pois a *variedade nipo-brasileira* se realiza através dessas situações de uso. Assim, o contato de línguas promove essa habilidade em incorporar o item lexical de outra língua no segmento nativo.

Utilizamos o excerto abaixo para contextualizar o uso dos itens lexicais em português que representam a situação da *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.8: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 8

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
LIMPEZA shiteru	Fazendo limpeza (limpar)
LIXO wo atsumeru	Juntando o lixo

5.1.9 TEMA Nº 9: LAVAR A ROUPA/ *SENTAKU SURU*

Tema nº 9: Lavar a roupa/ *Sentaku suru*

Neste tema, enfocamos a nossa análise em duas etapas: a primeira refere-se ao segmento *sentaku suru*, utilizado pelos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa. Não foi registrado o segmento *lavar a roupa*, correspondente português de *sentaku suru*; e a segunda trata-se dos itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado por *máquina* e, em japonês, por *sentaku-ki*. Embora este último não tenha ocorrido, um sujeito da pesquisa utilizou *sentakki*.

Pelos registros, constatamos que a maioria dos sujeitos da pesquisa usou segmentos exclusivamente em japonês, à exceção de uma nipo-brasileira de TAG (2ª. faixa etária) que, inseriu um item lexical em português. Essa situação refere-se a análise da primeira etapa que pode ser observada nos excertos do quadro nº 5.9.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Sentaku</i>	<i>Sentaku</i>
BRAZ	<i>Sentaku tetsudatteru</i>	Sentakki/ <i>Sentaku dashiteru</i>
NCB	<i>Sentaku shiteru</i>	(O) <i>sentaku shiteru</i>
TAG	(O) <i>ssentaku</i>	Máquina de (o) <i>sentaku shitemassu</i>
VGB	<i>Sentaku</i>	<i>Sentaku shiteru</i>

Quadro 5.9a: *Sentaku* [suru]

Nos excertos acima, notamos que o item lexical japonês *sentaku suru* é a resposta de todos os sujeitos dos pontos pesquisados e o item lexical em português não foi marcado nesse tema. Portanto o registro demonstra o uso de 100% do item lexical em japonês.

Tabela 5.9a: *Senkau (suru)*

Tema nº 9a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sentaku suru	10	100%
Total	10	100%

Observamos na tabela nº 5.9a, apresentada acima, que as respostas são em japonês, indicando que essa expressão é bem utilizada na vida cotidiana dos sujeitos nipo-brasileiros dessa pesquisa. Em conformidade com a análise dos temas anteriores, a presença do gênero feminino pode, em parte, ter colaborado para que ocorresse a expressão do item lexical em japonês, uma vez que se trata de um contexto relativo ao trabalho doméstico, em geral, realizado por mulheres.

Outro fator possível a ser considerado é o fato de a língua portuguesa não ter uma palavra para designar a ação de lavar roupa, como é o caso de *sentaku suru*, o que pode ter contribuído para a manutenção desse uso. Assim, os valores semânticos agregados ao item lexical em japonês podem ter influenciado na manifestação desse uso, sinalizando para o que é mais familiar e mais significativo aos sujeitos.

No quadro abaixo, mostramos que os sujeitos utilizaram principalmente dois itens lexicais: *sentakki* e seu correspondente em português *máquina (de lavar)*. Esse contexto refere-se ao estudo da segunda etapa.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Sentaku (OR)	Sentaku (OR)
BRAZ	Sentaku tetsudatteru (OR)	<i>Sentakki/</i> Sentaku dashiteru
NCB	Sentaku shiteru (OR)	(O)sentaku shiteru (OR)
TAG	(O)sentaku (OR)	<i>Máquina</i> de (o)sentaku shitemassu
VGB	Sentaku (OR)	Sentaku shiteru (OR)

Quadro 5.9b: Máquina – *Sentakki*

No quadro acima, verifica-se que os dois itens lexicais – *sentakki* e *máquina* –, que remetem ao eletrodoméstico destinado a lavar roupa apresentam apenas uma ocorrência cada um. Os itens lexicais correspondentes ao objeto acima referidos apresentam-se cada qual com uma ocorrência. Isso pode ser observado na tabela 5.9b.

Tabela 5.9b: Máquina – *Senkakki*

Tema nº 9b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Máquina	1	10%
Sentakki	1	10%
OR	8	80%
Total	10	100%

O item lexical *máquina* é utilizado por um sujeito nipo-brasileiro da pesquisa que insere, no segmento estrutural da língua nativa, o segmento lexical da língua portuguesa. Essa situação pode ser constatada na expressão “*máquina* de ossentaku shitemassu”, tornada possível no contato de línguas, em que os itens lexicais transitam de um código a outro. O sujeito, então, ou bem seleciona o item lexical de acordo com sua adequação numa dada interação ou bem opta pelo item lexical mais utilizado. Como já observamos anteriormente, aqui também notamos que o sujeito nipo-brasileiro utiliza-se do repertório lexical do português, mas mantém a estrutura do japonês.

O excerto abaixo retrata o uso da *variedade nipo-brasileira*, cuja situação, indica que o item lexical *máquina* constitui o empréstimo lexical.

Excerto 5.9: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 9

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
MÁQUINA de ossentaku shitemassu	Lavando a roupa com a máquina

5.1.10 TEMA Nº 10: SAIR – DESPEDIR-SE/ *DERU* – *DEKAKERU*

Tema nº 10: Sair- Despedir-se/ *Deru* – *Dekakeru*

Neste tema, analisamos as respostas dos sujeitos da pesquisa em quatro etapas. Na primeira etapa focalizamos os itens lexicais correspondentes ao português *sair*; que, em japonês, é *deru*, bem como o item lexical em japonês *dekakeru* e, ainda, analisaremos o uso do segmento *sai* [shiyoru]. Na segunda etapa, enfocamos o segmento “casal ga despedindo” e comentaremos a mudança de código presente na fala do sujeito de VGB (1ª faixa etária) na expressão “shukkin ni dekakeru node, tá despedindo da esposa”. Na terceira etapa, discutimos o item lexical *itterashai*. Na última etapa, focalizamos os itens lexicais *shigoto* que, em português, corresponde a *trabalho*; e *shukkin* que, em português, corresponde ao segmento “ida para o trabalho”. Embora não haja o item lexical correspondente a *trabalho* em português, acreditamos ser oportuno fazer algumas considerações sobre esses itens lexicais.

Os excertos assinalados abaixo indicam os itens lexicais da primeira etapa. Verificamos que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa utilizaram predominantemente itens lexicais em japonês.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Sai (shiyoru)</i>	<i>Dekakeru/ Shigoto</i>
BRAZ	<i>Itterashai (OR)</i>	<i>Dekakeru</i>
NCB	<i>Deru</i>	<i>Shigoto (OR)</i>
TAG	<i>Dekakeru/ Shigoto</i>	<i>SR</i>
VGB	<i>Shukkin ni dekakeru node, tá despedindo da esposa.</i>	<i>Casal ga despedindo (OR)</i>

Quadro 5.10a: *Dekakeru – Deru – Sai* [shiyoru]

Verificamos que os itens lexicais em japonês correspondem a 50% da frequência em comparação com os itens lexicais “sair” com uma única ocorrência (10%).

Tabela 5.10a: *Dekakeru – Deru – Sai* [shiyoru]

Tema nº 10a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Dekakeru	4	40%
Deru	1	10%
Sai [shiyoru]	1	10%
OR	3	30%
SR	1	10%
Total	10	100%

Nas respostas, percebemos que os sujeitos da pesquisa utilizaram mais o item lexical *dekakeru* que designa a ação de “sair, geralmente, de casa, para alguma finalidade”, conforme pode ser visto na figura deste tema. Pelo fato desse item – *dekakeru* – apresentar valores semânticos, pode, em parte, ter contribuído para essas ocorrências. Percebemos que os itens lexicais que apresentam valores culturais/linguísticos permanecem, muitas vezes, na fala dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

Observamos, nos registros das respostas, que um sujeito nipo-brasileiro da pesquisa utilizou a expressão “*sai shiyoru*”, em que o primeiro se refere ao verbo *sair*, em português e o segundo remete ao item lexical [shiyoru¹¹⁰] em *hogen*. Verifica-se que o sujeito da pesquisa usa o verbo *sair* e recorre ao empréstimo lexical [shiyoru] que pode ser uma das variações regionais de [suru]. O item lexical em português sofre adaptação para criar o segmento verbal “estar saindo”, mostrando, por meio deste uso que, ao mesmo tempo em que o sujeito nipo-brasileiro permanece ligado à língua nativa quanto ao aspecto linguístico-cultural, ele também recorre ao sistema lexical de outra língua para compor a resposta.

Para a nossa reflexão, recorremos a Ota (2009, p. 54) que destaca, em seu estudo, a presença de alguns traços regionais no falar dos sujeitos da pesquisa. Afirma que “o verbo *iku* [ir] é seguido pelo verbo auxiliar – [yoru], da região oeste do Japão, e corresponde a – *iru*, da língua padrão, usado para expressar aspecto de continuidade ou repetição [...]”. Com base nesse argumento, inferimos que, pelo fato de o verbo auxiliar [iru] ser utilizado como [yoru], existe uma possibilidade de que o item lexical *shiyoru*, ocorrido em nosso trabalho, possa ter sofrido essa influência, formando, dessa forma o segmento [suru] + [yoru].

Nesses termos, podemos dizer que as variações diatópicas são contempladas na fala do sujeito da pesquisa: de um lado a variedade *hogen* e do outro a variedade *nipo-brasileira*, uma vez que essas variações referidas podem ser consideradas “falares” produzidos no espaço geográfico.

O gráfico nº 5.10a, apresentado a seguir, ilustra essa situação. O item lexical em japonês tem frequência de 40 %, índice superior ao item em português, que apresenta apenas 10% de frequência.

¹¹⁰ *Shiyoru* (verbo: *suru*).

Gráfico 5.10a: *Dekakeru – Deru – Sai [shiyoru]*

A segunda etapa refere-se ao uso do item lexical *despedir*, utilizado por uma nipo-brasileira de VGB. Na verdade, a expressão utilizada é “*casal ga despedindo*” e apresenta dois itens lexicais em português que são *casal* e *despedir* (*despedindo*). Constatamos que os itens lexicais são integrados, mas é mantida a estrutura da língua japonesa. Essa situação orienta a análise em dois aspectos: o item lexical *casal* é incorporado por meio do empréstimo lexical, enquanto o item lexical *despedindo* se integra ao enunciado pela mudança de código. Para justificar esses aspectos recorreremos a Grosjean (1982) que propõe uma distinção entre a mudança de código e o empréstimo lexical. Para o teórico, a mudança de código mantém a configuração original da língua e se realiza por meio do léxico, da frase e da expressão ou de mudança completa para outra língua. No caso do empréstimo lexical, muitas vezes, os bilíngues integram os itens lexicais e outros são adaptados para a estrutura da língua nativa que estão utilizando.

Quanto à expressão “*casal ga despedindo*”, que significa “*casal (está) se despedindo*”, observamos que o interlocutor monolíngue da língua portuguesa tem condição de entender o enunciado, no entanto para os monolíngues da língua japonesa esse falar é ininteligível, uma vez que o único indicativo da língua nativa é o elemento [ga] que permanece entre os dois itens lexicais da língua portuguesa. Chambers e Trudgill (1984) assinalam que quanto maior for a distância de uma região à outra, maior será a distância linguística. Essa barreira linguística é induzida pela posição geográfica que evidencia a importância desse aspecto nos estudos da lingua(gem).

Nas respostas dos sujeitos nipo-brasileiros, não foi registrado nenhum item lexical em japonês correspondente a *despedir*. O motivo pelo qual os sujeitos optam pelo português, deve-se, em parte, para preencher a lacuna lexical, ou pelo fato de, no dia-a-dia, os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, entre os dois itens lexicais (um em português e outro em japonês), escolherem o item lexical mais significativo para o contexto. Sendo assim, o item lexical *despedir* está provavelmente em processo de assimilação pelos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa. Isso indica que esse uso tem representatividade significativa, visto que sua frequência se encaminha para que se torne norma.

Outro aspecto que podemos considerar refere-se aos valores semânticos que são agregados a determinados itens lexicais. O conceito do item lexical em português, provavelmente, tem representação mais familiar e significativa do que aquele dito na outra língua. Isso, talvez, explique a escolha que o sujeito faz por um dado item lexical. Tal é o caso do item lexical *despedir*, uma vez que o item lexical em japonês *wakareru* corresponde ao português “despedir-se/separar-se”. Embora a figura ilustre uma situação de despedida, o item lexical em japonês apresenta valores polissêmicos, o que, provavelmente, contribuiu para a não ocorrência do item lexical *wakareru*, uma vez que o item *separar-se* não expressa essa situação. Por essa razão, encontram-se respostas, como “itterashai”, e mudança de código no enunciado “shukkin ni dekakeru node, tá despedindo da esposa”, frase dita pelo sujeito VGB (1ª faixa etária). Com relação a este último, observamos que a nipo-brasileira iniciou a frase na língua nativa – “shukkin ni dekakerunode” – expressão que, em português, corresponde a “vou sair para trabalhar (então/por isso)”; porém, logo em seguida, alternou para outra língua e completou a resposta dizendo “tá despedindo da esposa”. Para essa situação recorremos a Grosjean (1982, p. 149) que discorre sobre o uso alternado dos códigos. A transcrição a seguir elucida essa situação: “*Bilinguals usually explain that the reason they code-switch is that they lack facility in one language when talking about a particular topic*”¹¹¹.

O contato de línguas promove fenômenos, entre eles o empréstimo lexical e a mudança de código, que se articulam nas respostas dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa. Grosjean (1982) identifica os motivadores que levam os bilíngues a recorrerem ao empréstimo lexical, cuja proposta nos orienta para o entendimento da situação linguística das comunidades estudadas.

¹¹¹ Bilingues comumente explicam que, a razão pela qual mudam de código é a falta de habilidade em uma língua quando se está falando de um tópico específico (tradução nossa).

O item lexical da terceira etapa – *itterashai* – corresponde, em português, a “vai com cuidado” revelando, no uso, o hábito e o costume da cultura japonesa, uma vez que a figura ilustra a situação de “um homem saindo de casa”. O sujeito da pesquisa utilizou a expressão *itterashai*, sinalizando uma situação de “despedida” e que, no dia-a-dia, provavelmente, faz uso dessa expressão em casa e na comunidade com seus pares.

Os itens lexicais ou expressões que carregam significados culturais, normalmente, são mantidos no falar dos sujeitos da pesquisa, uma vez que retratam os hábitos de uma cultura, manifestando, no uso, o item lexical que é, talvez, mais significativo e familiar. E, pelo fato de não existir uma tradução para essa situação, condiciona e efetiva seu uso no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Acreditamos que, muitas vezes, nas entrelinhas do processo comunicativo encontram-se os valores que estão revestidos pelos aspectos sociais, históricos, culturais e de identidade.

Ao analisar as respostas obtidas da última etapa, observamos que os itens lexicais em japonês *shigoto* e *shukkin* foram utilizados, porém o correspondente em português *trabalhar* não ocorreu em nenhum dos pontos pesquisados, conforme pode ser visto nos excertos do quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Sai shiyoru (OR)	Dekakeru/ <i>Shigoto</i>
BRAZ	Itterashai (OR)	Dekakeru (OR)
NCB	Deru (OR)	<i>Shigoto</i>
TAG	Dekakeru/ <i>Shigoto</i>	SR
VGB	<i>Shukkin</i> ni dekakeru node, tá despedindo da esposa.	Casal ga despedindo (OR)

Quadro 5.10b: *Shigoto* – *Shukkin*

Embora os itens lexicais *shigoto* e *shukkin* ocorram – o primeiro, com um índice de 30%, tem frequência superior ao segundo (10%) nos pontos pesquisados, conforme se observa na tabela 10b.

Tabela 5.10b: *Shigoto* – *Shukkin*

Tema nº 10b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Shigoto	3	30%
Shukkin	1	10%
OR	5	50%
SR	1	10%
Total	10	100%

Gráfico 5.10b: *Shigoto – Shukkin*

Embora o item lexical de maior uso, no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, seja *shigoto*, o item lexical *shukkin* é registrado na fala de uma nipo-brasileira da pesquisa. É oportuno registrar algumas considerações que, provavelmente, possam justificar esse emprego. A nipo-brasileira da pesquisa é casada com um issei¹¹² que usa mais o japonês do que o português, portanto, no dia-a-dia, no ambiente domiciliar, a língua utilizada é o japonês. Esse contexto contribui para a incorporação de novos itens lexicais, bem como para a manutenção do bilinguismo. Percebemos que o item lexical *shukkin* recebeu o mesmo tratamento do item lexical *shigoto*, isto é, o primeiro item refere-se ao conceito de “ida ao trabalho”¹¹³ e o segundo item significa “trabalho/serviço”. O sujeito da pesquisa ao usar “*shukkin ni dekakeru*”, acabou enfatizando o uso de “ir/sair”, pois o item lexical “*dekakeru*” já contém o significado de “sair/ir”.

Utilizamos o excerto abaixo que contempla as situações da *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.10: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº10

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
SAI shiyoru	Sai
CASAL ga DESPEDINDO	O casal está se despedindo

¹¹² Issei: japoneses nascidos no Japão que saíram do país e residem em outros países, geralmente, motivados pela imigração. Esses imigrantes são considerados como pertencentes à primeira geração.

¹¹³ COELHO. Dicionário Japonês – Português. Porto: Editora Porto, 1998.

5.1.11 TEMA Nº 11: FECHAR A JANELA/ *MADO WO SHIMERU*

Tema nº 11: Fechar a janela/ *Mado wo shimeru*

Neste tema, verificamos que os sujeitos da pesquisa utilizaram principalmente dois itens lexicais: *mado* e *janela*. Portanto, enfocamos os itens lexicais correspondentes ao objeto que, em japonês, é *mado* e, em português é *janela*, cujos usos podem ser vistos nos excertos do quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Janela wo shimeteru</i>	RP
BRAZ	OR	PI
NCB	<i>Mado wo shimeteru</i>	<i>Mado wo shimete</i>
TAG	<i>Mado wo shimemassu</i>	<i>Janela wo shimeteru</i>
VGB	PI	SR

Quadro 5.11: Janela – *Mado*

Embora haja a ocorrência de *janela* e *mado*, o último, com um índice de 30%, tem frequência um pouco superior ao segundo, que tem um índice de 20%, conforme se observa na tabela nº 5.11.

Tabela 5.11: *Mado* – Janela

Tema nº 11	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mado	3	30%
Janela	2	20%
PI	2	20%
OR	1	10%
RP	1	10%
SR	1	10%
Total	10	100%

As frequências relativamente próximas de *mado* e *janela* mostram que ambos os itens lexicais transitam no cotidiano dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa. O gráfico abaixo ilustra essa situação.

Gráfico 5.11: *Mado* – Janela

Embora, os sujeitos da pesquisa tenham utilizado bastante o item lexical *janela*, manteve-se a estrutura da língua nativa, construindo dessa forma as expressões: “*janela wo shimeteru*” que significa “fechando a janela” em português. Observamos que isso ocorreu em BSB (1ª faixa etária) e TAG (2ª faixa etária).

A repetição do fenômeno sinaliza uma etapa de transição, de deslocamento do item lexical em japonês. O convívio intenso com a sociedade majoritária e o uso constante da outra língua, em parte, influenciam o comportamento verbal dos sujeitos visto que, a língua tem vida própria, segue seu curso conforme a dinamicidade da evolução linguística.

Os itens lexicais da língua portuguesa são registrados na fala dos sujeitos da pesquisa, indicando a variação de uso para designar o mesmo objeto. Essa variação é a *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.11: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 11

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
JANELA wo shimeteru	Fechando a janela

5.7.12 TEMA Nº 12: ABRIR A JANELA/ MADO WO AKERU

Tema nº 12: Abrir a janela/ *Mado wo akeru*

A figura acima ilustra uma situação similar à do tema nº 11. A diferença reside apenas no item lexical do segmento verbal que é outro. Portanto, os itens lexicais em japonês *mado* e em português *janela*, que integram o tema anterior, são igualmente contemplados aqui.

Os excertos do quadro abaixo demonstram os registros das respostas dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Janela wo aketa</i>	<i>Janela aketano</i>
BRAZ	OR	<i>Mado wo akeru</i>
NCB	<i>Mado wo akete</i>	<i>Mado wo akete</i>
TAG	<i>Mado akemassu (OR)</i>	<i>Janela wo akete</i>
VGB	<i>Mado wo akeru</i>	SR

Quadro 5.12: Janela – *Mado*

Como no tema anterior, o item lexical *mado* tem frequência mais elevada que *janela* conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 5.12: *Mado* – Janela

Tema nº 11	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mado	4	40%
Janela	3	30%
OR	2	20%
SR	1	10%
Total	10	100%

Como se observa na tabela, os sujeitos utilizaram mais o item lexical em japonês – *mado* – entretanto, o item lexical em português – *janela* – foi bastante usado também, uma vez que a diferença entre ambos é de 10%, conforme mostra o gráfico nº 5.12.

Gráfico 5.12: *Mado* – Janela

Ao compararmos os registros, observamos que uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária) utilizou o item lexical em japonês *mado* no tema anterior e, no tema atual, trocou-o pelo item em português *janela*. Notamos que, quando os itens lexicais apresentam valores semânticos similares ou equivalentes, existe uma tendência de os sujeitos da pesquisa utilizarem os itens lexicais de forma aleatória. E, pelo fato de serem bilíngues, acabam utilizando um código ou outro de forma espontânea e natural.

Um caso de entrelaçamento entre as duas línguas, com vistas à composição de um sintagma verbal, pode ser visto em “*janela wo aketano*” e “*janela wo aketa*”. O primeiro, que corresponde em português a “abriu a janela”, ocorreu em BSB com os sujeitos das 1ª e 2ª faixas etárias. Já o segundo, que significa “abre a janela” em português, foi registrado em NCB (1ª faixa etária).

Esses casos indicam que os itens lexicais das duas línguas estão presentes no cotidiano desses sujeitos da pesquisa e que se materializam na interação discursiva, em conformidade com o contexto, a necessidade, a disponibilidade, entre outros aspectos.

A situação da *variedade nipo-brasileira* é registrada nas respostas obtidas entre os sujeitos da pesquisa, conforme se observa no excerto nº 12.

Excerto 5.12: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 12

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
JANELA wo aketa	Abriu a janela
JANELA wo akete	Abre a janela
JANELA wo aketano	Abriu a janela

5.1.13 TEMA Nº 13: USAR *HASHI* – COMER/ *HASHI WO TSUKAU* – *TABERU*

Tema nº 13: Usar *hashi* – Comer/ *Hashi wo tsukau* – *Taberu*

Neste tema, analisamos as respostas dos sujeitos em duas instâncias. Na primeira, enfocamos o item lexical *comer* e seu correspondente em japonês *taberu*. Na segunda, discutimos o item lexical *segurar*, cujos itens correspondentes em japonês são: *niguiru* – *motsu* – *tsukau*.

O quadro abaixo apresenta as ocorrências dos itens lexicais *comer* e *taberu*.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Gohan wo <i>taberu</i>	Hashi wo motte pra <i>comer</i> gohan
BRAZ	PI	Assa gohan <i>taberu</i> toki
NCB	Hashi wo niguite/ <i>Taberu</i>	Gohan <i>tabete</i>
TAG	Ohashi wo tsukau (OR)	Segurando ohashi (OR)
VGB	OR	Gohan <i>tabeteru</i> ¹¹⁴

Quadro 5.13a: *Taberu* – Comer

Na primeira instância, analisamos o item lexical *taberu*, da língua japonesa, que teve a frequência mais elevada, conforme se observa na tabela nº 5.13a.

¹¹⁴ *Tabeteru* (Verbo *taberu*: aspecto imperfectivo cursivo).

Tabela 5.13a: *Taberu* – Comer

Tema nº 13a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Taberu	5	50%
Comer	1	10%
OR	3	30%
PI	1	10%
Total	10	100%

Comparando-se os itens lexicais *taberu* e *comer*, verificamos que o primeiro tem um índice de 50% de frequência, enquanto o segundo tem apenas 10%. O gráfico abaixo ilustra esses índices.

Gráfico 5.13a: *Taberu* – Comer

Os registros nos pontos pesquisados indicam que, no dia-a-dia, os sujeitos da pesquisa utilizam majoritariamente o item *taberu*; no entanto o item lexical em português começa a compartilhar o mesmo espaço. Essa situação é percebida na resposta de uma nipo-brasileira de BSB (2ª faixa etária) que utilizou o item lexical *comer* na expressão “hashi wo motte, pra *comer* gohan”. Percebemos, no enunciado, que o sujeito iniciou a frase na língua nativa “hashi wo motte”, que significa “*segurando hashi*” (palito) em português; em seguida, para justificar essa ação, bem como para informar de que se tratava, promoveu a mudança de código e utilizou o segmento “pra comer”, em português e, finalmente, complementou a resposta, inserindo o item lexical japonês *gohan*, que significa “arroz cozido” em português. Convém

registrar que o arroz é um alimento de preferência dos japoneses e dos seus descendentes, uma vez que, no Japão, a refeição matinal, geralmente, é o arroz. Como há uma tendência à manutenção e/ou transmissão dos hábitos relacionados ao universo cultural, é comum encontrarmos nipo-brasileiros que moram no Brasil e mantêm esse costume. Isso pode justificar o motivo pelo qual o sujeito tenha optado pelo item lexical em japonês. Além disso, *gohan* significa igualmente “refeição”, razão pela qual uma nipo-brasileira de BRAZ (2ª faixa etária) respondeu “assa gohan”.

A segunda instância refere-se ao item lexical *segurar*, utilizado na expressão “*segurando ohashi*”. Ao analisar essa expressão, observamos que um sujeito nipo-brasileiro de TAG (2ª faixa etária) utilizou um item lexical em japonês e a estrutura da língua portuguesa, qual seja, [VO] o verbo precede o objeto, diferentemente da estrutura do japonês que, geralmente, o verbo é marcado no final da frase. Esse fato demonstra que o sujeito da pesquisa recorreu à mudança de código.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Gohan wo taberu (OR)	Hashi wo <i>motte</i> ¹¹⁵ pra comer gohan
BRAZ	PI	Assa gohan taberu toki (OR)
NCB	Hashi wo <i>niguitte</i> ¹¹⁶ Taberu	Gohan tabete (OR)
TAG	Ohashi wo <i>tsukau</i>	<i>Segurando</i> ohashi
VGB	OR	Gohan tabeteru (OR)

Quadro 5.13b: *Niguiru – Tsukau – Motsu – Segurar*

Os itens lexicais em japonês *motsu – niguiru*, correspondentes a *segurar* em português, e o item lexical *tsukau*, que significa *utilizar/usar* em português, foram contemplados nas respostas dos sujeitos da pesquisa. No entanto, na pesquisa, registra-se a ocorrência do item lexical *segurando*, mas não se verificam ocorrências dos itens lexicais *utilizar/usar*, correspondentes a *tsukau*.

A tabela abaixo demonstra as ocorrências encontradas nas respostas dos sujeitos.

¹¹⁵ *Motte* (verbo *motsu*: forma conectiva).

¹¹⁶ *Niguitte* (verbo *niguiru*: forma conectiva).

Tabela 5.13b: *Niguiru – Tsukau – Motsu – Segurar*

Tema nº 13b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Niguiru	1	10%
Tsukau	1	10%
Motsu	1	10%
Segurar	1	10%
OR	5	50%
PI	1	10%
Total	10	100%

O gráfico abaixo demonstra a situação de uso desses itens lexicais. Percebemos, na ilustração, que os itens lexicais da língua japonesa totalizam 30% de frequência, enquanto o item lexical *segurar* apresenta 10% de frequência.

Gráfico 4.13b: *Niguiru – Tsukau – Motsu – Segurar*

Verificamos que tanto *niguiru* como *motsu* apresentam uma situação peculiar de uso, uma vez que, em geral, na língua japonesa, usa-se o item lexical *tsukau*, ou simplesmente não se utiliza o verbo, mas sim, no seu lugar, emprega-se a partícula “de”, que indica o instrumento com que se realiza uma ação, e, neste caso, já se subentende o contexto de “uso”.

No caso do uso de *niguiru*, a interpretação é mais complexa, pois o sujeito da pesquisa pode ter pensado em “segurar” da língua portuguesa e o traduziu por *niguiru*. Neste caso, transferiu os valores semânticos do *niguiru*, transformando e ampliando seu uso. Embora haja

situações como “*hashi wo niguiru*”, geralmente não se usa para a situação do tema referido, pois o significado do *niguiru* é “punho cerrado” e para o costume japonês o *hashi* não pode ser segurado/usado dessa forma. Vimos que o *niguiru* perdeu um dos traços culturais da língua japonesa e adaptou-se à forma de uso da outra língua.

Supomos que o fato de o sujeito da pesquisa ter utilizado esses itens lexicais deve-se, em parte, ao contato de línguas, uma vez que, em japonês, os itens lexicais referidos apresentam distinção quanto a seu uso. Já na língua portuguesa, o mesmo não ocorre. Por essa razão, aqui, o aspecto semântico desempenha um papel importante na configuração da fala.

O excerto abaixo demonstra a situação do uso da *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.13: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 13

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
SEGURANDO ohashi	Segurando o palito (hashi)
Hashi wo motte PRA COMER gohan	Seguro palito (hashi) pra comer o arroz

5.1.14 TEMA Nº 14: DATILOGRAFAR/ TAIPURAITAA WO UTSU

Tema nº 14: Datilografar/ *Taipuraitaa wo utsu*

Analizamos as respostas da figura acima em três etapas. Na primeira, analisamos os itens lexicais em japonês *utsu* e seu correspondente em português *datilografar* e incluimos também o segmento *datilografa* [suru]. Na segunda, tratamos dos itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado, por *máquina de escrever/máquina de datilografia* e, em japonês, por *taipuraitaa* e analisaremos os itens – *trapraitaa* e *tapraitaa*. Na terceira, discutimos as respostas em português nos pontos pesquisados.

Para a análise dos itens lexicais da primeira etapa, inserimos os excertos assinalados abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Taipuraitaa wo utteru</i> ¹¹⁷	Datilografia (RP)
BRAZ	PI	OR
NCB	Trapraita (OR)	PI
TAG	Usando a máquina, está datilografando (RP)	<i>Datilografa shite orimassu</i>
VGB	Koko eu acho que ela vai digitar algo pra trabalhar, não é não? (RP)	Tapraita wo utteru

Quadro 5.14a: Datilografa [suru] – *Utsu*

Na primeira etapa, tratamos dos itens lexicais em japonês *utsu* e *datilografar*. O segmento *datilografa* [suru] foi utilizado por uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária).

Embora haja a ocorrência de *utsu* e *datilografa* [suru], o primeiro tem frequência mais elevada do que o segundo, conforme pode ser verificado na tabela a seguir.

Tabela 5.14a: *Utsu* – Datilografa [suru]

Tema nº 14a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Utsu	2	20%
Datilografa [suru]	1	10%
RP	3	30%
OR	2	20%
PI	2	20%
Total	10	100%

No gráfico 5.14a, observamos que os itens lexicais *utsu* e *datilografa* [suru] obtiveram 20% e 10% de frequência, respectivamente, conforme observamos no gráfico a seguir.

¹¹⁷ *Utteru* (verbo *utsu*: aspecto imerfectivo cursivo).

Gráfico 5.14a: *Utsu* – Datilografia [suru]

A expressão “*datilografia shite orimassu*¹¹⁸” apresenta uma situação similar sobre formação de verbos compostos observada por Ota (2009). Utilizamos o estudo desse autor para mostrar que, em nosso trabalho, o item lexical em português *datilografar* junta-se a [suru] para formar o segmento verbal. Ocorre também a adaptação do item lexical em português à estrutura da língua japonesa.

Na segunda etapa, verificamos que o item lexical em japonês *taipuraitaa* apresenta duas diferentes formas: *trapraita* e *tapraita*.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Taipuraitaa</i> wo utteru	Datilografia (RP)
BRAZ	PI	OR
NCB	<i>Trapraita</i>	PI
TAG	Usando a máquina, está datilografando (RP)	Datilografia shite orimassu (OR)
VGB	Koko eu acho que ela vai digitar algo pra trabalhar, não é não? (RP)	<i>Tapraita</i> wo utteru

Quadro 5.14b: *Taipuraitaa* – *Trapaita/Tapraita*

Percebemos, nos registros das respostas, que o par *trapraita/tapraita* apresenta 10% cada um e *taipuraitaa* 10% de frequência, conforme se observa na tabela nº 5.14b e no gráfico 5.14b.

¹¹⁸ *Orimassu* (forma delicada de uso).

Tabela 5.14b: *Trapraita/Tapraita – Taipuraitaa*

Tema nº 14b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Trapraita	1	10%
Tapraita	1	10%
Taipuraitaa	1	10%
RP	3	30%
OR	2	20%
PI	2	20%
Total	10	100%

Gráfico 5.14b: *Trapraita/Tapraita – Taipuraitaa*

Observamos que tanto *trapraita* quanto *tapraita* são similares ao item lexical *taipuraitaa*, do ponto de vista fonético-fonológico. Por essa razão, podemos inferir que, possivelmente, as formas *trapraita* e *tapraita* constituem adaptações de *taipuraitaa*, feitas pelo sujeito nipo-brasileiro, ao sistema fonético-fonológico da língua portuguesa. Se observarmos atentamente, verificaremos que os segmentos “pra” e “tra” de *trapraita* e *tapraita* pertencem ao sistema silábico da língua portuguesa. Isso ocorreu em NCB (1ª faixa etária) e VGB (2ª faixa etária), respectivamente. Percebemos, nas respostas, que essas ocorrências são significativas, visto que foram registradas no falar de duas comunidades

distintas. Como o *corpus* deste trabalho é pequeno, não nos oferece mais dados para constatar que os itens referidos são utilizados entre os nipo-brasileiros do Distrito Federal.

Paul (*apud* WEREINCH; LAVOB; HERZOG, 2006) e Kuyama (2000), ao tratar desse fenômeno, fornecem subsídios que fundamentam nossa afirmação. Para os teóricos, no contato de línguas, os sujeitos aprendem novas regras do sistema fonético-fonológico e isso contribui para que o item lexical seja realizado com sons próximos aos da língua em contato.

Paul (*apud* WEREINCH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 93) pondera que:

Parece razoável dizer que a transferência ocorre quando o falante *A* *aprende* a forma ou regra usada pelo falante *B*, e que a regra então coexiste na competência linguística de *A* junto com sua forma ou regra anterior. A mudança então ocorre *dentro* do complexo repertório linguístico de *A*: um tipo é o desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, [...].

Kuyama (2000, p. 87) observa que, “[...] em relação ao empréstimo adotado por isseis que têm maior contato com falantes do português. Esses isseis parecem articular os sons de forma mais próxima com a pronúncia original no português, tanto em nível segmental quanto supra-segmental”.

Ademais, convém mencionar que o item lexical *taipuraita* se refere a *typewriter* da língua inglesa. Trata-se de uma adaptação ao sistema fonético-fonológico da língua japonesa. Segundo Kuyama (2000, p. 64), os itens lexicais estrangeiros, denominados de “gairaigo” na língua japonesa, “sofrem forte influência dos limites impostos pelo sistema fonológico da língua japonesa”. E para justificar essa situação, apresenta os seguintes exemplos: *end* (em inglês) – *endo* (em japonês). Vimos que o item lexical *end* foi adaptado ao segmento fonológico da língua japonesa.

O registro abaixo demonstra uma das faces da *variedade nipo-brasileira*. Isso pode ser observado nas respostas no excerto n° 14.

Excerto 5.14: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema n° 14

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
DATILOGRAFA shite orimassu	Está datilografando
TAPRAITA e TRAPRAITA	Máquina de datilografia

5.1.15 TEMA Nº 15: CORTAR O PAPEL – TESOURA/ *KAMI WO KIRU* – *HASSAMI*

Tema nº 15: Cortar o papel – Tesoura/*Kami wo kiru* – *Hassami*

Neste tema, os registros das respostas mostram que os sujeitos utilizaram mais a língua japonesa, portanto é diferente do tema anterior. Analisamos as situações em quatro etapas. A primeira refere-se ao item lexical em japonês *kiru* – *kittoru* e seu correspondente em português *cortar*. Analisaremos também, nessa etapa, o segmento *corta* [*shitoru*]; a segunda, dos itens lexicais correspondentes ao objeto que, em japonês, é designado por *hassami* e, em português, por *tesoura*; a terceira, ao uso de *shitoru* [*suru*] e *kittoru* [*kiru*], variedades diatópicas da língua japonesa; e a quarta, ao uso relacionado à mudança de código.

Nos excertos do quadro abaixo, identificamos as realizações dos itens lexicais da primeira etapa: *cortar* [*suru*] e *kiru*. Os itens lexicais da língua japonesa são mais utilizados pelos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Kami wo <i>corta shitoru</i> ¹¹⁹	RP
BRAZ	Hassami de <i>cortando</i> papel	Hassami de kami <i>kittoru</i> ¹²⁰
NCB	Hassami wo motte <i>kitte</i> iru ¹²¹	Kami wo <i>kitte</i> imassu
TAG	Hassami wo tsukatte kami wo <i>kiru</i>	Tesoura de kami wo <i>kitte</i> imassu
VGB	kami wo <i>kirun</i> dyanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo <i>kiru</i> , neh	Hassami (OR)

Quadro 5.15a: Cortar [*shitoru*] – *Kittoru* – *Kiru*

Embora haja a ocorrência de *cortar* [*shitoru*], *kittoru* e *kiru*, o último tem a frequência mais elevada, conforme se observa na tabela abaixo.

¹¹⁹ *Shitoru* (verbo *suru*).

¹²⁰ *Kittoru* (verbo *kiru*).

¹²¹ *Kitteiru* (Verbo *kiru*: aspecto imperfectivo cursivo).

Tabela 5.15a: *Kiru* – Cortar¹²² [shitoru] – *Kittoru*

Tema nº 15a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Kiru	5	50%
Cortar [shitoru]	2	20%
Kittoru	1	10%
RP	1	10%
OR	1	10%
Total	10	100%

O gráfico nº 5.15a, apresentado a seguir, ilustra essa situação. O item lexical em japonês tem um índice de frequência de 60%, bem superior ao item em português, que representa um índice de 20% de frequência.

Gráfico 5.15a: *Kiru* – Cortar [shitoru] – *Kittoru*

Neste tema, verificamos a ocorrência do item lexical *cortar* e da variação *hogen* [shitoru] que se juntam para formar o segmento *corta shitoru* que significa “está cortando/cortando” em português. Este caso é similar ao do tema nº 10. Aqui, o item lexical *cortar* adapta-se ao segmento verbal da língua nativa, formando um verbo composto (OTA, 2009). Considerando que [shitoru] é uma variedade regional, teremos dois casos de variações na resposta: uma proveniente da língua japonesa e a outra promovida pelo contato de línguas

¹²² Cortar: nesta tabela utilizamos o verbo na forma infinitiva, devido ao uso de “*cortando*” e “*corta shitoru*”.

“*corta shitoru*” (*variedade nipo-brasileira*). O item lexical *cortar* ocorreu na expressão “*corta shitoru*” utilizado por uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária).

A segunda etapa refere-se aos itens lexicais *tesoura* e *hassami*, conforme se observa no quadro abaixo.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Kami wo corta shitoru (OR)	RP
BRAZ	<i>Hassami</i> de cortando papel	<i>Hassami</i> de kami kittoru
NCB	<i>Hassami</i> wo motte kitte iru	Kami wo kitte imassu (OR)
TAG	<i>Hassami</i> wo tsukatte kami wo kiru	<i>Tesoura</i> de kami wo kitte imassu
VGB	kami wo kirun dyanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo kiru, neh (OR)	<i>Hassami</i>

Quadro 5.15b: *Hassami* – Tesoura

Na tabela abaixo, os dados indicam que os sujeitos utilizaram mais o item lexical *hassami* em comparação ao item lexical *tesoura*.

Tabela 5.15b: *Hassami* – Tesoura

Tema nº 15b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Hassami	5	50%
Tesoura	1	10%
OR	3	30%
RP	1	10%
Total	10	100%

O gráfico nº 5.15b ilustra a situação dos itens lexicais *hassami* e *tesoura*. O item lexical em japonês tem frequência mais elevada, 50%, em comparação ao item lexical *tesoura*, que apresentou 10 % de frequência.

Gráfico 5.15b: *Hassami – Tesoura*

A *tesoura* é registrada na resposta “tesoura de kami wo kitteru” utilizada por uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária). Observamos que o item *tesoura* constitui um empréstimo lexical inserido na estrutura da língua nativa, formando a expressão “cortando com a tesoura” em português. Dessa forma, a língua nativa é mantida, mas acaba se modificando devido ao acréscimo dos elementos da outra língua.

Na terceira etapa, analisaremos *shitoru* e *kittoru* que representam variedades da língua japonesa. Observamos que uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária) utilizou a variedade *hogen – shitoru*, enquanto o outro sujeito de BRAZ (2ª faixa etária) utilizou *kittoru*. Conforme já mencionado nas análises anteriores, as variantes em *hogen – shitoru* e *kittoru* – têm seus correspondentes na variedade *oficial* [suru] e [kiru], respectivamente. A variedade *hogen* foi a primeira aquisição desse sujeito nipo-brasileiro que a usava na infância com seus familiares. A seguir, reproduzimos o depoimento dessa nipo-brasileira que relata sua história linguística, dizendo que “[...] com a família uso *hogen*, mas como assisto sempre NHK¹²³, o meu vocabulário está mudando, estou usando palavras que antes eu não usava”.

Os meios midiáticos, disponíveis na vida contemporânea dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, fazem com que a variedade *oficial* integre-se à sua fala e, em consequência, provoque/promova o deslocamento da variedade adquirida. Esses relatos revelam a importância de se investigar a fala dos nipo-brasileiros antes que alguns itens lexicais deixem de ser utilizados.

¹²³ NHK: TV difusão nacional (acesso público gratuito no Japão, porém pago nos outros países).

No caso da quarta etapa, um sujeito nipo-brasileiro de BRAZ (1ª faixa etária) utilizou a expressão “hassami de *cortando papel*”. Observamos que o sujeito iniciou a frase na língua nativa com “hassami de”, empregando a partícula [de], que indica o uso de um instrumento, e completou a resposta com o segmento “cortando papel”, em português, que enfoca o objeto do verbo “cortar”. Nesta resposta, manifesta-se a ocorrência dos dois sistemas no mesmo enunciado, mantendo cada qual sua estrutura. Isso pode ser observado em “hassami de” que, em português, significa “cortar com a tesoura” e pertence ao sistema da língua japonesa, junto com “cortando papel” que segue a estrutura da língua portuguesa. Essa situação comprova que o sujeito da pesquisa detém os dois códigos, assumindo cada qual seu papel no uso.

Outra situação similar se deu na resposta de uma nipo-brasileira de VGB (1ª faixa etária) que utilizou “kami wo kirun dyanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo kiru, neh”. Ela iniciou o enunciado na língua nativa “kami wo kirun dyanai” que significa “está cortando o papel, não é?” em português; a seguir, para dirimir a dúvida, alternou para a língua portuguesa – “esse aqui não é tesoura?”; e, imediatamente, retornou à língua nativa para finalizar a resposta – “kami wo kiru neh”, que significa “cortar o papel” em português. Se observarmos a figura, a ilustração da tesoura não está clara e, na incerteza, a nipo-brasileira utilizou a língua portuguesa.

Com relação à alternância de códigos, Grosjean (1982, p. 151-152) assevera que,

Although many instances of code-switching can be explained by the lack of appropriate terminology in one language, the “most available word” phenomenon, habit, or triggering, many others involve particular verbal or communicative strategies¹²⁴.

E continua Grosjean: *This phenomenon of the “most available word” is extremely frequent in bilingual speech and occurs, according to many bilinguals, when they are tired, lazy, or angry¹²⁵.*

Com base em Grosjean, podemos afirmar que os códigos se alternam para a realização do enunciado verbal, ora em japonês ora em português, de acordo com as circunstâncias determinadas pelos próprios sujeitos.

¹²⁴ Embora a mudança de código, em muitas instâncias, possa ser explicada pela falta de terminologia apropriada em uma língua, o fenômeno da “palavra mais disponível”, o hábito ou o uso, envolve muitas outras estratégias comunicativas ou verbais específicas (tradução nossa).

¹²⁵ Este fenômeno da “palavra mais disponível” é extremamente frequente no discurso bilíngue e ocorre, segundo muitos bilíngues, quando estão cansados, com preguiça ou com raiva (tradução nossa).

Para Nawa (1988, p. 135), os bilíngues recorrem à estratégia comunicativa da mudança de código como uma forma de “simbolizar a sua postura diante de uma determinada situação”, cuja proposta pode justificar a situação observada neste tema.

No quadro 5.15c abaixo, demonstram-se os usos dos itens lexicais *kami* e *papel*.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Kami</i> wo corta shitoru	RP
BRAZ	Hassami de cortando <i>papel</i>	Hassami de <i>kami</i> kittoru
NCB	Hassami wo motte kitte iru (OR)	<i>Kami</i> wo kitte imassu
TAG	Hassami wo tsukatte <i>kami</i> wo kiru	Tesoura de <i>kami</i> wo kitte imassu
VGB	<i>kami</i> wo kirun dyanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo kiru, neh	Hassami (OR)

Quadro 5.15c: *Kami* – Papel

Na tabela 5.15c abaixo, os dados indicam que os sujeitos utilizaram mais o item lexical *kami* em comparação ao item lexical *papel*.

Tabela 5.15c: *Kami* – Papel

Tema nº 15c	Frequência absoluta	Frequência relativa
Kami	6	60%
Papel	1	10%
OR	2	20%
RP	1	10%
Total	10	100%

O gráfico a seguir ilustra a situação dos itens lexicais *kami* e *papel*. O item lexical em japonês tem frequência mais elevada – 60% –, em comparação ao item lexical *papel*, que apresentou 10 % de frequência.

Gráfico 5.15c: *Kami* – Papel

Notamos que o item lexical *kami* é representativo, pois tivemos seis ocorrências em comparação ao item *papel* que apresentou uma única ocorrência. Os registros indicam que esse item é usado pelos sujeitos nipo-brasileiros no dia-a-dia e sua frequência demonstra a possibilidade dos itens lexicais, um em português e outro em japonês, integrarem seu repertório linguístico. No entanto, o item lexical em japonês predomina no evento comunicativo.

No excerto abaixo conferimos a realização da *variedade nipo-brasileira* deste tema.

Excerto 5.15: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 15

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
Kami wo CORTA shitoru	Está cortando papel
Hassami de CORTANDO PAPEL	Cortando papel com a tesoura
TESOURA de kami wo kitte imassu	Cortando papel com a tesoura

5.1.16 TEMA Nº 16: CHOVER/ AME GA FURU

Tema nº 16: Chover/ Ame ga furu

Neste tema, as respostas nos pontos pesquisados mostram que todas as expressões foram realizadas na língua nativa, não havendo nenhuma ocorrência do item lexical correspondente em português *chover*. Essa situação pode ser conferida nos excertos do quadro nº 5.16.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Ame no naka</i>	<i>Ame ga futteru</i>
BRAZ	<i>Ame futteru</i> ¹²⁶	<i>Ame ga futte</i>
NCB	<i>Ame futteru</i>	<i>Ame ga futte kimashita</i>
TAG	<i>Ame ga futte orimassu</i>	<i>Ame furi</i>
VGB	<i>Ame ga futte iru</i>	<i>Ame furu</i>

Quadro 5.16: Ame (furu)

Observamos que os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa não utilizaram a *variedade nipo-brasileira*, indicando que esses itens lexicais são utilizados no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Essa situação pode ser visualizada na tabela abaixo:

Tabela 5.16: Ame (furu)

Tema nº 16	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ame ga furu	8	80%
Ame no naka	1	10%
Ame furi	1	10%
Total	10	100%

¹²⁶ *Futteru* (Verbo *furu*: aspecto imperfectivo cursivo).

A tabela anterior indica que a expressão “ame ga furu” tem uma frequência elevada – 80%. As expressões “ame no naka”, que significa “na chuva” em português, e “ame furi” que, em português, corresponde a “dia de chuva/tempo chuvoso/ato de estar chovendo” têm uma ocorrência cada um.

O fato de não haver uma expressão constituída de substantivo + verbo em português, pois não se faz referência ao substantivo “chuva”, uma vez que se utiliza o verbo impessoal *chover* que equivaleria a algo como “a chuva está chovendo” em japonês, provavelmente tenha favorecido a manutenção desse uso. Neste caso, locuções que apresentam significado específico, em parte, favorecem sua manutenção.

5.1.17 TEMA Nº 17: USAR O GUARDA CHUVA/ KASSA WO SASSU

Tema nº 17: Usar o guarda-chuva/ *Kassa wo sassu*

Nesse tema, analisamos os itens lexicais em duas etapas: na primeira, trataremos dos itens lexicais *guarda-chuva* e seu correspondente em japonês *kassa*; e, na segunda, enfocamos os itens lexicais em japonês – *sassu* – *motsu* – *kaburu* – .

Os itens lexicais da primeira etapa são: *guarda-chuva* e *kassa* que estão assinalados nos excertos do quadro nº 5.17a.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Guarda-chuva</i> sashiteru	<i>Kassa</i> wo sashiteru
BRAZ	<i>Kassa</i> sashite	<i>Kassa</i> sashiteru
NCB	<i>Guarda-chuva</i> wo motte	<i>Kassa</i> wo sahite
TAG	<i>Kassa</i> wo sashite	<i>Guarda-chuva</i> sashiteru
VGB	<i>Kassa</i> wo sashite iru	<i>Kassa</i> kabutteru

Quadro 5.17a: *Kassa* – Guarda-chuva

Observamos que o item lexical em japonês *kassa* tem frequência bem superior ao item lexical em português *guarda-chuva*, conforme se vê na tabela abaixo.

Tabela 5.17a: *Kassa* – Guarda chuva

Tema nº 17a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Kassa	7	70%
Guarda-chuva	3	30%
Total	10	100%

O gráfico apresentado a seguir mostra que o item lexical *kassa* representa 70% de frequência, enquanto o item lexical *guarda-chuva* tem 30% de frequência.

Gráfico 5.17a: *Kassa* – Guarda-chuva

O item lexical *guarda-chuva* constitui um empréstimo lexical e se realiza em três pontos da pesquisa. Sua incorporação ao sistema da língua nativa pode ser evidenciada no enunciado verbal de três sujeitos da pesquisa. Duas nipo-brasileiras, uma de BSB (1ª faixa etária) e outra de TAG (2ª faixa etária) falaram “*guarda-chuva sashiteru*”, que corresponde a “usando guarda-chuva” em português. Uma terceira nipo-brasileira de NCB (1ª faixa etária) disse “*guarda-chuva wo motte*”, que significa “segura/segurando guarda chuva”.

Na segunda etapa, enfocamos os itens lexicais em japonês – *sassu* – *kaburu* – *motsu*-, conforme se observa nos excertos do quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Guarda-chuva <i>sashiteru</i> ¹²⁷	Kassa wo <i>sashiteru</i>
BRAZ	Kassa <i>sashite</i>	Kassa <i>sashiteru</i>
NCB	Guarda-chuva wo <i>motte</i> ¹²⁸	Kassa wo <i>sahite</i>
TAG	Kassa wo <i>sashite</i>	Guarda-chuva <i>sashiteru</i>
VGB	Kassa wo <i>sashite iru</i>	Kassa <i>kabutteru</i> ¹²⁹

Quadro 5.17b: *Sassu – Motsu – Kaburu*

A tabela 5.17b, apresentada a seguir, mostra que as respostas dos sujeitos nipo-brasileiros são todas realizadas na língua nativa, portanto, os itens lexicais correspondentes em português não foram registrados nos pontos pesquisados.

Tabela 5.17b: *Sassu – Motsu – Kaburu*

Tema nº 17b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sassu	8	80%
Motsu	1	10%
Kaburu	1	10%
Total	10	100%

Embora haja a ocorrência de três itens lexicais *sassu*, *motsu* e *kaburu*, o último tem a frequência mais elevada. Enquanto ele tem 80% de frequência, os outros dois apresentam cada um 10% de frequência. Essa situação pode ser observada na ilustração gráfica abaixo.

¹²⁷ *Sashiteru* (verbo *sassu*: aspecto imperfectivo cursivo). *Sahite* (Verbo *sassu*: forma conectiva).

¹²⁸ *Motte*: (verbo *motsu*: forma conectiva).

¹²⁹ *Kabutteru* (verbo *kaburu*: aspecto imperfectivo cursivo).

Gráfico 5.17b: *Sassu – Motsu – Kaburu*

Percebemos, nas respostas, que a maioria dos sujeitos nos pontos pesquisados utilizou o segmento verbal da língua japonesa *sassu* e adicionou o item lexical da língua portuguesa *guarda-chuva*. Da mesma forma que em temas anteriores, os sujeitos conservaram a estrutura da língua nativa e se apoiaram no inventário lexical da língua portuguesa. Dessa junção origina-se um elemento que integra a *variedade nipo-brasileira*.

Convém registrar que o item lexical *sassu*, entre outros significados, tem um uso específico, como é o caso da locução “*kassa wo sassu*” que, na língua portuguesa, pode ser traduzida por “usando o guarda-chuva”. Essa tradução não retrata o uso do *sassu*, uma vez que cada língua apresenta suas peculiaridades culturais e linguísticas e, muitas vezes, não encontramos os seus correspondentes na outra língua. Inferimos que o motivo pelo qual o item lexical em japonês é mantido na fala dos sujeitos deve-se, provavelmente, à ausência de um item lexical em português que seja equivalente a *sassu*. Nessas condições, os itens lexicais que apresentam significados próprios tendem a permanecer na fala dos sujeitos, indicando que os fatores semânticos exercem influência nessa situação linguística.

Observamos que os itens lexicais *motsu* e *kaburu* foram utilizados com o sentido de *sassu*, pelas nipo-brasileiras de NCB (1ª faixa etária) e VGB (2ª faixa etária), respectivamente. Podemos considerar duas situações de análise para o item lexical *kaburu*. A primeira remete ao processo de assimilação, ou seja, esse item lexical está, possivelmente, em processo de adaptação quanto ao conceito, pelo menos, na resposta desse sujeito da pesquisa. Percebemos que, em geral, não se utiliza, atualmente, o item lexical *kaburu* com relação ao presente tema, uma vez que esse item é utilizado, entre outras situações, com o significado de

“cobrir-se; colocar na cabeça”¹³⁰. Nesse caso, os valores semânticos de outra língua foram agregados. Com respeito à segunda situação, acreditamos que seja uma variação diatópica, pois antigamente designava-se o chapéu por *kassa*. É possível que, em algumas regiões do Japão, essa forma ainda seja utilizada. Neste caso, poderíamos dizer que se trata de uma variedade *hogen*.

O contato de línguas promove essas situações peculiares, uma vez que os códigos estão, concomitantemente, ocupando o mesmo espaço linguístico e geográfico. Essas considerações nos permitem afirmar que este item lexical está em processo de ampliação de conceito, devido à interferência semântica de outro sistema lexical. Esse mecanismo de transferência evidencia que o item lexical *kaburu* constitui um processo de polissemia bilíngue. Em outras palavras, ocorre a transferência do conceito da outra língua para a língua nativa, visto que o conceito correspondente do item lexical em português refere-se ao ato de *cobrir-se*.

Os excertos abaixo demonstram a situação da *variedade nipo-brasileira* deste tema.

Excerto 5.16: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 17

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
GUARDA-CHUVA sashiteru	Usando guarda-chuva
GUARDA-CHUVA sashiteru	Usando guarda-chuva
GUARDA-CHUVA wo motte	Segura/segurando guarda- chuva

5.1.18 TEMA Nº 18: FALAR – DIZER/ *HANASSU* – *IU*

Tema nº 18: Falar – Dizer/ *Hanassu* – *Iu*

As respostas da figura acima são analisadas em duas etapas: a primeira refere-se à variação regional da língua japonesa presente no item lexical *shitoru* e a segunda reporta-se

¹³⁰ COELHO. Dicionário de Japonês – Português. Porto: Editora Porto, 1998.

ao uso de “moo *outra coisa* dakara”. Essas ocorrências podem ser observadas nos excertos do quadro nº 5.18.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Nanka iyooto shitoru	Hanassu
BRAZ	Moo <i>outra coisa</i> dakara/nanka yutteru ¹³¹ , falando alguma {...}	PI
NCB	Hanashi	PI
TAG	Hanashi (suru)	SR
VGB	PI	Hanassu

Quadro 5.18: Moo *outra coisa* dakara

A primeira situação refere-se à ocorrência de *hogen* na expressão “nanka iyooto shitoru”. Verifica-se que o item lexical [shitoru] representa uma das variações regionais da língua japonesa. Essa variedade – *shitoru* – já foi registrada em temas anteriores, entre eles no tema nº 15, conforme já relatado. Trata-se da variação de [suru].

No caso da segunda etapa, observamos que a nipo-brasileira de BRAZ (1ª faixa etária) recorreu ao sistema lexical da língua portuguesa quando, em sua resposta, expressou-se da seguinte maneira – “moo *outra coisa* dakara, nanka yutteru, falando alguma coisa [...]”. O sujeito utilizou os mecanismos pertinentes da interferência como mudança de código para explicar o contexto do tema. Para essa realização, inseriu o segmento em português “outra coisa” na resposta “moo *outra coisa* dakara”, que significa “já é outra coisa, por isso” em português. Conservou, nessa composição, a estrutura da língua nativa, porém transformou o modo da fala ao recorrer à outra língua. E, para completar a resposta, alternou os dois códigos ao produzir o seguinte enunciado - “nanka yutteru, falando alguma coisa”, que, em português, significa “está falando algo (alguma coisa)”. Essa situação indica que utilizou os dois códigos, ao responder em duas línguas. Isso pode ter ocorrido com a intenção de enfatizar a resposta.

O excerto abaixo registra a fala de um sujeito nipo-brasileiro desta pesquisa, cuja alternância de código ocorre em dois momentos do mesmo enunciado.

Excerto 5.17: variedade nipo brasileira figura nº 18

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
Moo <i>outra coisa</i> dakara/nanka yutteru, falando alguma {...}	Já é outra coisa, está dizendo algo (alguma coisa), falando alguma {...}

¹³¹ Yutteru (verbo *iu*: aspecto imperfeito cursivo).

5.1.19 TEMA Nº 19: AJUDAR – MALA/ *TETSUDAU* – *SUUTSUKKEESSU* (*TORANKU*)

Tema nº 19: Ajudar – Mala/ *Tetsudau* – *Suutsukeessu* (*Toranku*)

Os registros das respostas deste tema são analisados em quatro etapas. Na primeira, enfocamos o item lexical “ajudar” e seu correspondente em japonês *tetsudau* e *tassukeru* que correspondem a *socorrer/ajudar* em português. Trataremos, ainda, nessa etapa o uso do segmento “ajuda [*suru*]”; “ajuda ni iku”; e “ajuda shini kita”. Na segunda, concentramo-nos nos itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado por *mala*; e, em japonês, por *suutsukeessu* (*toranku*). Na terceira, tratamos dos itens lexicais *viagem* e *marido* em português, que ocorreram em uma das respostas. Na quarta, destacamos a expressão “*tetsudatte aru*, isso é mala, não é *tranku*”.

Na primeira etapa, os registros das respostas apontam que os sujeitos da pesquisa utilizaram os itens lexicais em japonês *tetsudau* e *tassukeru* e o item lexical *ajuda*, em português, conforme pode ser observado nos excertos do quadro abaixo.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Marido ga <i>ajuda shini kita</i> ¹³² , viagem kara kaette kita	<i>Tetsudau</i>
BRAZ	RP	<i>Tranku daroo. Tetsudatte</i> ¹³³ aru, isso é mala, não é <i>tranku</i>
NCB	SR	<i>Tassuke</i>
TAG	(O) <i>tetsudau</i>	<i>Ajuda ni iku</i>
VGB	RP	Mala, <i>ajuda shiteru</i>

Quadro 5.19a: Ajuda [*suru*] – *Tetsudau*

¹³² *Shini kita*: locução verbal que expressa a finalidade.

¹³³ *Tetsudatte*: (verbo *tetsudau*: forma conectiva).

Registramos que os itens lexicais da língua japonesa, somados, respondem pela frequência mais elevada; entretanto, a frequência do item lexical *ajuda*, considerado individualmente, é igualmente significativo. Essa situação pode ser vista na tabela abaixo:

Tabela 5.19a: *Tetsudau* – Ajuda [*suru*] – *Tassukeru*

Tema nº 19a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Tetsudau	3	30%
Ajuda [<i>suru</i>]	3	30%
Tassukeru	1	10%
RP	2	20%
SR	1	10%
Total	10	100%

Observamos que tanto o item lexical *tetsudau* quanto *ajuda* apresentam frequência de 30% cada um, ao passo que o item lexical *tassukeru* tem um índice de frequência de 10%. A ilustração gráfica, apresentada 5.19a, demonstra esse contexto.

Gráfico 5.19a: *Tetsudau* – Ajuda [*suru*] – *Tassukeru*

O item lexical *ajuda* ocorre nos enunciados “*marido ga ajuda shini kita*” e “*mala, ajuda shiteru*”. Nesses enunciados, o item *ajudar* é usado com [*suru*] e suas variações, constituindo, dessa forma, um empréstimo lexical. Essa situação, similar aos contextos dos temas anteriores em que os sujeitos utilizam o item lexical em português + [*suru*], resulta na expressão “ajuda suru”.

Notamos a inserção do item *ajuda* no segmento da língua nativa em algumas expressões utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. A primeira expressão ocorre na fala de uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária). Ela utilizou “*marido ga ajuda shini kita*” que, em português, significa “marido veio ajudar”. A segunda encontra-se na expressão de uma nipo-brasileira de VGB (2ª faixa etária) que disse “*mala, ajuda shiteru*”. Em português, a expressão corresponde a “está ajudando/ ajudando (com a mala)”. Finalmente, a terceira expressão – “*ajuda ni iku*” que, em português, significa “está indo ajudar” foi de uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária). Como podemos depreender após o exame da fala dos três sujeitos, *ajudar*, além da frequência elevada, foi mencionado em três pontos da pesquisa, o que mostra a familiaridade dos sujeitos da pesquisa com esse item lexical.

Na segunda etapa, analisamos os itens lexicais em japonês – *toranku* e seu correspondente em português *mala*. Para demonstrar essa situação, apresentamos os itens lexicais, conforme se observa nos excertos abaixo assinalados.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Marido ga ajuda shini kita, viagem kara kaette kita	Tetsudau
BRAZ	RP	<i>Tranku</i> daroo. Tetsudatte aru, isso é <i>mala</i> , não é <i>tranku</i>
NCB	SR	Tassuke
TAG	(O)tetsudau	Ajuda ni iku
VGB	RP	<i>Mala</i> , ajuda shiteru

Quadro 5.19b: Mala – *Tranku*

Os registros mostram que, neste tema, o item lexical em português *mala* ocorreu em dois pontos da pesquisa. O sujeito da pesquisa de BRAZ (2ª faixa etária) utilizou o item lexical *tranku*, logo em seguida, *mala*. Para efeito de registro quantitativo, consideramos tanto *tranku* como *mala* como resposta. Isso pode ser observado na tabela número 5.19b.

Tabela 5.19b: Mala – *Tranku*

Tema nº 19b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mala	2	20%
Tranku	1	10%
OR	4	40%
RP	2	20%
SR	1	10%
Total	10	100%

O gráfico nº 5.19b ilustra a situação dos itens lexicais *mala* e *tranku*. O item lexical em português tem frequência 20%, em comparação ao item lexical *tranku* que apresentou 10% de frequência.

Gráfico 5.19b: Mala – Tranku

O item lexical *tranku*, constante da resposta de BRAZ (2ª faixa etária), é similar ao item lexical *toranku* em japonês. Por seu turno, este é resultado do empréstimo lexical da língua inglesa – *trunk* – que sofreu adaptação fonético-fonológica na passagem para a língua japonesa. Assim, da mesma forma que *toranku*, é possível que o segmento fonético-fonológico da língua portuguesa tenha interferido para a realização de *tranku*. Esse processo de assimilação é similar ao do tema nº 14 em que o item lexical original em japonês *taipuraitaa* resultou em *trapraita* e *tapraita*. Observamos no excerto que a nipo-brasileira da pesquisa utilizou o item lexical *tranku* no início e no final da resposta. Essa ocorrência indica que, possivelmente, é o item lexical usado no dia-a-dia desse sujeito da pesquisa.

Ao analisarmos a resposta “tranku daroo”, percebemos nessa expressão que o sujeito da pesquisa utilizou [daroo]¹³⁴ no final do enunciado. A terminação [daroo] apresenta a forma [deshoo] que indica polidez que é usada, normalmente, pelas mulheres e a forma [daroo], geralmente, utilizada pelos homens e nos contextos informais. Para entendimento dessa argumentação, expomos, de forma breve, que o sistema da língua japonesa apresenta além da variação regional (hogen) outras formas de uso, entre elas: uso feminino; uso masculino; e uso de tratamento (linguagem de tratamento). Assim exposto, inferimos que a expressão “tranku

¹³⁴ Daroo: forma supositiva (afirmativa).

daroo” que a nipo-brasileira de pesquisa utilizou, indica uma suposta presença da fala masculina, devido ao uso do [daroo].

No que se refere à última etapa, discutiremos o enunciado “*marido ga ajuda shini kita, viagem kara kaette kita*”, resposta de uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária). Os itens lexicais – *marido* – *ajuda* – *viagem* – podem ser considerados itens lexicais-chave, pois permitem ao falante da língua portuguesa compreender de que trata o enunciado. Entretanto, pertencem ao sistema da língua portuguesa, o que dificulta a compreensão e, conseqüentemente, a comunicação entre os monolíngues da língua japonesa. Embora a estrutura frasal pertença à língua nativa, é possível que os falantes da língua portuguesa possam compreender o enunciado, uma vez que os itens lexicais-chave estão em português. No entanto, para os monolíngues da língua japonesa a situação é diferente, pois os elementos [ga], [shini kita] e [kara kaette kita]¹³⁵, pertencentes à língua nativa, não são suficientes para a compreensão do enunciado.

A última análise desse tema refere-se ao enunciado “*tetsudatte aru, isso é mala, não é tranku*” utilizado por uma nipo-brasileira de BRAZ (2ª faixa etária). Percebemos que ela iniciou a frase com um segmento na língua nativa “*tetsudatte aru*”, que significa “está ajudando/ ajudando/ajuda”; logo em seguida, alternou para outro código “*isso é mala, não é tranku*”, com o intuito de especificar o objeto do tema; e, para finalizar, inseriu a variação *tranku* no enunciado. Segundo Grosjean (1982), os bilíngues alternam os códigos devido à necessidade de preencher uma lacuna lexical/linguística no momento discursivo. Essa situação pode justificar o uso do mecanismo de alternância para completar o enunciado, visto que, na resposta, o sujeito utiliza o item lexical *mala*, confirmando que o objeto referido é *mala* e não *tranku*. Isso pode ter ocorrido porque as pessoas mais antigas chamavam a mala de viagem de *toranku* que, modernamente, passou a ser chamada de *suutsukeessu*. Em geral, o *toranku* que os imigrantes usavam era em formato de baú, diferente do tipo de mala utilizado atualmente. Se *toranku* era usado pelos imigrantes e seus descendentes, a designação não foi utilizada pelo menos pelos sujeitos desta pesquisa.

Os registros mostram que o item lexical *suutsukeessu* não foi contemplado neste tema, porém a variação de *toranku*-“*tranku*” foi registrada. Como *suutsukeessu* constitui um item lexical de uso mais contemporâneo, é possível que os sujeitos da pesquisa não tenham adquirido esse item lexical ou se o tivessem adquirido, o fato de o usarem esporadicamente contribuiu para que ele não ocorresse nas respostas. Com base na ausência de uso de

¹³⁵ [ga] partícula; [shini kita] veio; e [kaette kita] voltou.

suutsukeessu pelos nipo-brasileiros da pesquisa, concluímos que o uso esporádico, em parte, contribui para que o item lexical de maior uso acabe se efetivando. Essa situação coincide com as condições que Weinreich (1974) aponta para os casos de empréstimo lexical. Para esse teórico, quando o bilíngue não usa frequentemente os léxicos da língua nativa, os léxicos de maior uso começam a ocupar o espaço antes ocupado pela língua nativa.

Esses elementos revelam que os fatores sociais são de suma importância para o estudo do comportamento linguístico de um grupo social, conforme asseveram Thomason e Kaufman (1991). Esses dados aqui expostos, somados à história linguística, aos componentes culturais e à intensidade do contato fornecem subsídios para a composição do repertório linguístico das nipo-brasileiras da pesquisa.

O excerto a seguir apresenta o uso desses itens lexicais referidos, conforme se observa nas respostas deste tema.

Excerto 5.18: *variedade nipo- brasileira* da figura-tema nº 19

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
MARIDO ga AJUDA shini kita, VIAGEM kara kaettekita	Marido veio ajudar, voltou da viagem
AJUDA ni iku	Vai ajudar
MALA, AJUDA shiteru	Ajudando a mala (com a mala)

5.1.20 TEMA Nº 20: MALA PESADA/ OMOI SUUTSUKKEESSU– TORANKU

Tema nº 20: Mala pesada/Omoi suutsukeessu – Toranku

A ilustração acima apresenta um contexto similar ao tema anterior nº 19. Neste tema, os itens lexicais *mala* e *tranku* também são contemplados pelos sujeitos da pesquisa. Essa situação pode ser verificada nos excertos assinalados no quadro abaixo:

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Mala</i> omoi	<i>Mala</i> ga omoi
BRAZ	RP	<i>Tranku</i> ga omoi
NCB	<i>Mala</i> omotai	<i>Mala</i> wo aketai
TAG	Omoi <i>mala</i>	<i>Mala</i> ga omoi
VGB	Omoi <i>mala</i>	Omoi <i>mala</i>

Quadro 5.20: Mala – *Tranku*

A tabela abaixo mostra as ocorrências dos itens *tranku* e *mala*. O último representa a maioria das respostas nos pontos pesquisados, enquanto a variação do item lexical em japonês *tranku* apresenta uma única ocorrência, conforme se observa na tabela nº 5.20.

Tabela 5.20: Mala – *Tranku*

Tema nº 20	Frequência absoluta	Frequência relativa
Mala	8	80%
Tranku	1	10%
RP	1	10%
Total	10	100%

Observamos no gráfico nº 20, apresentado a seguir, que *mala* tem a frequência superior – 80% – a *tranku*, que apresenta 10%.

Gráfico 5.20: Mala – *Tranku*

O fato de *mala* apresentar ocorrência elevada indica que o item lexical é utilizado frequentemente no cotidiano pelos sujeitos dessa pesquisa, configurando-se como elemento integrante da norma dos sujeitos da pesquisa.

O contato estreito e prolongado com a outra língua contribui para o deslocamento dos itens lexicais da língua nativa e o uso, frequente, do item lexical em português nos ambientes doméstico e da comunidade favorece a entrada de itens lexicais da língua em contato. Para Thomason e Kaufman (1991), essas situações referem-se ao processo de empréstimo por interferência de uma língua sobre a outra, induzidas pelo contato estreito de línguas. Esses teóricos sustentam que, para investigar uma situação linguística de línguas em contato, deve-se, em primeira instância, observar as condições de contato bem como a intensidade dessa ação e considerar o contexto social no qual os bilíngues estão inseridos.

Neste tema, incluímos um gráfico que demonstra o uso do item lexical *mala* com respeito à distribuição por faixa etária dos sujeitos nipo-brasileiros e pontos da pesquisa.

Gráfico 5.20 (i): Mala – Faixa etária *versus* Ponto da pesquisa

Os dados acima indicam que os sujeitos da primeira e da segunda faixas etárias, cada qual com quatro ocorrências, usaram o item lexical *mala*. O ponto da pesquisa que não obteve nenhuma ocorrência foi BRAZ. Essa situação é similar ao dos temas números 1 e 4.

O item lexical em japonês *omoi* – *omotai* representa a maioria das respostas nos pontos pesquisados. Neste caso, difere da situação anterior, uma vez que o item lexical correspondente em português – *pesado* – não obteve nenhuma ocorrência.

Já o item lexical *tranku* segue a mesma orientação discutida no tema nº 14 (trapraita/tapraita) e nº 19 (tranku). Trata-se, portanto, de interferência no segmento fonético-fonológico, ou seja, os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa apoiam-se no sistema fonológico da outra língua e constroem uma nova versão do item lexical. *Tranku* foi utilizado por uma nipo-brasileira de BRAZ (2ª faixa etária) no tema nº 19 e neste tema também.

Verificamos que o item lexical proposto *suutsukeessu*, empréstimo do inglês – *suitcase* –, que sofreu igualmente adaptação fonético-fonológica da língua japonesa, não foi registrado nas respostas dos pontos pesquisados. Como esse item é de uso concomitante a *toranku*, pode ter contribuído para a situação apresentada nos dois temas dos números 19 e 20. O item lexical *toranku* é realizado como *tranku*, conforme pode ser observado no excerto abaixo.

O excerto a seguir registra o uso do item lexical *mala* e *tranku*.

Excerto 5.19: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 20

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
MALA omoi	Mala (está) pesada
MALA ga omoi	Mala (está) pesada
MALA wo aketai	Quero abrir a mala
Omoi MALA	Mala pesada
MALA omotai	Mala pesada
TRANKU ga omoi	Mala (está) pesada

5.1.21 TEMA Nº 21: MOSTRAR A FÁBRICA – INDÚSTRIA DE CARRO/ *DIDOOSHA KOODYOO WO MISSERU*

Tema nº 21: Mostrar a fábrica – Indústria de carro/*Didoosha Koodyoo wo misseru*

Neste tema, analisamos as respostas em três etapas: a primeira refere-se ao item lexical *fábrica* – *indústria* em português; a segunda trata dos itens lexicais correspondentes ao objeto que, em português, é designado por *carro* e, em japonês, por *didoosha* – *kuruma* –; tratamos,

ainda, do segmento “*carro wo fabrica shiyoru*”; e as ocorrências que indicam o uso do empréstimo lexical e da mudança de código.

O quadro abaixo registra o uso dos itens lexicais: *fábrica* – *indústria*.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Carro wo <i>fabrica shiyoru</i> ¹³⁶	RP
BRAZ	RP	PI
NCB	PI	<i>Indústria</i> ni itte
TAG	Didoosha kenbutsu ni setsumee shite iru	<i>Indústria</i> de carro wo missete orimassu
VGB	É <i>fábrica</i> , shatyoosan ga... dibun no funcionário ni...explicando algo sobre a montagem de carro	<i>Fábrica</i> de kuruma

Quadro 5.21a: Fábrica – Indústria

Os itens lexicais *fábrica* e *indústria*, em português, são utilizados pelos sujeitos da pesquisa, porém, observamos que os itens lexicais correspondentes em japonês não foram contemplados nos pontos pesquisados. A tabela abaixo indica as ocorrências dos itens lexicais em português.

Tabela 5.21a: Fábrica – Indústria

Tema nº 21a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Fábrica	2	20%
Indústria	2	20%
PI	2	20%
OR	2	20%
RP	2	20%
Total	10	100%

O gráfico nº 5.21a, apresentado a seguir, ilustra essa situação. Os itens lexicais em português *fábrica* e *indústria* apresentam 20% de frequência, cada um.

¹³⁶ *Shiyoru* (verbo *suru*).

Gráfico 5.21a: Fábrica – Indústria

A ausência de ocorrência do item lexical em japonês indica que este item pode estar em processo de deslocamento. O não uso de determinados itens lexicais provém de vários fatores. Neles se embutem a história da imigração e a história de vida dos sujeitos da pesquisa que talvez possa, em parte, justificar essa situação.

A maioria dos (i)migrantes rumou para a zona rural, por essa razão, provavelmente, esse item lexical não era usado com muita frequência em seu dia-a-dia, bem como de seus descendentes. E o fato de ser um item lexical de pouco uso pode ter colaborado para a consagração do uso dos itens lexicais em português. Para Thomason e Kaufman (1991), os principais determinantes para a substituição linguística são os aspectos sociais e as situações particulares de contato.

Neste item, incluímos um gráfico que demonstra a situação de uso em duas perspectivas: faixa etária dos sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa e pontos em que os itens lexicais em português foram utilizados.

Gráfico 5.21 (i): Fábrica – Indústria – Faixa etária *versus* pontos da pesquisa

Ao observar o gráfico acima, percebemos que a segunda faixa etária utilizou mais os itens lexicais em português, com três ocorrências e a primeira faixa etária, com uma única ocorrência. Em relação aos pontos da pesquisa, constatamos que dois pontos, BRAZ e BSB, não usaram os itens lexicais acima referidos.

Assim, a língua natural caminha em compasso com os condicionantes histórico, social, cultural e geográfico dos grupos que a detém, transformando e inovando o modo e a forma da fala. As ocorrências observadas caracterizam o nosso objeto de estudo e, ao mesmo tempo, indicam a possibilidade de assinalar que alguns itens lexicais pertencem à norma de uso entre os sujeitos da pesquisa, pelo menos na comunidade estudada. A norma aqui utilizada refere-se à idéia postulada por Grosjean (1982).

Na segunda etapa, analisamos os itens lexicais *carro* bem como os correspondentes em japonês *kuruma* e *didoosha* e a resposta “*carro wo fabrica shiyoru*”. No quadro abaixo assinalamos esses usos.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Carro wo fabrica shiyoru</i>	RP
BRAZ	RP	PI
NCB	PI	Indústria ni itte (OR)
TAG	<i>Didoosha kenbutsu ni setsumee shite iru</i>	Indústria de <i>carro</i> wo missete orimassu
VGB	É fábrica, shatyoosan ga... dibun no funcionário ni...explicando algo sobre a montagem de carro (OR)	Fábrica de <i>kuruma</i>

Quadro 5.21b: Carro – *Kuruma* – *Didoosha*

As ocorrências registradas indicam que o item lexical em português *carro* tem a mesma frequência de uso da soma dos itens lexicais em japonês *kuruma* e *didoosha*, conforme se observa na tabela nº 5.21b.

Tabela 5.21b: Carro – *Kuruma* – *Didoosha*

Tema nº 21b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Carro	2	20%
Kuruma	1	10%
Didoosha	1	10%
PI	2	20%
OR	2	20%
RP	2	20%
Total	10	100%

O gráfico ilustra a situação do item lexical em português que apresenta 20% de frequência e dos itens lexicais em japonês, *kuruma* e *didoosha*, cada qual com 10% de frequência.

Gráfico 5.21b: Carro – *Kuruma* – *Didoosha*

Na resposta “*carro wo fabrica shiyoru*”, de autoria de uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária), observamos o uso de duas variações, quais sejam: a inserção dos itens lexicais

em português *carro* e *fabricar*, que remetem à *variedade nipo-brasileira*, junto com a variedade *hogen – shiyoru*. O sujeito utilizou o item *fabricar* na 3ª pessoa do singular e acrescentou a variedade *hogen [shiyoru]*, promovendo a transformação de ação verbal “fábrica”. Convém lembrar que [shiyoru] é uma variedade *hogen* de [suru], dessa forma neste tema ocorreu o uso de duas variedades: uma que representa *hogen [shiyoru]* e a outra [fábrica], conforme já observado, entre outros no tema número 10. Essa composição é um dos traços que configura o nosso objeto de estudo.

Ao analisar a resposta acima, notamos que a maioria dos sujeitos da pesquisa recorre ao uso do item lexical-chave. Esses sujeitos utilizam itens lexicais-chave em português e, para dar o sentido de ação verbal, acrescentam o aspecto verbal da língua japonesa, por meio de [suru]. Essas ocorrências indicam que, provavelmente, existe uma regularidade de uso dos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa, que põe em relevo um padrão de comportamento. Mase (1987), Kuyama (2000) e Ota (2009), entre outros, indicam que esse uso é frequente também nas comunidades estudadas por eles. Essas evidências mostram que esse fenômeno é comum, tendo a regra, a mesma característica, confirmando a hipótese de que é uma norma de uso entre os nipo-brasileiros. E, pelo fato de os sujeitos da pesquisa estarem em contato estreito com a sociedade majoritária, há um direcionamento para que a fala apresente cada vez mais essas variações de uso. Blom e Gumperz (2002, p. 80) consideram que “As regularidades comportamentais não são mais consideradas meros reflexos de normas sociais capazes de serem medidas independentemente uma das outras. Essas normas, pelo contrário, são vistas como comportamento comunicativo”.

Inserimos o quadro abaixo para contextualizar a situação referida.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Carro wo fabrica shiyoru	RP
BRAZ	RP	PI
NCB	PI	<i>Indústria ni itte</i>
TAG	Didoosha kenbutsu ni setsumee shite iru	<i>Indústria de carro wo missete orimassu</i>
VGB	É fábrica, shatyoosan ga... dibun no <i>funcionário</i> ni...explicando algo sobre a montagem de carro	Fábrica de <i>kuruma</i>

Quadro 5.21c: Expressões

O enunciado “*indústria de carro wo missete orimassu*”, de uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária), é constituído de dois códigos – o japonês e o português. O sujeito

iniciou a frase em português e completou-a em japonês, conservando a estrutura da língua nativa. Isso demonstra que os sujeitos da pesquisa, provavelmente, utilizam o mecanismo de alternância de código para sanar o problema de comunicação. A resposta “*indústria de carro wo missete orimassu*”, que significa “está mostrando o carro na indústria” em português, revela que, no uso, estão subjacentes as intenções, necessidades e atitudes dos falantes. A ocorrência de “*orimassu*” justifica uma dessas possíveis situações subjacentes.

Em outro enunciado “*indústria ni itte*” de uma nipo-brasileira de NCB (2ª faixa etária) e que, em português, significa “vai para indústria”, nota-se o uso do item lexical *indústria* e a manutenção da estrutura da língua nativa.

Ainda com respeito à utilização de dois códigos, uma nipo-brasileira “é *fábrica* {...} *dibun no funcionário ni* [...] explicando a montagem de carro”. Ela iniciou a frase com “é *fábrica*”, continuou em japonês, mas, no meio, inseriu o item lexical *funcionário*, formando a expressão “*dibun no funcionário*” que, em português, significa “o(s) funcionário(s) dele”. Para finalizar a resposta, retomou a fala em português “explicando a montagem de carro”, alternando, dessa forma, os códigos. Essa ocorrência demonstra como esses códigos coocorrem e se sobrepõem, de acordo com a necessidade dos bilíngues.

Ao analisar as respostas, percebemos que os sujeitos nipo-brasileiros inserem o empréstimo lexical no mesmo enunciado, bem como alternam os códigos nos eventos comunicativos. Na verdade, os sujeitos da pesquisa se utilizam desses recursos para fazer face a uma necessidade imediata na interação discursiva (GROSJEAN, 1982). Com base nisso, podemos afirmar que esses fenômenos alicerçam a interação cotidiana dos bilíngue. A escolha, portanto, é individual, mas é balizada pelo contexto situacional. Esse contexto remete ao que Blom e Gumperz (2002, p. 58) explicitam: “A comunicação eficaz requer que o falante e público ouvinte estejam de acordo quanto ao significado das palavras e quanto à importância social da escolha da forma de expressão linguística ou quanto aos valores a ela ligados”.

O segmento “*fábrica de kuruma*”, produzido por um sujeito nipo-brasileiro de VGB (2ª faixa etária), difere dos casos anteriores. Aqui, o sujeito usou a estrutura da língua portuguesa “*fábrica de*” e incorporou o item lexical em japonês *kuruma* (carro) que significa em português “*fábrica de carro*”. Para Thomason e Kaufman (1991), quando o contato de línguas é estreito, a estrutura de uma língua pode sofrer mudança no decorrer dos anos.

Nos excertos abaixo estão os registros dos casos citados neste tema.

Excerto 5.20: *variedade nipo brasileira* da figura-tema nº 21

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
CARRO wo FABRICA shiyoru	Está fabricando o carro
INDÚSTRIA ni itte	Vai para indústria
FÁBRICA de kuruma	Fábrica de carro
INDÚSTRIA de carro wo missete orimassu	Está mostrando a indústria de carro
É FÁBRICA, shatyoosan ga...dibun no FUNCIONÁRIO ni...explicando algo sobre a montagem de carro	É fábrica, o presidente está explicando algo sobre a montagem de carro para seu funcionário

5.1.22 TEMA Nº 22: VIAJAR / RYOKOO WO SURU

Tema nº 22: Viajar/ Ryokoo wo suru

Neste tema, analisamos as respostas em três etapas. Na primeira, enfocamos o item lexical *viajar*, em português, e seu correspondente em japonês *ryokoo suru*. Ainda, nessa etapa, discutiremos o uso do *viaja* [suru]. Na segunda, discutimos o segmento “fazer turismo”. Finalmente, na terceira, tratamos dos itens lexicais em português *turista* e *paisagem*.

O quadro 5.22a registra o uso dos itens lexicais *viaja* [suru] e *ryokoo suru* e os demais, assinalados nos excertos.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Viaja shite, turismo yatteru</i>	RP
BRAZ	RP	OR
NCB	PI	OR
TAG	<i>Ryokoo suru</i>	<i>Turismo shite orimassu</i> (OR)
VGB	<i>Turista ga Nihon ni kite paisagem wo nagamete irundyanai .</i> (OR)	<i>Turista ryokoo shiteru</i>

Quadro 5.22a: *Ryokoo suru* – *Viaja* [suru]

Embora os itens lexicais *viaja* [suru] e *ryokoo suru* ocorram nas respostas dos sujeitos, este último apresenta frequência um pouco superior àquele, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 5.22a: *Ryokoo suru* – *Viaja* [suru]

Tema nº 22a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ryokoo suru	2	20%
Viaja [suru]	1	10%
PI	1	10%
RP	2	20%
OR	4	40%
Total	10	100%

Os dados dos gráficos ilustram as respostas nos pontos pesquisados. O item lexical em português tem frequência de 20%, enquanto o item em português apresenta 10% de frequência.

Gráfico 5.22a: *Ryokoo suru* – *Viaja* [suru]

Para expressar o sentido do item lexical *viaja* [suru], uma nipo-brasileira de BSB (1ª faixa etária) utilizou a estrutura verbal da língua japonesa [suru] e suas variações, formando o segmento “*viaja shite*” que corresponde ao português “*viaja*”. Tal ocorrência segue o mesmo princípio de empréstimo linguístico observado nos temas de números 1 e 3, entre outros.

A segunda etapa refere-se ao uso de “*turismo yatteru*”, ocorrido na resposta “*viaja shite, turismo yatteru*”, em que o primeiro segmento foi analisado no parágrafo anterior. No caso do segundo segmento, a nipo-brasileira inseriu o item lexical em português *turismo* e acrescentou o segmento verbal da língua japonesa [yaru] e suas variações, compondo o segmento “*turismo yatteru*”¹³⁷, que significa em português “*fazendo turismo*”. Convém frisar que o item [yaru] e suas variações significam [fazer] em português e são usados, muitas vezes, no lugar de [suru].

A resposta “*turismo shite orimassu*”, de autoria de uma nipo-brasileira de TAG (2ª faixa etária) segue a mesma orientação da situação anterior. A nipo-brasileira utilizou os dois sistemas para realizar uma ação verbal, conforme se observa em outros temas analisados. Usou o item lexical-chave *turismo* e complementou com [suru] e suas variações, formando a expressão “*turismo shite*”¹³⁸.

Para demonstrar como isso ocorre, o quadro abaixo ilustra os casos que acabamos de mencionar.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	Viaja shite <i>turismo yatteru</i>	RP
BRAZ	RP	OR
NCB	PI	OR
TAG	Ryokoo suru (OR)	<i>Turismo shite orimassu</i>
VGB	Turista ga Nihon ni kite paisagem wo nagamete irundyanai . (OR)	Turista ryokoo shiteru (OR)

Quadro 5.22b: Turismo [yaru] – Turismo [suru]

A tabela 5.22b constata que o item lexical *turismo*, em português, é utilizado pelos sujeitos da pesquisa “*turismo yaru e turismo suru*”, porém, observamos que os itens lexicais correspondentes em japonês não foram contemplados nos pontos pesquisados. A tabela abaixo indica as ocorrências dos itens lexicais em português.

¹³⁷ *Yatteru* (verbo *yaru*: aspecto imperfectivo cursivo).

¹³⁸ *Shite* (verbo *suru*: forma conectiva).

Tabela 5.22b: Turismo [yaru] – Turismo [suru]

Tema nº 22b	Frequência absoluta	Frequência relativa
Turismo [yaru]	1	10%
Turismo [suru]	1	10%
OR	5	50%
RP	2	20%
PI	1	10%
Total	10	100%

O gráfico ilustra a situação do item lexical em português que apresenta 20% de frequência.

Na terceira etapa, analisamos os itens lexicais *turista* e *paisagem*, utilizados na expressão “*turista ga Nihon ni kite paisagem wo nagamete irundyanai*”, cujo significado em português é “O turista veio para o Japão e está contemplando a paisagem, não é?”. Nesse registro, de uma nipo-brasileira de TAG (1ª faixa etária), observa-se o uso do sistema lexical da língua portuguesa por meio do emprego dos itens lexicais *turista* e *paisagem* e a manutenção da estrutura da língua nativa. Portanto, a nipo-brasileira permanece ligada à língua de origem quanto ao aspecto linguístico-cultural, porém, ao incorporar os itens lexicais

em português, transforma a fala de origem, demonstrando, nessa criação, a realização da *variedade nipo-brasileira*.

Na resposta acima verificamos que os itens lexicais-chave em português correspondem a mais de um item lexical em japonês. É o que se observa em *turista*, que, em japonês, remete aos itens lexicais *ryokoosha/tsuurissuto*. E o que se observa igualmente com *turismo* que, em japonês, reporta-se a *tsurizumu/kankoo*. Ambos não foram registrados nos pontos pesquisados, o que indica que os itens lexicais em português são usados mais frequentemente do que os da língua nativa. Essa situação nos conduz à seguinte reflexão: se, antes, viajar era um acontecimento esporádico para muitos (i)migrantes e seus descendentes, atualmente, as viagens nacionais e internacionais começam a fazer parte da vida dos sujeitos da pesquisa e o fato de, no dia-a-dia, utilizarem esses itens lexicais em português pode ter favorecido a efetivação de seu uso nos pontos pesquisados.

O quadro abaixo apresenta os excertos que demonstram o uso dos casos analisados neste tema.

Excerto 5.21: *variedade nipo- brasileira* da figura-tema nº 22

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
VIAJA shite TURISMO yatteru	Viajou e está fazendo turismo
TURISMO shite orimassu	Está fazendo turismo
TURISTA ryokoo shiteru	O turista está viajando
TURISTA ga Nihon ni kite PAISAGEM wo nagamete irundyanai .	O turista veio para o Japão e está contemplando a paisagem, não é?

5.1.23 TEMA Nº 23: PASSEAR COM O CACHORRO/ INU NO SANPO – SANPO SURU

Tema nº 23: Passear com o cachorro/*Inu to sanpo suru*

As respostas deste tema podem ser analisadas em duas etapas. Na primeira etapa, examinamos o item lexical passear, em português, e *sanpo (suru)* em japonês, bem como a resposta “passeando com cachorro, *sanpo shiteru*”. Na segunda etapa, enfocamos o item lexical *praça*, em português.

No quadro abaixo vêem-se os itens lexicais *passear* e *sanpo (suru)*, assinalados nos excertos.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Sanpo shiteru</i>	<i>Sanpo deteru</i>
BRAZ	<i>Sanpo shiteru</i>	<i>Sanpo ni iku</i>
NCB	Passeando com cachorro, <i>sanpo shiteru</i>	<i>Sanpo dekakeru</i>
TAG	<i>Sanpo suru</i>	Inu to <i>passeia</i> shite orimassu
VGB	<i>Sanpo shiterun dyanai</i> , pela <i>praça</i>	SR

Quadro 5.23: *Sanpo suru* – Passear

Embora ambos ocorram, *sanpo (suru)* tem a frequência mais elevada entre os sujeitos da pesquisa, conforme se observa na tabela abaixo 5.23.

Tabela 5.23: *Sanpo suru* – Passear

Tema nº 23	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sanpo suru	8	80%
Passear	1	10%
SR	1	10%
Total	10	100%

As ocorrências acima indicam que os sujeitos da pesquisa, neste tema, utilizaram mais a expressão da língua nativa do que da língua portuguesa.

O gráfico nº 5.23, apresentado a seguir, ilustra essa situação. O item lexical em japonês tem frequência superior, 80%, em relação ao item em português, que apresenta 10% de frequência.

Gráfico 5.23: *Sanpo suru* – Passear

Observamos que o sujeito da pesquisa de TAG (2ª faixa etária) produziu o enunciado “*passeia shite orimassu*”, que corresponde a “está passeando” em português. Esse uso do item lexical-chave em português por meio do emprego de [suru] é uma das características recorrentes que observamos nesse trabalho, conforme já visto em itens anteriores. Aqui, a nipo-brasileira da pesquisa, para imprimir sentido de ação verbal, inseriu [suru] ao verbo *passear*, transformando-o, desse modo, em uma nova maneira de falar que não é português e tampouco japonês, mas sim a fusão desses dois sistemas. Isso pode ser visto em “*passeia shite orimassu*”. Essa fusão revela a importância de determinados itens lexicais de outra língua na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa e indica o peso da estrutura linguístico/cultural da língua de origem.

Na resposta “passeando com cachorro, sanpo shiteru”, uma nipo-brasileira de NCB (1ª faixa etária) mudou de uma língua para outra, isto é, serviu-se do procedimento conhecido por mudança de código. Iniciou a resposta em português e, logo em seguida, completou-a em japonês “sanpo suru”, que corresponde a “passear”, dizendo, portanto, a mesma coisa nas duas línguas. Em outras palavras, o sujeito usou o procedimento de alternância de códigos para retificar ou para ratificar sua afirmação, uma vez que “traduz” o enunciado de uma língua para outra.

No caso da segunda etapa, enfocamos na resposta “sanpo shiteru [...] pela praça” a nipo-brasileira de TAG (1ª faixa etária) utilizou o segmento em português “pela praça” para contextualizar o “local” onde ocorre o tema da figura. Ao analisar as respostas de todos os temas, inclusive aqueles que não foram analisados neste trabalho, percebemos que o item lexical *praça* foi utilizado em outros temas pelos sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa. Essa

ocorrência indica que, provavelmente, no repertório linguístico desses sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa, dessas faixas etárias, o uso do item lexical *praça* seja predominante.

O excerto abaixo registra a realização da *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.22: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 23

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
Inu to PASSEIA shite orimassu	Passeando com o cachorro

5.1.24 TEMA Nº 24: APRENDER – ESTUDAR / *BENKYOO SURU*

Tema nº 24: Aprender – Estudar/ *Benkyoo suru*

Analizamos este tema em duas etapas. Na primeira, enfocamos os itens lexicais *estudar* e seu correspondente em japonês *benkyoo suru* e também o item lexical *aprender*. Examinaremos, ainda, nessa etapa, os segmentos *estuda* [suru] e *aprende* [suru]. Na segunda etapa, enfocamos as respostas “sala de aula de sensee no [...]”; e “sensee ga começando pelo a; i; u; e; o”.

O tema proposto apresenta situações peculiares, uma vez que as respostas obtidas variaram bastante.

O quadro apresentado a seguir registra os usos dos itens lexicais da primeira etapa.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Benkyoo suru</i>	<i>Benkyoo suru</i>
BRAZ	<i>Benkyoo shiteru</i>	SR
NCB	OR	OR
TAG	Sala de aula de sensee no setsumee wo kiite iru (OR)	<i>Estuda shiteru, aprende shitemassu</i>
VGB	Sensee ga começando pelo a, i, u, e, o	<i>Obenkyoo shiteru</i>

Quadro 5.24a: *Benkyoo suru* – Estuda [suru] – Aprende [suru]

Observamos que o item lexical em japonês *benkyoo suru* tem o uso mais elevado em comparação aos itens lexicais em português. Essa situação pode ser observada na tabela abaixo.

Tabela 4.24a: *Benkyoo suru* – Estuda [suru] – Aprende [suru]

Tema nº 24a	Frequência absoluta	Frequência relativa
Benkyoo suru	4	40%
Estuda [suru]	1	10%
Aprende [suru]	1	10%
OR	3	30%
SR	1	10%
Total	10	100%

A ilustração gráfica apresentada a seguir demonstra a ocorrência desses itens lexicais. O item lexical em japonês tem frequência de 40%, enquanto os itens lexicais em português apresentam cada um 10% de frequência.

Gráfico 4.24a: *Benkyoo suru* – Estuda [suru] – Aprende [suru]

Neste tema, um sujeito nipo-brasileiro utiliza os itens lexicais *estudar* e *aprender* no mesmo enunciado, conforme se observa na expressão “*estuda shiteru, aprende shitemassu*” que, em português, significa “está estudando/estuda, está aprendendo”. Esse fato é bastante semelhante ao que ocorre em outros temas, em que os sujeitos recorrem ao segmento [suru]

para formar a expressão “*estuda suru*” e “*aprende suru*”. Observamos que esse padrão de comportamento linguístico é observado em vários momentos do nosso trabalho, o que evidencia que existe efetivamente uma regra de uso da *variedade nipo-brasileira*, entre os falantes nipo-brasileiros. Isso é confirmado por Grosjean (1982), para quem, o uso frequente de determinada situação linguística, acaba se tornando uma norma e não a exceção.

As expressões da segunda etapa de análise estão assinaladas nos excertos do quadro a seguir.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa – feminino	Sujeito 2ª faixa – feminino
BSB	Benkyoo suru	Benkyoo suru
BRAZ	Benkyoo shiteru	SR
NCB	OR	OR
TAG	<i>Sala de aula</i> de sensee no setsumee wo kiite iru	Estuda shiteru, aprende shitemassu
VGB	sensee ga <i>começando pelo a, i, u, e, o</i>	<i>Obenkyoo shiteru</i>

Quadro 5.24b: Sala de aula – Começando pelo a, i, u, e, o

O segmento “sala de aula” foi inserido na fala de uma nipo-brasileira de TAG (1ª faixa etária) para contextualizar o local. Essa situação indica que ela, possivelmente, utilizou a estratégia linguística e/ou cultural, que consiste em se apoiar em outro código para responder a uma dada questão. Isso ocorre ou quando existe uma lacuna lexical no momento da fala, ou quando o item lexical da outra língua é mais familiar e mais usual. Apesar de se mostrar vinculada à língua de origem quanto ao aspecto estrutural, integrou a fala, o segmento em português “sala de aula” e respondeu “*sala de aula* de sensee no setsumee wo kiite iru” que, em português, significa “escuto/escutando a explicação da professora na sala de aula”.

A resposta da nipo-brasileira de VGB (1ª faixa etária) “sensee ga *começando pelo a, i, u, e, o*”, correspondente ao português “a professora começou pelo a, i, u, e, o”, verifica-se o uso da língua nativa no início “sensee ga” e, logo em seguida a mudança para a língua portuguesa. Essa alternância de código é iniciada pela língua portuguesa, por “*começando pelo*”, e finalizada pela língua japonesa por meio da sequência “*a, i, u, e, o*”, que corresponde a “*a, e, i, o, u*” em português. Percebemos que, apesar da ocorrência da mudança de código, a nipo-brasileira utilizou “a, i, u, e, o”, que corresponde à ordenação das vogais orais na língua japonesa, uma vez que, na língua portuguesa, a ordenação das vogais orais é a, e, i, o e u. Provavelmente, o fato de a figura apresentar os símbolos da grafia desse segmento em japonês, tenha levado o sujeito a optar pela leitura das letras (hiragana) na ordenação da língua japonesa e não na da língua portuguesa.

Observamos que a mudança de código é um mecanismo muito utilizado pelos sujeitos da pesquisa, indicando que essa estratégia comunicativa serve como apoio para dar continuidade ao evento comunicativo. E, em determinados tópicos (assunto/tema/expressão) os sujeitos da pesquisa parecem ter mais facilidade para usar a língua portuguesa do que a língua japonesa.

O excerto abaixo registra a realização da *variedade nipo-brasileira*.

Excerto 5.23: *variedade nipo brasileira* da figura-tema nº 24

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
SALA DE AULA de sensee no setsumee wo kiite iru	Estão ouvindo a explicação da professora, na sala de aula.
ESTUDA shiteru, APRENDE shitemassu	Está estudando, está aprendendo
Sensee ga COMEÇANDO PELO A, I, U, E, O.	A professora, começando pelo a, i, u, e, o.

5.1.25 TEMA Nº 25: TELEFONAR/ DENWA WO KAKERU/ SURU

Tema nº 25: Telefonar/Denwa wo kakeru/Suru

Neste tema, analisamos as respostas dos sujeitos em duas etapas. Na primeira, enfocamos o item lexical “telefonar” e seus correspondentes em japonês “denwa wo suru”, “denwa wo tsukau” e “denwa wo kakeru”. Examinaremos, também, nessa etapa o segmento *telefona* [suru]. Na segunda, examinamos a expressão “está discando, denwa”.

Os excertos assinalados retratam o uso dos segmentos da primeira etapa.

Ponto	Sujeito	
	Sujeito 1ª faixa- feminino	Sujeito 2ª faixa-feminino
BSB	<i>Telefona shiteru</i>	Está discando, denwa (OR)
BRAZ	RP	SR
NCB	<i>Denwa wo kakete</i> ¹³⁹ imassu	<i>Denwa wo shite</i>
TAG	<i>Denwa wo tsukatte</i> orimassu	<i>Telefona shite</i> orimassu
VGB	RP	<i>Denwa shiteru</i>

Quadro 5.25: *Denwa wo (kakeru, suru, tsukau)* – Telefona [suru]

¹³⁹ *Kakete imassu* (verbo *kakeru*: forma conectiva + *imassu*). *Imassu* – forma polida endereçada ao interlocutor (SUZUKI, 1995).

Os segmentos *denwa kakeru*, *denwa tsukau* e *denwa suru* em japonês têm, juntos, a frequência mais elevada – 40%. Chega a ser o dobro da frequência do item lexical em *telefona* [suru]. Os segmentos *denwa kakeru*, *denwa tsukau* e *denwa suru* correspondem, respectivamente, a “discar o telefone”, “usar o telefone” e “telefonar”.

A tabela abaixo mostra a frequência dos itens lexicais citados acima.

Tabela 5.25: *Denwa wo* [kakeru, suru, tsukau] – Telefona [suru]

Tema nº 25	Frequência absoluta	Frequência relativa
Denwa suru	2	20%
Denwa kakeru	1	10%
Denwa tsukau	1	10%
Telefona [suru]	2	20%
RP	2	20%
OR	1	10%
SR	1	10%
Total	10	100%

Verificamos, nos dados do gráfico apresentado a seguir, que os segmentos em japonês representam a maioria das respostas nos pontos pesquisados, uma vez que, juntos, têm frequência mais elevada, 40%, em comparação ao segmento em português, que obteve 20% de frequência.

Gráfico 5.25: *Denwa wo* [suru, kakeru, tsukau] – Telefona [suru]

Os segmentos linguísticos referentes a *telefona* [suru] foram proferidos por dois sujeitos, um de BSB (1ª faixa etária) e a outra de TAG (2ª faixa etária). No primeiro ponto, ocorreu a resposta “*telefona shiteru*”, que corresponde a “está telefonando” em português; e, no segundo, a resposta registrada foi “*telefona shite*”, que significa “telefona” em português. Nessas ocorrências, os sujeitos da pesquisa utilizaram o item lexical-chave em português *telefonar* para produzir o aspecto verbal e acrescentaram o segmento [suru].

Na segunda etapa, uma nipo-brasileira de BSB (2ª faixa etária) respondeu “está discando, denwa”. Ela utilizou “está discando” em português e, para completar a frase, inseriu o item lexical em japonês *denwa*, que significa *telefona* em português. Constatamos que o sujeito utilizou o modelo sintático da língua portuguesa, qual seja, [(S) +Verbo+Objeto], o que difere daquele utilizado na língua japonesa que é [(S)+Objeto+Verbo]. Essa situação indica que o sujeito inseriu o item lexical da língua nativa na estrutura da língua portuguesa.

Nawa (1988, p. 44) assevera que “a mudança de código é espontânea e ocorre dentro de um mesmo ato de fala”. Com base nisso, podemos afirmar que os sujeitos bilíngues desta pesquisa usam a alternância de código no seu dia-a-dia. Essa situação revela que os traços de bilinguismo existentes nessas comunidades põem em foco a mescla dos elementos da língua nativa com os da língua portuguesa num evento comunicativo.

Os excertos abaixo assinalam os registros dessas situações.

Excerto 5.24: *variedade nipo-brasileira* da figura-tema nº 25

Variedade Nipo-brasileira	Tradução
TELEFONA shiteru	Está telefonando
TELEFONA shite orimassu	Está telefonando
ESTÁ DISCANDO, denwa	Está discando, telefone

Assim, os sujeitos da pesquisa direcionam seu comportamento verbal atendendo às necessidades discursivas do momento da comunicação, contemplando, dessa forma, o item lexical que lhe é significativo e familiar. Os registros indicam que os itens lexicais em japonês também são utilizados. Os sujeitos nipo-brasileiros da pesquisa transitam entre esses códigos, os quais estão se materializando no uso.

Observamos na análise de dados que os mecanismos, seja o empréstimo lexical, seja a mudança de código, são recursos utilizados pelos sujeitos da pesquisa para preencher, possivelmente, a necessidade imediata para realização do discurso. Percebemos que os sujeitos da pesquisa responderam, conforme fazem uso em seu dia-a-dia com seus pares e, o fato de os sujeitos da pesquisa utilizarem esses mecanismos na entrevista, indica que, talvez, o

componente “we code” que Gumperz (1976) postula justifique essa situação, uma vez que os entrevistadores desta pesquisa são, também, membros deste grupo linguístico. Sendo assim, o fenômeno da interferência pode ser estudado focado nas seguintes situações: a função que ela desempenha como língua materna; e como meio de comunicação interétnica. Esse mecanismo de uso que revela a *variedade nipo-brasileira* representa uma identidade linguística e étnica.

Com base nessas considerações, inferimos que os dados dessa pesquisa, ainda que singular, demonstram uma parte da situação linguística das comunidades em estudo.

A análise das ocorrências das respostas dos 25 figuras-temas objetivou para a elaboração dos 41 cartogramas. Apresentamos a seguir no TOMO II o resultado destes dados em cartogramas linguísticos.

Para finalizar este capítulo, citamos Grosjean (1982, p. 332):

Thus, lexical borrowing and code-switching are not only a reflection of the linguistic needs of individual speakers, they also characterize bilingual communities and their sociolinguistic norms. Observers who study bilingual communities through monolingual eyes too often overlook the importance of such language norms¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Assim, empréstimos lexicais e mudança de código não são apenas um reflexo das necessidades linguísticas individuais dos falantes, eles (os fenômenos linguísticos) também caracterizam comunidades bilíngues e suas normas sociolinguísticas. Pesquisadores que estudam comunidades bilíngues através do olhar de monolíngue, muitas vezes, ignoram a importância de tais normas de linguagem (tradução nossa).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

(VERSÃO CORRIGIDA)

TOMO II
CARTOGRAMAS

SÃO PAULO
2013

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

**TOMO II
CARTOGRAMAS**

**Tese apresentada ao Departamento de Linguística
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo como
exigência para obtenção do título de Doutor em
Linguística.**

**Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral**

**Orientadora: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos
Santos**

(VERSÃO CORRIGIDA)

SÃO PAULO

2013

6. CARTOGRAMAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL

Cartograma – Localização de região da pesquisa	233
Cartogramas – Regiões Administrativas do Distrito Federal	234
Cartograma – Rede de pontos da pesquisa das comunidades nipo-brasileiras	235
Ficha de apoio à leitura dos cartogramas	236
Cartograma 6.1a: Cadeira – <i>Issu</i>	237
Cartograma 6.1b: <i>Naossu</i> - Conserta [suru]	238
Cartograma 6.2a: <i>Kussuri</i> – Remédio	239
Cartograma 6.2b: <i>Nomu</i> - <i>Nondoru</i> – <i>Ireyoru</i>	240
Cartograma 6.3a: Conta - <i>Kandyoo</i> – <i>Haraimono</i>	241
Cartograma 6.3b: <i>Harau</i> - <i>Haraimono suru</i> - <i>Harotte</i> – Pagar	242
Cartograma 6.3c: Restaurante - Conta – Caixa	243
Cartograma 6.4a: <i>Kagui</i> – Chave	244
Cartograma 6.4b: <i>Uti</i> e Casa	245
Cartograma 6.5a: Carro - <i>Didoosha</i> – <i>Kuruma</i>	246
Cartograma 6.5b: Semáforo - Sinal - Farol – <i>Shingoo</i>	247
Cartograma 6.6: <i>Benkyoo suru</i> – Exame	248
Cartograma 6.7a: <i>Hashiru</i> - <i>Hashittoru</i> - Corre [suru]	249
Cartograma 6.7b: <i>Ooen suru</i> - <i>Undookai</i> – <i>Ganbatte</i>	250
Cartograma 6.8a: <i>Soodi suru</i> - Limpeza [suru]	251
Cartograma 6.8b: <i>Hawaku</i> – <i>Haku</i>	252
Cartograma 6.9a: <i>Sentaku</i> (<i>suru</i>)	253
Cartograma 6.9b: Máquina – <i>Sentakki</i>	254
Cartograma 6.10: Sai [shiyoru] - <i>Dekakeru</i> – <i>Deru</i>	255
Cartograma 6.11: Janela – <i>Mado</i>	256
Cartograma 6.12: Janela - <i>Mado</i>	257
Cartograma 6.13a: <i>Taberu</i> – Comer	258
Cartograma 6.13b: <i>Niguiru</i> - <i>Tsukau</i> - <i>Motsu</i> – Segurar	259
Cartograma 6.14a: <i>Utsu</i> - Datilografa [suru]	260
Cartograma 6.14b: <i>Taipuraitaa</i> - <i>Trapraitai</i> / <i>Tapraitai</i>	261
Cartograma 6.15a: Cortar [shitoru] - <i>Kiru</i>	262
Cartograma 6.15b: <i>Hassami</i> – Tesoura	263
Cartograma 6.15c: <i>Shitoru</i> – <i>Kittoru</i>	264

Cartograma 6.16: <i>Amega furu</i>	265
Cartograma 6.17a: <i>Kassa</i> - Guarda-chuva	266
Cartograma 6.17b: <i>Sassu</i> - <i>Motsu</i> – <i>Kaburu</i>	267
Cartograma 6.19a: Ajuda [suru] – <i>Tetsudau</i>	268
Cartograma 6.19b: Mala – <i>Tranku</i>	269
Cartograma 6.20: Mala – <i>Tranku</i>	270
Cartograma 6.21a: Fábrica – Indústria	271
Cartograma 6.21b: Carro – <i>Kuruma</i> – <i>Didoosha</i>	272
Cartograma 6.22a: <i>Ryokoo suru</i> - Viaja [suru]	273
Cartograma 6.22b: Turismo [yaru] - Turismo [suru]	274
Cartograma 6.23: <i>Sanpo suru</i> – Passear	275
Cartograma 6.24: <i>Benkyoo suru</i> - Estuda [suru] - Aprende [suru]	276
Cartograma 6.25: <i>Denwa wo [kakeru, suru, tsukau]</i> - Telefona [suru]	277

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

LOCALIZAÇÃO GERAL

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

LOCALIZAÇÃO DAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO DISTRITO FEDERAL

DISTRITO FEDERAL

Nota: Devido estar em processo a definição da delimitação oficial interna à RA Park Way, utilizou-se o símbolo (---) para definir o perímetro poligonal aproximado das áreas de estudo NCB e VGB. (MARANGONI, 2013)

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

REDE DOS PONTOS DA PESQUISA

LEGENDA

- 1. BSB - BRASÍLIA
- 2. BRAZ - BRAZILÂNDIA
- 3. NCB - NÚCLEO BANDEIRANTE
- 4. TAG - TAGUATINGA
- 5. VGB - VARGEM BONITA (RA-PARK WAY)

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

FICHA DE APOIO À LEITURA DE CARTOGRAMAS

PORTUGUÊS

JAPONÊS (A)

JAPONÊS (B)

PORTUGUÊS / JAPONÊS (A)

PORTUGUÊS / JAPONÊS (B)

HOGEN (A)

HOGEN (B)

OR - OUTRA RESPOSTA

PI - PROBLEMA DE INTERPRETAÇÃO

RP - RESPOSTA EM PORTUGUÊS

SR - SEM RESPOSTA

1ª FAIXA ETÁRIA: NISSEI FEMININO

2ª FAIXA ETÁRIA: NISSEI FEMININO

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº1 “ CONSERTAR A CADEIRA / *ISSU WO NAOSSU* ”

CARTOGRAMA 1a: CADEIRA / *ISSU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº1 “ CONSERTAR A CADEIRA / ISSU WO NAOSSU ”

CARTOGRAMA 1b: NAOSSU / CONSERTA [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº2 “ TOMAR O REMÉDIO / *KUSSURI WO NOMU* ”

CARTOGRAMA 2a: REMÉDIO / *KUSSURI*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº2 “ TOMAR O REMÉDIO / *KUSSURI WO NOMU* ”

CARTOGRAMA 2b: *NOMU* / *NONDORU* / *IREYORU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº3 “ PAGAR A CONTA / KANDYOO WO HARAU ”

CARTOGRAMA 3a: CONTA / HARAIMONO / KANDYOO

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº3 “ PAGAR A CONTA / *KANDYOO WO HARAU* ”

CARTOGRAMA 3b: *HARAU* / *HARAIMONO SURU* / *HAROTTE* / PAGAR

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº3 “ PAGAR A CONTA / *KANDYOO WO HARAU* ”

CARTOGRAMA 3c: RESTAURANTE / CAIXA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº4 “ESQUECER A CHAVE / KAGUI WO WASSURERU”

CARTOGRAMA 4a: CHAVE / KAGUI

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº4 “ESQUECER A CHAVE / KAGUI WO WASSURERU”

CARTOGRAMA 4b: *UTI / CASA*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº5 “ PARAR O CARRO - SEMÁFORO / *DIDOOSHA (KURUMA) WO TOMERU - SHINGOO* ”

CARTOGRAMA 5a: *KURUMA / DIDOOSHA / CARRO*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº5 “ PARAR O CARRO - SEMÁFORO / *DIDOOSHA (KURUMA) WO TOMERU - SHINGOO* ”
 CARTOGRAMA 5b: SEMÁFORO / SINAL / FAROL / *SHINGOO*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº6 “ ESTUDAR / *BENKYOO SURU* ”

CARTOGRAMA 6: *BENKYOO SURU* / EXAME

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº7 “ CORRER - TORCER / *HASHIRU* - *OOEN SURU* ”

CARTOGRAMA 7a: *HASHIRU* / *HASHITTORU* / *CORRE* [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº7 “ CORRER - TORCER / *HASHIRU* - *OOEN SURU* ”

CARTOGRAMA 7b: *OOEN SURU* / *UNDOOKAI* / *GANBATTE*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº8 “ LIMPAR (FAZER LIMPEZA) - VARRER / *SOODI SURU* - *HAKU* ”
 CARTOGRAMA 8a: *SOODI SURU* / LIMPEZA [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº8 “ LIMPAR (FAZER LIMPEZA) - VARRER / *SOODI SURU-HAKU* ”
 CARTOGRAMA 8b: *HAWAKU / HAKU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº9 “ LAVAR A ROUPA / *SENTAKU SURU* ”

CARTOGRAMA 9a: *SENTAKU SURU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº9 “LAVAR A ROUPA / *SENTAKU SURU*”

CARTOGRAMA 9b: MÁQUINA / *SENTAKKI*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº10 “SAIR - DESPEDIR-SE / DERU - DEKAKERU”

CARTOGRAMA 10: DEKAKERU / DERU / SAI [SHIYORU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº11 “FECHAR A JANELA / *MADO WO SHIMERU*”

CARTOGRAMA 11: *MADO* / JANELA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº12 “ ABRIR A JANELA / *MADO WO AKERU* ”

CARTOGRAMA 12: *MADO* / JANELA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº13 “USAR *HASHI* - COMER / *HASHI WO TSUKAU* - *TABERU*”
 CARTOGRAMA 13a: *TABERU* / COMER

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº13 “USAR *HASHI* - COMER / *HASHI WO TSUKAU* - TABERU”
 CARTOGRAMA 13b: *NIGUIRU* / *TSUKAU* / *MOTSU* / *SEGURAR*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº14 “ DATILOGRAFA / TAIPURAITAA WO UTSU ”

CARTOGRAMA 14a: UTSU / DATILOGRAFA [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº14 “ DATILOGRAFAIR / TAIPURAITAA WO UTSU ”

CARTOGRAMA 14b: TRAPRAITA / TAPRAITA / TAIPURAITAA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº15 “ CORTAR O PAPEL - TESOURA / *KAMI WO KIRU* - *HASSAMI* ”
 CARTOGRAMA 15a: *KIRU* / CORTA [SHITORU] / *KITTORU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº15 “ CORTAR O PAPEL - USAR A TESOURA / *KAMI WO KIRU - HASSAMI O TSUKAU* ”

CARTOGRAMA 15b: *HASSAMI* / TESOURA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº15 “ CORTAR O PAPEL - USAR A TESOURA / *KAMI WO KIRU - HASSAMI O TSUKAU* ”

CARTOGRAMA 15c: *KAMI* / PAPEL

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº16 “CHOVER / AME GA (FURU)”

CARTOGRAMA 16: AME (FURU)

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº17 “ USAR O GUARDA-CHUVA / *KASSA WO SASSU* ”

CARTOGRAMA 17a: *KASSA* / GUARDA-CHUVA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº17 “ USAR O GUARDA-CHUVA / *KASSA WO SASSU* ”

CARTOGRAMA 17b: *SASSU* / *MOTSU* / *KABURU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº19 “ AJUDAR - MALA / *TETSUDAU* - *SUUTSU KEESSU* / *TORANKU* ”

CARTOGRAMA 19a: AJUDA [SURU] / *TETSUDAU* / *TASSUKERU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº19 “ AJUDAR - MALA / *TETSUDAU - SUUTSU KEESSU / TORANKU* ”

CARTOGRAMA 19b: MALA / *TRANKU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº20 “ AJUDAR - MALA PESADA / *OMOI SUUTSU KEESSU* / *TORANKU* ”

CARTOGRAMA 20: MALA / *TRANKU*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº21 “ MOSTRAR A FÁBRICA - INDÚSTRIA DE CARRO / *DIDOOSHA (KURUMA) - KOODYOO WO MISSEU* ”
 CARTOGRAMA 21a: FÁBRICA / INDÚSTRIA

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL
 TEMA Nº21 “ MOSTRAR A FÁBRICA - INDÚSTRIA DE CARRO / *DIDOOSHA (KURUMA)* - *KOODYOO WO MISSEU* ”
 CARTOGRAMA 21b: CARRO / *KURUMA* / *DIDOOSHA*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº22 “ VIAJAR / *RYOKOO WO SURU* ”

CARTOGRAMA 22a: *RYOKOO SURU* / VIAJA [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº22 “ VIAJAR / *RYOKOO WO SURU* ”

CARTOGRAMA 22b: TURISMO [YARU] / TURISMO [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº23 “PASSEAR COM O CACHORRO / INU TO SANPO / SANPO SURU ”

CARTOGRAMA 23: *SANPO (SURU) /PASSEIA [SURU]*

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº24 “ APRENDER - ESTUDAR / *NARAU* - *BENKYOO SURU* ”

CARTOGRAMA 24: *BENKYOO SURU* / ESTUDA [SURU] / APRENDE [SURU]

ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL

TEMA Nº25 “ TELEFONAR / *DENWA WO KAKERU - SURU* ”

CARTOGRAMA 25: TELEFONA [SURU] / *DENWA (SURU / KAKERU / TSUKAU)*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

(VERSÃO CORRIGIDA)

TOMO III

SÃO PAULO
2013

YUKO TAKANO

**ESBOÇO DO ATLAS DO FALAR DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO
FEDERAL: ASPECTO SEMÂNTICO-LEXICAL**

TOMO III

**Tese apresentada ao Departamento de Linguística
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo como
exigência para obtenção do título de Doutor em
Linguística.**

**Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral**

**Orientadora: Profa. Dra. Irenilde Pereira dos
Santos**

(VERSÃO CORRIGIDA)

SÃO PAULO

2013

7 CONCLUSÃO	281
REFERÊNCIAS	298
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	308

APÊNDICES

Os apêndices listados abaixo encontram-se no CD-ROM à tese.

Apêndice A: conjunto dos cartogramas do *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*

Apêndice B: Banco de dados da pesquisa

ANEXOS

Anexo A: Ficha do sujeito de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

Anexo B: Questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

Anexo C: Tems das figuras do QSLV – Questionário semântico-lexical visual

7. CONCLUSÃO

Ao longo desta tese, buscamos mostrar a importância de se analisar o comportamento linguístico à luz do seu significado social. Verificamos que, no repertório bilíngue aqui documentado encontra-se a fala gerada no percurso da imigração japonesa no Brasil, em que a língua de origem ganha novos traços linguísticos, os quais indicam que os elementos da língua hospedeira alinham-se para compor a fala. Pode-se dizer, então, que os dois códigos - a língua portuguesa do Brasil e a língua japonesa/variedade *hogen* - coexistem no repertório dos falantes nipo-brasileiras da pesquisa. Dessa integração surge a *variedade nipo-brasileira*, objeto do nosso trabalho. Essa fala é, portanto, um retrato linguístico de uma comunidade étnica que apresenta seu próprio código e se adequa a uma dada realidade espaço-temporal.

Para mostrar o percurso da *variedade nipo-brasileira* falada pelos nipo-brasileiros de Brasília, entre os quais se incluem os sujeitos da nossa pesquisa, apontamos no primeiro capítulo – Introdutório – as considerações iniciais, a justificativa, os objetivos, o problema e as hipóteses referentes ao objeto do nosso estudo.

No segundo capítulo – Os japoneses no Brasil –, começamos por apresentar a presença japonesa no Planalto Central. Destacamos que, desde a criação da nova capital do País, as comunidades de nipo-brasileiros contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico-cultural do Centro-Oeste e, ainda, participaram, consideravelmente, para delinear a história da construção da capital do País. A história dos fluxos populacionais para essa região atesta que, além de receber muitos habitantes de outras regiões do Brasil, abrigou também outras etnias, incluindo os imigrantes japoneses oriundos de várias regiões do Japão. Essa confluência sociocultural da região contribuiu, em parte, para a caracterização da fala. A rede de pontos que constitui esta pesquisa são cinco comunidades do Distrito Federal, que pertencem às seguintes Regiões Administrativas: Brasília (RA-I); Brazlândia (RA-IV); Núcleo Bandeirante (RA-VIII); Taguatinga (RA-III) e Vargem Bonita que pertence a Park Way (RA-XXIV). Os primeiros (i)migrantes chegaram na Capital Federal nos anos de 1957, a maioria para a formação do Cinturão Verde de Brasília. O fato de alguns (i)migrantes terem experiência na prática da produção agrícola contribuiu para o desenvolvimento da região. Justifica-se, portanto, a mudança dos (i)migrantes para a zona rural, dedicando-se, predominantemente, ao desenvolvimento de atividades agrícolas. Os (i)migrantes e seus descendentes que se instalaram nestas comunidades ocuparam-se também de várias outras

atividades, entre elas: profissionais liberais, funcionários públicos, comerciantes, profissionais da educação, profissionais da saúde.

A seguir, no terceiro capítulo – Sociolinguística e Dialetoлогия/Geolinguística –, examinamos, inicialmente, o bilinguismo, para elucidar essa situação no nosso objeto em pauta, considerando a orientação teórica de Ferguson (1974) e Fishman (1972). Essa situação bilíngue deriva-se do contato de duas línguas: de um lado a língua portuguesa e de outro a língua japonesa/variedade *hogen*. Averiguamos nas respostas que tanto o empréstimo lexical quanto a mudança de código estão presentes e que esses fenômenos fazem parte da prática comunicativa dos sujeitos desta pesquisa. Referenciamos os estudos de Dialetoлогия/Geolinguística, visto que nossa fundamentação metodológica está baseada nesses estudos. Também elucidamos, brevemente, o percurso histórico dessa área de conhecimento, principalmente, no que se refere aos estudos dialetológicos no Japão. Essa consideração foi importante para nossas reflexões, uma vez que as variedades *hogen* ainda permanecem no uso dos sujeitos da pesquisa. Essas áreas de conhecimento nos proporcionou observar o objeto com vários olhares, pois as referências acima elucidadas colaboraram para a configuração da *variedade nipo-brasileira*.

Nesses termos, destacamos que, na prática linguístico-sociocultural do grupo de nipo-brasileiras da pesquisa, existe um sentimento de “filiação”. Isso ocorre justamente porque esses sujeitos pertencem a um grupo social determinado e se expressam no código desse grupo, simbolizando dessa forma a prática etnolinguística. O comportamento linguístico intragrupal é balizado pelo sentimento comunitário, conforme o postulado de Gumperz e Blom (1998, p.33), uma vez que a *variedade nipo-brasileira* possui um componente referencial que identifica o “eu” com o “outro”. Essa realidade fornece elementos para a construção da identidade étnica desse grupo linguístico e, no uso, revela sentimento de pertencimento a um grupo social que detém o saber linguístico de dois códigos que se revestem de elementos culturais, mostrando, dessa forma, a complexidade e a versatilidade da língua(gem).

Tais considerações apontaram que, no repertório linguístico das nipo-brasileiras da pesquisa, esses elementos se materializam em consonância com o contexto linguístico no qual estão inseridos. Mostramos, então, que os fatores sócio-histórico-culturais relacionados a esse grupo exercem influência na configuração das características linguísticas e não linguísticas das comunidades estudadas.

Observamos que a fala também se transforma, seguindo o percurso natural da língua em movimento e sustentado pela história linguística do falante. Dessa forma, asseveramos a

necessidade de se registrar esse uso antes que desapareça. Um registro dessa natureza, além de retratar a fala do ponto de vista sincrônico, resgata a memória linguística oral de um grupo linguístico no tempo e no espaço.

No quarto capítulo – Método e procedimentos –, destinamos uma parte significativa à descrição da aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística para constituição do nosso *corpus*. Segundo a orientação da Geolinguística, utilizamos um questionário que foi aplicado a um grupo de sujeitos, selecionados de acordo com determinadas variáveis. Estabelecemos também uma rede de pontos, ou seja, foram selecionadas as localidades da região da pesquisa, também de acordo com determinados critérios. Os registros dos dados da pesquisa foram apresentados em cartogramas, conforme os preceitos consagrados pela Geolinguística. O conjunto desses cartogramas constitui-se no *Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-Brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical*.

A produção de atlas foi inspirada nesta consideração de Coseriu (1982, p. 93) “um valioso inventário de formas”. Elaboramos o questionário semântico-lexical visual, pois, por meio desse instrumento, constituem-se os dados para a análise semântico-lexical e o exame das variações. Concordamos com os pesquisadores de Geolinguística/Dialetologia quando afirmam ser necessário padronizar esse instrumento, pois a padronização possibilita a elaboração de um estudo comparativo das variações de uma dada região com outra(s) região(ões) e, ainda, fornecem subsídios para que possamos, no futuro, cotejar os resultados obtidos com outras pesquisas.

Para este estudo, elaboramos um questionário semântico-lexical visual (QSLV), com figuras extraídas do material didático para o ensino de língua japonesa. O questionário semântico-lexical visual utilizado é composto de 219 figuras de expressão retiradas do material suplementar de *Shin Nihongo no Kiso* e *Minna no Nihongo*¹⁴¹. São materiais, geralmente, elaborados pelos pesquisadores dos institutos de pesquisa promovidos pela Fundação Japão¹⁴² (*The Japanese – Language Institute, Urawa; The Japanese Language Institute, Kansai*)¹⁴³.

¹⁴¹ Shin Nihongo no Kiso, “Nova abordagem de ensino da língua japonesa”. Fundação Japão: Bondinsha, 1995.

Minna no Nihongo, “Língua japonesa para todos”. Fundação Japão: Bondinsha, 2001.

¹⁴² A Fundação Japão é um órgão vinculado ao Ministério de Relações Exteriores do Japão que objetiva divulgar a cultura japonesa e promover a interação com outros países, desenvolvendo o intercâmbio e irradiando a cultura japonesa através do ensino de língua japonesa. A Fundação Japão foi instituída em 1972.

¹⁴³ The Japanese – Language Institute, Urawa, localiza-se em Saitama City, Saitama Prefecture, os cursos de curta e longa duração para professores (senior e junior) de língua japonesa do mundo realizam-se neste local. Além disso, promove instância de pesquisa para pós-graduação em nível de especialização, mestrado e

Quanto à seleção dos sujeitos, buscamos pessoas que morassem na região há, pelo menos, metade de suas vidas. Optamos pelo gênero feminino 2ª geração (nissei) bilíngues e duas faixas etárias: I (51 a 65 anos) e II (66 em diante), no total de dez sujeitos da pesquisa.

Em se tratando do uso das línguas desta pesquisa, classificamos as nipo-brasileiras da pesquisa pelas respostas analisadas em: aquelas que normalmente usam a língua nativa, salvo algumas situações em que recorrem à outra língua (língua portuguesa); outras que transitam nos dois códigos frequentemente e, no uso, revelam o encontro das línguas/variedades; e aquelas em que o uso da outra língua (português) é predominante.

No quinto capítulo – Análise dos dados –, fizemos a análise do *corpus*. Nas comunidades estudadas, encontramos três tipos de falares a que Grosjean (1982) se refere como “modelos do falar”. Tomamos como referência essa perspectiva para elucidar os fatos linguísticos encontrados nesta pesquisa: a) língua portuguesa; b) língua nativa: variedade *oficial* e/ou variedade *hogen*; e c) *variedade nipo-brasileira* (nesse caso, os elementos da língua portuguesa são transferidos para a língua nativa). O uso de uma língua/variedade é balizado pelo contexto linguístico, principalmente, no caso do nosso objeto de estudo.

A análise dos dados, cujos resultados apresentamos a seguir, contemplou dois pontos de vista: um que privilegiava o aspecto qualitativo e outro que enfocava o aspecto quantitativo.

Para a análise de cunho qualitativo, recorremos a Grosjean (1982), Thomason e Kaufman (1991) e Gumperz (1998). A fim de atender à especificidade de nosso estudo, ampliamos e adequamos os postulados desses teóricos. Utilizamos o termo “ocorrência” para elucidar as situações de uso que arrolamos a seguir:

- i. Ocorrência de lacuna lexical: no momento discursivo, as nipo-brasileiras da pesquisa recorreram ao item lexical da outra língua para manter a comunicação. Como exemplo, citamos o excerto assinalado em: *Cadeira wo naoshiteru*. (figura-tema nº 1).
- ii. Ocorrência verbal: as nipo-brasileiras da pesquisa utilizaram o item lexical em português e inserem [suru] e [yaru], construindo, dessa forma, o segmento verbal. Essa ocorrência pode ser observada no excerto assinalado em: *Viaja shite, turismo yatteru*. (Figura-tema nº 22).
- iii. Ocorrência de item lexical-chave: as nipo-brasileiras da pesquisa empregaram itens lexicais da outra língua, tornando a comunicação ininteligível para os monolíngues da

língua japonesa. O exemplo abaixo demonstra esta situação: *Carro wo fabrica shiyoru*. (Figura-tema nº 21)

- iv. Ocorrência semântico-lexical: ocorre com os itens lexicais, frases e expressões que têm valor semântico, ou seja, têm mais sentido se forem usados na outra língua. Neste caso, as nipo-brasileiras da pesquisa tenderam a recorrer à língua portuguesa. Isso pode ser observado no seguinte exemplo: *Mala omoi*. (Figura-tema nº 20).
- v. Ocorrência não usual do item lexical: refere-se ao contexto em que as nipo-brasileiras da pesquisa não utilizaram um dado item lexical com muita frequência ou não o adquiriram na língua de origem, tendo, então, recorrido à outra língua. Como exemplo, destacamos o excerto assinalado: *Indústria de carro wo missete orimassu*. (Figura-tema nº 21).
- vi. Ocorrência “valor familiar/significativo”: isso se observa em situações em que as nipo-brasileiras da pesquisa utilizaram os itens lexicais em que se sentiam mais à vontade para expressar em outra língua. Citamos como exemplo: *Restaurante de conta wo harrateru*. (Figura-tema nº 3)
- vii. Ocorrência de (a)culturação: isso se deu quando o processo de aculturação se manifestou, dito em outras palavras, ficou perceptível a integração do aspecto cultural da língua portuguesa ao falar das nipo-brasileiras da pesquisa. Portanto, podemos dizer que está em uma situação de aculturação e/ou no estado de biculturalismo. Esse processo pode ser observado no excerto assinalado: *Casal ga despedindo*. (Figura-tema nº 10)
- viii. Ocorrência de filiação: quando as nipo-brasileiras da pesquisa mostraram familiaridade com seu interlocutor e recorreram à mudança de código ou ao empréstimo lexical. Isso só foi possível, porque o interlocutor também compartilhava o mesmo código. Esse uso é, normalmente, realizado no domínio familiar e/ou comunidade. Isso pode ser observado em situações de mudança de código, quando as nipo-brasileiras alternam o código para responder às figuras/temas.
- ix. Ocorrência dupla: trata-se de uma situação em que os sujeitos da pesquisa utilizaram-se da “tradução” para se referir à “mesma coisa”, ou seja, algo foi dito nas duas línguas, como uma forma de enfatizar a situação. Isso pode ser observado nos itens assinalados: *Moo outra coisa dakara/nanka yutteru, falando alguma {...}*. (Figura-tema nº 18).
- x. Ocorrência de interação: refere-se à interação discursiva, ou seja, os sujeitos da pesquisa recorreram à outra língua para manter o evento comunicativo. Isso ocorreu

quando os sujeitos optaram por discorrer sobre um assunto (tópico) na outra língua. Isso pode ser observado nesse excerto assinalado: *É fábrica, shatyoosan ga {...} dibun no funcionário ni {...} explicando algo sobre a montagem de carro.* (Figura-tema nº 21)

- xi. Ocorrência de situação: teve lugar quando o sujeito da pesquisa em situação de estresse, de fadiga, de dúvida, entre outras, recorreu à outra língua. Como exemplo, citamos o excerto assinalado: *Kami wo kirun djanai, esse aqui não é tesoura? Kami wo kiru, neh* (Figura-tema nº 15)
- xii. Ocorrência da variação diatópica: refere-se às variações regionais do Brasil, pois os sujeitos da pesquisa são oriundos de várias localidades brasileiras. Isso colabora, também, para a configuração da *variedade nipo-brasileira*. O exemplo dessa ocorrência pode ser visto no excerto seguinte: *Farol ni materru.* (Figura-tema nº 5).
- xiii. Ocorrência fonética/fonológica: isso ocorre quando o item lexical da língua nativa sofre adaptação ao segmento fonético/fonológico da língua em contato. Essa situação foi verificada no excerto assinalado a seguir: *Tapraitu wo utteru.* (Figura-tema nº 14)

Os itens arrolados acima, mostrados ao longo da análise dos dados, apontam que a língua portuguesa está no dia-a-dia das nipo-brasileiras desta pesquisa. Os fatores culturais, linguísticos e étnicos que outrora predominavam nos lares e nas comunidades são revisitados com um novo olhar, moldando, dessa forma, a *variedade nipo-brasileira*. Observamos que não existe nas comunidades observadas a diglossia de Fishman (1971) discutida no capítulo II. Essa teoria refere-se ao arranjo consensual, ou seja, entre os falantes bilíngues existe um acordo de uso das línguas. Percebemos que a língua nativa não é mantida pelo acordo consensual, mas, no uso, revela que existe, talvez, um acordo de filiação que faz com que a língua seja preservada, favorecendo a situação bilíngue. Nessa perspectiva, listamos os itens abaixo que se reportam ao uso da língua nativa.

- a. Presença de manutenção: as nipo-brasileiras da pesquisa conservam itens lexicais da língua de origem. Essa ocorrência pode ser observada no excerto a seguir: *Sanpo shiteru.* (Figura-tema nº 23).
- b. Presença de manutenção ao longo do tempo: as nipo-brasileiras da pesquisa utilizam itens lexicais que não foram afetados pelo tempo, ou seja, existem itens lexicais que ainda permanecem em seu falar. Como exemplo, citamos esse excerto assinalado. *Kassa kabutteru.* (Figura-tema nº 17).

- c. Presença cultural (costumes e hábitos): as nipo-brasileiras da pesquisa tendem a manter, na língua de origem, os itens lexicais que apresentam componente cultural. O exemplo a seguir demonstra este caso: *Ooen shiteru, Undookai*. (Figura-tema nº 7)
- d. Presença de segmento estrutural da língua de origem: os encontros das línguas ocorrem, mas um dado segmento, na maioria das vezes, permanece na língua nativa, mantendo, dessa forma, a estrutura frasal da língua de origem. Entretanto, os itens lexicais-chave, muitas vezes, são da língua portuguesa. Isso pode ser visto nos itens assinalados a seguir: *Casal ga despedindo*. (Figura-tema nº 10).
- e. Presença de variações: referimos às variações de uso, isto é, da variedade *hogen* e das variações que indicam certo grau de formalidade ou de cordialidade. Os excertos assinalados indicam esses usos.

Hogen	Harotte imassu. (Figura-tema nº 3)
Falar cordial/formal	Máquina de (o)ssentaku shitemassu (Figura-tema nº 9)
Falar cordial/formal	Indústria de carro wo missete <i>orimassu</i> . (Figura-tema nº 21)

- f. Presença de deslocamento: alguns itens lexicais fazem parte do vocabulário passivo, uma vez que são usados esporadicamente. Incluímos também a variedade *hogen* nesse quesito. Dentre os itens lexicais analisados, destacamos os seguintes itens que podem ser considerados como pertencentes ao vocabulário passivo, nesta pesquisa: *suutsukeessu; koodyoo; taipuraitaa; kankoo; ryokoosha; tsuurissuto*.

Os resultados discutidos na análise de dados compõem a descrição da *variedade nipo-brasileira* do ponto de vista semântico-lexical. Os itens apresentados nesta conclusão demonstram o uso dos dois sistemas lexicais, em que cada um assume seu papel no momento discursivo, indicando que essa variedade apresenta características próprias. Ao lado da manutenção de alguns componentes na língua nativa, observa-se que a incorporação dos itens lexicais em português modifica a configuração dos dois códigos linguísticos. Isso só é possível, porque existem, no repertório linguístico das nipo-brasileiras da pesquisa, essas duas línguas que se alternam e se completam, conforme a necessidade do falante.

À medida que analisamos as respostas, notamos que a mudança de código é um mecanismo muito utilizado pelos sujeitos da pesquisa, indicando que essa estratégia comunicativa serve de apoio para dar continuidade ao evento comunicativo. Em determinados tópicos (assunto/tema/expressão), os sujeitos da pesquisa parecem ter mais facilidade para

usar a língua portuguesa do que a língua nativa. E, assim, as nipo-brasileiras da pesquisa vão alternando os códigos, ora em japonês, ora em português, para atender às necessidades sociais e/ou linguísticas.

Após essas considerações, podemos concluir que respondemos à pergunta da pesquisa levantada na Introdução: *É possível elaborar um esboço de atlas da variedade nipo-brasileira do Distrito Federal do ponto de vista semântico-lexical?*

Com base na pergunta de pesquisa destacamos as hipóteses abaixo descritas, com suas respectivas considerações:

1. A *variedade nipo-brasileira*, do ponto de vista semântico-lexical, que caracteriza o falar nipo-brasileiro do Distrito Federal, constitui uma prática que resulta da interação entre o homem, meio e a linguagem?

Ao analisar os itens lexicais que surgiram no decorrer deste estudo averiguamos o quanto esses três segmentos (homem, meio e a linguagem) estão intimamente interligados. Thomason e Kaufman (1991) defendem que os condicionantes sociais, muitas vezes, determinam a situação linguística de um grupo social. Isso ocorre, devido aos fatores culturais, sociais, históricas, entre outras que acabam direcionando a fala. No nosso caso, os dados comprovam que os sujeitos da pesquisa da comunidade de BRAZ, considerada não urbana, tiveram menor uso dos itens lexicais em português. Essa situação demonstra a importância do segmento “espaço geográfico” para análise desta natureza. Pelo fato desta comunidade apresentar uma característica relativamente “isolada” pode ter contribuído para esta configuração.

2. A *variedade nipo-brasileira* é uma fala surgida na história da imigração japonesa, que, de certa forma, apresenta os traços linguísticos mantidos pelo grupo linguístico que dá continuidade à herança linguística recebida de seus antecessores?

No capítulo IV – Análise de dados –, observamos várias situações que demonstram a realização dessa variedade, cujos traços linguísticos de origem, são mantidos no uso dos sujeitos da pesquisa, entre esses traços incluímos a variedade *hogen*. Presenciamos situações ímpares nas respostas obtidas, entre elas o uso das duas variedades, ou seja, de um lado o *hogen* e por outro a *variedade nipo-brasileira* que se conjugam no mesmo enunciado. Essa configuração peculiar indica que as nipo-brasileiras da pesquisa mesmo usando os itens lexicais da outra língua, mantêm ligado aos traços linguísticos nativos. Como exemplo, citamos o exerto seguinte: Fabrica *shiyoru*. (Figura-tema nº 3).

3. A *variedade nipo-brasileira* retrata uma situação linguística de mudança em curso, então o léxico dos falantes desta variante pode evidenciar marcas do bilinguismo em virtude de

influência dos dois sistemas de língua(gem) de um lado a língua japonesa e por outro a língua portuguesa?

Para responder e concluir as considerações de cunho qualitativo, assinalamos que o nosso objeto de estudo registrou a variação de uso da língua nativa em curso, portanto trata-se de um fenômeno que envolve uma mudança linguística em que se evidenciam, no uso, os traços do encontro de duas línguas, conforme observados na análise de dados. O contato linguístico produz os mecanismos da mudança de código e do empréstimo lexical, cujos fenômenos fazem parte da vida cotidiana das nipo-brasileiras da pesquisa. As línguas se alternam em consonância com o contexto comunicativo e, muitas vezes, em determinadas situações linguísticas a fala é realizada em outra língua (portuguesa), porque nela se agregam os valores culturais, semânticos e sociais. Como exemplo, mencionamos o excerto que retrata o uso desses mecanismos: empréstimo lexical – “cadeira wo naoshiteru” (figura-tema nº 01); e mudança de código – “Sensee ga começando pelo a; i; u; e; o” (figura-Tema nº 24).

Para justificar a situação linguística das comunidades estudadas, recorremos aos teóricos Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124), cujo postulado segue abaixo:

[...] uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico à comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social – simbolizando os valores sociais associados àquele grupo.

A análise de cunho quantitativo que, como o nome indica, reporta-se ao tratamento quantitativo dos dados foi feita em quatro etapas.

Na etapa inicial, utilizamos duas tabelas para ilustrar a situação dos itens lexicais da língua portuguesa. Na primeira tabela, tratamos dos itens lexicais (português e japonês) em termos de frequência relativa/absoluta e enfocamos o diálogo entre o uso e a norma. Quando nos referimos à norma, estamos em consonância com o pressuposto de Grosjean (1982) que considera uma situação de norma, quando existe certo grau de padrão de comportamento linguístico entre os falantes. Com base nessa aceção, inferimos que a frequência elevada de ocorrências de determinada situação linguística indica a possibilidade de padronização/norma de uso.

Na segunda tabela, tratamos dos itens lexicais em português que foram pontuados nas respostas, porém sem a conotação da situação anterior. Inserimos essas ocorrências, mesmo

que constituíssem um único registro, porque o uso evidencia que os itens lexicais em português estão presentes no falar das nipo-brasileiras desta pesquisa, o que, em parte, caracteriza a situação da *variedade nipo-brasileira*.

A tabela número 7.1a demonstra os itens lexicais em português que apresentam alta frequência quando comparados aos itens lexicais em japonês.

Tabela nº 7.1a: Ocorrência elevada do item lexical em português em comparação com o item lexical em japonês

Figura/tema	Item lexical em português	Frequência absoluta
20	Mala	8
1	Cadeira	5
4	Chave	5
5a	Semáforo	2
5b	Sinal	2
19	Mala	2
21a	Fábrica	2
21b	Indústria	2
22	Turista	2

Tabela nº 7.1b: Ocorrência menor do item lexical em japonês em comparação ao item lexical em português (tabela nº 7.1a)

Figura/tema	Item lexical em japonês	Frequência absoluta
20	0	0
1	Issu	1
4	Kagui	4
5	Shingoo	1
19	0	0
21a	0	0
21b	0	0
22	0	0

Os dados das respostas dos 25 figuras-temas apontam que 9 itens lexicais em português obtiveram o uso mais elevado do que a língua japonesa. Isso pode ser visto na tabela número 7.1a que ilustra os dados do item em português e logo abaixo a tabela número 7.1b que corresponde aos itens lexicais em japonês, o número “0” da tabela 7.1b corresponde

a “não ocorrência” do item lexical correspondente em japonês. Esses números demonstram que esses itens lexicais em japonês, provavelmente, podem estar em situação de “deslocamento”, pelo menos para esses sujeitos da pesquisa.

A tabela a seguir apresentada demonstra a ocorrência do uso dos itens lexicais em português das respostas analisadas.

Tabela nº 7.2: Ocorrência de outros itens lexicais em português

Figura/tema	Item lexical em português	Frequência absoluta
12	Janela	3
17	Guarda-chuva	3
19	Ajuda [suru]	3
3a	Restaurante	2
11	Janela	2
21	Carro	2
25	Telefona [suru]	2
3b	Conta	2
1	Conserta [suru]	1
2	Remédio	1
3b	Pagando	1
3d	Caixa	1
4	Casa	1
5a	Carro	1
5b	Farol	1
6	Exame	1
7	Correr [suru]	1
8a	Limpeza [suru]	1
8b	Lixo	1
9	Máquina	1
10a	Casal	1
10b	Sair [shiyoru]	1
10c	Despedindo	1
13a	Comer	1
13b	Segurando	1
14	Datilografa [suru]	1
15a	Corta [shitoru]	1
	Cortando	1
15b	Tesoura	1
15c	Papel	1
19b	Marido	1
19c	Viagem	1
21a	Fabrica [shiyoru]	1
21b	Funcionário	1
22a	Viaja [suru]	1

22b	Turismo [suru]	1
22c	Turismo [yaru]	1
22d	Paisagem	1
23a	Passear	1
23b	Praça	1
24	Estuda [suru]	1
24b	Aprende [suru]	1
24c	Sala de aula	1
24d	Começando	1

Esses índices numéricos confirmam que as nipo-brasileiras da pesquisa recorrem à língua portuguesa na comunicação diária, visto que, das respostas analisadas das 25 figuras, temos a ocorrência de 42 itens lexicais em português que são utilizados em 56 situações. Esses dados asseveram que, no contato de línguas, a heterogeneidade de uso se faz presente em muitas situações, direcionando a língua de origem para uma mudança significativa. Apesar dessa heterogeneidade, existe um padrão de comportamento linguístico que se rege em consonância com os dois códigos. Pode até acontecer de não haver adequação no tocante às regras de uso, mas, na interação, o que se verifica é uma acomodação que dá continuidade ao momento discursivo.

Na tabela número 7.2, constata que os sujeitos nipo-brasileiros desta pesquisa utilizam os itens lexicais da outra língua, a ocorrência é única, porém significativa em estudos dessa natureza, pois a *variedade nipo-brasileira* se realiza por meio dessas situações de uso.

Assim, o contato de línguas promove essa situação ao incorporar o item lexical de outra língua ao seu código nativo. E, quanto mais intenso for o uso, acaba por transformar-se em hábito, ou seja, cria um padrão de comportamento que pode direcionar para o surgimento de uma norma. Para o teórico Selinker (1972), o uso frequente do fenômeno torna-se uma “rotina linguística”; assim, o contato prolongado pode resultar em “fossilização” da situação linguística. Consoante o argumento de Selinker (apud GROSJEAN, 1982, p. 295),

*[...] that a fossilized interlanguage can become recognized language variety of a group of people [...] interlingual situation, but also in whole groups of individuals, resulting in the emergence of a new dialect [...]*¹⁴⁴.

Na segunda etapa, discutimos a situação de uso, sob a perspectiva geográfica.

¹⁴⁴ [...] que uma interlíngua fossilizada pode se tornar uma variedade de língua reconhecida por um grupo de pessoas[...] situação de interlíngua, mas também em um grupo completo de indivíduos, resultando na emergência de um novo dialeto[...]

Tabela nº 7.3: Ocorrência do item lexical em português – Pontos da pesquisa

Ponto da Pesquisa	Frequência absoluta
TAG	23
BSB	22
VGB	15
NCB	10
BRAZ	6

A tabela acima mostra que o ponto com menor frequência foi a comunidade considerada não urbana – Brazlândia – que obteve apenas 6 registros no universo das respostas das 25 figuras apresentadas. Já no caso da região urbana, o ponto que obteve maior frequência foi a comunidade de Taguatinga, com 23 ocorrências. Muito provavelmente, o ambiente considerado não urbano de Brazlândia tenha contribuído para que os sujeitos nipo-brasileiros se mantivessem distantes das interações com muitos falantes de língua portuguesa, diferentemente dos sujeitos nipo-brasileiros de Taguatinga e Brasília que teriam necessidade de um contato estreito com falantes lusófonos.

No nosso caso, os dados comprovam que os sujeitos da pesquisa da comunidade de BRAZ, considerada não urbana, tiveram menor uso dos itens lexicais em português. Essa situação demonstra a importância do segmento “espaço geográfico” para análise desta natureza. Pelo fato desta comunidade apresentar uma característica relativamente “isolada” pode ter contribuído para esta configuração.

Na terceira etapa, enfocamos a variável faixa etária. Para tanto, utilizamos a tabela abaixo.

Tabela nº 7.4: Ocorrência do item lexical em português – Faixa Etária

Faixa Etária	Frequência absoluta
Faixa etária 2	47
Faixa etária 1	34

Os resultados da terceira etapa indicam que as nipo-brasileiras da segunda faixa etária mostram com maior frequência, em sua fala, os fenômenos que derivam do contato de línguas. Os números indicam que a segunda faixa etária apresenta 47 registros de uso do item lexical em português, enquanto a primeira faixa etária apresenta 34 situações. Diante desse resultado, fica claro que é necessário levar em consideração os fatores sociais, históricos,

culturais e geográficos que influenciam a configuração de determinada situação linguística. Essa situação denota que é preciso, conforme Thomason e Kaufman (1991), observar a intensidade desse contato para justificar, em parte, os fenômenos linguísticos que surgem no contato de línguas. Isso ocorre porque os condicionantes sociais, muitas vezes, determinam a situação linguística de um grupo social.

Na quarta etapa, focalizamos as ocorrências das respostas: OR (outra resposta); PI (problema de interpretação); RP (resposta em Português); e SR (sem resposta) que consideramos como “respostas com problemas”, nesta pesquisa.

Tabela nº 7.5: Ocorrência das respostas consideradas – “Respostas com problemas”

Figura/tema	Frequência absoluta
11	5
14	5
22	5
18	4
1	4
21	4
6	4
24	4
19	3
25	3
3	2
5	2
12	2
13	2
2	1
4	1
7	1
10	1
15	1
23	1
20	1
8	0
9	0
16	0
17	0

Os registros constataam que dentre as 250 respostas analisadas, 56 contêm as “respostas com problemas”.

Ressaltamos que a expectativa com relação ao material foi uma das surpresas “boas” do processo da pesquisa. Ao examinar o *corpus* desta pesquisa, sentimos a necessidade de “revisitarmos” o nosso instrumento da pesquisa para aperfeiçoar a coleta de dados para futuras pesquisas. Pelo fato de ser o primeiro trabalho desta natureza, tivemos que enfrentar este desafio, mas os registros comprovam que o QSLV trouxe material para que pudéssemos compor e elaborar os nossos cartogramas.

Nesta tese, dada à impossibilidade de analisar as respostas das 219 figuras do QSLV, de acordo com os aspectos qualitativo e quantitativo, num curto espaço de tempo, trabalhamos com uma amostra das respostas constituídas de 25 figuras, a que denominamos figuras-temas. Elaboramos um banco de dados das respostas das 25 figuras – uma planilha dinâmica –, apensado nesta tese (Tomo III). Elaboramos, também, um banco de dados completo do *corpus* e, nele, incorporamos todas as respostas transcritas e analisadas, previamente, das 219 figuras do QSLV. Não apensamos esse banco de dados nesta pesquisa, pois esses dados servirão de subsídios para retomada de novas pesquisas.

No decorrer da análise de dados percebemos a necessidade de produzir um glossário para atender às necessidades linguísticas/culturais deste trabalho. Deixaremos registrado que o glossário bilíngue deve ser elaborado, visando os leitores de língua japonesa e de língua portuguesa. Trata-se, portanto, de um projeto para as próximas pesquisas. Pretendemos, ainda, para os próximos estudos produzir o atlas das respostas das 219 figuras analisadas, dentre as quais as 25 figuras já compõem o nosso esboço de Atlas linguístico.

O caminhar de um trabalho desta natureza não é uma tarefa conclusiva, pelo contrário, é o início de uma jornada teórico-metodológica, em busca de outras propostas de pesquisas. Os resultados desta pesquisa servirão para pesquisas de outras naturezas tais como: linguística aplicada no que se refere ao ensino de língua japonesa; aquisição da língua estrangeira; sociolinguística; psicolinguística; entre outros estudos.

Acreditamos que, o contexto linguístico de outras línguas de contato que compõem os falares do Brasil, sejam os grupos linguísticos das comunidades transplantadas, sejam os grupos autóctones do Brasil, possivelmente, apresentam, na fala, os fenômenos similares encontrados nesta pesquisa.

Encontramos várias situações nebulosas e até desafiadoras para a tomada de decisões. Acreditamos, entretanto, que o conhecimento empírico se faz assim, com grandes aspirações, muitas incertezas e com uma convicção de que “é preciso”. Sustentamo-nos num sonho de tornar possível, ainda que de forma preliminar, uma pesquisa padronizada com fins de promover outros estudos regionais desta natureza.

A dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa não difere de outros trabalhos, são “desafios e desafios”. Agendas que gostaríamos de completar ficam na esperança do toque de telefone e no papel cheio de anotações em que se lê muito a palavra “cancelada”. São momentos de angústia para um pesquisador, mas não somos os únicos e sequer os últimos. Ainda temos grandes vantagens em relação aos pioneiros da pesquisa dialetológica que não puderam contar com as facilidades tecnológicas dos tempos modernos. Deixamos registrada a grande admiração pelos pioneiros que nos deixaram um legado precioso com respeito à pesquisa de campo. Aprendemos, ao enfrentar as adversidades, que a persistência e a garra são os melhores remédios e o otimismo e a humildade são as tônicas para a solução de problemas.

É importante ressaltar que encontramos pessoas ímpares no processo de coleta de dados, o que é um grande privilégio para o pesquisador. O carinho, o respeito, a humildade e a simplicidade dos sujeitos da pesquisa (as nipo-brasileiras da pesquisa) merecem páginas e páginas de citações elogiosas de agradecimentos. Com elas, aprendemos que tudo é possível, quando se tem em meta o bem comum.

A pesquisa da fala das nipo-brasileiras que fotografa o momento histórico/geográfico da variedade da língua japonesa no Distrito Federal, possivelmente, servirá como uma parte do legado linguístico/cultural dos nipo-brasileiros e de seus descendentes. São memórias orais, registradas em cartogramas linguísticos, que descrevem o falar gerado pelo e no contato de línguas, pelos nipo-brasileiros.

É de fato um marco inicial, ainda que seja um esboço, para elaborarmos o Atlas do Falar dos Nipo-brasileiros do Brasil. Um estudo desta natureza não tem um fim em si mesmo: os meios vão direcionar e redirecionar nosso fim. O resultado da coleta de dados, certamente, indica a necessidade de “revisitar” o instrumento para uma reformulação do questionário. Esse olhar crítico nos leva à elaboração e reelaboração de uma versão final deste instrumento para continuarmos com a pesquisa em outras comunidades nipo-brasileiras do Brasil. Ao concluir, percebemos que existem muitas coisas que deixamos de falar e essas reflexões servirão de base para avançarmos em direção às próximas pesquisas.

A história do povoamento brasileiro corrobora para a diversidade linguística e cultural do Brasil. A miscigenação fez com que a língua portuguesa do Brasil tivesse uma característica peculiar, regida, na maioria das vezes por um único maestro. No entanto, em pequena escala, contamos com a presença de outras línguas que se aliam para compor os falares do Brasil. Nessa perspectiva, a *variedade nipo-brasileira* pode ser caracterizada como

um dos falares, uma vez que ela apresenta os traços tanto da língua portuguesa quanto da língua nativa, e foi gerada no espaço geograficamente determinado.

Para finalizar deixamos esses pontos que serão discutidos posteriormente, mesmo assim, inferimos que os registros deste *corpus* corroboram que pudemos identificar e caracterizar, através deste instrumento, o objeto do nosso trabalho. A configuração da *variedade nipo-brasileira* pauta-se no encontro de dois universos linguísticos que se compartilham e se intercalam, construindo, dessa forma, o “falar entrelaçado” que se torna “um”, movido pelas circunstâncias sociais e orientado pelo espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. (Org.) **A Geolingüística no Brasil** - trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: UEL, 2005.
- AKIMOTO, M. 50 Anos de Brasília e a Comunidade Nikkei. In: **XXI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e IX Congresso Internacional de Estudos Japoneses**. Brasília, Universidade de Brasília, 2010.
- ALVAR, M. **Estructuralismo, Geografía Lingüística Y Dialectología Actual**. Madrid: Gredos, 1969.
- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ANDRADE, N. Pesquisas Dialetais na Universidade da Bahia. Porto Alegre. In: BRANDÃO, F. S. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.
- ARAKI, S. (Org.). In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil** – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília. Brasília: Thesaurus, 2008.
- APEEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.
- ARAGÃO, M. S. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Paraíba: UFPB/CNPq, 1984.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, Produção e Criatividade: Processos do Neologismo**. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BIDERMAN, M. T. C. **Dimensões da palavra**. Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Humanistas Publicações/FFLCH/USP, nº. 2, 1998.
- _____. **Teoria Lingüística** (Teoria lexical e lingüística computacional). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, M.P.P. (Org.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia – Lexicografia – Terminologia**. v. I. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.
- _____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia – Lexicografia – Terminologia**. v. II. Campo Grande, MS: UFMS, 2004.
- BRANDÃO, F. S. F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- CARDOSO, M. A. S. O Atlas Lingüístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, A. V (Org.). **A Geolingüística no Brasil** – trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina, PR: Eduel, 2005.
- _____. **A Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

CLYNE, M. **Perspectives on Language Contact** – Based on a Study of German in Australia. Melbourne: Hawthorn Press Pty LTD, 1972.

CRISTIANINI, A.C. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. 3 v. 635 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSERIU, E. **Lições de Linguística Geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico, 1979.

_____. **O Homem e a sua Linguagem**. Tradução de Fonseca et Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença, 1982.

CUNHA, M.J. **The Brazilian language policy towards minorities from colonial times to the present**. Working Paper Series – Center for Language Social Life, Lancaster University, 1996.

DEZEM, R. **Shindô Re-Mei: Terrorismo e Repressão**. Módulo III – Japoneses. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

DUBOIS, J. *et alii*. **Dicionário de Linfúística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 2001.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. **Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo**. São Paulo, 2010, 2v. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, C.; CARDOSO, M. A. S. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HYMES, D. (org). **Language in culture and society**. 2.ed. New York: Harper International Edition, 1964.

_____.; COOPER. R. L.; MA. R. **Bilingualism in the Barrio**. Indiana: Indiana University, 1971

_____. Diglossia. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. **Language in the USA**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. **Sociolinguistic Perspectives**. Papers on language in Society, 1959-1994. New York: Oxford University Press, 1996.

FISHMAN, J. **Language Loyalty in the United States**. The Hague: Mouton, 1966.

_____. **Bilingualism with and without diglossia: diglossia with and without bilingualism.** Journal of Social Issues, 1967.

_____. **Advances in the sociology of language.** Massachusetts: Newbury House, 1971.

_____. **The sociology of language.** Massachusetts: Newbury House, 1972.

GAL, S. **Language shift.** New York: Academic Press, 1979.

GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. **Sociolingüística Interacional.** Porto Alegre: AGE, 1998.

GILES, H. **Language Ethnicity and intergroup relations.** London: Academic Press, 1977.

GILES, H.; SMITH, P.M. **Language and social psychology.** Oxford: Basil Blackwell, 1979.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages – An Introduction to Bilingualism.** Massachusetts: Harvard University, 1982.

GUMPERZ, J. J.; BLOM, J. P. Social meaning in linguistic structures: Code-switching in Norway”. California: Basil Blackwell, 1972.

_____. **Sociolingüística Interacional.** 1ª ed. Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

_____. **Sociolingüística Interacional.** 1ª ed. Porto Alegre: AGE Editora, 2002.

HAGUETTE, T. M. F. **Métodos Qualitativos na Sociologia.** 6. ed. São Paulo: Vozes, 1999.

HAMEL, R. E.; SIERRA, M. T. Diglosia y conflicto intercultural. La lucha por um concepto a la danza de los significantes. In: **Instituto Panamericano de Geografía e História.** Boletim de Antropologia Americana, 1983.

HANKS. W. F. **Língua como prática social – das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** Tradução de Ana Cristina Bentes; Renato C. Rezende; Marco Antônio Machado; e Marco Rogério Cintra. São Paulo: Cortez, 2008.

HAUGEN, E. The Ecology of Language – Essays by Einar Haugen. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HYMES, D.; GUMPERZ, J. J. The ethnografy of communication, American Anthropologist Association, 1964. In: GARCEZ e RIBEIRO. **Sociolingüística Interacional.** Porto Alegre: AGE, 1998.

IMAI, S. Brasília, cidade de futuro. In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília (Org.).** Brasília: Thesaurus, 2008.

ISQUERDO, A. N.; MARTINS, E. S. ; CANO, W. M.; MORAES, D., FILHO, W. B. (Org.). **Léxico e Morfologia: perspectivas e análises – Lexicografia e Geolingüística.** Uberlândia: EDUFU, 2006.

_____.(Org.) Estudos Geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

JOKO, A. **Anotações sobre o estudo dos itens lexicais em japonês.** Notas enviadas pelo correio eletrônico, Universidade Federal de Recife, 2012.

JOKO-VELTMAN. I.; TORREÃO, A.; SUGIMOTO, F. M. 1957: Ano 1 da imigração japonesa no Distrito Federal (Org.). In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília.** Brasília: Thesaurus, 2008.

KANASHIRO, C. K. J. **Comparação do Comportamento Linguístico e Paralinguístico entre os Japoneses e os Nipo-Brasileiros.** Nagano, 1992. Dissertação (Mestrado de Shinshu University) – Universidade Shinshu - Japão.

_____. **Estudo das Interferências da Língua Japonesa na Língua Portuguesa falada pelos Nipo-Brasileiros – Aspectos da Concordância Nominal e Verbal.** São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

KUYAMA, M. **O uso da língua japonesa na comunidade nipo-brasileira: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes.** São Paulo, 2000, 1 v. 224f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The facto segregation of black and white vernaculars.** Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

LORENZO, M. G. **Bilinguismo en Galicia – Problemas y alternativas.** Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1985.

MARANGONI, A. C. **Apresentação de informações linguísticas em cartogramas – Notas de aula.** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **Informações sobre os Cartogramas – Notas de correios eletrônicos trocadas no período da elaboração da tese,** 2012.

_____. **Nota sobre a definição do perímetro poligonal aproximado das áreas da pesquisa - Núcleo Bandeirante e Vargem Bonita (Park Way) – correio eletrônico de 24 de jan.** 2013.

MASE, Y. **Burajiru Dayori:** Burajiru nikkeijin no nihongo (Notícias do Brasil: japonês dos nipo-brasileiros) Guengo Seikatsu (atividade linguística), Tokyo, 1986.

_____. MASE, Y. A Língua Japonesa dos Imigrantes Japoneses e seus Descendentes no Brasil. In: **Estudos Japoneses**. São Paulo: Gráfica e Editora Nippon'Art Ltda, 1987.

MATSUBARA, L. M. Variação linguística de professores de Língua Japonesa no Brasil: estudo linguístico tendo em vista os efeitos no ensino-aprendizagem como língua estrangeira. In: MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, R. (Org). **A Língua Japonesa no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

MEILLET, A. Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Champion, 1921. In: THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. California: University of California Press, 1991.

MIURA, H.; CATARINO FILHO, M. R. **Japão e Brasília** – Imigração e Esporte. Brasília: Thesaurus, 2010.

MULLER, C. **Initiation à la statistique linguistique**. Paris: Larousse, 1967.

MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Córcega, Barcelona: Ariel, 1976.

MORIWAKI, R.; NAKATA, M. **História do ensino de língua japonesa no Brasil: fundamentos e evolução**. Tradução de Maria Emiko Suzuki e Fumiko Takasu. Campinas: Universidade de Campinas, 2008.

MOURA, A. C. C. **Recuperação de áreas degradadas no Ribeirão do Gama e o envolvimento da comunidade do Núcleo Hortícola de Vargem Bonita**. Brasília, 2008, 1 v. Dissertação. (Mestrado em Engenharia Florestal) Departamento de Engenharia Florestal – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MUKAI, Y.; JOKO, T. A.; PEREIRA, F. (Org.). **A Língua Japonesa no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

NAKAYOSHI, K. A migração de nove famílias “Okinawanas” para Brasília. In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil** – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília (Org.). Brasília: Thesaurus, 2008.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. **Bases para a Elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1958.

NAWA, T. **Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília**. Brasília. 1988: 151 f. 1 v. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Línguas Clássicas e Vernáculas) – Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

OGASAWARA, A. Dos primeiros tempos até os anos 50. In: Centenário da imigração japonesa no Brasil – **Cinquentenário da presença nikkey em Brasília** (Org.). Brasília: Thesaurrus, 2008.

OLIVEIRA, C. A. Repensando a identidade dentro da emigração de kassegui In: REIS, R. R.; SALES, T. **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ONISHI, T. Dialectology in the National Institute for Japanese Language. **Revista Eletrônica**. 2009. Disponível em: <<http://www.publicacions.ub.edu/revistes/dialectologia> 2/>. Acesso em: 10 out. 2009.

ONOHAMA, Y. Onoyama Yoshiaki. In: Centenário da imigração japonesa no Brasil – **Cinquentenário da presença nikkey em Brasília** (Org.). Brasília: Thesaurrus, 2008.

OTA, J. **A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo** – considerações sobre koronia-go. Synergies Brésil, v.7, 2009. Disponível em: <<http://www.ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/ota.pdf>> Acesso em: 10 nov 2012.

PAUL, H. Princípios fundamentais da história da língua. In: WEREINCH, LAVOB e HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

POTTIER, B. **Semántica y Lógica**. Versão espanhola de Ester Diamante. Madrid: Córdor, 1983.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolingüística** – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, D. **Sociolingüística** – os níveis de fala. São Paulo: EDUSP, 2003.

RASTIER, François. **Semántica Interpretativa**. Tradução Eduardo Molina Y Vedia. México: Siglo XXI, 2005.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. Oxford: Blackwell Published, 1989.

ROSS, J. A. Language and Mobilization of ethnic identity. Oxford: Pergamon, 1979. In: ETXEBARRIA, A. **El Bilingüismo en el estado español**. Bilbao: FBV, 1995.

SAITO, H. **O japonês no Brasil**. Estudos de Mobilidade e Fixação. Fundação escola de Sociologia e política de São Paulo. São Paulo: Editora de Sociologia e Política, 1961.

SAITO, H.; MAEYAMA, T. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. São Paulo: Vozes, EDUSP, 1973.

SANTOS, I. P. dos. A variação lingüística e a política de ensino/ domínio da língua materna. In. **Língua portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: CENP, 1991.

_____. Considerações sobre um atlas lingüístico da cidade de São Paulo: aspectos lingüísticos. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA. **Anais...** Las Palmas de Gran Canaria: ALFAL, 1999.

_____. Proposta de Análise das Designações da Estrela Cadente em Atlas Lingüísticos Brasileiros. In: **SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E**

LITERÁRIOS DO PARANÁ, Guarapuava, 2005b. CD-Rom 27 – Trabalhos do CELLIP, 2005.

_____. Técnicas de Transcrição Grafemática para o ALiB: Reflexões. In: AGUILERA, V. A. de. **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas e caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005a.

_____. Elementos para elaboração de uma tipologia da norma semântico-lexical em geolingüística. In: **1º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia do Instituto de Pesquisa Lingüística da PUC/SP**. São Paulo, 2006.

_____. Memória e geolingüística: o questionário semântico-lexical. In: **Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**, 10º Congresso, Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro, 2006a.

_____. Análise do Aspecto Semântico-Lexical em Atlas Lingüísticos Regionais Brasileiros. In: CUNHA, C. S. (Org). Estudos geo-sociolingüísticos. Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro, Pós Graduação em Letras Vernáculas, 2006b.

_____. Discurso e Espaço: reflexões. In: ANDRADE, C. A.P. de. **Texto, discurso e suas práticas**. São Paulo: Terracota, 2009a.

_____. Memória Coletiva, Geolinguística e relações textuais-discursivas. In: SANTOS, J. B. C. dos. **Sujeito e subjetividade: discursos contemporâneos**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009b.

_____. Ainda a Geolinguística na USP: realizações e tendências. In: MAGALHÃES, L.S.J. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: Editora Universidade de Uberlândia, 2009b.

_____. A Variação lexical em atlas lingüísticos paulistas: considerações em torno de “chuva” In: **Anais do SILEL** – CD Rom. v. 2. Uberlândia: UFU, 2011a.

_____. Geolinguística, Análise do Discurso e Semântica Interpretativa: diálogo possível. In: Seminário Internacional de Linguística: Gênero e Memória. IV Seminário, São Paulo, 2011. **Anais**. CD-Rom. São Paulo: Terracota, 2011b.

SATO, H. **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1980.

_____. **O japonês no Brasil. Estudos de Mobilidade e Fixação**. Fundação de Sociologia e política de São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

SCOTTON, C.; WEINREICH, U. Bilingual Strategies: the social functions of code-switching. 1977. In: GROSJEAN, F. **Life with Two Languages** – An Introduction to Bilingualism. Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

SELINKER, L. The importance of negative transfer in the speech of near bilinguals. International Review of Applied Linguistics, 1972. In: GROSJEAN, F. **Life with Two**

Languages – Na Introduction to Bilingualism. Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

SILVA, E. **História de Brasília**. 2. ed. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1985.

SILVA NETO, S. **Guia para Estudos Dialectológicos**. 2. ed. melhorada e ampliada. Belém: CNPq/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVEIRA, R. da. **Estudo sociogeolinguístico do Município de Iguape**: aspectos semânticos – lexicais. 2009. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SUZUKI, Tae. **As expressões de tratamento da língua japonesa**. São Paulo: EDUSP, 1995.

SUZUKI, Teeiti. **The japanese immigrant in Brazil**. Tokyo: University of Tokyo Press, 1969.

SHIN NIHONGO NO KISO. **Nova abordagem de ensino da língua japonesa** (livro didático). Fundação Japão: Bondinsha, 1995.

TAKANO, Y. Tensão Diglôssica na Aquisição de Língua: um estudo de bilíngues nipo-brasilienses. Brasília, 2002. 255 f. 1 v. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Instituto de Letras – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

_____. O repertório linguístico dos nikkeis do Distrito Federal: estudo de caso da língua japonesa da comunidade nipo-brasiliense. In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil** – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília (Org.). Brasília: Thesaurrus, 2008.

_____. O item lexical “corno” e suas variações no Atlas Linguístico da Paraíba: uma proposta de estudo semântico-lexical. In: **Sociolinguística em Questão**: Reflexões e Análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

TAKEUCHI, M. Y. **O Perigo Amarelo**: imagem do mito, realidade do preconceito. São Paulo: Humanitas, 2008.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. California: University of California Press, 1991.

TOGASHI, Y. A construção e o desenvolvimento de Brasília. In: **Centenário da imigração japonesa no Brasil** – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília (Org.). Brasília: Thesaurrus, 2008.

VASCONCELOS, A. **As cidades Satélites de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

WEINREICH, U. **Language in Contact**. 8. ed. Paris: Mouton, 1974.

WEINREICH, U.; LAVOB, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria de Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WHINNOM, K. Linguistic hybridization and the 'special case' of pidgins and creoles. 1971. In: THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. California: University of California Press, 1991.

YAMAGATA, Y. In: Centenário da imigração japonesa no Brasil – Cinquentenário da presença nikkey em Brasília (Org.). Brasília: Thesaurus, 2008.

YAMASHIRO, J. **Trajetória de duas vidas** – Uma história de imigração e de integração. São Paulo: Bartira, 1996.

ZÁGARI, L. M. R. et alii. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (org). AGUILERA, A. V. In: **A Geolingüística no Brasil** – trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Edue, 2005.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS: sites/ dicionários/ material didático

ALIANÇA CULTURAL BRASIL – JAPÃO. **Dicionário Prático Português – Japonês**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

_____. **Dicionário Prático Japonês – Português**. São Paulo: Melhoramento, 2000.

ASAHI NEWSPAPER EDITORIAL: **Brazilian immigration**. Japão, setembro, 2008. Não disponível em site.

CODEPLAN: COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, PDAD – 2004. <<http://www.codeplan.df.gov.br/>>.

COELHO, J. N. C. **Dicionário de Japonês – Português**. Porto: Porto Editora, 1998.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**. Projeto. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/index.asp>>. Acesso 20 maio. 2011.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE BRASÍLIA – CEB: Conselho Nacional de Política Fazendária – CONFAZ.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem da População – Centro Demográfico** – 2000. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação – SEDUH. Subsecretaria de Política Urbana e Informação – SUPIN Diretoria de Política Urbana e Informação – DIPOL. Gerência de Estados de Demanda populacional – GEPOP/2004. Diretoria de Informação – DIRIN. Sistema de Informação territorial e Urbano – SITURB. Sistema Cartográfico do Distrito Federal - SICAD/2004. Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal. Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico DEPHA. Administração Regional de Núcleo Bandeirante. Administração de Park Way. Administração Regional de Taguatinga. Administração Regional de Brazlândia e Administração de Vargem Bonita.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais. **Projeto Memória**. v. 1 1. ed., junho, 2003. <<http://www.brasilia.gov.br/>>. Acesso em: jan, 2010.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais. <<http://www.distritofederal.gov.br/>>. Acesso em: fev. 2010.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL - <<http://www.forumeja.org.br/df/book/export/>>. Acesso em: abril, 2013.

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS DO CENTRO-OESTE (FEANBRA), número 154, julho/agosto, 2007.

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Distrito Federal- SEDUH / GDF.

_____. <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/principal.shtm>>. Acesso em: maio de 2013.

_____. Contagem da População – Centro Demográfico – 2010.<[www.http://ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: maio de 2013.

HIRATA, N. **Dicionário Japonês-Português Romanizado**. Tokyo: Kashiwashobo, 1992.

HOUAIS, A. **Dicionário de Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINNA NO NIHONGO. **Língua japonesa para todos** (livro didático). Fundação Japão: Bondinsha, 2001.

HOUAIS, A. **Dicionário de Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINNA NO NIHONGO. **Língua japonesa para todos** (livro didático). Fundação Japão: Bondinsha, 2001.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE O PERFIL LINGUÍSTICO DOS NIPO-BRASILEIROS DO DISTRITO FEDERAL. Brasília, 2000.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRASÍLIA (RA). Governo do Distrito Federal – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais. Disponível em <<http://www.brasilia.df.gov.br/>>. Acesso em: nov. 2009.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRASLÂNDIA (RA). Governo do Distrito Federal – Secretaria de Coordenação das Administrações Regionais. Disponível em <<http://www.brazlandia.df.gov.br/>>. Acesso em: nov. 2009.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE NÚCLEO BANDEIRANTE (RA). Governo do Distrito Federal – Secretaria de Coordenação das Administrações Rregionais. Disponível em: <<http://www.nucleobandeirante.df.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2010.

REGIÃO ADMINISTRATIVA PARK WAY (RA) – Gerência de Planejamento. Emater, Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.parkway.df.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2010.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE TAGUATINGUA (RA) – Gerência de Planejamento. Disponível em: <<http://www.taguatinga.df.gov.br/>>. Acesso em: nov. 2009.

MAPA DO BRASIL: <<http://www.robsonmoulim.com.br/>>. Acesso em: 18 de jan. 2013.

RESISTÊNCIA & INTEGRAÇÃO: 100 ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. <<http://www.japao100.com.br/>>. Acesso em: dez de 2012.

REVISTA MÓDULO NÚMERO 8, 1957.

<http://editais.st.df.br/pdf/tecnico/relatorio_tecnico_7pdf> . Acesso em: jan de 2013.

SEPLAN: SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO. <<http://www.seplan.df.gov.br/>>

SHIN NIHONGO NO KISO. **Nova abordagem de ensino da língua japonesa** (livro didático). Fundação Japão: Bondinsha, 1995.

VARGEM BONITA – DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.vargembonita.df.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, I. M. **A Delimitação da Unidade Lexical nas Línguas de Especialidade**. Palavra (PUCRJ), v. 5. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

_____. Neologia e níveis de análise lingüística. In: ISQUERDO, A. N; ALVES, I. M (Org.) **As Ciências do Léxico** – Lexicologia – Lexicografia – Terminologia. v. III. Campo Grande: UFMS, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. **Dimensões da palavra**. Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº. 2, 1998.

_____. **O Conceito Lingüístico de Palavra**. Palavra número 5 Rio de Janeiro: GRYPHO, 1999.

DECROSSE, A. **Um mito histórico, a língua materna**. UNICAMP: Coleção Repertórios, 1989.

DOI, E. T. **interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas**. Dissertação (Mestrado em Instituto de Estudos da Linguagem) Universidade de Campinas, SP, 1983.

_____. **O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do Japonês**. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Instituto de Estudos da Linguagem) Universidade de Campinas, SP, 1997.

DULAY, H.; BURT, KRASHEN, S. **Language Two**. New York Oxford: Oxford University Press, 1982.

GERBER, R. M.; VASILÉVSKI, V. **Um percurso para pesquisas com base em corpus**. Florianópolis, SC: Editora Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GUY, G. R; ZILLES, A. **Introdução à análise quantitativa da variação linguística**. Tradução de Ana Zilles e Leonardo Z. Maya. São Paulo: Parábola, 2007.

HAMEL, R. E.; SIERRA, M. T. Diglosía y conflicto intercultural. La lucha por um concepto a la danza de los significantes. In: **Boletín de Antropología Americana**, 1983.

HANDA, T. **Imim no seikatsu no rekishi**: Burajiru nikkeijin no ayunda michi. O Imigrante Japonês: História de sua Vida no Brasil, São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Trad. Anna Christina Bentes. São Paulo: Cortez, 2008.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.) **As Ciências do Léxico** – Lexicologia –Lexicografia – Terminologia. v.1. Campo Grande: UFMS, 2001.

_____. **Estudos Geolinguísticos e Dialectais sobre o Português**: Brasil/Portugal. Campo Grande: UFMS, 2008.

JACKSON, H. **Lexicography**. London and New York: Routledge, [s/d].

JOKO, A. T. **Análise contrastiva do sistema fonológico do japonês e do português** - Subsídios para o ensino de japonês falantes do português do Brasil. Brasília, 1986. 1 v. 130.f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas) Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. Tradução de Helena Mendes Rotundo. São Paulo: EPU, 1980.

LEHMANN, AL. M. de IBRAHIM, A. H. **Lexiques Les Représentations Idéologiques dans Le Discours Du Dictionnaire**. Paris: Hachette, [s/n].

MAKINO, S.; TSUTSUI, M. **Adictionary of Intermediate Japanese Grammar**. 17th. Tokyo: The Japan Times, 2001.

MARTINS, E. S.; CANO, W. M.; MORAES FILHO, W. B. (Org.). **Léxico e morfofonologia**: perspectivas e análises. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MATSUBARA M. M. (Org.). **Tópicos de Gramática da Língua Japonesa**. São Paulo: Fundação Japão, 2010.

MELLO, H.A.B. **O falar bilíngue**. Goiânia, GO: Editora Universidade de Federal de Goiás, 1999.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MUKAI, Y. **A interferência dos aprendizes brasileiros de língua japonesa como LE, com enfoque no uso das partículas Wa e Ga**. Campinas, 1v. Tese (Doutorado em linguística aplicada) Instituto de estudo da linguagem – IEL. Universidade de Campinas, 2009.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística** – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES, J. H. de; GUIMARÃES, E.; ZOPPI- FONTANA, M. (Org.). **A Palavra e a Frase**: Lexicologia e Lexicografia. Campinas: Pontes, 2006.

PAIS, C. T, et al. Manual de Linguística. Petrópolis: Vozes, 1979.

POTTIER, B. La definition sémantique les dictionnaires. Strasburgo,1965. In: LOBATO, L. M. P. **A Semântica na Lingüística Moderna** - O Léxico - A definição semântica nos dicionários. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1977.

SAITO, H. **O japonês no Brasil. Estudos de Mobilidade e Fixação**. Fundação de Sociologia e política de São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix. 1970.

SOARES, R. C. S. **Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) – São Paulo**. 2012. 664f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SUZUKI, T. **The japanese immigrant in Brazil**. Tokyo: University of Tokyo Press, 1969.

VILELA, Mário. **Estruturas Léxicas do Português**. Coimbra: Almedina, 1979.

WELKER, H. A. **Dicionários** – Uma pequena Introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. **O Uso de Dicionários** – Panorama Geral das Pesquisas Empíricas. Brasília: Thesaurus, 2006.

ANEXO A

Ficha do sujeito de pesquisa da
comunidade nipo-brasileira do Distrito
Federal

FSP-DF

Ficha do sujeito de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal	
Ficha da localidade Número do ponto:----- Número do sujeito da pesquisa _____	
1.	Nome Oficial:
2.	Nome Regional:
3.	Nomes Anteriores:
4.	Nome(s) dado(s) aos Habitantes: a) Pelos próprios: b) Pelos habitantes de outras localidades:
5.	Nome(s) dado(s) ao Falar Local: a) Pelos próprios sujeitos de pesquisa
6.	Número de habitantes da comunidade nipo-brasiliense a) Oficial: b) Cálculo do informante
7.	Atividades econômicas predominantes a) Pela localidade: b) Pela comunidade nipo-brasiliense
8.	Indústrias Caseiras: a) Pela localidade: b) Pela comunidade nipo-brasiliense
9.	Sublocalidades (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10.	Dados sobre a infraestrutura da localidade (promovida pela comunidade nipo-brasileira):
11.	Dados sobre imigração para os sujeitos de pesquisa da Primeira geração: a) Ano que chegou no Brasil: _____ Localidade: _____ Tempo de permanência neste local: _____ b) Idade ao chegar no Brasil _____
12.	Dados sobre a Migração para todos os sujeitos migrantes de pesquisa: a) Ano que chegou em Brasília _____ Localidade: _____ Tempo de permanência neste local: _____

b) Idade ao chegar em Brasília: _____
13. Sujeitos de Pesquisa que nasceram no Distrito Federal: a) Localidade: _____ b) Tempo de Permanência _____
14. Migração para outras localidades do Distrito Federal: a) Ano que chegou nesta localidade _____ Localidade(s): _____ Tempo de permanência neste(s) local(is): _____ b) Idade ao chegar nesta(s) localidade(s): _____
15. Características Demográficas da Localidade:
16. Histórico Sucinto da Localidade:
17. Histórico da Comunidade Nipo-brasileira:
18. Observações Gerais:
Fonte: Projeto ALiB - Questionário adaptado para a comunidade Nipo-brasileira

Legenda dos pontos da pesquisa

Número: Ponto da pesquisa	Região da Pesquisa	Siglas
1	Brasília	BSB
2	Brazlândia	BRAZ
3	Núcleo Bandeirante	NCB
4	Taguatinga	TAG
5	Vargem Bonita (RA – Park Way)	VG

ANEXO B

Questionário sociolinguístico de pesquisa
da comunidade nipo-brasileira do Distrito
Federal

QSP-DF

Questionário sociolinguístico de pesquisa da comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal

Data da Entrevista: ____/ ____/ 20____ Horário de Início: ____:____ Término: ____:____
Entrevistador: _____ Local: _____ Comunidade: _____

Orientações ao entrevistador

Comentários depois de 2 barras (//) são exclusivamente para o entrevistador, não havendo necessidade de serem lidos para o entrevistado.

Este questionário servirá de base para fazermos um levantamento sócio-histórico, cultural e linguístico da Comunidade Nipo-Brasileiros do Distrito Federal.

A sua colaboração será imprescindível para o sucesso desta pesquisa.

Muito obrigado.

Questionário

1. Sexo

(1) Masculino (2) feminino

2. Data de nascimento:

____/____/____ (idade ____)

3. Você é?

(1) Issei (2) Nissei (3) Sanssei (4) Yonssei (5) Mestiço (6) Não-Descentende
Caso a resposta seja 2, 3, 4 ou 5 favor informar a ascendência do pai (____) e da mãe (____).

4. Qual a sua nacionalidade?

(1) Japonesa (2) Brasileira (3) Nacionalidade dupla (4) Naturalizado Brasileiro
(5) Outros _____

5. Onde você nasceu?

(A) Brasil – Cidade: _____ Bairro: _____ UF: _____
(B) Japão – Cidade: _____ Província: _____

6. Complete o quadro: (somente nissei)

Lugar de nascimento	Período de permanência
Zona rural	
Zona urbana	
Residência atual	

7. Qual seu estado civil?

(1) Solteiro(a) (2) Casado(a) (3) Divorciado(a) (4) Viúvo(a) (5) Outros _____

A- Qual é/era a descendência do cônjuge?

(1) Issei (2) Nissei (3) Sanssei (4) Yonssei (5) Mestiço (6) Cônjuge Não-Descendente

8. Qual é/ era sua profissão?

A- Até que idade você morou neste local (nascimento)?

(_____ anos)

• (itens para isseis: questões de 9 a 14)

9. Quando você veio ao Brasil? Quantos anos você tinha?

(19____). (_____ anos)

10. Com quem você veio para o Brasil?

11. Quanto tempo pretendia ficar no Brasil?

12. Onde foi o primeiro lugar em que morou?

Cidade: _____ Bairro: _____ UF: _____

13. Antes de vir ao Brasil, estudou a língua portuguesa?

(1) Não (2) Sim (onde? _____)

14. Estou português no Brasil?

(1) Não (2) Sim (idade _____, onde? _____)

A) Por quanto tempo você estudou português? Qual a sua formação?

B) Quais foram os motivos que levaram você a estudar português?

15. Você frequentou a escola no Japão?

(1) Não (2) Sim

Caso a resposta seja “sim”:

() ensino fundamental de 1ª a 4ª série () ensino médio

() ensino fundamental de 5ª a 8ª série () ensino superior _____

16. Você frequentou a escola no Brasil? (a partir deste item é para todos)¹⁴⁵

(1) Não (2) Sim

Caso a resposta seja “sim”:

() ensino fundamental de 1ª a 4ª série () ensino médio

() ensino fundamental de 5ª a 8ª série () ensino superior _____

17. Havia japoneses no lugar onde nasceu?

(1) Sim (2) Não

¹⁴⁵ A partir do item 15 é para todos os sujeitos de pesquisa

18. (1) Sim (2) Não

A) Quantas famílias japonesas moravam nesse lugar?

(_____ famílias)

B) Mantinha contato com brasileiros?

(1) Não (2) Sim (Em que oportunidade? _____)

19. Quando e de onde você veio à Brasília? Por quê?

Ano: 19____ Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____

20. Quando você chegou à Brasília, tinha associação nipo-brasileira?

(1) Sim (2) Não

A) Você frequenta/frequentou essa associação?

(1) Não (2) Sim (Qual? _____)

B) Quantas famílias japonesas moravam nesse lugar?

(_____ famílias)

21. Quando você veio à Brasília, você mantinha contato com os brasileiros?

(1) Não (2) Sim (Em que oportunidade? _____)

22. Na sua infância, qual era a língua falada pela sua família?

(1) Somente a língua japonesa

(2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa

(3) Meio a meio

(4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa

(5) Somente a língua portuguesa

(6) Informações adicionais _____

23. Você já frequentou alguma escola de língua japonesa?

(1) Não (2) Sim (Qual? _____)

A) Por quanto tempo você frequentou a escola de língua japonesa?

_____ anos

B) O que você estudou? (disciplinas)

C) Que tipo de atividades culturais eram realizadas na escola?

(1) Origami (Dobradura de papel)

(2) Teatro

(3) Shodo (Caligrafia)

(4) Karaokê

(5) Informações adicionais: _____

24. Com quem você mora atualmente?

(1) Família (2) Sozinho(a) (3) Outros _____

Utilize a legenda para responder os quadros abaixo**25. Com relação às pessoas da sua família, qual a língua que você usa/usava para conversar?**

- (1) Somente a língua japonesa
 (2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa
 (3) Meio a meio
 (4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa
 (5) Somente a língua portuguesa
 (6) Informações adicionais _____

	tem	não tem	
Marido/esposa	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Filho(a) ¹⁴⁶	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Neto(a)	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Pai	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Mãe	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Genro/nora	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Irmãos(as)	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Avô	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Avó	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()
Outros	()	()	1 2 3 4 5 6 descendente () não descentende ()

26. Com relação aos seus familiares, qual a língua que eles usam para conversar com você?

- (1) Somente a língua japonesa
 (2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa
 (3) Meio a meio
 (4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa
 (5) Somente a língua portuguesa
 (6) Informações adicionais _____

Marido/esposa	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Filho(a)	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Neto(a)	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Pai	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Mãe	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Genro/nora	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Irmãos(as)	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Avô	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Avó	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()
Outros	1 2 3 4 5 6	descendente () não descentende ()

27. Na sua casa, costuma-se reunir (pais, filhos, avôs, parentes) durante as refeições?

- (1) Sim (2) Não

¹⁴⁶ Mais de um filho ou neto acrescentar em (6) informações adicionais

A) Nesse caso qual a língua usada?

- (1) Somente a língua japonesa
- (2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa
- (3) Meio a meio
- (4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa
- (5) Somente a língua portuguesa

MÍDIA**28. Que tipo de leitura é feita por você?**

Material impresso	Língua japonesa/ portuguesa
Jornal	
Revista	
Livro	
Mangá	
Outros	

29. Com que frequência você lê material impresso em japonês?

- (1) Leio muito
- (2) Leio às vezes
- (3) Praticamente não leio
- (4) Não leio de forma alguma

30. Com que frequência você lê material impresso em português?

- (1) Leio muito
- (2) Leio às vezes
- (3) Praticamente não leio
- (4) Não leio de forma alguma

31. Com que frequência você assiste TV NHK?

- (1) Diariamente
- (2) Assistio muito
- (3) Praticamente não assisto
- (4) Não assisto nada (segue para a questão 33)

32. Você assiste programas (filmes, documentários, novelas, etc) em japonês?

- (1) Assistio muito
- (2) Assistio às vezes
- (3) Praticamente não assisto
- (4) Não assisto de forma alguma

A) Que tipo de programa japonês que você mais gosta?

- (1) Filmes históricos
- (2) Novela
- (3) Notícias
- (4) Documentário
- (5) Anime
- (6) Programa de música
- (7) Outros: _____

33. Você assiste programa de TV brasileira?

- (1) Assisto muito
- (2) Assisto às vezes
- (3) Praticamente não assisto
- (4) Não assisto de forma alguma

34. Você ouve rádio NHK ou alguma rádio Nikkei?

- (1) Ouço muito
- (2) Ouço às vezes
- (3) Praticamente não ouço
- (4) Não ouço de forma alguma

35. Com que frequência você acessa a internet (página e noticiário em japonês?)

- (1) Muito
- (2) Às vezes
- (3) Praticamente não
- (4) Não acesso de forma alguma

USO DA LIGUAGEM**36. Você usa a língua japonesa no seu trabalho?**

- (1) Sim (Em que oportunidade? _____)
- (2) Não

37. Você participa das reuniões ou eventos das associações dos nikkeis da sua comunidade?

- (1) Sim
- (2) Não

A) Qual a língua utilizada nessas reuniões?

- (1) Somente a língua japonesa
- (2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa
- (3) Meio a meio
- (4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa
- (5) Somente a língua portuguesa

38. Que língua você usa ao falar com seus amigos nikkeis?

- (1) Somente a língua japonesa
- (2) Mais a língua japonesa do que a língua portuguesa
- (3) Meio a meio
- (4) Mais a língua portuguesa do que a língua japonesa
- (5) Somente a língua portuguesa

// Utilize a legenda para completar o quadro

39. Qual a sua fluência em japonês?

- (1) Falo bem
- (2) Falo mais ou menos

(3) Falo só um pouco

(4) Não falo nada

Em conversas sobre política e/ou economia	1	2	3	4
Em conversa do trabalho	1	2	3	4
Em conversa do cotidiano	1	2	3	4
Em conversa entre família	1	2	3	4
Cumprimentos e palavras fáceis	1	2	3	4

40. Como é a sua leitura em japonês?

(1) Leio bem

(2) Leio razoavelmente

(3) Leio só um pouco

(4) Leio com auxílio do furigana

(5) Não leio nada em japonês

Jornais e revista	1	2	3	4	5
Documentos de trabalho	1	2	3	4	5
Revistas e mangás	1	2	3	4	5
Cartas de amigos e parentes	1	2	3	4	5
Diário	1	2	3	4	5
Anotações simples	1	2	3	4	5

41. Você escreve em japonês?

(1) Escrevo bem

(2) Escrevo razoavelmente

(3) Escrevo só um pouco

(4) Não consigo escrever nada

(5) Romaji

Cartas de amigos e parentes	1	2	3	4	5
Diário	1	2	3	4	5
Anotações simples	1	2	3	4	5

42. Como você compreende a língua japonesa?

(1) Compreendo bem

(2) Compreendo razoavelmente

(3) Compreendo só um pouco

(4) Não consigo compreender nada

Em conversas sobre política e/ou economia	1	2	3	4
Em conversas do trabalho	1	2	3	4
Em conversas do cotidiano	1	2	3	4
Em conversa entre família	1	2	3	4
Cumprimentos e palavras fáceis	1	2	3	4

43. Qual a sua fluência em português?

(1) Falo bem

(2) Falo mais ou menos

(3) Falo só um pouco

(4) Não falo nada

Em conversas sobre política e/ou economia	1	2	3	4
Em conversas do trabalho	1	2	3	4

Em conversas do cotidiano	1	2	3	4
Em conversa entre família	1	2	3	4
Cumprimentos e palavras fáceis	1	2	3	4

44. Como você compreende a língua portuguesa?

- (1) Compreendo bem
 (2) Compreendo razoavelmente
 (3) Compreendo só um pouco
 (4) Não compreendo nada

Em noticiário do rádio	1	2	3	4
Em noticiário da TV	1	2	3	4
Em conversa entre família	1	2	3	4
Cumprimentos e palavras fáceis	1	2	3	4

45. Como é a sua leitura em português?

- (1) Leio bem
 (2) Leio razoavelmente
 (3) Leio só um pouco
 (4) Não leio nada em português

Jornais e revista	1	2	3	4
Documentos de trabalho	1	2	3	4
Revistas e revista em quadrinhos	1	2	3	4
Cartas de amigos e parentes	1	2	3	4
Diário	1	2	3	4
Anotações simples	1	2	3	4

46. Você escreve em português?

- (1) Escrevo bem
 (2) Escrevo razoavelmente
 (3) Escrevo só um pouco
 (4) Não consigo escrever nada

Documentos de trabalho	1	2	3	4
Cartas de amigos e parentes	1	2	3	4
Diário	1	2	3	4
Anotações simples	1	2	3	4

47. Você incentivou para que seus(s) filho(s) aprendesse(m) a língua japonesa?

- (1) Sim (2) Não

A) Por quê?

- (1) Por motivos profissionais
 (2) Porque é possível ter as últimas novidades do Japão e do mundo
 (3) Porque quero que se interesse pela cultura japonesa
 (4) Informações adicionais: _____

48. Você acha necessário que as novas gerações de nikkeis aprendam a língua japonesa?

- (1) Sim
 (2) Se houver interesse do nikkei

(3) Não vejo necessidade (Por quê? _____)

49. Você se expressa melhor falando em japonês usado no Brasil ou japonês usado no Japão?

Por quê? _____

50. Você acha que tem diferença entre o japonês falado no Brasil e o Japonês falado no Japão?

(1) Sim (2) Não

Por quê? Qual? _____

51. Você já teve a experiência de ir ao Japão?

(1) Sim (2) Não

A) Com qual objetivo você foi ao Japão?

- (1) Turismo (quando _____, onde _____)
- (2) Visitar parentes (quando _____, onde _____)
- (3) A trabalho, a negócios (quando _____, onde _____)
- (4) Dekassegui (quando _____, onde _____)
- (5) Outros: _____

B) O seu japonês era compreendido no Japão?

- (1) Sim, suficientemente
- (2) Mais ou menos
- (3) Só um pouco
- (4) Não compreendiam nada

C) Você passou alguma situação constrangedora por causa da diferença da língua japonesa falada no Brasil e no Japão? Conte a sua experiência?

- (1) Sim _____

- (2) Não

52. Você mistura a língua portuguesa com a língua japonesa quando está conversando com familiares e/ou com amigos nikkeis?

- (1) Sim (Em que momento? _____)
- (2) Não

53. Qual a sua opinião em relação à mistura da língua portuguesa com a língua japonesa, feita pelos nikkeis?

Muito obrigada

ANEXO C

Questionário semântico-lexical visual

QSLV

Lista de figuras-temas do questionário semântico-lexical visual

Número da figura	Tema	Número da figura	Tema
1	Consertar a cadeira	111	Ensinar
2	Tomar/ Beber o remédio	112	Encontrar-se
3	Pagar a conta	113	Receber a compra
4	Esquecer a chave	114	Fazer um pedido/Garçonete
5	Parar o carro	115	Chamar a garçonete
6	Estudar	116	Correr/ Pegar o ônibus
7	Correr - Torcer	117	Ligar/ TV
8	Limpar (fazer limpeza)/Varrer a casa	118	Desligar/ TV
9	Lavar a roupa	119	Preparar/ Cozinhar
10	Sair de casa	120	Casar-se
11	Fechar a janela	121	Fazer comprar/Trazer
12	Abrir a janela	122	Cumprimentar/ Falar sobre o tempo
13	Usar hashi (instrumento que se usa para as refeições)	123	Arrumar/Limpar
14	Datilografar	124	Nadar na piscina
15	Cortar o papel/Tesoura	125	Dirigir/ Andar de carro
16	Chover	126	Tirar/ Paletó
17	Usar guarda chuva	127	Tomar banho
18	Falar/dizer	128	Lavar o rosto
19	Ajudar - mala	129	Andar/ Caminhar/Passear
20	Mala pesada	130	Voltar/Retornar
21	Mostrar a fábrica /Indústria	131	Girar
22	Viajar/Fazer turismo	132	Vestir/ Paletó
23	Passar com o cachorro	133	Sentar-se na cadeira
24	Aprender/ Estudar	134	Levantar-se da cadeira
25	Telefonar	135	Tirar a foto
26	Usar a faca / Cortar / Faca	136	Atravessar a ponte/ Passar
27	Cortar a maçã	137	Despedida
28	Fumar o cigarro	138	Jogar tênis de mesa
29	Voltar para casa	139	Jogar tênis
30	Andar/ Caminhar	140	Esquiar
31	Roubar a bolsa	141	Perguntar/ Policial
32	Estender a roupa Secar a roupa	142	Responder
33	Festa de aniversário	143	Vizinhanças
34	Ano Novo – Cerimônia de Ano Novo	144	Quarto
35	Festa de casamento	145	Banheiro
36	Despedir-se	146	Desculpar-se (doença)
37	Cumprimentar	147	Experimentar/ Vestir-se/ Paletó
38	Brecar o carro	148	Estar com fome

39	Correr atrás da bola	149	Estar satisfeito (comida)
40	Mala pesada	150	Trabalhar
41	Mala leve	151	Descansar/ Poltrona
42	Abrir o braço	152	Dar/ Presente
43	Fechar o braço	153	Receber/ Presente
44	Quarto grande/espacoso	154	Perder/ Ônibus
45	Quarto pequeno	155	Pegar/tomar o ônibus
46	Quarto claro / Ler livro	156	Sair
47	Quarto escuro	157	Entrar
48	Homem alto	158	Bater o carro/Acidente
49	Homem baixo	159	Incêndio
50	Bolo gostoso / Comer o bolo	160	Preparar / Mala
51	Bolo doce	161	Limpar/ Janela
52	Comida ruim	162	Atrasar-se
53	Praia lotada/cheia	163	Assalto
54	Praia vazia	164	Enfileirar/ Arrumar as cadeiras
55	Aquecer/Frio	165	Plantar
56	Refrescar/Ligar/Ventilador	166	Pegar
57	Caminho (estrada) longo	167	Colar
58	Caminho (estrada) perto	168	Apresentar-se
59	Roupa cara	169	Zangar-se
60	Roupa barata	170	Guardar talheres/ Gaveta
61	Livro novo	171	Pedir emprestado/ Biblioteca
62	Livro velho/usado	172	Arrebentar a alça
63	Servir o café	173	Embrulhar
64	Trazer o café	174	Estar atrasado Ficar aliviado
65	Sair para viagem/Despedir-se	175	Pisar o pé
66	Pescar o peixe	176	Ganhar um troféu
67	Ficar com sede	177	Preparar uma refeição
68	Beber	178	Arrumar a mesa
69	Cantar	179 180	Socorrer/ Agradecimento
70	Dançar	181	Telefone tocando
71	Conversar	182 A	Fazer a prova
72	Ficar doente	182 B	Lavar a louça
73	Recuperar-se	183	Cama dura/Colchão
74	Pegar/ Gripe/ Resfriado	184	Cama macia/Colchão
75	Ter febre	185	Estar cansado/Descansar
76	Cair doente	186	Pular
77	Ficar hospitalizado	187	Perder/Cair
78	Escrever/ Carta	188	Sujar-se / Derramar
79	Jogar tênis de mesa	189	Machucar-se
80	Ler o jornal	190	Dizer/ Esperar
81	Jantar com a família/Restaurante	191	Colocar

82	Perguntar o preço	192	Construir
83	Pensar/ Fazer turismo	193	Pegar carona
84	Sentar no banco/Espreguiçar	194	Virar
85	Passear com o cachorro/ Parque	195	Apagar a vela
86	Namorar/ Passear	196	Trazer/ Lembrancinha
87	Beber	197	Quebrar a cadeira
88	Jogar bola/futebol	198	Homem bonito Homem feio
89	Dormir na grama	199	Mostrar as fotos
90	Escutar música	200	Carregar
91	Tirar / Fotografia	201	Pintar o muro
92	Comer	202	Bater/ Porta
93	Esperar o ônibus/ Parada de ônibus	203	Ficar em casa
94	Estudar em sala de aula	204	Pensar sobre o tempo
95	Fazer uma refeição/ Refeitório	205	Pegar/ Cinzeiro
96	Ir/caminhar com o pai	206	Entrar
97	Assistir/ TV	207	Entregar o correio
98	Fazer uma refeição	208	Estar com pressa
99	Beber o café	209	Pedir emprestado
100	Jogar tênis	210	Devolver o dinheiro
101	Assistir ao filme/Ir ao cinema	211	Mémória boa
102	Ler / Livro	212	Pedir/ Telefone
103	Escutar uma música	213	Enviar/ Pacote
104	Pintar um quadro	214	Brincar/ Parque de diversão
105	Fazer turismo	215	Dormência/ dor nas pernas
106	Jogar futebol	216	Chegar atrasado
107	Chamar	217	Consertar
108	Conversar/ Dialogar/Falar	218	Consultar/ Médico
109	Viajar/Viagem	219	Procurar/ Bola
110	Falar sobre a viagem

Figura n. 1: Consertar a cadeira

Figura n. 2: Tomar o remédio

Figura n. 3: Pagar a conta

Figura n. 4: Esquecer a chave

Figura n. 5: Parar o carro/ Semáforo

Figura n. 6: Estudar

Figura n. 7: Correr/ Torcer

Figura n. 8: Limpar (Fazer limpeza/ Varrer)

Figura n. 9: Lavar a roupa

Figura n. 10: Sair/ Despedir-se

Figura n. 11: Fechar a janela

Figura n. 12: Abrir a janela

Figura n. 13: Usar Hashi (palito)

Figura n. 14: Datilografar

Figura n. 15: Cortar o papel/ Tesoura

Figura n. 16: Chover

Figura n. 17: Usar o guarda-chuva

Figura n. 18: Falar/ Dizer /Conversar

Figura n. 19: Ajudar

Figura n. 20: Mala Pesada

Figura n. 21: Mostrar a fábrica/ Indústria

Figura n. 22: Viajar

Figura n. 23: Passear com o cachorro

Figura n. 24: Aprender/ Estudar

Figura n. 25: Telefonar

Figura n. 26: Usar a faca

Figura n. 27: Cortar a maçã

Figura n. 28: Fumar o cigarro

Figura n. 29: Voltar para casa

Figura n. 30: Andar/Caminhar

Figura n. 31: Roubar a bolsa

Figura n. 32: Estender a roupa/ Secar a roupa

Figura n. 33: Festa de Aniversário

Figura n. 34: Ano Novo - Cerimônia de Ano Novo

Figura n. 35: Festa de casamento

Figura n. 36: Despedir-se

Figura n. 37: Cumprimentar

Figura n. 38: Brecar o carro

Figura n. 39: Correr atrás da bola

Figura n. 41a: Mala pesada

Figura n. 41b: Mala leve

Figura n. 42: Abrir o braço

Figura n.43: Fechar o braço

Figura n. 44: Quarto grande/ espaçoso

Figura n. 45: Quarto pequeno/ apertado

Figura n. 46: Ler o livro/ Claridade

Figura n. 47: Ler o livro/ Sem claridade

Figura n. 48: Homem alto

Figura n. 49: Homem baixo

Figura n. 50: Bolo gostoso
Figura n. 51: Bolo doce

Figura n. 52: Comida ruim

Figura n. 53: Praia lotada/ Cheia

Figura n. 54: Praia tranquila/ Vazia

Figura n. 55: Aquecer/ Frio

Figura n. 56: Refrescar/ Ligar/ Ventilador

Figura n. 57: Caminho (estrada) longo/ Curvo

Figura n. 58: Caminho (estrada) perto

Figura n. 59: Roupa Cara

Figura n. 60: Roupa barata

Figura n. 61: Livro novo

Figura n. 62: Livro velho

Figura n. 63: Trazer o café
Figura n. 64: Servir o café

Figura n. 65: Viajar/ Despedir-se

Figura n.66: Pescar o peixe

Figura n.67: Ficar com sede

Figura n. 68: Beber; cantar; dançar e conversar

Figura n. 72: Ficar doente

Figura n. 73: Recuperar-se

Figura n. 74: Pegar/ Gripe/ Resfriado

Figura n. 75: Ter febre

Figura n. 76: Cair doente

Figura n. 77: Ficar hospitalizado

Figura n. 78: Escrever/ Carta

Figura n. 79: Jogar tênis de mesa

Figura n. 80: Ler jornal

Figura n. 81: Jantar com a família/ Restaurante

Figura n. 82: Perguntar o preço

Figura n. 83: Pensar/ Fazer turismo

Figura n. 84: sentar no banco/ Espreguiçar

Figura n. 85: Passear com o cachorro

Figura n. 86: Namorar/ Passear

Figura n. 87: Beber

Figura n. 88: Jogar futebol/ Bola

Figura n. 89: Dormir na grama

Figura n. 90: Escutar música

Figura n. 91: Tirar fotografia

Figura n. 92: Comer

Figura n. 93: Esperar o ônibus/ Parada de ônibus

Figura n. 94: Estudar/ Sala de aula

Figura n. 95: Fazer refeição/ Refeitório

Figura n. 96: Ir com o pai

Figura n. 97: Assistir/ TV

Figura n. 98: Fazer uma refeição/ Comer

Figura n. 99: Beber/ Café/ Bebida

Figura n. 100: Jogar tênis

Figura n. 101: Assistir/ Filme

Figura n. 102: Ler/ Livro

Figura n. 103: Escutar música

Figura n. 104: Pintar um quadro

Figura n. 105: Fazer turismo

Figura n. 106: Jogar futebol

Figura n. 107: Chamar

Figura n. 108: Conversar/ Dialogar/ Falar

Figura n. 109: Despedir-se/ Viagem
Figura n. 110: Falar sobre a viagem

Figura n. 111: Ensinar

Figura n. 112: Encontrar-se

Figura n. 113: Receber a compra

Figura n. 114: Chamar/ Garçonete
Figura n. 115: Fazer pedido

Figura n. 116: Correr/ Pegar o ônibus

Figura n. 117: Ligar/ TV

Figura n. 118: Desligar/ TV

Figura n. 119: Preparar/ Cozinhar

Figura n. 120: Casar-se/ Casamento

Figura n. 121: Fazer compras/ Trazer

Figura n. 122: Cumprimentar/ Falar sobre o tempo

Figura n. 123: Arrumar/ Limpar

Figura n. 124: Nadar/ Piscina

Figura n. 125: Dirigir/ Andar de carro

Figura. 126: Tirar/ Paletó

Figura n. 127: Tomar banho

Figura n. 128: Lavar o rosto

Figura n. 129: Andar na calçada

Figura n. 130: Retornar/ Voltar

Figura n. 130: Girar

Figura n. 132: Vestir/ Paletó

Figura n. 133: Sentar-se na cadeira

Figura n. 134: Levantar-se

Figura n. 135: Tirar fotografia

Figura n. 136: Atravessar a ponte/ Passar

Figura n. 137: Despedida

Figura n. 138: Jogar tênis de mesa

Figura n. 139: Jogar tênis

Figura n. 140: Esquiar

Figura n. 141: Perguntar/ Policial

Figura n. 143: Vizinhanças

Figura n. 144: Quarto

Figura n. 145: Banheiro

Figura n. 146: Desculpar-se (passando mal)

Figura n. 147: Experimentar/ Vestir-se/ Paletó

Figura n. 148: Estar com fome

Figura n. 149: Estar satisfeito (comida)

Figura n. 150: Trabalhar

Figura n. 151: Descansar/ Poltrona/ Sofá

Figura n. 152: Dar/ Presente

Figura n. 153: Receber/ Presente

Figura n. 154: Perder/ Ônibus

Figura n. 155: Pegar/ Tomar/ Ônibus

Figura n. 156: Sair

Figura n. 157: Entrar

Figura n. 158: Bater o carro/ Acidente

Figura n. 159: Incêndio

Figura n. 160: Preparar/ Mala

Figura n. 161: Limpar/ Janela

Figura n. 162: Atrasar-se

Figura n. 163: Assalto

Figura n. 164: Enfileirar/ Arrumar as cadeiras

Figura n. 165: Plantar

Figura n. 166: Pegar

Figura n. 167: Colar

Figura n. 168: Apresentar-se

Figura n. 169: Zangar-se

Figura n. 170: Guardar talheres/ Gaveta

Figura n. 171: Pedir emprestado/ Biblioteca

Figura n. 172: Arrebentar/ Alça

Figura n. 173: Embrulhar

Figura n. 174: Estar atrasado – Ficar aliviado

Figura n. 175: Pisar o pé

Figura n. 176: Ganhar/ Troféu

Figura n. 177: Preparar/ Cozinhar (refeição)

Figura n. 178: Arrumar a mesa

Figura n. 179: Socorrer

Figura n. 180: Agradecer

Figura n. 181: Telefone tocando

Figura n. 182a: Fazer a prova

Figura n. 182b: Lavar a Louça

Figura n. 183: Cama dura/ Colchão

Figura n. 184: Cama macia/ Colchão

Figura n. 185: Estar cansado/ Descansar

Figura n. 186: Pular

Figura n. 187: Perder/ Deixar cair

Figura n. 188: Sujar-se/ Derramar

Figura n. 189: Machucar-se

Figura n. 190: Dizer/ Esperar

Figura n. 191: Colocar

Figura n. 192: Construir/ Casa

Figura n. 193: Pegar carona

Figura n. 194: Virar

Figura n. 195: Apagar/ Vela

Figura n. 196: Trazer/ Lembrancinha

Figura n. 197: Quebrar a cadeira

Figura n. 198a: Homem bonito

Figura n. 198b: Homem feio

Figura n. 199: Mostrar/ Fotografia

Figura n. 200: Carregar

Figura n. 201: Pintar o muro

Figura n. 202: Bater/ Porta

Figura n. 203: Ficar em casa

Figura n. 204: Pensar/ Tempo

Figura n. 205: Pegar/ Cinzeiro

Figura n. 206: Entrar

Figura n. 207: Entregar/ Correio/ Jornal

Figura n. 208: Estar com pressa

Figura n. 209: Pedir emprestado (dinheiro)

Figura n. 210: Devolver o dinheiro

Figura n. 211: Boa memória

Figura n. 212: Pedir/ Telefone

Figura n. 213: Enviar/ Pacote

Figura n. 214: Brincar/ Parque de Diversão

Figura n. 215: Dormência/ Dor nas pernas

Figura n. 216: Chegar atrasado

Figura n. 217: Consertar

Figura n. 218: Consultar/ Médico

Figura n. 219: Procurar/ Bola